



RETRATOS DA  
Leitura NO  
Brasil 4

Zoara Failla *organizadora*



SEXTANTE



INSTITUTO  
PRÓ-LIVRO

RETRATOS DA  
Leitura NO  
Brasil 4



RETRATOS DA  
Leitura NO  
Brasil 4

**Zoara Failla** *organizadora*



Copyright © 2016 por Instituto Pró-Livro

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

preparo de originais: Liane Mufarrej

revisão: Hermínia Totti, Juliana Souza e Ana Grillo

capa, projeto gráfico e diagramação: Miriam Lerner | Equatorium Design

imagem de capa: ©blackred/istock.com

tabelas e gráficos de miolo: IBOPE Inteligência e pesquisa Retratos da Leitura

impressão e acabamento: Lis Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

R345

Retratos da leitura no Brasil 4/ organização de Zoara Failla. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

296 p. : il.; 16 x 23 cm.

Inclui gráficos, tabelas

ISBN 978-85-431-0414-0

1. Livros e leitura - Brasil. 2. Interesses na leitura - Brasil. 3. Leitura - Brasil - Estatísticas. I. Failla, Zoara.

16-35066

CDD: 028.90981

CDU: 028(81)

---

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
GMT Editores Ltda.  
Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo  
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ  
Tel.: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244  
E-mail: atendimento@sextante.com.br  
www.sextante.com.br

Instituto Pró-Livro  
Rua Funchal, 263, cj. 61-62, Vila Olímpia  
04551-060 São Paulo – SP  
www.prolivro.org.br  
Tel.: (11) 3846-6475

# Transformar o retrato da leitura no Brasil – um desafio da sociedade brasileira

*“A leitura traz ao homem plenitude; o discurso, segurança; e a escrita, precisão.” – Francis Bacon*

É com um sentimento de satisfação na caminhada até aqui que o Instituto Pró-Livro apresenta a 4ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. Os dados coletados pelo Ibope Inteligência em 2015 nos convidam à reflexão sobre os avanços e desafios que nosso país enfrenta para a criação de uma sociedade efetivamente leitora.

Além de inquestionável propulsor do saber, o livro precisa ser valorizado como importante fonte de crescimento pessoal e de entretenimento. Esses fatores também ajudam a criar estofos para uma formação humana e crítica que, numa dimensão coletiva, aliada à educação de qualidade, pode conduzir ao progresso.

É preciso apostar no aumento do número de leitores a partir de um tripé essencial formado pela família, pelo Estado e pela sociedade civil. No primeiro caso, a propósito, em resposta a uma nova pergunta adicionada a esta edição da pesquisa, a figura da mãe surge como a principal influenciadora no gosto pela leitura.

Ao Estado cabem os investimentos a longo prazo em educação, o empenho na formação de professores e mediadores de leitura, os esforços para a implementação do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) e o fortalecimento do sistema de bibliotecas públicas. Essas, aliás, conhecidas por 55% dos respondentes, mas pouco frequentadas (20% dos respondentes).

Já na sociedade civil, empresas, ONGs e escolas vêm desenvolvendo projetos, eventos e prêmios em prol do incentivo à leitura, bus-

cando proporcionar o acesso aos livros a pessoas de diversas idades e níveis de alfabetização. Todos esses aspectos ajudam a tornar mais prático e convidativo o aproveitamento da oferta da produção das editoras brasileiras.

Uma união de forças faz com que a disseminação e o fortalecimento da leitura sejam um compromisso de todos. Transformar o Brasil num país leitor é a missão central do Instituto Pró-Livro. Embora exaltemos um resultado positivo, os índices revelados nesta 4ª edição da pesquisa ainda estão longe dos satisfatórios para uma nação que está entre as dez potências econômicas mundiais – e, ao mesmo tempo, apresenta desigualdades sociais, educacionais e culturais que demandam desafios proporcionais às suas dimensões continentais.

Não é por acaso o direcionamento sensível que escolhemos evidenciar nesta apresentação, para além da permanente batalha por políticas públicas efetivas para o setor livreiro e da cobrança e fiscalização de melhorias nos índices de educação.

O pilar da responsabilidade social é de grande importância para o nosso trabalho e se materializa em ações promovidas em eventos, comunidades e feiras – como o recente projeto Céu de Histórias, que integra literatura e brincadeira, criando pipas que contam histórias – e em pesquisas que procuram entender e examinar o comportamento leitor e proporcionar bases para a melhoria dos indicadores da qualidade da leitura do brasileiro.

Alguns, já podemos destacar aqui: o aumento da escolaridade média da população, a diminuição da concentração dos leitores na faixa de 5 a 24 anos e a influência da leitura no bem-estar do indivíduo. A pesquisa indica que 73% da população gosta de ler. Entre as respostas sobre o significado da leitura, destacamos que 22% dos entrevistados disseram: “Me ensina a viver melhor.”

É difícil, afinal, um leitor assíduo não resgatar memórias afetivas, por vezes vindas da infância, ao falar sobre obras que marcaram sua vida. E é igualmente difícil ter um olhar otimista quando se sabe que

muitos leitores em potencial não terão essas lembranças; e que outros, tardiamente, tentam ainda reconhecer-se leitores.

Ao mesmo tempo, isso evidencia a necessidade de agir na produção dessas futuras memórias literárias de milhares de brasileiros, representados pelos 44% de não leitores que este estudo descortina. Essas memórias se converterão em hábito, intimidade com as letras. E, por fim, vão se sedimentar em saber e num exemplo que pode se perpetuar.

Traduzindo, a leitura – para fins de estudo e lazer – é capaz de gerar bem-estar, o que resulta em indivíduos mais ativos e produtivos. Um recorte do estudo a seguir que mostra as preferências dos entrevistados em seu tempo livre atesta a inferência acima: segundo os resultados, quem tem o hábito de ler escreve mais, passeia mais em parques e praças, pratica mais esportes e se reúne mais com a família e os amigos do que aqueles que não leem. Não há nada de romântico, portanto, em afirmar que quem lê é mais feliz.

Além de aparecer nesta edição da Retratos da Leitura, essa constatação foi amplamente estudada na pesquisa *The Happiness of Reading*, da Universidade de Roma, produzida em 2015. Ao investigar mais a fundo as vantagens sensíveis e cognitivas daqueles que leem, chegou-se à conclusão de que os leitores são mais felizes que os não leitores. Num país como o Brasil, no entanto, é de uma complexidade infinitamente maior falar sobre felicidade quando há carência de direitos básicos.

Difundir o hábito de ler entre a população brasileira pode e deve ser visto sob um espectro muito mais amplo, e as consequências dessa manutenção serão visivelmente mais transformadoras, na qualidade de cidadania, de experiência e de bagagem cultural obtidas. Como disse o imortal José Mindlin: “Não basta alfabetizar, é preciso ensinar a ler.”

A leitura é transformadora.

MARCOS DA VEIGA PEREIRA  
Presidente do Instituto Pró-Livro



## Avanços na leitura: caminho para a formação de cidadãos ativos

O propósito comum de inserir a cultura, a ciência e a educação nas bases de uma sociedade mais justa e próspera une a Abrelivros (Associação Brasileira de Livros Escolares), a CBL (Câmara Brasileira do Livro) e o SNEL (Sindicato Nacional dos Editores de livros) no apoio à pesquisa Retratos da Leitura no Brasil.

Nesse contexto, a 4ª edição do estudo promovido pelo Instituto Pró-Livro contribui de modo expressivo – como as três anteriores – para diagnosticar como são e onde estão os leitores do nosso país e entender suas expectativas e demandas.

Comemoramos o resultado obtido nesta edição da pesquisa, que indica o crescimento do percentual da população leitora no Brasil para 56%, em face dos 50% apontados no estudo anterior.

Sem dúvida, os ganhos obtidos pela educação brasileira nas últimas décadas têm importante papel nessa expansão. Apesar dos recorrentes problemas de qualidade, resultados como a inclusão de crianças e jovens na escola, a ampliação dos anos de escolaridade da população e a redução na taxa de analfabetismo têm forte correlação com a ampliação do universo de leitores no país. Ainda que condição necessária, essa melhoria nos indicadores educacionais não é, no entanto, suficiente para a difusão da leitura no Brasil.

Para além da educação formal, políticas e ações específicas, intencionais, desenvolvidas e implementadas pelos setores público, privado e não governamental, são e continuarão sendo necessárias, tanto para a disseminação do hábito de leitura quanto para a inserção dos demais 44% da população brasileira no universo de leitores. Por isso, é

igualmente importante o fato de este estudo identificar, entre os não leitores, os motivos que os distanciam da familiarização com a leitura e, portanto, de um pleno exercício de cidadania.

As entidades do livro aqui representadas comprometem-se a continuar trabalhando nesse sentido. Defendemos a união de esforços de todos os setores para colaborar na construção de uma nação de leitores, cidadãos social e produtivamente ativos, adaptados à sociedade do conhecimento e capazes de conduzir o país à prosperidade socioeconômica.

Esta obra apresenta os resultados da 4ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, combinados a um conjunto de artigos escritos por especialistas que conhecem o mercado editorial, a realidade nacional e os desafios pela frente. Reunindo dados e análises, o conteúdo fornece elementos para o desenho de estratégias e políticas a fim de superar os entraves rumo à formação de um Brasil leitor, com amplo acesso ao saber.

ANTONIO LUIZ RIOS,  
presidente da Abrelivros

LUÍS ANTONIO TORELLI,  
presidente da CBL

MARCOS DA VEIGA PEREIRA,  
presidente do SNEL

# SUMÁRIO

## PARTE I

<b>Introdução</b> – Retratos: Leituras sobre o comportamento leitor do brasileiro – ZOARA FAILLA (organizadora) .....	<b>19</b>
<b>Capítulo 1</b> – Deslumbre e entendimento – CRISTOVAM BUARQUE .....	<b>43</b>
<b>Capítulo 2</b> – A história de uma paixão – De leitor a autor – WALCYR CARRASCO .....	<b>46</b>
<b>Capítulo 3</b> – Retratos da Leitura no Brasil e as políticas públicas – Fazer crescer a leitura na contracorrente – revelações, desafios e alguns resultados – JOSÉ CASTILHO MARQUES NETO .....	<b>57</b>
<b>Capítulo 4</b> – A biblioteca, um barulho necessário de dentro para fora – VOLNEI CANÔNICA .....	<b>74</b>
<b>Capítulo 5</b> – Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler – JOÃO LUÍS CECCANTINI .....	<b>83</b>
<b>Capítulo 6</b> – O que os livros digitais representam para o aumento da leitura? O que diz a Retratos da Leitura sobre quem lê nesse suporte? – CARLO CARRENHO .....	<b>99</b>
<b>Capítulo 7</b> – Números e letras no mundo dos livros – MARISA LAJOLO .....	<b>113</b>
<b>Capítulo 8</b> – Leitura e mercado de livros no Brasil: os resultados de duas diferentes pesquisas – LEDA MARIA PAULANI .....	<b>127</b>
<b>Capítulo 9</b> – Comportamento leitor e o acesso ao livro no Brasil em comparação com outros países da América Latina – BERNARDO JARAMILLO H. E LENIN MONAK SALINAS .....	<b>141</b>

## PARTE II

### A. A 4ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil – 2015/2016

1. Apresentação e histórico.....	159
2. Objetivos, metodologia e inovações.....	163
3. Considerações sobre a metodologia segundo o IBOPE Inteligência ....	165

### B. Principais resultados da pesquisa – Tabelas e gráficos

Apresentação.....	171
-------------------	-----

#### PERFIL DA AMOSTRA

##### 1. Perfil da amostra

1.1 Evolução da população brasileira .....	174
1.2 Gênero e idade .....	175
1.3 Regiões e municípios .....	176
1.4 Escolaridade .....	177
1.5 Evolução da escolaridade da população brasileira (5 anos ou mais) – PNAD.....	178
1.6 Condição atual de estudo (2011 x 2015).....	179
1.7 Renda individual e familiar e classe.....	180
1.8 Religião .....	181

#### PERFIL DO LEITOR

##### 2. Perfil do leitor de livros

2.1 Definição de leitor e não leitor.....	184
2.2 Estimativa populacional.....	185
2.3 Perfil do leitor e não leitor – Gênero e idade.....	186
2.4 Perfil do leitor e não leitor – Estudante e escolaridade.....	187
2.5 Perfil do leitor e não leitor – Nível de ensino .....	188
2.6 Perfil do leitor e não leitor – Classe e renda familiar .....	189
2.7 Perfil do leitor e não leitor – Região .....	190

#### O COMPORTAMENTO LEITOR DO BRASILEIRO

##### 3. Motivações e hábitos de leitura

3.1 Principal motivação para ler um livro .....	192
---	-----

3.2	Principal motivação para ler um livro: por faixa etária .....	193
3.3	Principal motivação para ler um livro: por escolaridade .....	194
3.4	Fatores que influenciam na escolha de um livro.....	195
3.5	Fatores que influenciam na escolha de um livro: por faixa etária .....	196
3.6	Frequência de leitura por tipo de material, independentemente do suporte.....	197
3.7	Lugares em que costuma ler livros .....	198
3.8	Local de leitura de livro por suporte .....	199
<b>4.</b>	<b>Gosto pela leitura</b>	
4.1	Gosto pela leitura – Gosta de ler?.....	202
4.2	Gosto pela leitura por perfil: escolaridade / estudante .....	203
4.3	Gosto pela leitura por perfil: leitor / comprador de livro .....	204
<b>5.</b>	<b>Principais influenciadores (formação leitora)</b>	
5.1	Pessoas que influenciaram o gosto pela leitura .....	206
5.2	Quem mais influenciou o hábito de leitura: por perfil leitor x não leitor .....	207
5.3	Pessoas que influenciaram o gosto pela leitura: por escolaridade .....	208
5.4	Percepção sobre hábito de leitura dos pais: por perfil .....	209
5.5	Escolaridade dos pais: por perfil.....	210
5.6	Percepção sobre ser presenteado com livros .....	211
<b>6.</b>	<b>O que lê</b>	
6.1	Gêneros que costuma ler .....	214
6.1.1	Gêneros que costuma ler: estudante x não estudante.....	215
6.1.2	Gêneros que costuma ler: por escolaridade .....	216
6.1.3	Gêneros que costuma ler: por faixa etária .....	217
6.2	Está lendo algum livro atualmente? .....	218
6.2.1	Quantidade de livros que está lendo atualmente.....	218
6.2.2	Último livro lido ou que está lendo .....	219
6.2.3	Autor do último livro lido ou que está lendo.....	220
6.2.4	Frequência de leitura e motivação para ler o livro atual ...	221
6.2.6	Motivação para ler o livro atual: por faixa etária .....	222
6.2.7	Presença do livro lido em casa .....	223

6.3	Livro mais marcante: os mais citados .....	224
6.3.1	Escritores de que mais gostam .....	225
6.3.2	Escritores mais conhecidos .....	226
<b>7.</b>	<b>Barreiras para a leitura</b>	
7.1	Razão para não ter lido mais: entre os leitores .....	228
7.2	Razão para não ter lido nos últimos 3 meses: entre os não leitores.....	229
7.3	Razão para não ter lido mais: estudantes x não estudantes...	230
7.4	Dificuldades para ler .....	231
<b>8.</b>	<b>O que gosta de fazer em seu tempo livre (quais atividades concorrem com a leitura)</b>	
8.1	O que gosta de fazer em seu tempo livre (% de sempre).....	234
8.2	O que gosta de fazer em seu tempo livre: leitor x não leitor.....	235
8.3	O que gosta de fazer em seu tempo livre: por escolaridade.....	236
8.4	O que gosta de fazer em seu tempo livre: estudante x não estudante .....	237
<b>9.</b>	<b>Representações sobre a leitura</b>	
9.1	O que a leitura significa .....	240
9.2	O que a leitura significa: por perfil leitor x não leitor .....	241
9.3	O que a leitura significa: por escolaridade .....	242
9.4	O que a leitura significa: por classe social .....	243
<b>10.</b>	<b>Indicadores de leitura</b>	
10.1	Média de livros lidos nos <u>últimos 3 meses</u> (Entre todos os entrevistados).....	246
10.2	Média de livros lidos nos <u>últimos 3 meses</u> (Entre leitores) ...	247
10.3	Média de livros lidos nos <u>últimos 3 meses</u> (Entre estudantes) .....	248
10.4	Penetração e média de livros nos últimos 3 meses: por escolaridade.....	249
10.5	Penetração e média de livros nos últimos 3 meses: estudante x não estudante .....	250

10.6	Penetração de leitores 2007-2015: por região .....	<b>251</b>
10.7	Número de livros lidos <u>por ano</u> (Entre todos os entrevistados) .....	<b>252</b>
10.8	Média de livros lidos nos <u>últimos 12 meses</u> (Entre todos os entrevistados) .....	<b>253</b>

## LEITURAS EM MEIO DIGITAL

### **11. Leituras em meio digital**

11.1	Uso de internet.....	<b>256</b>
11.1.1	Atividades em geral que realiza na internet .....	<b>257</b>
11.1.2	Atividades em geral que realiza na internet: por faixa etária.....	<b>258</b>
11.1.3	Atividades relacionadas à leitura que realiza na internet .....	<b>259</b>
11.1.4	Atividades relacionadas à leitura que realiza na internet: por faixa etária.....	<b>260</b>
11.2	Livros digitais .....	<b>261</b>
11.2.1	Dispositivos de leitura digital: para quem <u>já leu</u> livro digital.....	<b>262</b>
11.2.2	Formas de acesso a livros digitais.....	<b>263</b>
11.2.3	Tipos de livros digitais lidos.....	<b>264</b>

## ACESSO

### **12. Acesso e consumo**

12.1	Principais formas de acesso aos livros .....	<b>266</b>
12.2	Compra de livros nos últimos 3 meses.....	<b>267</b>
12.3	Perfil dos compradores de livros (comprou algum livro nos últimos 3 meses) .....	<b>268</b>
12.4	Compra de livros nos últimos 3 meses.....	<b>269</b>
12.5	Há quanto tempo comprou o último livro .....	<b>270</b>
12.6	Onde compra livros.....	<b>271</b>
12.7	Motivações para escolher o local onde compra livros .....	<b>272</b>
12.8	Principais fatores que influenciam a escolha de um livro para compra .....	<b>273</b>

<b>13. Percepções e uso de bibliotecas</b>	
13.1 O que a biblioteca representa .....	<b>276</b>
13.2 Existência de biblioteca.....	<b>277</b>
13.3 Frequência em bibliotecas e tipo de biblioteca que frequenta .....	<b>278</b>
13.4 Frequência com que vai à biblioteca x Tipo de biblioteca que frequenta.....	<b>279</b>
13.5 Frequência com que vai à biblioteca: estudante x não estudante.....	<b>280</b>
13.6 Avaliação da biblioteca que frequenta.....	<b>281</b>
13.7 Motivos para <u>ir</u> a bibliotecas.....	<b>282</b>
13.8 Motivos para <u>ir</u> a bibliotecas: por perfil.....	<b>283</b>
13.9 Motivos para <u>não ir</u> a bibliotecas .....	<b>284</b>
13.10 O que o faria frequentar mais a biblioteca.....	<b>285</b>
<b>14. Percepções sobre bibliotecas escolares e universitárias</b>	
14.1 Avaliação de bibliotecas escolares e universitárias .....	<b>288</b>
14.2 Existência de bibliotecas escolares e universitárias: por nível de ensino .....	<b>289</b>
14.3 Avaliação de bibliotecas escolares e universitárias .....	<b>290</b>
14.4 Avaliação de bibliotecas escolares e universitárias: por nível de ensino .....	<b>291</b>

## PARTE I



## Retratos: Leituras sobre o comportamento leitor do brasileiro

Zoara Failla\*

### A importância da leitura

*O que nos faz humanos?*

*A capacidade de transformar a natureza para produzir conforto?*

*De produzir conhecimento?*

*De fazer história e evoluir?*

*De transmitir conhecimento para as novas gerações?*

*De contar... de imaginar... de narrar...*

Zoara Failla

**F**oi a narrativa que garantiu transmitir de geração para geração o conhecimento, as crenças, a sabedoria e as histórias reais ou criadas...

A imaginação sempre foi o tempero da narrativa. O que valoriza o autor e cativa aquele que escuta ou... aquele que lê.

Ler possibilita desvendar aquilo que outros já viveram, produziram, criaram, sentiram... em outros lugares, outros tempos ou na imaginação. Multiplica e possibilita viver muitas vidas e experiências. Desvenda outros sentimentos e histórias escondidas.

Quem não gosta de uma boa história? Certamente, aquele que descobriu essa magia de vivenciar ou “espionar” muitas vidas, sabedorias e emoções não vai querer deixar de ler.

Promover o acesso a narrativas e à ficção é possibilitar desvendar outras visões de mundo, outras percepções sobre o que é ser humano e seu significado.

O desafio é conseguir despertar para a leitura uma geração quase entorpecida pela comunicação em meio digital. Ler é uma prática que exige ficar só, que pede concentração, não oferece estímulo multimídia, mas, principalmente, pede o domínio da competência leitora e do letramento. Ler não é tarefa fácil para quem ainda não foi “conquistado” e é impraticável para quem não compreende aquilo que lê.

Esse desafio e a crença no poder transformador da leitura é o que nos move a produzir esse estudo. Um mapeamento que revela o comportamento leitor e não leitor do brasileiro: quem é leitor e quem não lê; por que não lê; o que lê, como, onde e quanto lê; como tem acesso à leitura e ao livro; o que concorre com a leitura em seu tempo livre.

Conhecer os hábitos de leitura, os avanços e, principalmente, os desafios para formar novos leitores é o que, também, motiva o Instituto Pró-Livro (IPL) a realizar, periodicamente, a pesquisa Retratos da Leitura e promover debates e reflexões sobre seus resultados.

É disso que se trata... aqui!

## **Promovendo múltiplas leituras sobre a Retratos**

São muitos os retratos que a Retratos da Leitura revela, e essa pesquisa, como qualquer retrato, possibilita múltiplos olhares, em diferentes dimensões e profundidade.

A proposta desta publicação é promover leituras sobre essas relações. Assim, convidamos estudiosos da área da leitura – autores, políticos, gestores e educadores – para “debulharem” os números dessa edição da pesquisa.

Nossa expectativa é de que esse estudo revele, por um lado, se avançamos em direção à melhoria nos indicadores e na qualidade da

leitura da população; mas é também de que nos aponte quais são os desafios que ainda temos para transformar este país em um país de leitores autônomos, críticos e que busquem na leitura o conhecimento e o prazer.

O foco ou a lente mudam para essa análise: a leitura autônoma, a leitura arte, a leitura por “gosto”... Mas todas constroem uma só tese: a de que a leitura é libertadora e promove o protagonismo no acesso ao conhecimento e à cultura. A leitura transforma, informa, emociona e humaniza. Traduz e nos aproxima do que é humano em diferentes tempos, lugares, sentidos, culturas e sentimentos. É a principal ferramenta para a aprendizagem e para a educação de qualidade, e condição essencial para o desenvolvimento social de uma nação.

Esta é, certamente, a principal motivação e a direção de todos os autores que aceitaram estar aqui para nos oferecer um pouco da sua reflexão sobre os avanços e os retrocessos da leitura, e nos alertar sobre os desafios que devemos encarar para buscar caminhos mais efetivos na promoção dessa leitura libertadora e para que na próxima edição tenhamos alcançado melhores indicadores de leitura.

Sem dúvida a pesquisa promove uma ampla investigação sobre o comportamento leitor do brasileiro, mas, ao comparar os resultados das três últimas edições, também possibilita um diagnóstico sobre as políticas públicas, os investimentos e as ações promovidas pelo governo e pela sociedade de modo a fomentar a leitura e o acesso ao livro.

Sabemos que *diagnósticos* não transformam realidades, mas sem eles não conseguimos mapear avanços e, principalmente, identificar o que efetivamente acontece para além dos discursos, dos planos e dos projetos. Definem-se metas, mas não se avalia seu cumprimento. Muitas vezes se oferece formação, mas não se acompanha se elas contribuíram, efetivamente, para melhorar práticas. Há uma perversa dissociação entre a formulação de políticas e projetos e sua execução nas bases. Um vácuo entre formuladores, gestores e executores. Entre

estes, que conhecem muito sobre essa realidade e que reclamam por não serem ouvidos, encontramos os professores, os mediadores, os bibliotecários etc.

Ouvir os brasileiros sobre o que leem, se gostam de ler, se reconhecem algum mediador na sua formação leitora, como percebem as bibliotecas, etc., muitas vezes nos surpreende porque eles nos dizem como percebem o que acontece em suas casas, na sua escola ou na biblioteca que frequentam. Não são agentes da política, mas sofrem e acolhem os impactos das decisões e da sua execução, muitas vezes sem se darem conta de que têm direitos ou de que os livros estão disponíveis.

Sim, muitas vezes é incômodo e frustrante ouvir o que esse cidadão tem a dizer sobre como percebe as políticas ou os resultados de investimentos ou ações.

Sabemos que uma pesquisa estatística mapeia realidades a partir de amostras construídas para refletir o que pensa toda uma população; portanto, não dá conta das suas particularidades. Porém, por outro lado, estudos de casos ou pesquisas em profundidade também “fatiam” e selecionam pedaços dessa realidade. Será difícil que um estudo sobre a formação leitora em uma escola, uma cidade ou um estado reflita exatamente o que acontece em outro local do respectivo país, sobretudo se a nação em questão for marcada por diferenças socioeconômicas.

Apesar de todas as limitações que as pesquisas – estatísticas quantitativas/qualitativas – encontram para refletir a realidade, elas são fundamentais para apontar tendências, construir séries históricas, avaliar e comparar resultados, desde que aplicadas com todos os critérios e padrões que garantam e explicitem seus limites. E esta era a proposta e a expectativa do IPL quando encomendou a pesquisa ao IBOPE Inteligência.

## A Retratos tem cumprido com esses objetivos?

O Instituto Pró-Livro tem mantido seu compromisso de oferecer, a cada quatro anos, uma edição da pesquisa, sempre com a mesma metodologia, para a construção da série histórica. Seus resultados possibilitam avaliar o impacto das políticas e ações, identificar avanços e impasses e subsidiar outros estudos para aprofundar o conhecimento sobre as principais questões que envolvem a formação leitora e a melhoria da qualidade e dos indicadores de leitura dos brasileiros.

Mas transformar um país em um *país leitor* não é tarefa fácil e exige décadas de investimentos e ações efetivas e contínuas, orientadas por políticas e programas construídos pela sociedade e pelo governo. Sabemos que são muitos os agentes dessa transformação e que há necessidade de unir as ações. O IPL, com a Retratos da Leitura, contribui com o mapeamento e com a divulgação e a qualificação das informações e dos estudos sobre o comportamento leitor do brasileiro. Contribui também para a formação de uma representação positiva sobre a importância da leitura ao subsidiar a mídia e qualificar as informações e matérias sobre leitura e leitores. Certamente a valorização da leitura no imaginário da população conscientiza sobre o direito que todos têm de serem leitores plenos.

Apesar de não ser possível aferir quanto a ampla divulgação e análise sobre os índices de leitura pelos brasileiros, pela mídia, impactou nas representações sobre leitura pela população, quando comparamos respostas dadas em 2007 às de 2015, percebemos que aumentou a opção pelas respostas positivas relacionando leitura a: acesso ao conhecimento (de 42% para 49%); crescimento profissional (de 8% para 23%); ou melhora de vida. Também houve aumento considerável do número de pessoas que disseram que a identificam como uma atividade prazerosa (de 4% para 13%). Perceber a leitura como forma de acesso a conhecimento e melhoria social ou como atividade prazerosa é fundamental para ampliar o interesse pelos livros pela população

leitora e também para despertar o interesse daqueles que não descobriram o poder da leitura. Os menos escolarizados e com pior situação socioeconômica são os que mais respondem que “*a leitura pode fazer uma pessoa vencer na vida*”.

Mas são também inúmeras as citações sobre a Retratos em pesquisas acadêmicas, artigos e exposições de motivos em projetos de lei nas esferas federal, estadual e municipal. Talvez tenham pouca visibilidade, mas é uma importante contribuição. Sabemos também que é muito pouco para os desafios que temos. O conhecimento sobre o que deve ser feito está em muitos desses estudos e experiências que ajudamos a fundamentar, mas também em inúmeros outros estudos e práticas que acontecem pelo Brasil, por iniciativa do terceiro setor, da academia e de especialistas do governo. Mesmo assim, ainda é pouco. O desafio é agregar o que já se produziu em conhecimento, ganhar escala e avançar para alimentar políticas e programas, e orientar práticas mais efetivas pelo Brasil.

Além de reconhecer tudo o que já se fez é também o momento de avançar.

## **O impacto de números que não confirmam verdades**

Na apresentação da 4ª edição da pesquisa, alguns resultados geraram estranhamento à primeira vista. Destacar alguns desses questionamentos nos ajuda a ilustrar as inquietações que podem gerar os números que não correspondem às nossas leituras ou expectativas. Em relação à formação de leitores, a 4ª edição da Retratos traz uma informação que, em uma primeira análise, parece contradizer a importância da mediação. Foi elevada a proporção de leitores que não reconheceram quem influenciou seu gosto ou interesse pela leitura. Apesar de o percentual daqueles que disseram que ninguém os influenciou (Quadro 1) ser menor entre leitores (55%) do que em relação aos não leitores

(83%), e de termos esclarecido que o resultado apresentado incluía a população adulta, o número causou estranheza pois não reflete o que dizem vários estudos sobre a importância da mediação na formação de novos leitores.

Não há dúvidas de que a mediação, quando promovida pelo professor, pelo bibliotecário, pela família, por um voluntário ou outro agente leitor é poderosa no despertar do interesse pela leitura. Os dados da pesquisa não questionam essa verdade, mas sim apontam para o número de brasileiros que não tiveram a oportunidade de encontrar alguém – na sua escola, na sua família, e até na biblioteca que algum dia frequentou – que lhe oferecesse um livro; que convidasse para uma roda de leitura; que lesse para ele; que o presenteara com livros; ou, ainda, que perguntasse o que achou de um livro que indicou para ler.

QUADRO 1

**Pessoas que influenciaram o gosto pela leitura: por faixa etária**

2015 (%)	TOTAL	FAIXA ETÁRIA								
		5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 69	70 e mais
Base: Amostra	5012	458	242	426	605	433	836	694	1073	246
Mãe ou responsável do sexo feminino	11	23	22	20	15	9	8	6	4	2
Algum professor ou professora	7	11	12	9	9	9	7	6	5	3
Pai ou responsável do sexo masculino	4	5	7	6	5	3	5	5	3	3
Algum outro parente	4	7	6	5	4	4	4	5	3	3
Outra pessoa	4	3	5	5	6	4	3	4	3	2
Marido, esposa ou companheiro(a)	1	0	0	0	0	1	2	2	1	0
Padre, pastor ou algum líder religioso	1	0	0	0	0	1	1	1	1	2
Não / Ninguém em especial	67	50	47	55	61	67	70	72	80	84

P.288) Qual foi a pessoa que mais te influenciou ou incentivou?

Fonte: Retratos da Leitura no Brasil

A leitura dos números de pesquisa dessa natureza são mais importantes, às vezes, pelo que não dizem explicitamente. Nesta análise, por exemplo, percebemos que a mediação é mais reconhecida

na faixa etária entre 11 e 13 anos. A partir dos 30 anos, certamente, ficam na memória aquelas pessoas que exerceram papel muito significativo. Outra informação importante é que a influência da família, em especial da mãe, é mais percebida do que a influência do professor. Esse outro olhar sobre os números da pesquisa, para além daquilo que já conhecemos, pode ser mais revelador. Neste caso, por exemplo, pode nos revelar outro foco para esse “retrato”: *as pessoas reconhecem melhor o que fica na memória afetiva*. É possível que um professor ou bibliotecário tenham tido papel muito importante na formação de algum desses leitores, mas, por algum motivo que merece ser mais bem investigado – pois pode estar nos dizendo como deve ser essa mediação –, a pessoa influenciada não identificou isso. Talvez esses inquietantes números queiram dizer que, para que a mediação e a promoção da leitura aconteçam de forma efetiva, elas devem ser “percebidas”. Podem também estar propondo o seguinte questionamento: *Como despertar prazer sem emoção, sem afetividade e sem troca?*

### **Lendo com “lupa”**

Talvez devêssemos abordar, nesta apresentação, as questões que são as mais recorrentes em todas as edições: *O brasileiro está lendo mais? Houve aumento nos indicadores de leitura?*

Não é fácil chegar a essa resposta. Acima de tudo, não temos uma resposta que satisfaça a todos.

No lançamento da 4ª edição da pesquisa, em maio de 2016, em São Paulo e no Rio, ficamos surpresos com as diferentes leituras que são feitas a partir dos números que informam quantos brasileiros são leitores.

Nas inúmeras matérias que, felizmente, a mídia publicou sobre a 4ª edição, contrapuseram-se as chamadas que disseram algo como

“o brasileiro está lendo mais” a outras, que informaram: “Quase metade dos brasileiros não lê”. As duas manchetes são verdadeiras. Não sei se temos aí notícias motivadas por otimistas ou pessimistas, mas penso que os resultados devem ser analisados sem emoções, sejam elas movidas ou não pelas nossas posições. Não chegaremos a um retrato que nos oriente se nos contentarmos com uma análise dos números que fique na “superfície”. Usando uma “lupa” é possível comparar e descobrir outras revelações. Mas é importante, também, balizar os resultados por outros estudos e pesquisas.

Além de dizer se estamos lendo mais ou menos, entendo que devemos avaliar se é essa leitura que queremos para as novas gerações. A leitura em questão é prazerosa, autônoma, desenvolve a capacidade de crítica e de construção de conhecimento... Ela humaniza? Também devemos avaliar tendências, interesses, o que mobiliza, quais são as barreiras para a leitura e a formação leitora. Enfim, é preciso aprofundar essa análise para orientar caminhos, ou vamos ter somente um RETRATO.

### **Leituras da Retratos – Destacando os principais resultados**

Ao compararmos a Retratos de 2011 com a Retratos de 2015, podemos, sim, alimentar o otimismo. Os resultados nos mostram que aumentou proporcionalmente o número de leitores, de 50% para 56% da população. Não podemos afirmar que temos mais 16,5 milhões de leitores com 5 anos ou mais, número correspondente à diferença na estimativa populacional, representado na amostra de 5.012 entrevistados. Mas tivemos, sim, uma ampliação importante.

No perfil da amostra encontramos uma primeira explicação para essa elevação. Ela contou com uma representação maior de pessoas com melhor escolaridade, refletindo a evolução da escolaridade da população brasileira, segundo Tabela do PNAD (Quadro 2), desde 2002.

**Tabela da evolução da escolaridade da população brasileira (5 anos e mais) - PNAD**

	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011	2012	2013	2014
<b>Não alfabetizado</b>	14%	14%	14%	13%	12%	12%	12%	11%	10%	10%	10%	9%
<b>Fundamental I</b> (1º a 4º série ou 1º ao 5º ano)	36%	35%	34%	33%	32%	31%	30%	30%	29%	27%	27%	26%
<b>Fundamental II</b> (5º a 8º série ou 6º ao 9º ano)	24%	24%	23%	23%	23%	23%	23%	22%	22%	22%	22%	22%
<b>Ensino Médio</b> (1º ao 3º ano)	19%	20%	21%	22%	24%	24%	26%	26%	28%	28%	29%	29%
<b>Superior</b>	7%	8%	8%	8%	9%	10%	10%	11%	12%	12%	13%	14%
<b>TOTAL</b>	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Essa melhoria da escolaridade está espelhada na amostra de 2015. Ampliou a proporção de entrevistados com nível superior e médio e reduziu o número de entrevistados com nível fundamental I: em 2015, 13% tinham nível superior e 33% nível médio; em 2011, por outro lado, eram 12% e 28%, respectivamente. O número de entrevistados com ensino fundamental I reduziu de 29%, em 2011, para 21%, em 2015. Desde a primeira edição da pesquisa se confirma que a maior escolaridade está fortemente associada a melhores indicadores de leitura. Certamente temos aí uma boa explicação para a elevação no número de leitores.

Mas nossa inquietação para responder com consistência à principal questão – *se a ampliação no número de leitores se deve à melhoria na escolaridade do brasileiro* – nos leva a outros indicadores. O Indicador Nacional de Alfabetização Funcional (INAF) nos diz que, apesar de detectar uma melhora nos últimos 15 anos – o percentual da população funcionalmente alfabetizada passou de 61%, em 2001, para 73%, em 2015 –, ainda constata que apenas um em cada quatro brasileiros domina plenamente as habilidades de leitura e escrita. Ou seja, o au-

mento da escolaridade média da população brasileira teve um caráter mais quantitativo (mais pessoas alfabetizadas) que qualitativo (do ponto de vista do incremento na compreensão leitora).

<b>INAF / BRASIL – Níveis de Alfabetismo</b> (idade: 15 – 64 anos)									
	2001-2002	2002-2003	2003-2004	2004-2005	2007	2009	2011	2015	
<b>Analfabeto</b>	12%	13%	12%	11%	9%	7%	6%	4%	<b>Analfabeto</b>
<b>Rudimentar</b>	27%	26%	26%	26%	25%	20%	21%	23%	<b>Rudimentar</b>
<b>Básico</b>	34%	36%	37%	38%	38%	46%	47%	42%	<b>Elementar</b>
<b>Pleno</b>	26%	25%	25%	26%	28%	27%	26%	23%	<b>Intermediário</b>
								8%	<b>Proficiente</b>
<b>Analfabeto funcional</b>	<b>39%</b>	<b>39%</b>	<b>38%</b>	<b>37%</b>	<b>34%</b>	<b>27%</b>	<b>27%</b>	<b>27%</b>	<b>Analfabeto funcional</b>
<b>Funcionalmente alfabetizado</b>	<b>61%</b>	<b>61%</b>	<b>62%</b>	<b>63%</b>	<b>66%</b>	<b>73%</b>	<b>73%</b>	<b>73%</b>	<b>Funcionalmente alfabetizado</b>

Esse importante indicador – que revela que temos analfabetos funcionais entre 27% dos brasileiros que concluíram o ensino fundamental e que somente 23% dos brasileiros dominam a leitura (letramento) e 8% a compreensão plena do que leem (com capacidade de análise e crítica) – nos leva a outras indagações para analisar a elevação no número de leitores revelado na 4ª edição da pesquisa. Nos leva também a abrir um parêntese nessa nossa análise sobre o comportamento leitor do brasileiro para destacar que, se um quarto da população brasileira não compreende o que lê, não vamos conseguir avançar na formação leitora e na melhoria dos indicadores de leitura dos brasileiros sem que se garanta a alfabetização funcional aos alunos que cursam as primeiras séries do ensino fundamental e sem que se promova a compreensão leitora plena entre os nossos jovens que concluírem o ensino fundamental. Quem não consegue compreender uma frase que lê está condenado a não aprender qualquer disciplina ou conteúdo. A esse analfabeto funcional não está sendo garantido o direito de ler e compreender um parágrafo, quanto mais um texto ou um livro.

Mas, fechando nosso perverso “parêntese”, retomamos nossa principal indagação: a melhoria na escolaridade do brasileiro explica a melhoria nos indicadores de leitura?

Apesar de encontrarmos mais leitores entre aqueles que têm nível superior, encontramos outra surpresa na análise sobre o impacto da escolaridade nos números revelados pelo Centro Regional para o Fomento ao Livro na América Latina e Caribe (CERLALC/Unesco) quando faz a comparação com os resultados dos outros países que usam a mesma metodologia: aqueles que têm nível superior no Brasil leem menos do que aqueles que têm nível superior nos outros três países analisados. Leem mais do que nos outros países aqueles que têm ensino médio ou fundamental II.

Teríamos aqui o impacto dos programas de distribuição de livros escolares? Sem dúvida são resultados que merecem estudos mais aprofundados.

QUADRO 3

Escolaridade	Brasil	Chile	Colômbia	México
Fundamental II	27%	6%	23%	16%
Ensino Médio	39%	37%	23%	24%
Superior	22%	42%	43%	49%
Outros	12%	15%	10%	12%

Base: CERLALC (2015) – População com 12 anos ou mais

### **Buscando outras respostas para nossa principal indagação: *Quem são os brasileiros que estão lendo mais, e o que estão lendo?***

Ao “passar a lupa” por outros números desta nova edição, verificamos que, entre 5 e 17 anos, apesar de encontrarmos, proporcionalmente,

um número de leitores superior ao número de leitores na população, temos o mesmo número de leitores que tínhamos em 2011, ou seja, as crianças e os jovens estão lendo o que liam em 2011, e dizem que estão lendo menos livros indicados pela escola. O dado positivo é que estão lendo mais por vontade própria, mas – e sempre trombamos com um *mas* – é importante considerar que os livros lidos por iniciativa própria incluem a leitura de religiosos e lidos em “parte” (apenas trechos ou capítulos). Apesar de ter havido alteração no enunciado da questão sobre a leitura da Bíblia na última edição, é possível verificar no Quadro 4, a seguir, que houve aumento considerável no número de pessoas que leem a Bíblia, o que pode estar refletido no indicador de livros lidos por iniciativa própria nessa faixa etária.

É na melhora dos indicadores de leitura da população adulta que encontramos a explicação para a elevação no número de leitores no Brasil, em 2015. Entre 18 e 39 anos, identificamos o maior percentual de ampliação no número de leitores – em torno de 15%. Para avaliar essa elevação do número de leitores adultos, necessitamos buscar o que essa população está lendo.

QUADRO 4

Penetração e média de livros nos últimos 3 meses: por faixa etária																					
		TOTAL		5 a 10		11 a 13		14 a 17		18 a 24		25 a 29		30 a 39		40 a 49		50 a 69		70 e +	
Penetração de Leitura	Unidade	2011	2015	2011	2015	2011	2015	2011	2015	2011	2015	2011	2015	2011	2015	2011	2015	2011	2015	2011	2015
Leitura em geral*	%	50	56	66	66	84	84	71	75	53	66	47	59	48	57	41	48	33	41	24	27
Livros inteiros	%	26	33	35	48	51	67	48	51	27	44	27	38	26	29	21	22	15	20	9	11
Livros em partes	%	39	48	53	57	65	74	59	65	43	58	36	47	37	50	32	42	27	33	20	22
Leitura de livros indicados pela escola*	%	21	16	57	52	74	66	67	45	21	19	10	10	9	6	6	2	2	1	0	0
Leitura de livros por vontade própria*	%	38	50	28	55	41	71	39	63	43	61	44	53	44	52	39	45	33	40	24	25
Leitura por vontade própria – Bíblia*	%	16	26	9	26	11	31	12	20	15	26	16	22	21	29	18	29	19	26	17	18
		TOTAL		5 a 10		11 a 13		14 a 17		18 a 24		25 a 29		30 a 39		40 a 49		50 a 69		70 e +	
Média de livros lidos nos últimos 3 meses		2011	2015	2011	2015	2011	2015	2011	2015	2011	2015	2011	2015	2011	2015	2011	2015	2011	2015	2011	2015
Livros em geral*		1,85	2,54	3,04	3,87	3,53	5,29	3,13	3,81	1,95	3,44	1,67	2,49	1,72	2,29	1,38	1,57	0,94	1,56	0,63	0,81
Livros inteiros		0,82	1,06	1,41	1,92	1,57	2,62	1,18	1,58	0,69	1,33	0,79	1,06	0,85	0,80	0,64	0,63	0,46	0,64	0,31	0,36
Livros em partes		1,03	1,47	1,63	1,94	1,96	2,67	1,95	2,23	1,26	2,11	0,88	1,43	0,86	1,50	0,73	0,94	0,47	0,92	0,32	0,45
Livros indicados pela escola*		0,81	0,66	2,23	2,33	2,53	2,86	2,11	1,45	0,74	0,84	0,45	0,32	0,42	0,23	0,29	0,07	0,06	0,02	0,00	0,00
Livros lidos por vontade própria*		1,05	1,59	0,80	1,96	1,00	2,49	1,02	1,94	1,21	2,12	1,22	1,69	1,30	1,47	1,09	1,14	0,88	1,26	0,63	0,98

\*Considerando tanto os livros inteiros quanto em partes.

Fonte: Retratos da Leitura no Brasil

Na análise por gênero de livros que costuma ler (Quadro 5), verificamos que a soma de Bíblia e livros religiosos lidos atinge, em média, mais de 70% dos gêneros citados pela população com mais de 30 anos e mais de 80% na faixa acima de 40 anos. Esses números podem estar impactando o crescimento de leitores entre a população adulta. Os romances, apesar de serem os terceiros mais citados a partir dos 25 anos, são menos lidos do que os livros religiosos. Aqueles que estão fora da escola também estão lendo mais (de 38% para 46%), e indicam principalmente livros religiosos (50%) e Bíblia (29%).

QUADRO 5

Gêneros que costuma ler: por faixa etária		TOTAL	FAIXA ETÁRIA																	
			5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 69	70 e mais									
(%)	2015																			
		2798	307	204	321	403	254	474	332	439	66									
Base: Leitores		42	32	31	24	39	39	49	56	52	63									
Bíblia		22	14	6	12	17	25	27	30	35	34									
Religiosos		22	37	40	31	23	21	12	14	13	11									
Contos		22	38	20	33	33	25	20	18	19	16									
Romance		16	23	27	21	23	18	15	10	6	0									
Didáticos, ou seja, livros utilizados nas matérias do seu curso		15	41	22	9	8	18	15	11	6	4									
Infantis		13	29	21	15	11	12	10	9	6	3									
História em quadrinhos, gibis ou RPG		12	14	27	19	14	10	8	7	8	7									
Poesia		11	6	8	11	14	11	11	12	11	6									
História, Economia, Política, Filosofia ou Ciências Sociais		10	22	21	15	8	9	6	8	5	3									
Ciências		10	6	3	3	9	12	12	13	17	3									
Culinária, Artesanato, "Como Fazer"		10	0	0	3	19	17	16	10	7	0									
Técnicos ou universitários, para formação profissional		8	3	3	5	8	10	11	10	13	5									
Saúde e dietas		8	5	6	12	12	10	7	8	7	3									
Biografias		8	1	1	3	6	12	12	13	10	3									
Autoajuda		7	16	11	8	8	6	3	5	5	0									
Artes		7	7	20	14	9	3	4	5	2	0									
Juvenis		6	5	5	4	9	5	9	7	2	0									
Educação ou pedagogia		5	3	6	5	7	4	5	6	4	1									
Viagens e esportes		5	6	9	6	7	7	5	2	3	4									
Línguas (como inglês, espanhol, etc.)		4	4	3	4	6	2	4	5	1	1									
Enciclopédias e dicionários		3	1	1	2	6	5	4	2	3	1									
Direito		2	0	0	0	1	1	1	4	4	0									
Esoterismo ou ocultismo		5	10	4	9	5	4	5	4	4	4									
Não sabe/Não respondeu		2,8	3,1	3,0	2,8	3,1	2,9	2,8	2,8	2,5	1,8									
MÉDIA DE GÊNEROS POR ENTREVISTADO																				

Base baixa

P.37) Quais destes tipos de livros, seja em papel ou em formato digital, o(a) sr(a) leu no último ano?

Fonte: Retratos da Leitura no Brasil

O incremento na proporção de leitores de Bíblia e livros religiosos e na citação de leitura de Bíblia (de 16% para 26%) deu-se em todas as categorias e faixas etárias, o que pode estar impactando também o número de livros lidos por iniciativa própria nos três meses anteriores à pesquisa, que passou de 1,05 (2011) para 1,59 em 2015. Já o número de livros de literatura lidos no mesmo período ainda é baixo: não chegou a *um* livro lido espontaneamente (0,72

livro lido em média), e 0,31 foi lido por indicação da escola (Quadro 6).

Uma primeira explicação para essa elevação no número de livros religiosos e Bíblia pode estar no aumento de indivíduos pentecostais e evangélicos no Brasil.

O número médio de livros lidos nos três meses anteriores à pesquisa passou de 1,85 (livros lidos no total) em 2011 para 2,54 em 2015, sendo que 1,47 não foi lido inteiro (foram lidos trechos, capítulos ou parte desse livro). Vale dizer que: *pouco mais de 1 livro foi lido inteiro no período de três meses anteriores a pesquisa* (Quadro 6).

Outra informação da pesquisa corrobora o indicador de leitura de livro em parte: em resposta à questão sobre como leem, 64% informam que costumam largar um livro sem terminar, e 62%, que leem somente parte ou capítulos de um livro.

QUADRO 6



Fonte: Retratos da Leitura no Brasil

## Quem são os leitores – Perfil dos leitores

Não há muita novidade nesta edição da pesquisa em relação ao perfil dos leitores e se mantém a associação dos índices de leitura com escolaridade, renda e contexto socioeconômico no qual os indivíduos estão inseridos.

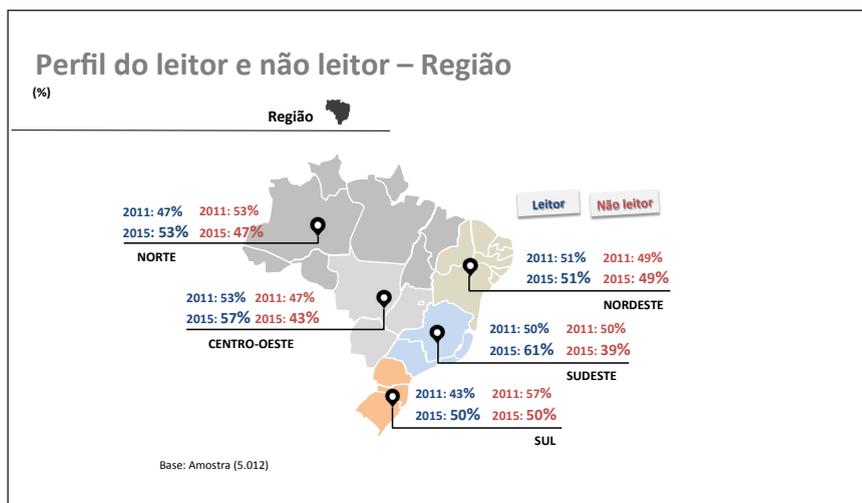
As mulheres continuam lendo mais do que os homens (59% das mulheres são leitoras), mas os homens vêm reduzindo essa diferença (52% deles são leitores; eram 44% em 2011). A grande maioria dos leitores mora em capitais e municípios com mais de 100 mil habitantes e estão na região Sudeste.

Encontramos mais leitores entre:

- estudantes – 84% dos estudantes são leitores;
- quem tem nível superior – 82% são leitores;
- aqueles que pertencem à classe A – 76% são leitores;
- faixa etária de 11 a 13 anos (84%) e de 14 a 17 anos (75%).

Em 2015, encontramos mais leitores na região Sudeste (61% são leitores).

A população do Sudeste, com 46% de leitores, apresentou a maior ampliação de leitores – de 50% (2011) para 61% (2015) –, o que pode, em parte, explicar o aumento nos indicadores do Brasil em 2015. Somente o Nordeste manteve um percentual de leitores próximo ao dos indicadores de 2011. As demais regiões ampliaram de forma significativa o número de leitores quando comparados a 2007, mas, além do Sudeste (61%), o Centro-Oeste (57%) ficou acima da média do Brasil (56%) em 2015.



Fonte: Retratos da Leitura no Brasil

## Influenciadores e a formação de leitores

Esta edição volta a confirmar que o gosto pela leitura é uma construção que vem da infância, bastante influenciada por mães e pais. A família tem um papel fundamental no despertar do interesse pela leitura, seja pelo exemplo, ao ler na frente dos filhos, ou ao promover a leitura para os filhos. Mas os dados aqui incluídos também confirmam que o potencial de influenciar o hábito de leitura dos filhos está correlacionado à escolaridade dos pais – filhos de pais analfabetos e sem escolaridade tendem a ser menos leitores que filhos de pais com alguma escolaridade.

A importância da mediação é confirmada quando se comparam respostas de leitores e não leitores: 83% dos *não* leitores não receberam a influência de ninguém, enquanto 55% dos leitores tiveram experiências com a leitura na infância pela mediação de outras pessoas – especialmente mãe e professor.

O exemplo ou a referência mostram sua importância na formação de leitores quando verificamos que 57% dos leitores vieram suas mães

lendo sempre ou às vezes, enquanto somente 36% dos *não* leitores viam suas mães lendo (em proporção menor, essa relação acontece também em relação ao pai).

## **Por que os brasileiros não leem?**

A falta de tempo é o principal motivo alegado por *não leitores* (32%), *leitores* (43%) e *não estudantes* (50%) – que gostariam de ter lido mais (3/4 dos leitores). Entre os *não leitores*, a falta de gosto pela leitura é mencionada por 28%.

Mas a principal barreira para a promoção da leitura e a formação leitora está identificada nas respostas de *não leitores*. Somente 33% deles respondem que não encontram nenhuma dificuldade para ler. A cada edição da pesquisa *umenta* o número dos que afirmam ter alguma dificuldade para ler. Quando comparamos com os resultados das edições anteriores, surge uma preocupação que coloca em suspenso a avaliação positiva sobre os indicadores de leitura: em 2007, 48% dos não leitores disseram não ter dificuldades, e, em 2011, 43%. Estamos piorando? Mais brasileiros dizem, em 2015, que não leem porque têm alguma dificuldade para ler. Entre eles, 17% indicam algum problema físico (o que muitas vezes é argumento para não confessar que não sabe ler). Apesar dessa dificuldade ter sido mais citada nesta edição, os demais (60%) indicam dificuldade de *compreensão* ou *habilidade leitora*.

## **O tempo livre dos brasileiros – O que concorre com a leitura**

Os brasileiros – leitores e não leitores – continuam preferindo ver TV, conforme informaram na edição anterior (73% em 2015 e 85%, em 2011), mas essa preferência está cedendo lugar para o uso da internet (47%) e para outras atividades no computador ou no telefone celular:

redes sociais (35%) e WhatsApp (43%), especialmente na faixa de 14 a 29 anos.

Essas atividades concorrem com a leitura do livro e de outros materiais, que receberam somente 24% das citações.

Outro resultado que reflete o uso da internet: *escrever* teve um incremento importante em citações, passando de 18% para 40%. Esse uso da escrita certamente está associado à comunicação (escrita) nas redes sociais.

Na comparação sobre o uso do tempo livre por leitores e não leitores, uma revelação importante: leitores têm um repertório mais diversificado de atividades culturais e sociais. Ocupam seu tempo livre de maneira mais frequente e variada que não leitores, inclusive praticando exercícios físicos ou encontrando amigos, o que evidencia, também, maior disposição para vivenciar e ocupar o próprio tempo com uma maior diversificação de atividades sociais e culturais. Essa mobilização e esse protagonismo revelam o poder da leitura.

Essa disposição e essa ampliação do repertório de atividades de diferentes naturezas entre si também estão associadas à escolaridade e ao perfil de renda.

A maior escolaridade do indivíduo indica uma *maior diversidade de materiais lidos* e a relação que ele estabelece com a leitura. Pessoas com maior nível de escolaridade tendem a ter maior habilidade leitora, o que lhes permite desenvolver outras relações com a leitura para além do seu uso instrumental.

## **Leitura em meio digital**

Assistimos nesses oito anos, com a tecnologia digital, a uma revolução nas formas de leitura, no acesso às informações e nos dispositivos para a comunicação, que impactam de forma revolucionária tanto as formas de leitura e escrita, como o suporte e as formas de

acesso aos livros e conteúdos. A popularização do uso de dispositivos móveis para acesso à internet e para a comunicação instantânea, sem dúvida, revolucionou as formas de interação e do uso do tempo, especialmente pelos jovens. A comunicação, que em tempos analógicos acontecia principalmente por meio de voz, passa, nos tempos digitais, a ser feita por meio da escrita e da leitura. Esse fenômeno leva especialistas a dizerem que nunca se leu e escreveu tanto. De fato! Não sabemos até quando, pois muitos, especialmente quem tem pouca escolaridade ou tem pressa, usam a mensagem de áudio, no WhatsApp, para se comunicar. De qualquer forma, vale avaliar de forma aprofundada se essa prática contínua, mesmo que de leituras e escritas fragmentadas e para a comunicação ligeira, poderia criar o hábito e, quiçá, o interesse por narrativas mais complexas. De qualquer forma, apesar do livro ser pouco citado (15%), a leitura de notícias e informações é a mais frequente em meio digital (52%), e a pesquisa para ter mais conhecimento sobre temas de interesse (32%) vem em terceiro lugar, após as pesquisas escolares (35%). Esses números são muito positivos.

A busca de conhecimento pelo usuário da internet mostra que não são somente as redes sociais que interessam e ocupam o tempo dos brasileiros. A menção a acesso a blogs, fóruns ou redes sociais sobre livros e literatura também revela um importante interesse que merece ser mais bem estudado e considerado tanto por mediadores de leitura como pela cadeia produtiva do livro. Apesar de o percentual de citações ainda ser pequeno (2%), a participação na construção de histórias coletivas (como Fanfic) revela uma importante novidade. Talvez essas duas revelações – uso de blogs, redes sociais e outras formas de compartilhamento de informações sobre livros e autores e a construção de histórias ou narrativas coletivas – sejam as novidades mais instigantes desta edição para uma outra investigação.

## O acesso ao livro

Em relação às formas de acesso ao livro, cerca de metade dos entrevistados indicou o empréstimo – de parentes ou conhecidos, bibliotecas ou outros locais – como principal meio de acesso. Mas o que merece ser destacado é que 30% dos entrevistados afirmaram nunca ter comprado um livro; e, nos últimos três meses (período de referência da pesquisa), somente 26% dos entrevistados informaram ter comprado algum livro. Esses números demonstram que o mercado do livro é movimentado por cerca de um quarto dos brasileiros.

A promoção da leitura e a ampliação no número de leitores e livros lidos, certamente, poderão criar um impacto importante na produção editorial de livros. Atualmente, o mesmo consumidor de livros é disputado pelas editoras com lançamentos. O potencial de crescimento da cadeia produtiva está intimamente dependente da ampliação do número de leitores. Em geral atribui-se à melhoria das condições socioeconômicas e educacionais da população o potencial de crescimento desse mercado, mas defendo que, dada a redução no preço do livro nos últimos anos, conforme informam as pesquisas do setor (Fipe) e em comparação com o preço de outros itens de consumo como o custo da internet, o principal fator não é o preço, mas a falta de interesse pela leitura. Esse motivo é confirmado pela pesquisa: somente 2% dos *não leitores* citam o preço do livro como razão para não ler (oitavo motivo citado). Entre os leitores, 5% dizem que a razão para não ler mais é a falta de dinheiro para comprar.

Quanto maiores a escolaridade e a classe, maior a chance de comprar livros. No entanto, chama atenção que cerca de metade dos estudantes não é compradora de livros.

## As bibliotecas – Seu uso e suas representações

Apesar de 55% dos entrevistados informarem que sabem da existência de uma biblioteca em sua cidade ou seu bairro (esse número era maior em 2011 (67%), 66% não frequentam bibliotecas ou frequentam raramente (14%). Somente 5% da população frequentam sempre, e 15%, às vezes. A biblioteca mais frequentada por quem frequenta sempre ou às vezes (55% de 20% dos entrevistados) é a escolar, seguida da pública (51%).

Em geral, o brasileiro vê a biblioteca como um espaço de estudo e pesquisa (71% dizem que é um lugar de estudo; 26%, um lugar voltado para estudantes; 20% vão para pegar livros emprestados para trabalhos escolares). Ela está fortemente associada a um local para estudantes, apesar de 29% também acharem que ela é um local para se pegar livro emprestado. Essa representação pode explicar por que o usuário da biblioteca é principalmente o estudante (90% dos *não estudantes* não frequentam ou frequentam raramente). Desde a segunda edição, a Retratos vem confirmando essa representação e o uso das bibliotecas. Sem dúvida essa percepção aponta para uma necessidade urgente de se rever modelos de bibliotecas ou de atendimento aos usuários nas bibliotecas, que, muitas vezes, são a única fonte de cultura existente em municípios brasileiros.

Mesmo sendo tão pouco frequentada pela população em geral, a biblioteca é bem avaliada por aqueles que a utilizam; para eles, ela é uma das principais formas de acesso ao livro. O item com menor índice de aprovação foi “encontrar todos os livros que procura”. Cerca de um terço dos frequentadores citou como motivo “ler livros por prazer”. Essa avaliação entre usuários revela que o atendimento está sendo adequado e aponta para a necessidade de focar ações voltadas ao *não usuário*. É importante atrair esse não usuário e mudar essa representação para que perceba a biblioteca como um equipamento para toda a comunidade e não somente para os estudantes.

## **A importância das políticas públicas e dos programas de governo**

Não podemos deixar de reconhecer que o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) tiveram um papel quase revolucionário ao promover a democratização do acesso ao livro e a leitura em nossas escolas e entre os estudantes. Não é por acaso que temos mais leitores entre aqueles que estão cursando o fundamental II. Também não podemos deixar de destacar a importância do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), que, mesmo sem ter se tornado lei, mobilizou diferentes agentes do mundo do livro e da leitura, do governo e da sociedade, para a construção de políticas públicas.

Não é pouco! Isso nos permite achar que esse investimento valeu a pena. Mas os desafios ainda são muitos para se conseguir formar leitores que continuem lendo – para ter acesso a conhecimento ou por prazer – depois que saírem da escola.

### **Afinal, como ler a Retratos?**

Podemos olhar para o lado vazio ou cheio do copo, de forma contemplativa ou indignada, mas não sei se uma ou outra dessas leituras revelaria caminhos para uma transformação efetiva.

Opto pela reflexão que nos leva a ler as entrelinhas e a buscar outras dimensões desses “retratos”, para avaliar se estamos no caminho certo para transformar o Brasil em um país de leitores autônomos e que leem porque descobriram que ler desvenda emoções e traduz, para o leitor, o que a humanidade pensa.

Certamente, as análises a seguir nos ajudam nessa leitura, ora conhecendo uma trajetória de paixão pela leitura, ora reconhecendo onde avançamos e onde ainda necessitamos investir ou descobrir

novos caminhos. Mas, como uma leitora privilegiada, porque li em primeira mão os textos que seguem, antecipo: *vai ser muito revelador sobre o que já avançamos.*

No momento em que vivemos, o otimismo deve ser, sim, como diz José Castilho, o sentimento que nos move para continuar buscando a superação em direção à construção de um país leitor.

*O conhecimento liberta e possibilita a construção  
de uma sociedade melhor;  
a leitura “liberta” o conhecimento.*

Zoara Failla

\* Socióloga pela Unesp, com mestrado em psicologia social na PUC-SP e pós-graduação pela FGV-SP. Atualmente responde pela área de projetos do Instituto Pró-Livro e coordenou a 3ª e a 4ª edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. Foi organizadora do livro *Retratos da Leitura no Brasil 3* e escreveu vários artigos sobre o tema. Atuou como consultora do PNUD e do projeto de formação em países africanos de língua portuguesa (5 PALOPS), e como coordenadora do Programa de Melhorias do Ensino Médio/SEE-SP.

## Deslumbre e entendimento

Cristovam Buarque\*

**N**o seu discurso ao receber o Nobel de Literatura no dia 7 de outubro de 2010, em Estocolmo, o escritor Mario Vargas Llosa disse que o momento mais importante de sua vida foi quando aprendeu a ler. A partir daí pôde mergulhar nas coisas do mundo, no íntimo do pensamento das pessoas, pôde viajar até o fundo do mar, ao alto das montanhas e ir até à Lua e ao espaço sideral. O mesmo Vargas Llosa diz que seu grande e mais longo amor foi Madame Bovary, uma personagem trágica criada por Gustave Flaubert. Com esta afirmação ele nos provoca para lembrar personagens marcantes dos quais tomamos conhecimento por meio das leituras.

A leitura é o mais importante instrumento de liberdade. Um preso com acesso a livros pode ser menos preso do que um homem livre sem acesso à leitura.

Somos o que lemos. Edgar Morin tem um pequeno livro com o título *Meus filósofos*, no qual comenta os autores que fizeram sua cabeça. Seríamos outra pessoa se ao longo da vida não tivéssemos a oportunidade de ler livros que fizeram nossa maneira de ver e entender o mundo. O Brasil que levo na minha mente, este objeto ao qual tenho dedicado boa parte da minha vida, seria outro se eu não tivesse lido Celso Furtado; o Universo seria diferente para mim se eu não tivesse lido a vida de Galileu, Einstein e as teorias que eles formularam.

Eu seria outra pessoa se não tivesse lido a literatura fantástica e os livros de ficção científica; ensaios com roteiros de viagens; ou se não tivesse tido a chance de ler e sentir o que escrevem os poetas. Minha cidade – Recife – é outra depois que lemos poemas de Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto sobre ela.

Ao ler *Dom Quixote*, nós mudamos, passamos a respeitar os heróis-loucos e os ingênuos-sábios; perdemos o medo de defender ideias e propostas exóticas que incomodam. Ficamos mais corajosos ao ler *Moby Dick*.

A consciência das injustiças pode surgir da observação da pobreza ou da maldade ao redor de onde crescemos; mas ela só se consolida ao lermos ensaios e ficções. O ser nordestino ajuda a perceber e adquirir a consciência contra a fome e a desigualdade, mas é ao ler Jorge Amado, Graciliano Ramos ou Josué de Castro que nossa consciência se consolida.

A indignação com a realidade perversa pode chegar pela pele, pelo odor, pelos olhos, mas não se afirma plenamente sem a leitura de obras que denunciem a perversidade. Conheci um menino que se chocou ao descobrir que o jardineiro de sua casa não sabia ler; mas a indignação com a sociedade que fabrica o analfabetismo só viria anos depois, quando leu um livro sobre como é um dia na vida de um adulto analfabeto.

Mas a leitura não é apenas para ensinar, é também pelo prazer que se obtém ao ler bons livros, sobre temas que despertam nosso deslumbramento. Quem não lê pode deslumbrar-se com as amizades, as festas, a convivência familiar, mas se deslumbraria muito mais se pudesse ler: literatura, história, biografias, poesia. Por isto, para mim, o céu é uma imensa biblioteca onde estão todos os livros já escritos no passado e aqueles que ainda serão escritos no futuro: caminhando entre estantes, anjos-bibliotecários.

\* Formado em engenharia mecânica pela Escola de Engenharia do Recife, concluiu o doutorado em economia na tradicional Sorbonne, em Paris, e defendeu tese sobre a Sudene. Trabalhou seis anos no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), onde chefiou equipes de elaboração de projetos financiados pela instituição em toda a América Latina. Em 1979, voltou ao Brasil para dar aulas no Departamento de Economia da UnB. Ocupou a reitoria dessa universidade de 1985 a 1989, onde estabeleceu as linhas gerais de seu pensamento sobre o desenvolvimento econômico e inclusão social, presentes nos 20 livros que escreveu.

Na UnB, em 1986, projetou as linhas gerais do programa Bolsa-Escola. Foi governador do Distrito Federal (1995-1998), onde implantou o Bolsa-Escola e dezenas de outros programas sociais.

Fora do governo, em 1999, criou a organização não governamental Missão Criança, que manteve vivo o Bolsa-Escola.

Em 2003, foi nomeado ministro da Educação do governo Lula. No Senado Federal, é chamado por seu pares de SENADOR DA EDUCAÇÃO e já presidiu a Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, a Comissão Mista de Controle das Atividades de Inteligência, a Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa e a Comissão de Educação, Cultura e Esportes.

## A história de uma paixão – De leitor a autor

Walcyr Carrasco\*

**M**eu amor pelos livros teve início quando eu era menino. De repente, como acontece com o viajante que, ao dobrar uma curva, se depara com uma paisagem magnífica e surpreendente. Eu tinha cerca de 11 anos de idade. Meus pais, João e Angela, não tinham o hábito da leitura. Ele ferroviário, ela pequena comerciante e dona de casa. Família modesta. Morávamos em Marília, interior de São Paulo, no início da década de 1960. Hoje, a cidade cresceu e tornou-se um centro estudantil. Na época, nem havia transmissão de televisão. Meu universo era limitado, como o da maior parte dos garotos de lá. À noite, as crianças brincavam na rua, enquanto os casais, sentados às portas das casas, conversavam. Eu morava em uma esquina, minha amiga Heloísa na outra. Era comum a venda de livros de porta em porta. Considerava-se elegante ter uma coleção de livros bem encadernados em couro nas estantes das salas. Mas só entre os mais ricos. E minha família estava distante de ser rica. Nem tínhamos estante, e um dos pés do sofá da sala era apoiado em tijolos. O pai de Heloísa era professor, filho de médico. A família dela não tinha dinheiro, mas uma proximidade maior com a leitura. Seu Renato dava aulas para crianças do primeiro grau em uma fazenda. No quarto dos garotos, irmãos de Heloísa, havia uma estante com coleções encadernadas. Entre elas, a de Monteiro Lobato. Um dia, Heloísa me emprestou *Reinações*

*de Narizinho*. Nem lembro como surgiram o assunto e a vontade de levar o livro. Aconteceu talvez porque falávamos de histórias de fadas e ela deve ter feito algum comentário sobre o livro, que me despertou a curiosidade. Comecei a lê-lo. Depois de algumas páginas, estava mergulhado no mundo fascinante de Lobato. Em pouco tempo, devorei a coleção inteira. Posso afirmar que Monteiro Lobato foi tão importante na minha formação como a educação que meus pais me ofereceram. E também a que recebi na escola. Um livro pelo qual alguém se apaixona é assim: transmite valores e uma forma de pensar. Lobato fez com que eu fosse transportado de um universo limitado para um mundo mágico construído por palavras, repleto de ideias libertadoras. Ele me fez pensar. Até então, muito do que eu ouvia e acreditava vinha de alguém mais velho. Eu pensava por meio de frases feitas, conceitos transmitidos como expressões da verdade. À medida que me apaixonei por Lobato fui influenciado absolutamente pela boneca Emília. Passei a questionar o que me diziam, as verdades absolutas que, descobri, não eram tão verdades assim. Emília é uma das grandes personagens femininas da Literatura Brasileira, na minha opinião. E um dos meus livros prediletos até hoje é *A reforma da natureza*, no qual a boneca resolve mudar o mundo. Arranca pernas até das pobres centopeias, que não têm motivo para possuírem cem pés. A minha personalidade ganhou novos contornos. Por que as coisas tinham que ser assim ou assado? Era o que eu me perguntava, como fazia Emília.

Minha mãe se surpreendeu. Sentiu uma transformação nítida em meu modo de ser. Ela só tinha ido à escola durante três anos. Filha de imigrantes espanhóis, parou de ir à escola, menina, no antigo primário, para colher algodão. Talvez por ser pequena comerciante, era boa de números, contas, catálogos. Buscou a explicação para minha mudança onde lhe pareceu mais óbvio: os livros que eu devorava, um atrás do outro. Mamãe até então não tinha o hábito da leitura. Mas leu Lobato, interessada em descobrir de onde tinha vindo minha mudança de tímido e silencioso para “perguntadeiro” e cheio de opiniões.

E, um dia, lamentou-se em voz alta: “Você era um menino tão quietinho! Depois que conheceu a Emília, ficou igual a ela, respondão!”

Tarde demais. O questionamento já estava impregnado na minha personalidade. Devorei a estante do pai de minha amiga. Incluindo as obras do Lobato adulto. Passei a afirmar: Quando crescer quero ser escritor, como Monteiro Lobato.

A família se preocupava. Eu sobreviveria como escritor?

A vontade de ler tornou-se parte da minha vida. Ouvi falar que a cidade tinha uma biblioteca. Descobri onde era. Pequena, escura e silenciosa. Entrei.

– Eu queria um livro – expliquei.

– Que livro? – perguntou o bibliotecário.

Eu não sabia responder. Só consegui exclamar:

– Livros!!!

Ele sorriu. Pediu que eu esperasse. Voltou com três livros pequenos, para minha idade. Sentei-me e li, li. A tarde toda. Só fui descoberto horas depois por meu irmão. Minha família toda me procurava. Eu havia desaparecido por horas. Mamãe preocupada. Levei bronca por sumir sem avisar. Mas agora eu sabia onde era a biblioteca!

As condições financeiras de minha família eram muito modestas. Mas presente de Natal ou aniversário, para mim, agora eram livros. Tenho até hoje os volumes dos *Contos de Andersen*, com belíssimas ilustrações, que ganhei nessa época. Os contos nunca saíram da minha cabeça, e, mais tarde, fiz questão de escrever minha própria versão. Tornei-me um francoatirador literário. Simplesmente devorava o que aparecia. Fundamentado por minha própria vivência, hoje, acho muito discutível dizer que um livro não é adequado para determinada idade. Não creio que os livros estejam divididos entre bons e ruins, mas entre aqueles que fascinam ou não um leitor em dado momento de sua vida. O hábito da leitura implica um processo de sedução. Os primeiros livros têm, por assim dizer, que “fisgar” o leitor, para que mais tarde ele se disponha a usufruir dos mais complexos. Quando alguém

cria uma relação intensa e profunda com os livros, ler se torna parte de sua vida. Li *Gabriela*, de Jorge Amado, aos 13 anos. E, depois, toda a sua obra. Claro que, para um adolescente, Gabriela naquele momento era... hum... Vou usar a palavra “instigante”, para evitar alguma mais erótica. Eu estava descobrindo minha sexualidade, e Jorge Amado enchia minha cabeça de fantasias. E, não nego, meu corpo. Mas foi um livro de formação. Eu vivia em um ambiente restrito, com conceitos morais rígidos. Em Gabriela, são contrapostos dois modos de ver a vida. O do coronel que mata a mulher, ao ser traído, e o do turco Nacib, que perdoa a traição de Gabriela. O livro foi tão forte para mim que, há poucos anos, eu o adaptei para a televisão. Simplesmente era uma obra que eu queria fazer e, quando soube do projeto, abri mão de minhas férias para escrever o roteiro da nova versão desse livro.

Ainda em Marília, passei a pedir emprestados livros de amigas da mamãe, possuidoras de coleções encadernadas. Houve um episódio quase trágico e outro deliciosamente malicioso. Começarei pelo malicioso. Uma delas tinha a coleção completa de *As mil e uma noites*. Até então eu só conhecia adaptações, muito infantilizadas. Não sei dizer a que tradução eu me refiro agora. Mas era boa, mantinha a história original na íntegra. (Embora provavelmente a partir do francês e não do árabe, como a publicada atualmente.) Era erótica. Comecei a ler no quarto, de portas fechadas! Mas minha mãe, oh! Também havia criado um interesse pelos livros, e acompanhava os que eu gostava. Suspeitou da porta trancada. Quis ler também. Assustou-se: “Você não tem idade para ler essas coisas.”

Tomou-me. Reclamou com a vizinha, que me emprestara. E, traidora, leu toda a coleção. Em breve, havia um movimento de senhoras do bairro lá em casa, pedindo emprestados e devolvendo os volumes. Faziam seus comentários em voz baixa. Scherazade povoou a imaginação daquelas mulheres! Passavam a tarde com os livros na mão, conversando. Eu era expulso, se tentava ouvir. Afinal, era assunto só entre mulheres! Até hoje eu me pergunto quantas daquelas senhoras

passaram a ser leitoras, fascinadas por aqueles primeiros livros. Outros devem ter entrado em suas vidas, já sob um novo olhar. Pois agora descobriam o prazer da leitura. E que o livro não se tratava apenas de um enfeite na estante. Nem uma obrigação árdua. Mas de uma possibilidade de conhecer outras vidas, deixar a cidadezinha do interior para atravessar os desertos árabes. Para mim, como já disse, a criação de um sentimento prazeroso propicia o hábito da leitura. Muitas vezes, na sala de aula, o livro surge como uma imposição, como um inimigo a ser enfrentado, eliminado o mais rápido possível da vida do estudante. Para essas mulheres, que transformaram *As mil e uma noites* em objeto de fofocas, não importou a curiosidade erótica que as tinha levado a ler. Estou certo de que os livros ganharam uma grandeza soberana nas vidas de muitas delas.

Houve também uma história quase trágica. Mostra o impacto emocional que um grande livro pode causar. Uma vizinha emprestou-me uma tradução de *O morro dos ventos uivantes*, de Emily Brontë. Tão linda que, confesso, nunca devolvi. É ilustrada por xilogravuras e guardo até hoje com carinho. E também com um sentimento de justiça, pois a proprietária deixava o livro embaixo do sofá. Salvei o volume! Confesso: quando um livro é apaixonante, meu desejo é tê-lo como algo precioso. A simples visão do título me desperta lembranças da história, dos momentos de cumplicidade para com o escritor. Logo após eu ter lido *O morro dos ventos uivantes*, foi a vez de mamãe. Agora lia tudo o que eu lia! Na época, estava grávida de meu irmão mais novo. Um filho temporão, com 12 anos de diferença em relação a mim. Impressionou-se com a cena em que Heathcliff, o herói-vilão que retorna anos depois ao local onde foi criado e descobre que seu grande amor, Catherine, morreu. Exuma seu cadáver para tê-la nos braços mais uma vez. Acredito que mamãe não tivesse noção da existência de paixões tão intensas e trágicas. Ficou de cama, emocionalmente envolvida com a história. Temeu perder o bebê, os sentimentos em ebulição. Um livro pode causar impactos emocionais profundos,

não é? Ler é compartilhar sentimentos, experiências, a imaginação, e os lados luminosos, mas também obscuros, do autor. Entregar-se a um livro é estar presente em outras vidas. Mamãe teve a tal crise de nervos, comentada ainda muitos anos depois. Presa nas emoções dos personagens de uma charneca inglesa, em um mundo muito distante do seu. Mas que, em seu coração, ela compartilhou.

Eu estudava em uma escola pública. Também lá, abriu-se outra frente de leitura. Minha professora de português, dona Nilce, passou a andar pelos corredores com um carrinho cheio de livros. Entrava na classe, chamava os alunos em ordem alfabética. Cada um escolhia qual livro preferisse. Não havia trabalho obrigatório. Nem mesmo perguntas a respeito de cada texto. Só a liberdade de escolher. O que fez, foi por intuição. A simples exposição dos livros, o direito de escolha, sem a obrigação de um trabalho para ganhar pontos, formou novos leitores. Muito mais tarde, já adulto, encontrei um grande amigo da época de escola. Engenheiro. Comentou: “Sabe, aquela época em que a gente lia bastante ajudou muito na minha carreira. Sempre tive facilidade para escrever relatórios, documentos, planos de trabalho.”

Imagino o esforço que minha professora fazia para transportar tantos volumes pelos corredores, escadas acima e abaixo. Mas o fez com sabedoria, ao instituir o direito de escolha entre os alunos. Eu acredito, sim, nesse direito. É melhor alguém optar por um livro aparentemente “ruim”, mas que lhe provoque interesse, do que ser forçado a atravessar arduamente as páginas de um título imposto de cima para baixo. Sempre repito, quando dou palestras para educadores: livro não é remédio, que deve ser engolido à força.

Discordo da concepção de que um leitor só se forma a partir de livros “bons”. A experiência da leitura é sólida quando proporciona um contato emocional intenso. Recentemente estive no prêmio Vivaleitura, do MEC e do MinC. Participei de um debate com os finalistas, educadoras de todo o país, responsáveis por projetos importantes de

incentivo à leitura. Uma delas contou: “Comecei a gostar de ler por causa das fotonovelas.”

Para quem não sabe, fotonovelas eram revistas com histórias de amor. Apresentadas em fotografias, como histórias em quadrinhos, cena a cena. Os atores-modelos fotográficos faziam expressões dramáticas. Nuvenzinhas com as falas. No final, o beijo entre herói e heroína! As revistas especializadas, como a *Sétimo Céu*, mostravam amores intensos, vilãs, paixões impossíveis. Estavam muito distantes do que se considera boa literatura. Nem tinham essa pretensão. Eram só honestas e simples histórias de amor, com um público fiel e romântico. Senti prazer ao ouvir a educadora contar que se apaixonou pela leitura a partir das fotonovelas. O hábito de ler nasceu aí, e ela não parou mais. Reforçou minha certeza de que a formação de leitores está relacionada com uma experiência a ser desfrutada. À medida que o leitor se sofisticava, exigia livros mais elaborados, que o façam pensar, refletir sobre a vida e a condição do ser humano. Mas não foi o mesmo que Lobato fez comigo quando eu era pré-adolescente, quando li meus primeiros livros? Não foi a partir da Emília que passei a olhar a vida de forma diferente?

Minha mãe era presbiteriana, e meu pai, de família católica, não frequentava a igreja. Mas até a Bíblia eu aprendi a desvendar como um romance. É interessante como o Velho Testamento, documento literário milenar, traz histórias com estruturas narrativas e psicológicas que até hoje usamos. Uma delas é a de José e a mulher de Potifar. Resumindo: apaixonada pelo belo rapaz, escravo de seu marido, ela tenta seduzi-lo. José, por fidelidade ao amo, resiste. Ela então rasga as próprias roupas. Quando o marido chega em casa, ela acusa José de tentar violentá-la. José volta a ser vendido como escravo. Humm... convenhamos. Quantas vezes essa cena não foi repetida, e continua sendo, em filmes e novelas? A vilã finge que o herói tentou agarrá-la à força. Este é castigado injustamente. Mais tarde levará a melhor. Estruturas narrativas como essa são impactantes. Também estruturam nossa maneira de pensar e, em consequência, agir. Não só de forma

individual, mas em toda a civilização judaico-cristã. Há belas histórias, mesmo em um livro fundamentalmente religioso, como a Bíblia.

Foi positivo, hoje reconheço, não ter tido pais repletos de teorias sobre o que se deve ou não ler. A não ser no malicioso episódio das *Mil e uma noites*, que fez muitas donas de casa de Marília sonharem com sultões, eu tinha liberdade. Como na maior parte das vezes mamãe lia os livros depois de mim, ela só comentava que “era muito forte!” para minha idade. Tarde demais! Eu descobria títulos e autores em conversas. Falar de livros fazia parte de meu cotidiano, e, simplesmente, quem gostava de ler dividia seus interesses comigo. Às vezes eu descobria um autor somente pela curiosidade que surgia em alguma informação aleatória. Desfrutei Graciliano Ramos, José de Alencar e Machado de Assis antes dos 15 anos. E Guy de Maupassant, Flaubert, Jane Austen. Ao lado de Júlio Verne, Kipling e a Condessa de Ségur, inesquecível autora francesa de livros infantis, hoje menos lida por aqui. Descobri Kafka por causa de uma professora substituta, impactada por *Metamorfose*. Conversou comigo no corredor, por saber que eu gostava de ler, impressionada pela transformação do personagem em inseto. Corri até a biblioteca pública para buscar Kafka!

O prazer que esses livros me proporcionaram prolongou-se por toda a vida. A alguns, eu sempre quis voltar. Tanto que, em determinado momento, quando já tinha muitos livros publicados e era um nome conhecido da televisão, concluí: Preciso escrever melhor.

E me dediquei à tradução e à adaptação de alguns títulos que marcaram minha adolescência: a obra de Júlio Verne; *Dom Quixote*, de Cervantes; *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas Filho; e *Os miseráveis*, de Victor Hugo. Aprendi a me tornar um leitor diferente. Mergulhei na obra, descobri a arquitetura única de cada autor. É uma maneira intensa de travar contato com um livro. Mas, posso garantir, inesquecível.

Suspeito muito de livros que contêm uma mensagem explícita. Quase como uma fábula de Esopo, com a moral no fim. Ou algum

título religioso, igualmente preocupado em dar um conselho, um ensinamento. São livros objetivos como bulas de remédios. A trama é apresentada como um teorema matemático. Criada para se chegar àquela conclusão. Lembro que li, muito cedo, *E o vento levou* (mamãe também, óbvio). Analisada friamente, a trama é racista. É contra o fim da escravidão nos Estados Unidos. Mostra a formação da Ku Klux Klan, a partir de uma tentativa de ataque sexual executado por um negro contra a protagonista, Scarlett O'Hara. De que lado o leitor fica? Mas Scarlett é, sim, uma grande personagem. Não foi por devorar *E o vento levou*, ainda adolescente, que me tornei conservador. Eu admiro até hoje Scarlett, com sua coragem de lutar contra as convenções, pelo direito de ter sua própria vida. Também, em certa época, apaixonei-me por *Pimpinela escarlate*. Nunca mais encontrei os livros sobre esse herói que defendia os aristocratas contra os malvados que fizeram a Revolução Francesa! Neles, os aristocratas eram mostrados como anjos. Os revolucionários, como demônios. Não é possível que haja personagem mais reacionário. Eu adorava! Mas nunca fui contra a Revolução Francesa, imaginem. Ao contrário: tenho o pendor de gostar de revoluções e revolucionários. Influência da Emília, certamente! Bobagem dizer que um livro torna alguém, mesmo em formação, isso ou aquilo. Ao longo da vida, lemos vários livros que nos ajudam a compor um painel próprio, a pensar o mundo sob uma ótica individual. Um livro não deve ser escolhido em função de alguma mensagem a ser enfiada com uma cunha na cabeça dos pobres leitores. Qualquer tema pode ser debatido. Outros livros se seguirão, compondo esse painel multifacetado.

Quando menino, meu maior sonho, depois de tantos livros, era possuir uma estante. Só pudemos comprá-la três anos depois de minha iniciação à leitura, em uma loja de móveis usados. Lembro com carinho do pequeno móvel, com apenas três prateleiras, em meu quarto. Meus livros, pela primeira vez ordenados em filas. Foi uma conquista. (Hoje, observando a absoluta bagunça dos milhares de volumes que possuo, creio que esse sonho, em especial, deveria ter sido mais acalentado.)

Ainda me lembro de mim mesmo, sentado no chão, com as pequenas pilhas de livros. Organizava por autores. Punha nas prateleiras. Alguns, como os de Lobato, cuja coleção fiz mais tarde, em brochura, eu encapava em papel pardo, para protegê-los. Tenho até hoje os volumes, comprados à época. Um por mês, era só o que eu podia gastar. Já adulto, poucos anos atrás, encontrei a coleção original, encadernada em verde, em um sebo. Igual à de minha amiga! Comprei. Eu queria retomar o contato presente na memória, tocar naqueles volumes iguais aos de minha infância, sentir como tinha me sentido então.

Se falo demais de mim, é por acreditar que sou a prova viva de que livros transformam a vida de uma pessoa. Hoje sou um escritor premiado na literatura, no teatro e na televisão. Bastante conhecido, embora não goste de usar a palavra famoso. Mas dou autógrafos na rua, em aeroportos, o que é raro para um autor nacional. Quem seria eu se aquele primeiro livro de Lobato não tivesse chegado às minhas mãos? Sempre me pergunto: eu seria eu, como me conheço agora? O desejo de ler começa pela exposição aos títulos, por ver, tocar, folhear, cheirar. Um deles despertará a curiosidade, sem dúvida. Um será escolhido. Quem sabe marcará o primeiro passo de uma grande transformação, como a minha. Hoje em dia, há novos suportes tecnológicos para os textos. Particularmente, ainda prefiro os livros impressos. Quando entro em uma livraria, sinto que estou em meu lar. Também passo horas em sebos, percorrendo as estantes. Muitas vezes redescubro autores da minha infância, pouco publicados atualmente. Todos, eu reli. Alguns reli muitas vezes, como Machado de Assis. E já busquei todos os indícios possíveis para descobrir se Capitu, afinal, traiu ou não. Como um autor pode ser tão genial? Há indicações precisas nas duas direções. Fica a questão: como vemos o outro, afinal? Nossas percepções são reais ou frutos da imaginação? Bentinho sabia da traição de Capitu ou cometeu o maior erro de sua vida? Livros como esse tornam-se objetos amados que, muitas vezes, gosto apenas de contemplar. Ver a capa. Pegar na mão. Admirar uma nova edição,

tão linda! Gosto de escrever em meu escritório, cercado por estantes e – eu não disse? – livros empilhados no chão.

Já tenho mais de 60 anos. Desde aquele primeiro volume de Lobato, os livros tornaram-se parte integrante da minha vida. Estão na minha memória afetiva. O que pode ser mais importante? É nela que buscamos nossas referências durante o percurso da vida. Insisto. Para se formar um leitor, é preciso que o livro se torne presente na sua memória afetiva. Como aconteceu comigo. Todas as outras coisas acontecerão em um processo de formação e evolução, sem sobressaltos. A não ser as causadas pelas intensas experiências emocionais e pelos questionamentos que nos proporciona a literatura. Forma-se uma conexão. Provo. Ainda hoje, cada vez que abro um livro novo e sinto aquele cheirinho de papel, vem um sentimento cálido, com ecos da minha infância e adolescência. Não é apenas um livro. Mas uma parte boa da minha vida, ali presente. O livro para mim não é apenas um objeto. É um ser vivo. Um amigo pronto para me conduzir por meio de suas páginas para uma nova experiência existencial, que terei prazer em compartilhar.

\* Formou-se em jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Por muitos anos, trabalhou como jornalista nos principais órgãos de imprensa do país, ao mesmo tempo que iniciava a carreira de escritor com histórias para a revista infantil *Recreio*. Aos 28 anos, publicou seu primeiro livro – *Quando meu irmãozinho nasceu*. Viriam depois muitos outros que lhe valeram diversas menções de Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e outras obras para o público adulto.

Como autor de teatro fez diversos trabalhos, e ganhou com *Êxtase* o Prêmio Shell de Melhor Autor no Rio de Janeiro. Na televisão, como autor de novelas, começou no SBT e na Rede Globo realiza trabalhos até hoje.

No momento, Walcyr Carrasco escreve crônicas semanais na revista *Época* e recentemente lançou seu primeiro romance *Juntos para sempre*. Na TV Globo, atualmente (2016) é autor da novela *Êta Mundo Bom*.

Tamanha produção lhe rendeu a cadeira número 14 na Academia Paulista de Letras.

## Retratos da Leitura no Brasil e as políticas públicas

Fazer crescer a leitura na contracorrente – revelações, desafios e alguns resultados

José Castilho Marques Neto\*

*“Quando o espírito crítico se revolta contra si mesmo, tende a se devorar numa espécie de autocanibalismo.”*

Paolo Rossi, *Esperanças*, 2008

### Preâmbulo

Os resultados da 4ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil de 2016 têm como pano de fundo o aniversário de dez anos de criação do Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL, criado pela Portaria Interministerial nº 1537 dos ministérios da Cultura e da Educação, em 31 de agosto de 2006. Efetivamente, o texto consensual, aprovado pelo governo e pela ampla maioria dos militantes pela leitura no Brasil, foi debatido e homologado em histórica reunião ampliada da então Câmara Setorial do Livro e Leitura (CSLL), em 19 de dezembro de 2006.<sup>1</sup>

Este texto, verdadeiro pacto social entre os poucos existentes no país em seus 500 anos, se manteve integralmente até sua revisão parcial em 2010, quando foi atualizado, mas não modificado em seus

---

1. Cf. PNLL – Plano Nacional do Livro e Leitura – Textos e História (2006-2010), p. 103, Org.: Marques Neto, J.C. et al. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2010. [disponível para baixar virtualmente: [www.cultura.gov.br/pnll](http://www.cultura.gov.br/pnll)].

conceitos, objetivos e metas. Assegurou até hoje uma linha de intervenção homogênea das políticas públicas federais de livro, leitura, literatura e bibliotecas, com reflexo nos estados e municípios. Embora tenha deixado de ser referência efetiva no governo federal entre os anos de 2011 e meados de 2013, conforme texto que publiquei em 2015,<sup>2</sup> não resta dúvida de que o PNLL se tornou a grande referência para a concepção de programas e projetos da área nos últimos dez anos. E não apenas na esfera federal. Em caminhada iniciada em 2008, o Plano espraiou-se por muitos estados e municípios brasileiros ganhando cada vez mais musculatura, avanços e realizações, tanto nos programas e ações implantados nas unidades da federação, quanto na construção dos Planos Estaduais e Planos Municipais do Livro e Leitura.

Como já afirmamos inúmeras vezes, mas é sempre importante reafirmar, pois vivemos em um país onde se cultiva o não reconhecimento de trabalhos realizados anteriormente e a rasa memória histórica, o PNLL é legítimo herdeiro dos movimentos pela formação de leitores plenos iniciados desde os idos da renovação da educação e da cultura nos movimentos pioneiros dos anos 1930. O texto do Plano e sua estrutura de construção e revisões colegiadas entre Estado e Sociedade Civil e entre Cultura e Educação colhe o legado de diversas iniciativas e programas exitosos, desde os mais longínquos no tempo quanto os mais recentes, como o PROLER e os movimentos independentes literários que surgem nas periferias de todo o Brasil. Na dimensão do seu texto, em todas as suas diretrizes indutoras da política pública de leitura e escrita encontramos a marca da inclusão, da recepção e da diversidade, que é talvez a característica mais profunda desta nação, característica esta que também determinou as políticas sociais e, em particular, a política de cultura e de educação do país nos últimos anos.

---

2. Cf. Marques Neto, J.C. – *Políticas Públicas de Leitura – o PNLL*. In: “Políticas culturais no governo Dilma”, p. 127, Org. Rubim, A.A.C, Barbalho A., Calabre, L. Salvador: Editora EDU-FBA, Coleção Cult, 2015.

Esses dez anos de PNLL também precisam ser compreendidos como um resultado de atitudes diferenciadas não apenas do Brasil, mas do conjunto de chefes de Estados e de organizações culturais e educacionais de cooperação internacional no mundo ibero-americano. Os Planos Nacionais de Leitura foram impulsionados desde 2005, ano conhecido como o Ano Ibero-americano da Leitura, e a partir de uma resolução dos presidentes das nações da América Latina, da América Central, de Portugal e da Espanha, na XIII Cúpula Ibero-americana de Chefes de Estado e de Governo, realizada em 14 e 15 de novembro de 2001.

Naquela declaração, lê-se em seu artigo 35:

*Convencidos do valor da cultura na busca pela equidade social, proclamamos o ano de 2005 como o Ano Ibero-americano da Leitura, e propomos juntar esforços do setor público e do privado para levar a bom termo o Plano Ibero-americano de Leitura aprovado na VII Conferência Ibero-americana de Cultura.*<sup>3</sup>

Para o Brasil, culturalmente essa resolução teve importância estratégica ao fazê-lo inserir-se francamente na cena cultural do mundo de língua hispânica das Américas, tornando-se parceiro dessas iniciativas de formação leitora em um continente devastado pelo analfabetismo e pela exclusão do direito à leitura. O Brasil compareceu levando suas experiências e sua história, e, simbolicamente, ao abraçar conjuntamente o desafio secular de formar leitores, renunciou a sua permanente postura de dar as costas para o mundo ibero-americano como se dele não fizesse parte. Em muitas expressões culturais nós vimos acontecer essa integração, mas foi nos movimentos pelo letramento e pelo direito à leitura, em minha opinião,

---

3. Cf. PNLL – Plano Nacional do Livro e Leitura – Textos e História (2006-2010), p. 73 e 82. *Ibidem.*

que alcançamos o melhor entrelaçamento e a maior identidade nos interesses e nos rumos a tomar para superar nossa posição continental de países não leitores.

Na cultura, essas ações passaram a ter ainda mais sentido por estarem conectadas às três dimensões renovadoras das políticas culturais então implantadas pelo ministro Gilberto Gil a partir de 2003: a cultura como valor simbólico, como direito da cidadania e como economia.

O leitor que me acompanhou até agora tem o direito de perguntar: por que esse longo preâmbulo que recupera pontos da trajetória do PNLL nos seus dez anos?

A este leitor atento e paciente quero dizer: é importante estabelecer as bases gerais da política de leitura no país para analisarmos melhor e com maior alcance os resultados de uma pesquisa como a Retratos da Leitura no Brasil. Esses dez anos de PNLL significaram uma retomada, um despertar do setor público federal para o seu dever, para a sua obrigação de construir condições adequadas para que o cidadão brasileiro pudesse exercer o seu direito à leitura.

Estou convicto de que se essas articulações não tivessem bases seguras e identificadas às decisões de governo que foram implantadas nos últimos anos no Brasil, decisões estas determinadas por políticas emancipatórias de largo espectro, e que se refletiram em muitas outras áreas sociais e de conquistas de direitos como a saúde, a educação, os direitos humanos, as políticas inclusivas, entre outras, nós não teríamos conseguido avançar em programas e ações que incidissem positivamente nos índices de leitura que agora começam a esboçar uma reação para melhor.

É importante termos isso muito claro. As políticas de formação leitora vão muito além das tecnicidades necessárias e dos instrumentos disponíveis nas escolas, nas bibliotecas, nos centros de educação e cultura ou mesmo nos lares e locais de trabalho. A decisão e a real implantação de programas públicos de formação de leitores plenos,

em escala nacional e como política pública, são, antes de tudo, parte de uma determinação governamental ampla de inclusão e reconhecimento de direitos que só se efetiva em uma sociedade e em governos francamente democráticos e com foco no desenvolvimento social e econômico voltado para a maioria da população.

Com essas argumentações também quero dizer que os resultados que analisaremos desta quarta pesquisa, comparando-a com a anterior, de 2011, têm um pano de fundo que não é apenas um cenário, mas parte viva e determinante dos avanços e dos recuos que tivemos nos índices de leitura no Brasil. Os impactos positivos ou negativos das políticas públicas que incidiram em prol da leitura flutuaram com maior ou menor intensidade conforme o avanço ou o recuo efetivo de decisões de maior ou menor profundidade democrática e inclusiva dos nossos governantes. Qualquer efetividade das políticas, dos investimentos e das ações de fomento à leitura praticados no Brasil não pode ser descolada da política social e inclusiva que vivenciamos de maneira inédita nos últimos anos. E se essa afirmação vale para a positividade dos índices da pesquisa, também vale para a negatividade desses mesmos índices igualmente apresentados pela quarta pesquisa Retratos da Leitura no Brasil e que traduzem erros, indecisões e desacertos das autoridades públicas.

### **Certo desconforto com os índices positivos. Os avanços.**

Os resultados levemente positivos dessa 4ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil causam certo estranhamento em profissionais do setor e pessoas interessadas. Com um cenário tradicionalmente difícil na área educacional e cultural, principalmente no acesso e na disseminação da literatura, o que teria levado a esse resultado?

A primeira impressão é que temos um paradoxo, algo contrário às expectativas tão ao gosto do senso comum que nos bombardeia há muitos anos com frases do tipo “brasileiro não gosta de ler!”. Eu costumava responder a essa observação com uma contestação: “Brasileiro não lê porque não tem acesso à leitura” ou “Brasileiro não lê porque

ainda não conquistou o seu direito à leitura”. Foi isso que aprendi em dez anos percorrendo o país e auxiliando na formulação de políticas públicas de fomento à leitura.

O que proporcionaria esse resultado, que se afirma positivo em todos os ângulos da pesquisa? Há um crescimento entre os dados de 2011 e 2015 dos livros lidos por ano (4,0 para 4,96), dos livros lidos inteiros (2,1 para 2,43) e dos livros lidos em partes (2,0 para 2,53). Com a afirmação da metodologia da pesquisa, que se aprimorou de 2007 para 2011, garantindo a veracidade dos números estatísticos em uma sequência histórica comparável, conforme meu entendimento, a partir de 2011, o que devemos considerar em primeiro lugar são os resultados e, eventualmente, alguma crítica, sempre pertinente, sobre a metodologia para a formulação e a apuração de dados melhores e ainda mais precisos.

O que talvez prejudique uma análise mais tranquila é que, justamente nesse período em que o Instituto Pró-Livro divulga a sua principal ação em prol da formação leitora no Brasil, nós estejamos passando por um repúdio generalizado a toda notícia que é “boa”, ou melhor, que seja positiva, que nos leve para um patamar adiante nesse triste cenário nacional pontuado por mazelas de toda ordem. A valorização da notícia quando ela apresenta fatos ou versões desabonadores de pessoas ou eventos é marca dos nossos tempos espetaculosos, que maximiza a conhecida afirmação de que notícia boa é a notícia de coisas ruins.

Mas é forçoso reconhecer também que a história em prol de um país leitor no Brasil é um celeiro enorme de golpes nas esperanças de muitos que lutam por essa causa. Com políticas públicas descontínuas em contextos históricos que, em raros momentos, desenvolveram esforços verdadeiros e de alcance nacional na formação de leitores plenos, minimizando a importância dessa formação nos currículos e nas práticas educacionais e culturais, realmente fica difícil compreender avanços. Flutuamos enquanto nação ao sabor das vontades e compreensões políticas mais ou menos republicanas das autoridades públicas em todos os níveis do Estado, ou de pressões exitosas da socie-

dade civil sobre os governos, quando se trata de fortalecer programas e ações voltados ao desenvolvimento da leitura da população. Esses são programas complexos, de longo prazo, que requerem estudos e investimentos constantes e que não podem ser substituídos simplesmente pela aquisição e pela distribuição massiva de livros, como os bem-sucedidos programas de muitos anos do MEC, por exemplo. Há muito sabemos que apenas adquirir e distribuir livros não são medidas suficientes para superarmos a barreira da não leitura no país. É certo que é preciso adquirir e renovar bibliotecas públicas e escolares de acesso público, mas apenas essa política não resulta, isoladamente e em escala nacional, em leitores.

Apesar de estarmos mergulhados no pessimismo, que, como nos ensina o *Aurélio*, é a “*disposição de espírito que leva o indivíduo a encarar tudo pelo lado negativo, a esperar tudo do pior*”, constatamos que crescemos enquanto país leitor nesta última pesquisa. E esse crescimento aconteceu em vários ângulos da análise, não só nos resultados do número de livros lidos.

Vejamos alguns exemplos do que estou afirmando:

1. A população leitora passou de 50% para 56% do total, ou seja, o número de pessoas consideradas leitoras pela pesquisa passou de 88,2 milhões em 2011 para 104,7 milhões em 2015. Estamos falando de 16 milhões de pessoas ou uma vez e meia a população de Portugal.
2. Esse crescimento do percentual de leitores ocorre em todo o território brasileiro, exceto no Nordeste, onde o percentual decaiu um pouco e cujas razões desta queda precisamos pesquisar mais acuradamente.
3. Houve um crescimento significativo no número de livros lidos tanto por estudantes quanto por não estudantes, o que é importante se considerarmos que 78 milhões de pessoas acima

de 18 anos não completarão o ensino médio no Brasil de hoje, segundo dados da SECADI/MEC recolhidos em setembro de 2015 com o então secretário. A leitura poderá ser um dos poucos instrumentos de inserção cultural e social que esses cidadãos terão no mundo da informação e da tecnologia que tem como base a escrita.

4. Aumentou em nove pontos percentuais o número de pessoas que declaram gostar de ler (muito e pouco) e diminuiu em 7% os que declaram que não gostam. Se levarmos em conta as diversas mídias concorrentes, e somarmos a isso o desestímulo generalizado pela leitura, esse dado passa a ser especialmente relevante.
5. Igualmente relevante é a constatação da pesquisa que demonstra que 81% dos leitores são usuários da internet, em contraposição aos 63% da população em geral. Dupla constatação que considero positiva e pedagógica: os que leem incorporam mais a internet e o acesso virtual do que os que não leem, o que dá a dimensão do que ainda podemos alcançar no mundo virtual e de quanto estão errados os que afirmam haver incompatibilidade entre os suportes tradicionais e inovadores da leitura. Ao contrário, esses dados nos induzem a refletir que, diferentemente do que se pode pensar pelo senso comum, os leitores tendem a incorporar tecnologias e fazem uso de todas elas no seu hábito de ler e de viver. Parece-me cada vez mais que quem cria as incompatibilidades são os produtores dos suportes, não os seus leitores!

É preciso também observar a parte cheia do copo!

Ouso especular, indo na contramão das visões pessimistas e que buscam apenas o que nos falta e não o que já conquistamos, sobre algumas razões desse modesto mas incisivo aumento de leitores no país nesse último quadriênio. Vejamos alguns pontos que podem nos fornecer pistas para um estudo mais acurado:

1. Os últimos dez anos demonstram um aumento sem precedentes na escolaridade média da população e a redução da proporção de analfabetos e indivíduos com escolaridade até o ensino fundamental.
2. Igualmente houve no mesmo período um aumento da proporção de brasileiros com ensino superior e, sobretudo, com ensino médio. Parece-me, e é algo a ser mais bem apurado, que esse dado tem a ver com os resultados da pesquisa que demonstram que a população adulta fora da escola está lendo mais que em 2011.
3. Embora se leia mais no domicílio, ganha espaço o hábito de ler em espaços públicos, o que vem ao encontro do esforço realizado em vários níveis de se criar ou recriar espaços de leitura acolhedores e de convivência entre as pessoas, fomentando trocas e experiências coletivas de leitura. Refiro-me aqui às bibliotecas de acesso público, aos saraus que se multiplicam, aos festivais literários, às livrarias repaginadas, entre outras iniciativas que se somam Brasil afora em espaços e eventos multiuso, onde a vivência cultural e interativa de pessoas e textos se complementa fora do espaço e da vivência privados.
4. A leitura indicada ou que provenha de incentivos e mediação também aparece fortemente na pesquisa, e, além das figuras tradicionais da mãe e da professora como poderosas formadoras de leitores, há um número importante de outras pessoas que incentivam a leitura, demonstrando que mesmo na era virtual é importante promover as atividades dos mediadores, ação influente nos resultados crescentes de leitura no país.
5. A revelação de que metade dos entrevistados indica o empréstimo privado ou de instituições como o principal meio de acesso ao livro reforça também os esforços para a democratização deste acesso pelo incremento de programas de criação ou modernização de bibliotecas no país. Nessa mesma linha

de raciocínio, apesar de 66% da população não frequentarem bibliotecas, 55% a conhecem, e 1/3 de seus frequentadores não são estudantes, dados que reforçam o conceito de que a leitura via bibliotecas de acesso público é um investimento importante para o crescimento dos níveis de leitura no Brasil. Poder-se-ia também abrir uma linha de pesquisa mais apurada que compreendesse com maior precisão quanto as ações empreendidas nos últimos dez anos neste campo podem ter contribuído para o aumento do número de leitores apontado na pesquisa.

Em resumo, e para não continuar a desfilarmos mais indícios e indicadores que demonstram uma convergência entre dados obtidos na pesquisa e os programas, ações e projetos que existem de incentivo à formação leitora no país nos últimos anos, quero concluir fazendo mais algumas considerações que contribuem para explicar os números crescentes que obtivemos em 2015.

Mais uma vez, reafirmo que estou trabalhando com indícios que considero ter suficiente força para levantarmos hipóteses que devem ser aprofundadas. E elas são importantes no contexto atual a ponto de não poderem ser ignoradas em qualquer análise intelectualmente honesta.

O primeiro ponto que sinalizo é que, desde 2006, ou há dez anos, o Brasil pactuou um Plano Nacional do Livro e Leitura, e este pacto envolveu o conjunto de atores do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas. Essa iniciativa, de origem nas políticas cultural e educacional, não pode ser desconsiderada como um forte incentivo aos milhares de trabalhos pela formação leitora que se realizam há décadas em todo o Brasil e que são diretamente responsáveis pelo aumento do número de leitores de maneira permanente.

A existência de um plano nacional pela leitura e a unificação de conceitos e objetivos sobre os dois alicerces do PNLL – Estado e Sociedade/Cultura e Educação – e dos quatro eixos – Democratização do acesso à leitura/Formação de mediadores/Incremento do valor

simbólico da leitura/Apoio à economia do livro – dinamizaram e influenciaram centenas ou mesmo milhares de ações por todo o país. Se hoje temos um projeto de lei tramitando no Congresso Nacional por uma Política Nacional de Leitura e Escrita, é porque o PNLL e o movimento social, cultural e educador que ele iniciou são hoje um valor simbólico fundamental para o incentivo à formação leitora no país. É com o olhar de pesquisador, e não sem emoção, que constato que o PNLL hoje, e em todos os quadrantes do país, é comumente chamado pelos militantes da leitura de “o nosso plano” ou “os nossos eixos”.

Para além do simbólico, a ação indutora do PNLL se expressou em programas federais. Os mesmos alicerces e os mesmos eixos foram a base da formulação no plano federal e em muitos estados e municípios para projetos como a universalização das bibliotecas públicas, colocando-as em quase todas as cidades brasileiras. Lembro que havia em 2003 quase 1.700 municípios sem bibliotecas públicas, número que caiu para cerca de 30 em 2010 e que hoje se estima em torno de um número variável de 120. A possibilidade de acesso ao livro por intermédio de bibliotecas cresceu enormemente nos últimos dez anos. Igualmente deve ganhar destaque o início de uma mudança de mentalidade em relação ao lugar, ao papel e ao modo de fazer das bibliotecas contemporâneas, aqui muitas vezes traduzidas como bibliotecas parque, ou, como as chamamos, bibliotecas vivas. Programas de apoio financeiro e seminários de formação com experiências exitosas do exterior foram praticados com certa frequência, e esse movimento possibilitou novos rumos e objetivos mais elevados dos equipamentos culturais bibliotecários no acolhimento e na formação de novos leitores.

Na mesma direção, foram as diretrizes da política de leitura condensadas no PNLL que fizeram crescer o reforço e o incentivo ao papel da literatura brasileira aqui e no exterior. Embora tendo que crescer muito e muito, os números são incomparáveis aos períodos imediatamente anteriores ao surgimento do PNLL. E não apenas no

incentivo à publicação, nos prêmios e nos programas de apoio à tradução, mas também ao viabilizar, principalmente via Lei Rouanet, as inúmeras feiras de livro, os festivais de livro e leitura que hoje existem praticamente em todo o território nacional e não somente nos grandes centros urbanos, como ocorria poucos anos atrás.

As iniciativas da Diretoria do Livro e Leitura e do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas do MinC, dos comitês (heroicos) do PROLER, de organizações da sociedade civil, em instaurar, formar e implementar os programas de formação de mediadores de leitura, tal como o investimento no programa Agentes de Leitura pelo MinC em muitas cidades a partir de 2009 também se constituem em ações concretas e realizadas que não podem escapar a uma análise minuciosa e objetiva se procurarmos entender o crescimento de leitores no país.

Em suma, ao apontar inúmeros pontos positivos que caracterizaram a luta por um país de leitores nos últimos dez anos, condensando conceitos e práticas acumulados há dezenas de anos, eu defendo que o conjunto desses esforços públicos e privados, principalmente da cadeia criativa, produtiva, distributiva e mediadora, começou a dar seus primeiros resultados.

Em vez de nos espantarmos com resultados de uma pesquisa com sólida base técnica, tendo como suporte desse espanto a credulidade ou a incredulidade, atitudes que podem ser importantes nas práticas religiosas, mas que são danosas quando se trata de política pública em sociedades democráticas, nós precisamos aprofundar as pesquisas que pioneiramente o IPL em bom momento deu início no Brasil com o apoio do Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e Caribe (CERLALC).

O que devemos fazer é reforçar, reafirmar e exigir mais ainda o incremento das diretrizes, dos programas e das ações que se mostram eficazes para formar leitores, mesmo que esta indicação esteja ainda apenas nos indícios de uma pesquisa jovem que mal começou uma acumulação histórica de dados e conclusões.

Igualmente, além de afugentarmos o espanto e reafirmarmos políticas propositivas que estão dando os primeiros resultados, é preciso fazer avançar mais. Porque o que temos hoje é insuficiente e precário, embora promissor no acerto dos caminhos apontados pelo texto unificador do PNLL. Avançar mais significa reconhecer que as ações que todos realizam no setor público, no setor privado e no terceiro setor estão demonstrando sua eficácia; umas mais, outras menos. Objetivamente, os resultados desta pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 2016 apontam que há mais acertos do que erros, mais eficiência que deficiência nos ainda insuficientes programas e ações que temos. Não admitir isso é cair num pessimismo que só levará a paradoxos e a perplexidades imobilizadoras.

### **Observamos avanços, mas os obstáculos continuam firmes.**

#### **O que é preciso superar.**

Antes que me tomem por um otimista contumaz ou um Cândido dos trópicos, esclareço que esse conjunto de dados positivos não significa que estamos em boa situação leitora. Ou mesmo que a velocidade desse crescimento, como demonstra a pesquisa, seja sequer satisfatória. Há inúmeros dados e índices negativos que apontam para nossos enormes desafios e dificuldades. Por exemplo, segundo o Indicador de Alfabetismo Funcional, ou INAF, 75% da população alfabetizada tem algum nível de analfabetismo funcional, ou seja, quase 140 milhões de brasileiros não conseguem imprimir significado e obter cognição total de uma página de livro ou de um texto qualquer. Apenas este dado já seria suficiente para demonstrar que vivemos uma trágica situação conjuntural que nos empurra, se não a mudarmos, para um destino cruel no mundo da informação e do conhecimento, ou seja, a de sermos sempre um país condenado a reproduzir o que outros povos mais preparados intelectualmente nos mandam fazer.

Se com todos os avanços sociais que tivemos nos últimos governos, mesmo assim, os programas de incentivo à leitura foram clau-

dicantes, insuficientes, descontinuados e apenas satisfatórios frente à escala de um país continental, como responder à pergunta sempre presente sobre o que nos falta, o que é preciso fazer, e a respeito de quanto e onde investir?

Sabemos, e o PNLL demonstra isso, que a questão da formação de leitores plenos é muito mais complexa do que os programas intermitentes que tivemos até agora e exige um enfrentamento abrangente desta complexidade. Existe um farto material escrito por educadores e homens da cultura que explicitaram tanto a necessidade quanto a dimensão deste problema, cujo enfrentamento real visando sua superação é sempre adiado em nossa história. Paulo Freire, Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, apenas para citar alguns notórios, refletiram com pertinência sobre essa questão. Na vizinha Colômbia e em algumas regiões que se tornaram icônicas naquele país pelo trabalho de reconstrução do tecido social por intermédio da cultura e da educação, como Medellín, a constatação de que a formação de leitores exige medidas abrangentes de política pública já não é apenas uma questão teórica, mas se evidencia nos resultados da exitosa experiência dos colombianos.

Nos fundamentos e eixos estratégicos do PNLL estão os principais pontos para entendermos e darmos encaminhamento a essa questão. Após dez anos de Plano temos que acelerar as decisões das autoridades públicas para que se tomem medidas objetivas para enfrentar e superar as barreiras já conhecidas. Por essa razão, o momento é de chamar cada vez mais a defesa da política nacional de leitura para a sociedade civil e exigir/apoiar a ação propositiva da Frente Parlamentar Mista em Defesa do Livro, da Leitura e da Biblioteca, para que ela dê andamento e aprove o mais rapidamente possível o projeto de lei número 212 que prevê uma Política Nacional de Leitura e Escrita, política de Estado que será um marco legal contra eventuais retrocessos nesta área fundamental.

Aprovado o marco legal, teremos um longo caminho a percorrer e ele nunca será de descanso no berço esplêndido da lei. Organizada,

a sociedade civil deverá exigir cada vez mais e com firmeza que os governos façam cumprir o que determinará a futura Política Nacional de Leitura e Escrita e os Planos Nacionais do Livro e Leitura derivados desta política de Estado.

Sabemos que os programas e práticas exitosas que precisam ser aplicados já existem como exemplos locais e regionais em todos os recantos do país e abrangem os quatro eixos do PNLL. Tratar-se-á de dar força a esses programas, aumentar substantivamente os recursos a eles destinados e torná-los de fato programas referenciais e continuados para o desenvolvimento das políticas culturais e educacionais em todo o território brasileiro. Ações bem-sucedidas do que fazer existem aos milhares, tanto no setor público quanto no setor privado. Apenas nas oito edições do Prêmio Vivaleitura, que reconhece ações de formação de leitores, existem quase 15 mil programas catalogados.

Mas precisamos estar atentos para que os avanços obtidos até agora e as possibilidades abertas por uma lei fundadora de uma Política Nacional de Leitura e Escrita não sejam letra morta. Uma das lições que extraio desses dez anos do PNLL é a de que não basta apenas a predisposição dos governantes em incentivar programas de leitura. Nem sempre essa predisposição explicitada em discursos se consolida em ações de governança efetiva, com recursos adequados, estruturação de suportes administrativos e dirigentes capazes de dar concretude ao que é propagado. Infelizmente temos muitos exemplos de boas palavras que se perderam ao vento e não se transformaram em decisões e apoios efetivos ao desenvolvimento de políticas para o livro e a leitura.

Nesse contexto, entendo que o principal desafio que os militantes do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas terão hoje e nos próximos anos, caso o Brasil permaneça um país democrático e com objetivos de políticas sociais inclusivas, será o de convencer verdadeiramente as autoridades públicas de que formar leitores plenos é elemento essencial, fundamental, estratégico para o desenvolvimento sustentável do país. Em todos os ângulos, sob todos os aspectos cultu-

rais, sociais, econômicos, de sustentabilidade e de reconhecimento de direitos inalienáveis.

Há um profundo hiato entre o discurso fácil de apoio à leitura e à literatura de nossas elites e nossos dirigentes políticos e o real convencimento deles próprios do que significa um país de cidadãos que sejam leitores plenos. Confesso a vocês que me acompanharam até aqui que após esses dez anos de PNLL eu me pergunto isso, dada a profundidade deste hiato, e de tantas vicissitudes vivenciadas; amiúde me vem a suspeita de que essa incompreensão pode ser analisada também por um lado mais pragmático da política, ou seja, o da retenção do poder em poucas mãos. E se a habilidade leitora conquistada, ao criar maior capacidade argumentativa e de interpretação simbólica aos cidadãos brasileiros, pode questionar esse poder, é possível pensar, e esses momentos são de dura reflexão, na aguda clareza de um amigo, o escritor espanhol Constantino Bértolo:

*A escrita nasceu, podemos afirmar, ligada ao poder, embora gostemos de pensar que foi criada para dar voz, honra e acolhida à memória.*<sup>4</sup>

Por fim, não poderia deixar de reafirmar que esses movimentos em prol de um país de leitores só foram possíveis porque nos últimos anos vivemos em plena democracia, onde as palavras inclusão, diversidade, pluralidade, participação e emancipação cidadã foram vértices de políticas públicas de cultura e educação. Sem este ambiente democrático, participativo e inclusivo, seria impossível uma via de crescimento da leitura. A inclusão de novos leitores, a conquista do direito humano à leitura preconizado no PNLL e que sobressai no projeto de lei nº 212 da Política Nacional de Leitura e Escrita em tramitação

---

4. In: *O banquete dos notáveis – Sobre leitura e crítica*, p. 11. São Paulo: Livros da Matriz Editora, 2014.

no Congresso Nacional somente se realizarão se a sociedade brasileira mantiver os rumos jurídicos e políticos de uma nação verdadeiramente democrática, constitucionalmente regida pela vontade popular e voltada aos interesses da maioria da população brasileira.

Avançar por mais leitores e organizar as políticas e as práticas pela formação leitora são tarefas de muitas gerações. Caberá às gerações atuais não retrocederem dez anos, quando o livro, a leitura, a literatura e as bibliotecas não eram assunto de política pública e estavam aparentemente mortos para os governos.

\* Doutor em filosofia pela USP. Pesquisador, professor universitário da Unesp, conferencista, escritor, editor e *publisher*, gestor público, consultor no Brasil e no exterior. Foi secretário executivo do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) vinculado aos Ministérios da Cultura e da Educação, entre 2013 a junho/2016 e 2006 a 2011. Membro do Instituto Internacional de Língua Portuguesa (IILP). Foi presidente da Editora Unesp durante 27 anos, diretor-geral da Biblioteca Pública Mário de Andrade em São Paulo e presidiu em três períodos a ABEU e a EULAC.

## A biblioteca, um barulho necessário de dentro para fora

Volnei Canônica\*

A edição de 2015 da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro, traz informações importantes sobre o cenário da leitura e dos diferentes atores e instrumentos/equipamentos para que possamos acompanhar, refletir e principalmente mudar alguns dados. Apesar de verificarmos uma pequena melhora nesse campo, estamos longe de chegar a um cenário mais propício para o desenvolvimento de uma sociedade com acesso pleno à leitura e à escrita.

Dentro dos importantes dados desta 4ª edição da pesquisa, concentrarei minha reflexão na percepção dos entrevistados sobre o uso de bibliotecas.

Já nas primeiras tabelas podemos constatar que o espaço da biblioteca continua sendo considerado pela sociedade como um lugar de pesquisa e estudos. Em resposta à pergunta feita pela equipe do Ibope, “Dentre as frases que eu vou ler, o que representa para o(a) sr.(a) a biblioteca?”, uma pergunta de múltipla escolha, 71% dos entrevistados responderam que ela é um lugar para pesquisar ou estudar, 26% um lugar voltado para estudantes e outros 20% um lugar para pegar livros emprestados para trabalhos escolares. Essas respostas revelam uma forte percepção da biblioteca como espaço complementar aos estudos escolares ou acadêmicos. Podemos ler esses dados como uma redução do

entendimento da capacidade deste equipamento de oferecer informações gerais para o dia a dia, propiciar outras linguagens artísticas, ajudar nas resoluções de problemas da comunidade, etc. O entendimento da biblioteca como um espaço para a troca e a convivência social.

Dos 5.012 respondentes, 66% disseram que não frequentam a biblioteca, 14% frequentam raramente, 15% às vezes e apenas 5% responderam que sempre frequentam a biblioteca. Dos que frequentam, 60% utilizam as bibliotecas escolares e universitárias e 29% as públicas.

Essas duas perguntas sobre percepção e frequência nos ajudam a iniciar a reflexão sobre os caminhos que a biblioteca, principalmente a pública, tem trilhado em nosso país. Olhando esses dados, temos a sensação de que todos os esforços para o desenvolvimento desta área estão longe de reverter esse cenário, ainda mais porque o uso das tecnologias – cada vez mais disponíveis – ajuda nas pesquisas educacionais sem que seja necessário sair de casa. Poderíamos prever para um futuro próximo a fotografia, estampada na capa dos jornais, de bibliotecas com corredores vazios e no final das estantes de livros somente a figura do bibliotecário sentado esperando um usuário, um leitor.

Por que não temos mais bibliotecas parque como as do Rio de Janeiro? Sistemas de bibliotecas como as do município de São Paulo? Muitas bibliotecas como as do Acre? Bibliotecas onde a população tem papel protagonista nas atividades, como as de Minas Gerais e Belém do Pará? Essas são só algumas dentre as muitas bibliotecas públicas que fazem um ótimo trabalho em nosso país.

Precisamos assinalar que nos últimos anos, em um esforço coletivo entre o governo e a sociedade, buscou-se, por meio do equipamento biblioteca – pública, escolar e comunitária –, uma mudança de cenário com intenção de democratizar o acesso ao livro e à leitura nos mais diferentes cantos do Brasil. Houve avanços, mas ainda insuficientes para que este acesso seja realmente garantido a todos.

Há alguns anos, programas de governos em todos os âmbitos (federal, estadual e municipal) foram iniciados com a intenção de criar

bibliotecas em todos os municípios, de informatizar essas bibliotecas, de dotá-las com acervo, entre outras ações. Mas como praticamente todas as ações de governos são iniciativas partidárias e não provenientes de políticas públicas de Estado, esses programas padecem ou são extintos quando acontece a troca desses governos. Merecem destaque algumas ações importantes desenvolvidas nos últimos 13 anos no governo federal, por meio da Diretoria de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas/Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, com o Mais Bibliotecas Públicas (projeto com a intenção de zerar os municípios sem bibliotecas públicas), o cadastro de bibliotecas públicas e comunitárias, os editais de modernização de bibliotecas e de valorização de práticas inspiradoras para a área, as novas diretrizes pensando este equipamento como um espaço social, etc.

Já no âmbito municipal, o trabalho contínuo de formação de professores para atuar nas salas de leitura ou bibliotecas das escolas das Secretarias de Educação do Rio de Janeiro, de São Paulo, Natal, Parnamirim e Caruaru são alguns exemplos de que o investimento na capacitação do professor precisa ser a longo prazo, continuado e sempre buscando melhorias no planejamento da ação. Cabe lembrar que, segundo a pesquisa, professoras e professores têm papel fundamental como influenciadores para a leitura.

A sociedade civil também vem tentando por meio de inúmeras iniciativas contribuir para que o livro e a leitura cheguem em locais fora da rota de atuação dos governos. Vimos crescer o número de bibliotecas comunitárias, espaços de leitura, bibliotecas móveis com livros sendo colocados em lombo de burro ou em canoas e principalmente pessoas abrindo suas casas para torná-las um espaço comunitário de acesso à palavra e à imagem. De acesso à possibilidade de diferentes leituras e de poder. Porque ter acesso ao conhecimento e à ficção, e poder ler em diferentes camadas da subjetividade, nos dá acesso a informações de mobilidade dentro de um contexto organizado para enquadrar e imobilizar o cidadão.

O investidor social privado também buscou fazer a sua parte no sentido de estruturar espaços que dão acesso à leitura. Alguns desses investidores resolveram atuar na promoção da leitura por entender que é uma pauta positiva e interessante para a própria imagem, mas outros construíram programas e projetos estruturados, compreendendo que a leitura e a escrita têm um papel fundamental para a educação e a cultura de um país, e, por isso, o investimento nesses projetos não é só para o financiamento, mas também para que tenham novas experiências, coletas de dados e produção de conhecimento. Investimentos estes que são necessários para que se busquem novos formatos e para que os gestores públicos tomem decisões mais assertivas e sustentáveis para a área. Nesse sentido, podemos buscar informações em institutos, como: Ecofuturo, C&A, Ayrton Senna, Itaú, Vagalume, entre muitos outros. Cada um com uma especificidade que contribui para a causa. É importante destacarmos a Rede Temática em Leitura e Escrita de Qualidade para Todos que existe dentro do GIFE – Grupo de Investidores Sociais. Essa rede tem um papel fundamental de ampliação e contribuição na qualificação das ações desses investidores.

A intenção deste texto não é ficar citando diferentes ações, já que, provavelmente, deixaria muitos projetos e atores de fora. Citei apenas alguns projetos/ações que conheço mais de perto e que me dão referências para cruzar com alguns dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil e construir a minha reflexão.

Segundo a pesquisa, um outro dado importante é a avaliação dos respondentes que frequentam “às vezes” ou “sempre” a biblioteca. Eles avaliam ser bem atendidos, que a biblioteca está bem cuidada, que são atendidos por bibliotecários (tenho dúvida se os respondentes realmente conseguem identificar se foram atendidos pelo profissional de biblioteconomia ou por atendentes de outras áreas do conhecimento) e que gostam das bibliotecas que frequentam.

Então, se pensarmos a percepção da população sobre as bibliotecas e os esforços dos diferentes atores – governo, investidor social

privado e sociedade civil –, podemos intuir que não estamos saindo do lugar? Que estamos tirando água da canoa furada de canequinha? Que estamos secando gelo?

Comecei a reflexão com dados bem pessimistas sobre a imagem e a frequência das bibliotecas. Logo em seguida, trouxe informações de que, pelos quatro cantos do país, tem muita coisa acontecendo, e de que as pessoas gostam muito dos espaços que frequentam. Parece um pensamento esquizofrênico (sentido de cisão do pensamento), mas esquizofrênico talvez seja o modo como temos atuado no desenvolvimento desta área.

Busco respostas o tempo todo para essas perguntas. Minha trajetória nesta área persegue sanar esses questionamentos. Por ora eu posso responder: a situação já foi muito pior. Avançamos pouco, mas avançamos!

O principal problema é que, junto aos avanços, segue o risco iminente de perdermos todos os esforços, investimentos financeiros e diretrizes. Este risco se dá pela descontinuidade dos projetos nas gestões públicas, que sempre cortam recursos financeiros para essa área sem entender o impacto, ou pior, por entender o impacto que isso representa para o desenvolvimento da sociedade. O acesso à leitura e à escrita possibilita ao cidadão a compreensão dos seus direitos e a sua inserção na sociedade como um agente transformador.

Mas não é só no poder público que sofremos a descontinuidade de projetos. Isso também acontece no setor privado, que muitas vezes deixa de investir na área da leitura, privilegiando outras áreas também importantes. Somos um país deficitário em muitos sentidos. A sociedade civil também tem grandes dificuldades financeiras e de planejamento para manter suas iniciativas de promoção da leitura.

Mas então como reverter esse quadro? Como fazer com que todos os municípios tenham bibliotecas públicas, escolares e comunitárias? Aumentar o número de bibliotecas para atender a população? Aumentar e melhorar a frequência de usuários nas bibliotecas? Aumentar o

número de leitores? Transformar essas bibliotecas em espaços vivos, em equipamentos sociais, promovendo o encontro entre pessoas para trocarem suas percepções de mundo, para buscarem informações além das exigidas nas classes escolares?

Ouso dar alguns palpites que vão além de investimento financeiro e de políticas públicas de Estado para a área. Partindo do pressuposto de que todo cidadão é um ser político (não estamos falando em cidadão partidário) e de que atuar na democratização da leitura precisa ser um ato político, vejo a necessidade de criarmos um “planejamento político” entre todos que pensam a promoção da leitura e seus equipamentos. Só assim poderemos rever o papel das bibliotecas. Neste sentido, é importante destacar que nos últimos anos o Conselho Federal de Biblioteconomia – CBF, a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições – FEBAB e algumas universidades, por meio dos cursos de biblioteconomia e ciência da informação, estão avançando nessa discussão. Mas precisamos acelerar essas discussões e esses avanços.

Vou tentar ampliar a minha visão para qualificar os meus palpites.

Em se tratando de investimento financeiro e políticas públicas de Estado, precisamos construir caminhos mais estruturados. Existe a necessidade de efetivarmos projetos de lei que já tramitam no Senado e na Câmara dos Deputados Federais, como: a Política Nacional de Leitura e Escrita, a Lei da Biblioteca, a constituição de fundos para a área, como o Fundo Pró-Cultura e o Fundo Pró-Leitura. Todos esses projetos de lei ainda necessitam de discussões com a sociedade, o que não impede que avancem na consolidação de alguns trâmites. Temos a tendência de ficar num preciosismo, buscando o texto e o formato perfeitos. Por isso, estamos desde 2003 aguardando alguns desses projetos saírem do papel. Para se construir um patamar acima, precisamos ter no mínimo uma base. Tudo sempre pode e deve ser revisto. Mas a dificuldade que temos de estruturação não nos permite avançar. Precisamos ainda ajudar os municípios e os estados a construírem seus

planos para o livro, a leitura, a literatura e as bibliotecas, e dentro deles constituir fundos de investimentos, rubricas nos orçamentos públicos e maior diálogo entre o governo e a sociedade.

Os marcos legais (citei aqui apenas alguns para ajudar nesta reflexão) são necessários para dar as diretrizes, tanto para o poder público como para a sociedade civil atuarem na sinergia da construção de cenários mais propícios. De tal modo que o leitor possa se desenvolver e adquirir “fôlego” e “musculatura” para seguir ou não, por opção, os caminhos da ficção e do conhecimento.

Outro ponto que eu gostaria de trazer na minha percepção tem a ver com este grande planejamento político, ou talvez um grande fórum de discussão sobre as bibliotecas e o papel de cada responsável pela promoção da leitura. Estamos vivendo, nestes últimos 10 anos, com a constituição do Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL, uma movimentação neste sentido.

A pesquisa perguntou sobre os motivos que levam e não levam as pessoas a frequentarem as bibliotecas. Como resultado, se juntarmos “ler livros para pesquisar ou estudar” e “pegar livros emprestados para trabalhos escolares”, chegamos a 80%. Em segundo lugar temos “ler livros por prazer”, com 37%. Conseguimos constatar na pesquisa que a frequência do uso da biblioteca, seja por quem é estudante ou não, para atividades mais coletivas é muito baixa.

Já os motivos para não ir à biblioteca crescem a cada edição da pesquisa: falta de tempo (ir à biblioteca pode ser considerado perda de tempo?), falta de biblioteca por perto e noção de que a biblioteca é voltada apenas para estudantes.

Outra pergunta da pesquisa que me chama atenção é “o que faria as pessoas frequentarem mais a biblioteca?”. Em primeiro lugar, com 32%, seria “ter mais livros ou títulos novos”; em seguida, com 22%, “ter títulos interessantes ou que me agradem”. Esses dados corroboram a visão de que biblioteca é um lugar de acesso ao objeto livro. Somente em terceiro lugar, com 15%, é que encontramos uma mo-

tivação mais ligada ao convívio social, “ter atividades culturais”. Mas acredito que esse terceiro lugar deveria ser melhor aproveitado, por exemplo, para combater a falta de tempo de frequentar as bibliotecas. Precisamos questionar com a comunidade quais são as ações que podem contribuir para o usuário aproveitar melhor o seu tempo e frequentar a biblioteca. Mas só descobriremos isso através do diálogo. Não dá para achar que nossa cabeça é capaz de imaginar sozinha as necessidades dos cidadãos.

A sociedade, em constante transformação, busca cada vez mais que todos revejam os seus papéis. A área da promoção da leitura não é exceção. Os novos desafios revelam que os limites precisam ser menos herméticos. Não estou falando de profissionais atuando no lugar de outro. Estou falando em atuar em conjunto. Em sairmos do enquadramento dado pela especificidade das formações ou ações que desenvolvemos no campo da leitura. Falo em dançar junto sem pisar no pé. Num equipamento como a biblioteca, ao menos a biblioteca que imagino, podem coexistir bibliotecário, professor (de todas as áreas do conhecimento), arquiteto, cientista político, auxiliar de escritório, voluntário da comunidade, morador de rua, escritor, ilustrador, designer, mãe, pai, leitor, entre outros, todos trabalhando para a promoção da leitura. Essa pode ser a forma de ocupar a biblioteca e desejar melhorias para ela. Essa pode ser a forma de mudarmos a percepção de que a biblioteca é para poucos. De que é um amontoado de livros velhos (estou aqui levantando percepções que colho por aí. Estas não apareceram na pesquisa Retratos).

Por que ainda não conseguimos fazer esse trabalho em conjunto? Talvez porque, como disse antes, ter acesso ao mundo do conhecimento e da ficção é ter acesso ao poder. Será que nós que propagamos o acesso a esse poder não estamos também colaborando com o boicote a ele?

A pesquisa ainda traz uma avaliação conjunta entre biblioteca universitária e escolar. Ao juntá-las fica difícil termos dados consistentes para avaliar esses dois tipos de equipamentos que têm ações

específicas, atuações e dificuldades diferenciadas. Mas há um dado muito importante: 18% dos professores não indicam livros. Esse dado vai na contramão da resposta que diz que o professor é um incentivador fundamental para a leitura. Então, precisamos de mais professores leitores para compartilhar e indicar suas aventuras pela ficção com os alunos das escolas e das universidades.

Acredito na biblioteca como um espaço social sem barreiras físicas (móveis ou corpos de pessoas) e psicológicas. Um lugar onde o leitor possa circular, ter acesso às informações e ao conhecimento com mais autonomia. Isso em nenhum momento extingue a presença de pessoas. Na verdade as pessoas precisam estar por trás de tudo isso, para o leitor “flanar” entre os espaços da biblioteca. Um espaço que propicie o seu deslocamento autônomo, físico e mental.

Acho que temos muito caminho pela frente. Mas sou otimista! Acredito que alguns passos já tenham sido dados. Biblioteca nunca foi e nunca será lugar de silêncio. Nela o barulho acontece de dentro para fora!

Para mim este é o caminho necessário para mudarmos a percepção e garantir que a cada dia mais bibliotecas sejam construídas ou reestruturadas nesta perspectiva. Como sempre digo: Um por todos e todos por um Brasil de leitores!

\* Formado em comunicação social – relações públicas pela Universidade de Caxias do Sul, especialização em Literatura Infantil e Juvenil, também pela Universidade de Caxias do Sul (2004), especialização em Literatura, Arte do Pensamento Contemporâneo pela PUC/RJ. Ex-diretor de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas, do Ministério da Cultura. Coordenou no Instituto C&A de Desenvolvimento Social o programa Prazer em Ler e os projetos Escola de Leitores e Polos de Leitura. Participou de projetos de formação e incentivo a leitura na Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Na Secretaria Municipal de Cultura de Caxias do Sul, assessorou a criação do Programa Permanente de Estímulo à Leitura – Livro Meu.

## Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler

João Luís Ceccantini\*

**H**á mais de 40 anos, Umberto Eco (1932-2016), em meio a sua vasta e exuberante produção intelectual – que abarcou tanto obras literárias que se tornaram grandes sucessos de público e de crítica quanto influentes textos teóricos sobre estética medieval, cultura de massa e semiótica, entre outros temas –, lançou, juntamente com Marisa Bonazzi (1927-2015), educadora e artista plástica italiana, uma pequena obra despretensiosa, mas que obteve grande repercussão no Brasil, quando de sua tradução – *Mentiras que parecem verdades*.<sup>1</sup> Lançado na Itália em 1972<sup>2</sup> e com sua tradução publicada entre nós em 1980, o trabalho desnudou o conteúdo ideológico dos textos que deram corpo a inúmeros livros didáticos italianos durante décadas, cristalizando ideias das mais preconceituosas, arraigadas no senso comum e multiplicadas à exaustão pelo meio escolar.<sup>3</sup>

---

1. São Paulo: Summus, 1980.

2. *I pampini bugiardi*. Bolonha: Guaraldi, 1972.

3. Inspirada pela obra de Eco e Bonazzi e baseada também em bibliografia de outros autores italianos, espanhóis, franceses e brasileiros, a educadora Maria de Lourdes Chagas Deiró publicou dissertação de mestrado que teve por objetivo analisar os livros didáticos brasileiros em termos semelhantes àqueles de Eco e Bonazzi, intitulada *As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos* (São Paulo: Moraes, 1979). Esse trabalho, tal como o de Eco e Bonazzi, também alcançou importante repercussão no meio educacional brasileiro, contribuindo para a ampla avaliação a que esteve submetido o livro didático brasileiro nas décadas subsequentes, culminando na avaliação sistemática realizada pelo MEC, por meio do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático).

A formulação de Eco no título que a edição brasileira recebeu<sup>4</sup> é evocada aqui não apenas para homenagear um titã que a área das Letras recentemente perdeu, mas porque parece bastante emblemática dessa capacidade que a instituição escolar tem de – na sua dimensão mais conservadora – naturalizar e tornar moeda corrente assertivas que não se sustentam ante uma análise efetivamente objetiva de indicadores estatísticos e fundamentada em dados concretos. No tom de um discurso *apocalíptico* (para empregar aqui um termo extremamente caro a Umberto Eco)<sup>5</sup>, tem sido muito comum ouvir no meio escolar frases como “os jovens não leem” ou “os jovens não gostam de ler”. Trata-se de um discurso que enaltece épocas passadas, geralmente permeado por expressões do tipo “no meu tempo, era diferente...”. O que parece muito mais traduzir a incapacidade da escola de enfrentar desafios pedagógicos frente às rápidas mudanças da sociedade nos séculos XX e XXI do que fazer um diagnóstico acurado dos fenômenos em curso.

Os dados revelados sobre a leitura dos jovens na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 4 (2016/ano-base 2015) vão na contramão dessa visão apocalíptica, reiterando um cenário bem mais alentador sobre o perfil dos jovens como leitores do que o usualmente apontado, sobretudo se for considerado o contexto da população brasileira como um todo. Vale dizer que algumas pesquisas e projetos sobre o assunto disponibilizados nas duas últimas décadas, ainda que orientados segundo diferentes objetivos e perspectivas,<sup>6</sup> vêm acenando para esse quadro paulatinamente otimista quanto às leituras juvenis.

---

4. Também as edições da obra em castelhano (Espanha e Argentina) receberam título semelhante: *Las verdades que mienten*.

5. ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

6. Juventude: Cultura e Cidadania (1999, Fundação Perseu Abramo); Projeto Juventude/Perfil da Juventude Brasileira (2003/2004, Instituto Cidadania); Projeto Culturas Juvenis, Educadores e Escola (1999/2003, Fundação Ford); INAF – Indicador de Analfabetismo Funcional (2001/2011, Ação Educativa e Instituto Paulo Montenegro); Retratos da Leitura no Brasil 3 (2012/ano-base 2011, Instituto Pró-Livro). As obras que apresentam e comentam dados dessas pesquisas estão citadas na Bibliografia.

Na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 4, os jovens<sup>7</sup> (a faixa da população com 11 a 13 anos + a faixa com 14 a 17 anos) constituíram 13% dos entrevistados (5% + 8%). Em números absolutos, esses 13% representam cerca de 24.414.394 jovens,<sup>8</sup> certamente um número considerável de brasileiros. Desse contingente de jovens, a pesquisa informa que 84% daqueles que têm de 11 a 13 anos se declararam **leitores** e 75% daqueles que têm de 14 a 17 anos também informaram ser **leitores**, isso, segundo o critério adotado na pesquisa como um todo, ou seja, o de que é leitor quem leu pelo menos um livro, inteiro ou em partes, nos últimos três meses. Sem dúvida, são percentuais bem acima dos 56% apontados pela pesquisa como o percentual de leitores da população brasileira como um todo. Ou seja, segundo a pesquisa, o percentual de jovens leitores é, proporcionalmente, bastante superior ao da média do leitor brasileiro em geral. Em números absolutos, poderia se pensar em cerca de 7.887.728 leitores na faixa de 11 a 13 anos e de 11.268.181 na faixa de 14 a 17 anos, num total bastante significativo de cerca 19.155.909 leitores.

É natural que o primeiro impulso seja o de pensar: esses jovens leem muito porque sua faixa etária coincide com o momento de sua inserção no sistema escolar, portanto, ainda que se admita que – ao contrário do que reza o senso comum – os jovens brasileiros, sim, leem bastante, mais até do que os brasileiros de um modo geral, isso não significa que **gostem de ler**, mas que leem sob a coerção da escola. No entanto, a pesquisa também refuta em parte essa ideia da leitura

---

7. Para os propósitos deste artigo, foram considerados “jovens” os entrevistados entre 11 e 17 anos, abrangendo, portanto, duas das faixas etárias contempladas pela pesquisa em foco. Naturalmente que o conceito de “jovem” é dos mais polêmicos e a simplificação que aqui se faz se deve sobretudo aos propósitos de tecer considerações sobre a formação do leitor em contexto escolar, focalizando particularmente os alunos do II ciclo do ensino fundamental e os do ensino médio. Na obra *Diálogos com o mundo juvenil*, referida na Bibliografia, há uma excelente discussão sobre o conceito de “juventude”, que não cabe aqui, contudo, recuperar e desenvolver.

8. Valor estimado com base na população estudada (entrevistados com 5 anos ou mais), equivalente a 187.803.031 habitantes, ou seja, 95% da população de 201.020.101 habitantes, informada pela PNAD 2013 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – IBGE).

meramente “obrigatória”, sempre louvada pelo discurso pedagógico por meio de representações- clichê, edificantes e edulcoradas. Há, sim, um contingente de jovens que reconhece ler por razões pragmáticas; mas há também uma parcela substantiva de jovens que, quando indagada sobre a motivação que a leva a ler, aponta razões fora da esfera utilitária para ir até os livros.

Cinquenta e oito por cento dos jovens leitores da faixa de 11 a 13 anos dizem ler por “gosto” ou em busca de “distração” em oposição a 37% que apontam valer-se da leitura para “atualização cultural”, “conhecimento geral”, “crescimento pessoal”, “motivos religiosos” e “exigência escolar ou do trabalho”; na faixa dos leitores entre 14 e 17 anos, a leitura “desinteressada” corresponde a 48% dos jovens e os que enveredam pela leitura utilitária são 42%. Percebe-se, portanto, que no caso dos dois grupos prevalece a motivação da leitura prazerosa em prejuízo da leitura utilitária, num sentido oposto ao que se dá com a média nacional dos leitores, em que apenas 40% dos entrevistados vão à leitura por prazer e 54% procuram na leitura uma recompensa mais pragmática. Também reforça essa ideia da leitura por prazer realizada pelos jovens o fato de que, quando são questionados sobre a frequência com que leem livros de literatura por vontade própria, o percentual da faixa dos 11 aos 13 que lê todos os dias ou ao menos uma vez por semana é de 37% e o da faixa entre 14 e 17 anos é de 33%, isso em contraste com o percentual de 19% da população em geral.

Um aspecto a mais, revelado pela pesquisa, que chama a atenção sobre o modo descompromissado com o qual muitos jovens têm se relacionado com a leitura – no sentido inverso à tradição escolarizada tão enraizada entre nós –, é o fato de, quando indagados sobre o que os influencia no momento da escolha de um livro para ler, apontarem o *título* (13% da faixa 11 a 13 anos e 10% da faixa 14 a 17 anos) e a *capa* (23% e 15%, respectivamente) como fatores importantes para a escolha, assim como a *indicação de outras pessoas* (8% e 10%) ou o *tema* (19% a 23%). Se, por um lado, isso afasta a ideia de que haja um grande número de leitores

“cultivados”<sup>9</sup> na amostra, por outro explicita um importante movimento de “desescolarização” da leitura, que parece salutar.

Mesmo que esses indicadores ainda estejam distantes do que se poderia almejar se tivéssemos políticas de formação de leitores mais arejadas, ousadas e eficazes, não se pode ignorar que o fato de 12.657.924 jovens leitores declararem manter uma relação afetiva e lúdica com os livros é uma conquista importante e revela um cenário bem mais favorável à leitura do que se costuma conjeturar.

Reforçando a ideia de que os jovens hoje, no Brasil, leem muito, há alguns outros dados cuja eloquência não se pode desprezar. É o caso da pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro, realizada há alguns anos pela Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas), sob iniciativa da CBL (Câmara Brasileira do Livro) e do SNEL (Sindicato Nacional dos Editores de Livros). Vale a pena observar como, do ano em que foi realizada a segunda versão da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil até um ano antes da versão aqui abordada (ano-base 2015), um dos “temas” que interessam particularmente à questão da leitura dos jovens – a literatura *juvenil* – passa por um processo de expressivo crescimento:

TEMAS	2007 Títulos	Exemplares	2011 Títulos	Exemplares	2014 Títulos	Exemplares
Lit. adulta	5.574	21.967.730	4.340	31.993.219	6.563	48.491.769
Lit. infantil	3.491	14.753.213	6.648	17.431.415	7.802	37.259.612
Lit. juvenil	1.711	8.522.107	3.534	13.480.176	4.578	20.085.348
Todos os livros	45.092	351.396.288	58.193	499.796.288	60.829	501.371.513

---

9. Termo empregado pelo especialista François de Singly na obra *Lire à douze ans: une enquête sur les lectures des adolescents* (Paris: Nathan, 1989), obra fundadora sobre o assunto, em que “leitor cultivado” é aquele que já desenvolveu uma familiaridade vertical com o sistema literário e certa maturidade de leitor, a ponto de memorizar o título das obras que lê e, sobretudo, o nome de seus autores, fatores que passam a orientar muitas de suas escolhas de leitura, como, por exemplo, ler toda a obra de um autor predileto.

Enquanto o número de títulos publicados de literatura adulta teve, em sete anos, um crescimento de cerca de 17,7% e o de literatura infantil um crescimento de cerca de 123,4%, no caso da literatura juvenil o crescimento foi bem mais acentuado: 167,5%. Esse “subgênero” literário, com destinação aos jovens, mostra-se extremamente vigoroso, assegurando uma diversidade de obras bastante relevante para a escolha pelos jovens leitores. Denota a força desse segmento específico no mercado editorial, aspecto que é reiterado também pelo considerável número de exemplares produzido nesse nicho. De 2007 a 2014, o número de exemplares de livros juvenis produzidos no país cresceu cerca de 135,61%.

Deve-se destacar que o crescimento desse segmento, tanto no que se refere ao número de títulos de literatura juvenil disponibilizados quanto ao número de exemplares produzidos, deveu-se às vendas para o mercado, mas também ao incentivo advindo de grandes vendas ao governo (em nível municipal, estadual e, sobretudo, federal) por meio de programas como o PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola). O PNBE adquiriu, em anos intercalados, milhões de livros juvenis, distribuindo-os a escolas públicas de ensino fundamental II e de ensino médio de todo o território nacional<sup>10</sup> ao longo de uma década aproximadamente, numa iniciativa que, certamente, começa a mostrar, de forma gradual, alguns resultados positivos quanto à formação de leitores, embora haja muito ainda por fazer.

Apontar, hoje, o fenômeno de que um grande contingente de jovens no Brasil é leitor apenas devido à expansão da produção editorial de livros, seja pela via do mercado ou do incentivo estatal, seria, no entanto, simplificar muito a questão, mesmo porque há aí um movimento de mútua influência: o mercado produz muitos livros porque

---

10. É importante ter em mente a relevância das compras governamentais de livros para as bibliotecas escolares, considerando-se que, como demonstra a amostra contemplada pela pesquisa, 89% dos entrevistados que cursaram o EFII frequentaram a rede pública de ensino; e 86% dos que cursaram o EM também cursaram a rede pública de ensino.

há jovens que os leem, e os jovens leem muito mais livros porque o mercado apresenta uma ampla e variada produção, atualizada, aliás, com o que se passa no exterior, publicando um grande número de traduções, divulgadas por todo o planeta segundo o marketing agressivo de grandes conglomerados editoriais, também aqui instalados. Para além desse fenômeno, é preciso também pensar a leitura no conjunto de outras práticas culturais em que o jovem contemporâneo está mergulhado e que, de alguns anos para cá, parece ter crescentemente revitalizado a relação da juventude com a leitura.

As práticas culturais dos jovens são hoje complexas, múltiplas, inter-relacionadas e se apoiam fortemente num processo lúdico e de socialização,<sup>11</sup> que, por sua vez, adquire contornos cada vez mais globalizados. Em outras palavras, dificilmente um jovem lê um livro “de forma isolada”. E entenda-se essa expressão na sua ambiguidade: tanto no sentido de ler um livro e se restringir a ele ou de ler um livro na solidão e apenas para si mesmo.

Os livros mais lidos hoje pelos jovens costumam estar associados a fenômenos culturais que não se limitam a um dado livro, mas envolvem adaptações e recriações as mais variadas, abarcando filmes, vídeos, peças teatrais, música, videogames, moda, HQ, TV, sites, espetáculos multimídia, aplicativos, enfim, uma grande diversidade de produtos que vinculam cultura e consumo e convidam permanentemente à múltipla fruição e ao trânsito entre linguagens e suportes, fundindo-se variadas modalidades. Frequentemente esses livros são traduções, em sua maioria produzidos pela indústria cultural de língua inglesa (norte-americana e britânica), difundidos em meio a economias globalizadas. Optar pela leitura de um livro “isolado” parece ser cada vez menos a regra para os títulos que fazem maior sucesso.

---

11. Exploro com mais detalhe esse aspecto da socialização da leitura dos jovens no artigo “Leitores iniciantes e comportamento perene de leitura”, inserido na obra organizada por Fabiano dos SANTOS, José Castilho MARQUES NETO e Tania M. K. RÖSING, intitulada *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores* (São Paulo: Global, 2009), p. 207-231.

Por sua vez, assim como parece não ser suficiente ao jovem limitar-se à leitura do livro como objeto único associado a um determinado tema, personagens ou situações, também a leitura de uma obra por um jovem parece exigir socialização. Revela-se cotidianamente uma necessidade de não ler apenas para si mesmo, mas com outros jovens, compartilhando a leitura realizada, buscando identificações, coletivizando a fruição. A leitura de um determinado livro passa a atender a certa necessidade de pertencimento a um grupo de identidade afim, de integração a uma mesma “tribo” que tem gosto e atitudes semelhantes, que consome um mesmo tipo de gênero ou subgênero literário, que se entrega a certa tendência musical, em que a escolha da roupa e o tratamento dado ao corpo se equiparam. Embora a casa seja o lugar onde o jovem mais lê, é ele quem mais lê em livrarias, bibliotecas públicas, bibliotecas escolares e bibliotecas comunitárias, espaços que, frequentemente, se prestam à socialização da leitura.

Para chegar a essa “socialização” da leitura, os recursos buscados pelos jovens são muitos e as redes sociais também desempenham papel fundamental: assim, são produzidos fanzines, blogs, vlogs, sites, eventos de *cosplay*, os jovens frequentam lançamentos de livros de seus autores prediletos e noites de autógrafos, vão a bienais do livro, assistem a entrevistas. Nesse contexto, livros e leitura passam a ter um valor simbólico positivo e agregador, ou seja, a literatura se demonstra “na moda” e deixa de ser vista como atividade escolar, coisa apenas de nerds. Não ter lido ou não estar lendo uma obra em evidência pode significar estar “por fora” e perder prestígio no grupo. É dentro dessa lógica da socialização das leituras realizadas que germinaram, por exemplo, os *booktubers*, jovens que, em vlogs bastante populares, dão dicas para outros jovens sobre livros, lançamentos editoriais, títulos associados a determinados gêneros literários, etc., criando tendências e fazendo escola. Também os jovens estão entre aqueles que mais leem livros na internet (sobretudo aqueles na faixa dos 11 aos 13 anos).

A 4ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil dá destaque a alguns dados em sintonia com o universo juvenil aqui esquematicamente delineado. Permite perceber como talvez ainda haja certo abismo entre o modo como a escola brasileira trata a leitura e a necessidade premente de se atualizarem as estratégias para formar leitores. Ainda que não se tenha acesso às escolhas específicas dos jovens, mesmo porque foram bastante pulverizadas, nas listas de obras e autores mais citados pelos leitores como um todo na pesquisa, há uns e outros que se reportam a esse universo da literatura juvenil (ou literatura de fronteira).<sup>12</sup>

Na lista do “último livro lido ou que está lendo”, dos títulos mais citados ocupa o segundo lugar *O diário de um banana*, de Jeff Kinney; o quarto lugar é de *A culpa é das estrelas*, de John Green; o sétimo lugar é ocupado por diversas obras; dentre elas destacam-se como aquelas mais ligadas ao universo juvenil: *Cidades de papel*, também de John Green; *A maldição do titã* – série Percy Jackson, de Rick Riordan; *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak; *Muito mais que cinco minutos*, de Kéfera Buchmann; o oitavo lugar também é ocupado por diversas obras: *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer; *Crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis; *Diário de Anne Frank*, de Anne Frank (Annelie Marie Frank); *Harry Potter*, de J. K. Rowling.

No que diz respeito às obras citadas, chama a atenção o vínculo que praticamente todas mantêm com a indústria cultural – quase todos os livros foram objeto de adaptação cinematográfica (alguns com estrondoso sucesso e bilheterias gigantescas) ou estiveram associados a outros produtos, como videogames, música, moda, etc. A exceção é a obra *Muito mais que cinco minutos*, de Kéfera Buchmann, que, embora não tenha sido ainda objeto de qualquer adaptação cinematográfica.

---

12. “Literatura de fronteira” (*crossover fiction*) é um conceito popularizado pela pesquisadora canadense Sandra Beckett, reportando-se àqueles títulos, sobretudo romances, que têm se tornado grandes best-sellers por alcançarem um amplo público leitor, de variadas idades (crianças, jovens, adultos, idosos). Obras paradigmáticas dessa modalidade são as da série *Harry Potter*.

fica (é bastante recente), é exemplar de um outro tipo de fenômeno editorial alavancado pelo público jovem, o do livro composto por textos curtos, que originalmente constaram do blog de sucesso de um autor, alcançando enorme popularidade e contabilizando milhares (ou mesmo milhões) de acessos na internet. Além disso, esse tipo de escritor – o *youtuber* –, essencialmente midiático, interage bastante com seu público leitor, que, por sua vez, o prestigia em grandes eventos coletivos, programas de TV, chats, etc., produzindo filas em livrarias e bienais, ávido por autógrafos. É o caso de Bruna Vieira, Thalita Rebouças, Jout Jout, P. C. Siqueira, entre tantos outros que vêm se destacando nesse segmento.

Dentre os autores mais citados ante a pergunta sobre qual é o autor do último livro lido ou o que o entrevistado está lendo, aqueles que mais diretamente se inserem no universo dos jovens são: John Green, em sexto lugar, e Kéfera Buchmann, em oitavo lugar. Chama a atenção o baixo nível de memorização do nome dos autores lidos, o que aponta para o já citado conceito de “leitor pouco cultivado”, ou seja, aquele leitor pouco familiarizado com as convenções e protocolos do universo da leitura.

Uma outra pergunta sobre leituras significativas para os entrevistados, agora não mais preocupada em especular sobre leituras recentes, mas sobre aquelas que deixaram marcas mais profundas na memória dos leitores – “Qual é o livro que mais marcou o(a) sr(a)., ou que o(a) Sr(a). mais gostou de ler?” –, propiciou a referência a algumas obras anteriormente citadas. É o caso de *A culpa é das estrelas* (2º lugar), *Diário de um banana* (6º lugar), *Crepúsculo* (10º lugar), *Harry Potter* (13º lugar) e *A menina que roubava livros* (17º lugar). Outras obras que não haviam sido citadas entre as leituras recentes e que estão inseridas nesse universo típico das leituras juvenis<sup>13</sup> são: *O*

---

13. Algumas dessas obras talvez possam ser consideradas “obras de fronteira”, como as de Antoine de Saint-Exupéry, Monteiro Lobato, José Mauro de Vasconcelos, Jorge Amado e Shakespeare.

*pequeno príncipe* (4º lugar); *O Sítio do Picapau Amarelo*<sup>14</sup> (9º lugar); *O meu pé de laranja lima* (13º lugar); *Capitães d'Areia* (15º lugar); *Romeu e Julieta* (18º lugar).

Para a pergunta “De quais escritores o(a) Sr(a). mais gosta ou gostou de ler”, foram citados, dentre aqueles mais diretamente ligados ao universo juvenil: Monteiro Lobato (1º lugar) e John Green (11º lugar). Para a pergunta sobre os escritores “mais conhecidos”, foram citados novamente Monteiro Lobato (2º lugar) e John Green (14º lugar).

Ao tratar do que leem os jovens, não se pode deixar de frisar, finalmente, que não se limitam a ler livros, embora seja essa a ênfase na investigação proposta pela pesquisa. Os jovens leem muito também gibis e revistas, apresentando as maiores frequências na leitura desses tipos de material independentemente do suporte. Quarenta por cento da faixa de 11 a 13 anos leem gibis todo dia, quase todo dia ou ao menos uma vez por semana; 37% da faixa de 14 a 17 anos fazem o mesmo. Quanto às revistas, 21% da faixa entre 11 e 13 anos leem esse material com a mesma frequência dos gibis, assim como fazem os 23% da faixa entre 14 e 17. Além disso, deve ser lembrado que são os maiores leitores assíduos de textos na internet para subsidiar suas pesquisas escolares, embora não seja esse o tipo de leitura que se está procurando priorizar na discussão.

Sobre o conjunto dos dados aqui abordados, sobretudo no que diz respeito àquilo que os jovens leem, vale a pena fazer algumas considerações. Chama a atenção o fato de que no universo geral das obras citadas pelos jovens leitores, há uma ausência muito marcante de inúmeros autores brasileiros e estrangeiros que nas últimas duas décadas têm se destacado pela boa qualidade de sua produção literária, tendo recebi-

---

14. Embora não exista um livro de Lobato intitulado *O Sítio do Picapau Amarelo*, mas, sim, *O Picapau Amarelo*, as referências à sua obra em pesquisas têm sido feitas de modo genérico, dessa maneira, podendo significar que o leitor leu qualquer uma das narrativas de Lobato ambientadas no mítico espaço do Sítio.

do diversos prêmios literários – nacionais<sup>15</sup> e internacionais<sup>16</sup> – e tendo usufruído de razoável espaço tanto na imprensa comum quanto nas publicações especializadas, voltadas para educadores e pesquisadores. Não se trata necessariamente de textos herméticos ou experimentais, que poderiam afugentar o “leitor médio” – para usar aqui um termo dos mais polêmicos – ou o jovem leitor iniciante. Há muitos textos que foram valorizados pela crítica, mas que possuem um grande apelo junto a seu “público-alvo”. Acrescente-se, ainda, que muitos desses autores tiveram suas obras adquiridas por grandes programas governamentais e algumas delas alcançaram mesmo bons índices de vendas. Poderiam ser lembrados, no caso brasileiro, por exemplo, Lygia Bojunga, Ana Maria Machado, Ricardo Azevedo, João Carlos Marinho, Luís Dill, Caio Riter, entre tantos outros. A pergunta que se faz é: por que esses textos não aparecem enfaticamente nas citações dos estudantes?

A resposta não é simples e certamente exigiria uma pesquisa específica para explorar de maneira mais vertical as escolhas dos jovens em matéria de leitura, o que uma investigação de natureza horizontal como a Retratos da Leitura no Brasil não comporta. No entanto, não se pode deixar de apontar aqui algo que a pesquisa sugere, em algumas instâncias, e que profissionais ligados à formação direta de mediadores de leitura e à pesquisa sobre o assunto já têm apontado com alguma regularidade há algum tempo: existe uma defasagem entre os horizontes de leitura dos jovens e os dos professores, resguardando-se naturalmente as exceções de praxe.

É muito significativo que na pesquisa a “dica do professor” como resposta para a pergunta sobre fatores que influenciam na escolha de um livro corresponda a percentuais bem baixos: 11% na faixa dos 11

---

15. Como, por exemplo, os prêmios anuais da FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil), CBL (Câmara Brasileira do Livro) – Prêmio Jabuti – e APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte).

16. Como, por exemplo, o Hans Christian Andersen (Dinamarca), o Barco a Vapor (Espanha), o Michael L. Printz Award (American Library Association), o National Book Award (EUA), o Canadian Library Association Young Adult Book Award e o CILIP Carnegie Medal (Reino Unido).

aos 13 anos e 12% na faixa dos 14 aos 17 anos. Do mesmo modo, para a pergunta “Qual foi a pessoa que mais te influenciou a gostar da leitura?”, são baixos os percentuais correspondentes à resposta “algum professor ou professora” – 12% na faixa dos 11 aos 13 anos e 9% na faixa dos 14 aos 17 anos. É sintomático também que, quando são analisadas as obras citadas pelo conjunto de entrevistados que estão envolvidos com a educação, não haja praticamente referência a obras de literatura, seja adulta, seja “de fronteira”, seja juvenil, delineando-se um panorama quase totalmente focado na leitura de obras religiosas, de autoajuda ou de obras utilitárias de outra natureza. Na mesma linha de pensamento, é preocupante que 37% dos professores respondam que “gostam pouco” ou “não gostam de ler”.

Há cada vez mais pesquisas que se debruçam sobre a questão dos sérios impasses que a formação de leitores no país vem sofrendo, apontando o descompasso entre as práticas de leitura dos jovens e a natureza das estratégias (quando não sua falta quase absoluta) empregadas para a formação de leitores no contexto escolar brasileiro. Para lembrar apenas duas pesquisadoras que chegam a conclusões contundentes a esse respeito em trabalhos recentemente publicados, podem ser citadas Maria Aparecida Paiva,<sup>17</sup> analisando a destinação que têm os acervos de literatura infanto-juvenil recebidos pelo PNBE em cerca de 170 escolas municipais de Belo Horizonte, e Gabriela Rodella de Oliveira,<sup>18</sup> ao abordar as práticas de leitura de docentes e estudantes da rede pública e particular de ensino do estado de São Paulo. Os trabalhos das duas pesquisadoras tocam em questões cruciais do problema, trazendo contribuição das mais importantes para as políticas públicas ligadas ao livro, à leitura e ao ensino da literatura no país.

---

17. PAIVA, Maria Aparecida (org.). *Literatura fora da caixa: o PNBE na escola – distribuição, circulação e leitura* (São Paulo: Ed. UNESP, 2012).

18. OLIVEIRA, Gabriela Rodella de. *O professor de português e a literatura*. (São Paulo: Alameda, 2013) [dissertação de Mestrado] e a tese de doutorado, ainda não publicada, *As práticas de leitura literária de adolescentes e a escola: tensões e influências* (USP, 2013).

Se as políticas públicas dos últimos anos têm acertado no esforço de garantir amplamente o acesso material ao livro literário, falta ainda a contrapartida de investimentos sólidos na formação e atualização dos mediadores (professores, bibliotecários, animadores culturais, etc.). É preciso enfrentar o problema das Licenciaturas em Letras que não se assumem como tal, nas quais – via de regra – sequer há disciplinas obrigatórias como Literatura Infantil, Literatura Juvenil, Leitura, Letramento Literário, Ensino da Literatura e Formação de Leitores. Isso, para dizer o mínimo. Sob o risco de desperdiçar levemente recursos investidos a duras penas no setor nos últimos anos, tampouco é possível deixar de lado o imenso conjunto de profissionais já em serviço, sem formação e atualização específica nesse âmbito. É preciso levá-los, em sua atuação, a considerar os modos muito específicos com que se dão as práticas culturais dos jovens hoje, particularmente a leitura. Dito de outra maneira, é preciso, mais do que nunca, renovar a convicção de que o **livro** ainda tem uma imensa contribuição individual e social a dar, como, de forma visionária defendeu Umberto Eco, ao longo do tempo, mesmo no contexto da explosão digital, quando muitos apostavam no seu desaparecimento:

Com a internet, voltamos à era alfabética. Se um dia acreditamos ter entrado na civilização das imagens, eis que o computador nos reintroduz na galáxia de Gutenberg, e doravante todo mundo vê-se obrigado a ler. Para ler é preciso um suporte. Esse suporte não pode ser apenas o computador. (...) Das duas, uma: ou o livro permanecerá o suporte da leitura, ou existirá alguma coisa similar ao que o livro nunca deixou de ser, mesmo antes da invenção da tipografia. As variações em torno do objeto livro não mudaram sua função, nem sua sintaxe, em mais de quinhentos anos. O livro é como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma vez inventados, não podem ser aprimorados. Você não pode fazer uma colher melhor do que uma

colher. (...) O livro venceu seus desafios e não vemos como, para o mesmo uso, poderíamos fazer algo melhor que o próprio livro. Talvez ele evolua em seus componentes, talvez as páginas não sejam mais de papel. Mas ele permanecerá o que é.

(Eco; Carrière, 2010, p.16-17)

O otimismo do antiapocalíptico Eco em relação à perenidade do livro na sociedade ocidental, defendida até mesmo nas últimas entrevistas que concedeu pouco antes de falecer, casa-se perfeitamente com o espírito de época atual, que tem levado grande número de jovens à leitura literária, como se procurou aqui enfatizar com base nos dados da pesquisa. Torna-se, portanto, imperativo desenvolver políticas públicas mais incisivas e competentes, que aproveitem essa deixa e tragam quanto antes para o universo da leitura os jovens que dele ainda não fazem parte.

\* É professor de literatura brasileira na Unesp – Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Dedicou-se à pesquisa de temas como leitura, literatura infantil, literatura juvenil e literatura brasileira contemporânea. Coordena o Grupo de Pesquisa CNPq Leitura e Literatura na Escola e integra a Red Temática de “Las Literaturas Infantiles y Juveniles en el Marco Ibérico y Iberoamericano” da Universidade de Santiago de Compostela, Espanha.

## BIBLIOGRAFIA

- ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005.
- AMORIM, Galeno (org.). *Retratos da leitura no Brasil 2*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Instituto Pró-Livro, 2008.
- BECKETT, Sandra L. *Crossover Fiction: Global and Historical Perspectives*. Nova York: Routledge, 2009.

- CORTI, Ana Paula; SOUZA, Raquel. *Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores*. São Paulo: Ação Educativa, 2004.
- ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. *Não contem com o fim do livro*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- FAILLA, Zoara (org.). *Retratos da leitura no Brasil 3*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Instituto Pró-Livro, 2012.
- RIBEIRO, Vera Masagão (org.). *Letramento no Brasil*. São Paulo: Global, 2003.

## **O que os livros digitais representam para o aumento da leitura? O que diz a Retratos da Leitura sobre quem lê nesse suporte?**

Carlo Carrenho\*

### **Contexto e cronologia do livro digital**

O objetivo deste artigo é analisar os resultados da pesquisa Retratos da Leitura sobre a leitura e o suporte digital, especialmente e-books, e também discutir como o advento da tecnologia e do processo de digitalização de livros e textos pode estimular o crescimento da leitura. Antes de tais análises, no entanto, se faz necessário entender o contexto e a cronologia do livro digital no Brasil e mesmo no mundo, como uma forma de se evitar a tendência natural de acharmos que a atual realidade digital já vem de longa data.

No que tange à tecnologia, isso é particularmente importante. Afinal, não parece que sempre tivemos a internet? Que sempre tivemos e-mail? Que sempre tivemos celulares? Quando penso nos meus anos de faculdade, na USP, entre 1991 e 1995, não consigo mais imaginar como era possível estudar sem toda essa tecnologia digital e internautica que utilizamos hoje. Da mesma forma, é importante termos consciência de que o livro digital, em seus formatos atuais, é muito recente e ainda se encontra na sua infância.

Embora haja diversos relatos de livros digitais já no século passado, muitos atribuindo a invenção do e-book a Michael S. Hart, em 1971,<sup>1</sup> quando ele criou uma versão eletrônica da Declaração de Independência dos Estados Unidos, o fato é que os livros digitais começaram a se popularizar de fato só quando a Amazon lançou o leitor Kindle em novembro de 2007. Vale lembrar ainda que a Sony lançou seu Sony Reader em 2006 e que Stephen King já havia lançado um e-book comercial em 2000, o *Riding the Bullet*, que era vendido em fascículos. No entanto, nenhuma das duas iniciativas vingaram. O leitor da Sony foi descontinuado em 2014 e o projeto de Stephen King não gerou maiores desenvolvimentos. Ou seja, foi só em 2007 que os livros digitais passaram a ser uma realidade, e isso apenas nos Estados Unidos. O livro digital comercial, portanto, ainda não tem sequer uma década de idade.

No começo, a iniciativa da Amazon era concentrada apenas no mercado norte-americano, e Kindles e livros digitais não estavam disponíveis a leitores de outros países. Foi só em outubro de 2009 que a Amazon lançou uma versão internacional do Kindle e passou a oferecer e-books em suas lojas internacionais.

No Brasil, a pioneira foi a Gato Sabido, uma loja virtual de e-books lançada em 2009, mas que já encerrou suas operações. A Saraiva e a Livraria Cultura lançariam suas iniciativas em 2010, com a primeira lançando seu leitor LEV em 2014 e a segunda se unindo à canadense Kobo e comercializando os dispositivos desta a partir de 2012. As demais lojas internacionais, assim como a Kobo, aportariam em espaços cibernéticos brasileiros apenas em 2012. A primeira seria a Apple, que chegou em outubro daquele ano, oferecendo livros digitais aos usuários de seus produtos. Amazon, Google e Kobo lançariam suas lojas no mesmo dia, 5 de dezembro de 2012, o chamado “Dia D” do

---

1. GRIMES, William. “Michael Hart, a Pioneer of E-Books, Dies at 64”. *The New York Times*, 8 de setembro de 2011.

livro digital no Brasil. Assim como nos Estados Unidos, foi a chegada da Amazon no Brasil que acelerou o crescimento do livro digital no mercado local, neste caso com a ajuda das demais lojas internacionais.

A tabela a seguir mostra o crescimento da participação dos livros digitais nas vendas em unidades das editoras brasileiras:<sup>2</sup>

Ano	Participação
2012	0,5%
2013	2,5%
2014	3,5%
2016	4,27%

A título de comparação, segundo a Associação de Editores Americanos (Association of American Publishers), em 2015, as vendas anuais de livros de seus associados foi de US\$ 6,652 bilhões, entre os quais US\$ 1,317 bilhão foi só de livros digitais. Ou seja, a participação digital foi de 19,80% em faturamento. Como os livros digitais são mais baratos que os livros físicos, pode-se estimar que a participação dos e-books no total de vendas em unidades dessas editoras ficou próxima de 30%.

Também se observa que o crescimento dos livros digitais vem diminuindo drasticamente ano a ano, havendo até mesmo queda do faturamento. Segundo o *Global eBook Report*, nos Estados Unidos, “de maneira geral, ano a ano, o crescimento do faturamento de e-books caiu de 356% em 2009 e de 199% em 2010 para 44% em 2012, chegando a uma pequena queda de 0,7% em 2013”.<sup>3</sup> Mais recentemente, os números da AAP para o faturamento de livros digitais adultos e infantis apontam crescimento de 4,7% em 2014 e queda abrupta de 13,2% em 2015.

---

2. Números estimados pelo PublishNews com base nos mais fidedignos dados disponíveis no mercado.

3. WISCHENBART, Rüdiger et al. *The Global eBook Report 2016: A report on market trends*, Rüdiger Wischenbart Content and Consulting, Viena, Áustria, abril de 2016.

É importante salientar que o segmento de livros digitais independentes, também chamados de autopublicados, tem crescido rapidamente e ocupado o espaço dos e-books de editoras tradicionais. Segundo o *Global eBook Report*, o site Author Earnings estimou que, em janeiro de 2016, a participação dos livros independentes no mercado digital norte-americano já chegava a 25%. No entanto, é fato que o crescimento do mercado de e-books tem diminuído e alcançado um platô. Isso, por um lado, é prova de que o livro em suporte de papel, como conhecemos, não irá desaparecer tão cedo. Por outro lado, um suporte responsável por mais de 25% das unidades de livros vendidas não pode ser ignorado. E se o Brasil ainda se encontra longe desse número, com certeza é nessa direção que o mercado nacional caminha, ainda que a passos mais lentos.

É nesse contexto que precisamos entender o livro digital no Brasil e no mundo. Trata-se de uma tecnologia de adoção muito recente e que se encontra em sua infância, quíçá adolescência. Não podemos, portanto, considerar o advento dos livros digitais como um processo finalizado, ou seja, temos que analisá-lo como uma história em seu início. É absolutamente impossível afirmar o sucesso ou o fracasso do suporte digital para o livro neste momento. Estaríamos avaliando o carro em pleno movimento. E também é dessa forma que devemos encarar o resultado da pesquisa Retratos da Leitura no que se refere aos suportes digitais.

## **Seis observações sobre os números da leitura digital**

Entre os resultados aferidos pela pesquisa Retratos da Leitura para a leitura digital, este artigo selecionou seis questões que merecem análise e observação mais aprofundadas:

## 1. PENETRAÇÃO E GOSTO PELA LEITURA SUPERIOR NOS LEITORES DIGITAIS

Segundo a pesquisa, entre leitores de livro digital, 91% afirmam ter lido pelo menos um livro, em papel ou digital, inteiro ou em parte, nos últimos três meses – portanto são leitores – e 61% declaram “gostar muito” de ler. De fato, os índices observados na amostra foram bem inferiores. No caso, apenas 56% leram algum livro nos últimos três meses, sendo assim considerados leitores, e apenas 30% disseram “gostar muito” de ler. Em um primeiro momento, isso pode levar à conclusão de que a leitura digital leva o indivíduo a ler mais ou a gostar mais de ler, mas isto seria uma inversão de causa e efeito.

Na realidade, acontece justamente o contrário: os e-books e a leitura digital atraem em um primeiro momento justamente aqueles que leem mais. São eles os mais curiosos em relação a novos suportes, os mais dispostos a investir em um aparelho de leitura e os mais abertos a mudar seus hábitos de leitura.

Uma prova dessa situação é que a venda de aparelhos dedicados de leitura vem caindo nos EUA, depois de alguns anos de crescimento e estabilidade. Isto ocorre justamente porque a grande maioria dos primeiros consumidores de *e-readers* era justamente de leitores assíduos, os *heavy readers*, que leem vários livros por ano ou mesmo por mês. Com o passar dos anos, esse extrato do mercado foi praticamente todo atingido, e as vendas começaram a cair por não encontrar a mesma ressonância nos demais extratos.

Ou seja, a conclusão correta é que esses resultados indicam que o leitor de livros digitais é o leitor assíduo que tem passado a realizar suas leituras também no formato digital.

## 2. HÁ AMPLA ATIVIDADE DE LEITURA NA INTERNET

A pesquisa aponta que o número de pessoas que já usaram a internet cresceu de 81 milhões em 2011 para 127 milhões em 2015. Além dis-

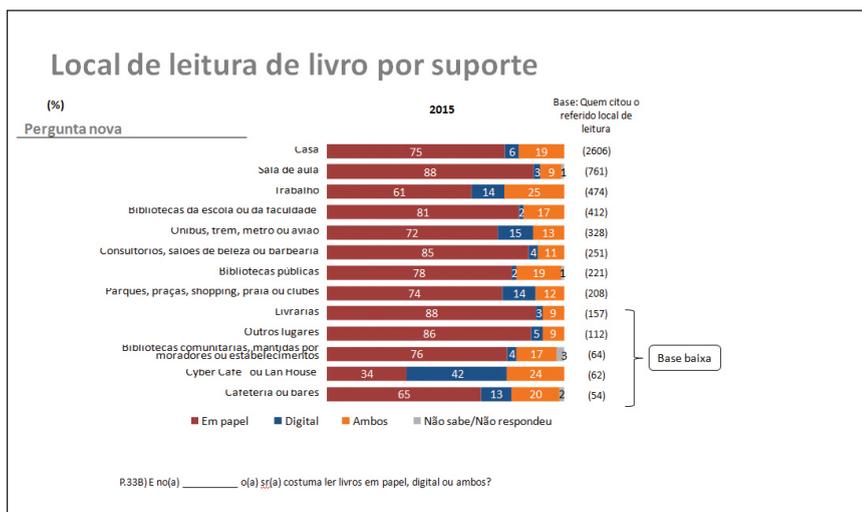
so, 63% das pessoas usaram a internet nos últimos três meses, e, mais importante, entre os leitores, 81% são usuários de internet.

No que se refere às atividades praticadas na internet, 50% dos usuários (pessoas que acessaram a rede nos últimos três meses) a usam para acessar ou participar de redes sociais, blogs ou fóruns. Trata-se da mesma quantidade de pessoas que usam a rede para ouvir música (50%), e um número um pouco maior a utiliza para ver filmes ou TV (48%). E esse tipo de atividade não deixa de ser um tipo de leitura. Já no que se refere às atividades de leitura na internet, nada mais que 52% a usam para ler notícias e obter informações. O número de leitura “tradicional” na rede ainda é baixo, mas presente. Só 16% leem jornais, 15% leem livros e 11% leem revistas.

Também é importante ressaltar que 19% dos usuários de internet a utilizam para compartilhar textos e informações sobre livros e literatura em blogs, fóruns e mídias sociais. Isso mostra que os internautas brasileiros não só querem ler, como querem escrever na grande rede. Não é à toa que plataformas como a Wattpad têm observado um grande número de “escritores” brasileiros entre seus usuários. Isso não pode ser negligenciado, pois onde se escreve também se lê, e quanto mais houver espaço para a escrita eletrônica, maiores serão os índices de leitura digital.

A conclusão é que há um potencial enorme para o crescimento da leitura em suporte digital, pois uma grande parcela da população já lê – e escreve! – em tela e não parece se importar muito com isso. Claro que há um salto considerável entre a leitura de textos curtos e a de textos longos, como livros. Mas, ainda assim, com tanta utilização da rede para a leitura – e escrita –, ainda que de textos menores, é difícil imaginar que exista alguma barreira intransponível ou muito difícil para o suporte digital.

### 3. A LEITURA DIGITAL JÁ ESTÁ EM TODOS OS LUGARES



Fonte: Retratos da Leitura no Brasil

O quadro anterior mostra algo bastante interessante: a leitura digital já está presente em todos os lugares e, claro, muito entrelaçada ainda com o acesso à internet. Por isso a presença da leitura digital é maior em cafeterias, *lan houses* e no trabalho. No entanto, ela também está presente em meios de transportes, consultórios, etc., o que mostra que a leitura no suporte digital já existe de forma não desprezível sob a forma *mobile* e *off-line*. Mais uma vez, fica claro o potencial para o crescimento do consumo de e-books e outros textos digitais.

### 4. O BRASIL É O PAÍS DO SMARTPHONE E DO TABLET

Ainda é muito comum ouvir informalmente que as pessoas jamais se acostuariam a ler em um celular, que a tela é muito pequena, que a leitura seria desagradável. A pesquisa Retratos da Leitura contradiz tudo isso. Entre os que já leram um livro digital, 56% fizeram isso no celular ou no smartphone, sendo este último o dispositivo mais utilizado. O computador foi usado por 49% dos leitores, seguido dos tablets por

18%. Em último lugar ficaram os leitores dedicados como o Kindle (Amazon), o Lev (Saraiva) e o Kobo (Cultura), com apenas 4%.

Se tais números apontam a boa receptividade do smartphone como dispositivo de leitura, eles também mostram a baixa penetração dos leitores dedicados. Em um país fascinado por tecnologia e com ainda baixos índices de leitura, esse resultado parece natural. Afinal, apenas um leitor muito assíduo teria interesse em investir em um aparelho dedicado e ainda estaria disposto a carregar mais um objeto, pois é de se esperar que a maioria dos usuários tenha um smartphone e/ou um tablet antes de adquirir um leitor dedicado.

Os números de vendas de smartphones e tablets no Brasil, que, em queda, ficaram em 47 milhões e 6,8 milhões respectivamente em 2015, segundo o instituto de pesquisas IDC, mostram mais uma vez que a leitura digital no Brasil não pode ignorar tais dispositivos.

Já os leitores dedicados, para crescerem no Brasil, precisarão de mais incentivos. Em primeiro lugar, seria crucial que tivessem mais visibilidade e não estivessem apenas em lojas virtuais, poucos quiosques ou escondidos nos cantos das livrarias. Além disso, seria interessante que os preços de tais dispositivos fossem mais acessíveis, ainda mais em um momento em que a moeda nacional está desvalorizada e todos eles são importados. Uma das formas de se alcançar um preço inferior seria a isenção fiscal dos leitores dedicados e sua equiparação fiscal aos livros físicos. Isso tem sido tentado junto ao Congresso e outras instâncias do governo, mas, apesar do esforço das empresas envolvidas, não houve maior avanço ou sucesso.

## **5. LIVROS DIGITAIS AINDA NÃO SÃO AMPLAMENTE CONHECIDOS. FALTA INVESTIR EM MARKETING**

A Retratos da Leitura aponta que, em 2015, 41% da amostra já havia ouvido falar de livros digitais. Em 2011, apenas 30% tinha ouvido falar dos mesmos. Pode parecer um crescimento grande, mas se conside-

rarmos que o mercado digital só começou para valer em 2012, era de se esperar que este número tivesse crescido mais. Além disso, há uma mudança de padrão entre os que nunca ouviram falar dos e-books. Em 2011, dos 70% que desconheciam o suporte, 25% tinham interesse em conhecer e 45% não manifestaram tal interesse. Em 2015, dos 59% que desconheciam livros digitais, apenas 7% queriam saber mais contra 52% que não demonstraram interesse.

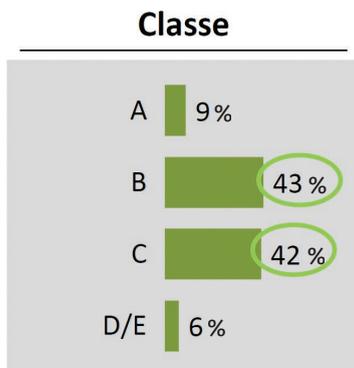
Em outro ponto da pesquisa, ao se observar o perfil do leitor digital por região, observa-se que a distribuição é muito parecida com a distribuição do leitor em geral:

Região	Leitores de meio digital	Leitores em geral
Norte	7%	8%
Nordeste	23%	25%
Sudeste	48%	46%
Sul	12%	13%
Centro-Oeste	10%	8%

A semelhança entre a distribuição do leitor digital e do leitor em geral surpreende porque a leitura digital é perfeita para os leitores com pouco acesso a livrarias e bibliotecas, e, portanto, era de se esperar que a participação dos leitores digitais nas regiões Norte e Centro-Oeste fosse notavelmente maior e não praticamente empatasse com a participação dos leitores em geral.

Tudo isso mostra que o livro digital ainda é pouco conhecido, divulgado e comercializado. Em outras palavras, falta marketing e investimento das livrarias para divulgar seus dispositivos e lojas. De maneira geral, vê-se muito pouco investimento de Amazon, Apple, Google, Saraiva e Cultura na divulgação de suas plataformas digitais, e o resultado são os ainda baixos conhecimento, interesse e aproveitamento das vantagens comparativas no que se refere aos livros digitais no país.

## 6. A CLASSE C É AMPLA CONSUMIDORA DE LIVROS DIGITAIS



Fonte: Retratos da Leitura no Brasil

A distribuição do leitor de livros digitais (gráfico anterior), apontada pela pesquisa Retratos da Leitura, traz um dado interessante que é o alto consumo por parte de leitores da classe C. Isso explica por que o livro digital, como vimos, raramente é lido em leitores dedicados, porém mais em smartphones e computadores, produtos que já alcançaram plenamente a classe C.

Além disso, a pesquisa aponta que 88% dos leitores digitais em 2015 baixaram livros gratuitamente, o que permitiria um amplo acesso da classe a esta plataforma de leitura.

Aqui é importante observar que livros baixados gratuitamente na internet não são necessariamente ilegais ou piratas. Há uma ampla gama de depositórios de livros em domínio público. Além disso, as lojas costumam disponibilizar alguns livros grátis e, mais que isso, muitas permitem que se baixe um capítulo do livro gratuitamente. Portanto, seria leviano considerar que este número reflita apenas a pirataria. Por outro lado, é inegável que ela exista amplamente pelo país e seria interessante aprofundar o estudo desta questão em pesquisas futuras.

## Uma questão do acesso

A grande pergunta que não quer calar é esta: O advento do livro digital colabora com o aumento e o desenvolvimento da leitura? Infelizmente, a resposta pode não ser tão simples assim. Em primeiro lugar, como já mencionamos, a popularização dos livros digitais é um fenômeno recente e ainda em seu estágio inicial. Portanto, ainda seria muito cedo para se chegar a qualquer conclusão definitiva. O que se pode fazer, no caso, é tecer algumas considerações e análises pouco quantitativas, mas de validade para a discussão.

Em minha opinião, os livros digitais *per se* não aumentam os índices de leitura. Eu não acho que a mudança de suporte seja um grande atrativo para transformar o não leitor em leitor. Não acho que, porque um livro possa ser lido no mesmo dispositivo onde é possível se distrair com um jogo, o usuário se sentirá atraído para a leitura. Em outras palavras, o garoto que preferia jogar futebol do que ler livros de papel também não deixará de jogar videogames para ler e-books – e o exemplo pode ser ampliado para outras faixas etárias.

No entanto, eu acredito que os livros digitais eliminam barreiras para a leitura na medida em que ampliam de forma gigantesca o acesso ao livro. Ou seja, e-books podem não criar leitores, mas uma vez que surja o interesse na leitura em alguém, eles proveem um acesso nunca antes visto na história do livro. Eu já tratei deste assunto no artigo “Livro digital: uma questão de acesso”, publicado em 2014 na revista *Observatório Cultural Itaiú*.<sup>4</sup>

(...) a grande revolução que o e-book traz está não na forma de leitura, mas no acesso. De certa maneira, ela é parecida com a invenção da imprensa, que revolucionou a indústria editorial e a literatura, democratizando o acesso aos textos. O advento do livro digital tem um efeito

---

4. Revista *Observatório Itaiú Cultural*, nº 17, julho de 2014, São Paulo.

semelhante: seu grande trunfo é a ampliação do acesso à leitura. E tal acesso se amplia em três frentes.

Em primeiro lugar, o livro digital traz o acesso geográfico. Se antes era necessário se locomover até uma livraria ou biblioteca para obter um livro, agora é o livro que vai tranquilamente até o tablet, computador ou e-reader do leitor. E se antes o livro muitas vezes não era encontrado na livraria ou estava emprestado na biblioteca, e o leitor era obrigado a esperar dias ou semanas para pôr as mãos no livro, agora ele é baixado em poucos segundos e a leitura pode começar imediatamente. Em um país continental como o Brasil, com poucas livrarias e com bibliotecas em decomposição, esse acesso geográfico que o livro digital permite é uma verdadeira inclusão de novos leitores.

O segundo tipo de acesso que o livro digital traz é econômico. Embora os editores sempre lembrem, com razão, que os custos do livro incluem muito mais que papel e tinta, a verdade é que a impressão, a logística e o transporte abocanham uma enorme fatia do faturamento dos editores. Com o livro digital, tais custos desaparecem ou diminuem muito. (...) Claro que o custo do aparelho de leitura tem de ser considerado na equação. No entanto, o preço de tais aparelhos tende a cair cada vez mais, especialmente se for aprovada a tão necessária alteração na Lei do Livro, que equipararia os aparelhos exclusivos para leitura ao livro físico, desonerando-os de impostos.

Além disso, a população brasileira tem cada vez mais acesso a computadores, smartphones e tablets, e as vendas destes dois últimos tipos de produto têm crescido rapidamente no país. Portanto, aparelhos de leitura, ainda que não sejam aqueles exclusivos para essa atividade, já fazem parte do cotidiano brasileiro e seus custos não anulariam o acesso econômico que o livro digital traz. (...)

O terceiro tipo de acesso é pouco lembrado, mas igualmente relevante. Trata-se do acesso para deficientes visuais. Livros digitais permitem a leitura em áudio por um computador. Os primeiros modelos Kindle, da Amazon, traziam esse recurso em inglês e, apesar de umas falhas de infle-

xão aqui ou ali, apresentavam uma leitura oral de ótima qualidade. Seria interessante ver essa tecnologia se desenvolver e se democratizar mais. Tão importante quanto isso é o fato de que qualquer leitor digital ou aplicativo de leitura para celular e tablet permite o aumento do tamanho da letra, para a felicidade de pessoas com alguma dificuldade visual. O livro digital traz acesso à leitura, portanto, não apenas para pessoas legalmente cegas, mas também para aquelas com dificuldades menores, causadas por deficiências comuns, como miopia, astigmatismo e até “vista cansada”.

A edição de 2015 da pesquisa Retratos da Leitura traz alguns dados que corroboram a necessidade de um acesso maior aos livros, a qual pode ser amplamente atendida por uma maior popularização dos livros digitais. Vamos a eles:

**A)** *Entre os leitores, as razões apontadas para não lerem mais incluem:*

- Falta de bibliotecas por perto, 8%
- Alto preço dos livros, 7%
- Falta de lugar onde comprar, 3%

Ora, esses três motivos seriam facilmente resolvidos pelo acesso econômico e geográfico do livro digital.

**B)** *17% da amostra apontam como dificuldade para a leitura problemas de visão ou outra limitação física.* Ora, mais uma vez o livro digital, que permite o aumento da tipologia do texto e a leitura por tecnologia TTS (*text-to-speech*), resolveria grande parte do problema.

**C)** *9% dos leitores baixam livros pela internet.* Ou seja, já existe a predisposição, ainda que em pequena parcela, de buscar o acesso digital aos livros.

**D)** *15% dos compradores de livros adquirem seus livros pela internet.* Outra vez, já existe predisposição para buscar o conteúdo em lojas virtuais.

E) *Entre os compradores de livros, as três primeiras motivações para escolher o local de compra de livros incluem:*

- Preço, 42%
- Variedade, 21%
- Comodidade ou proximidade, 20%

Esses números talvez sejam os que mais corroboram a importância do digital. Afinal, é mais um caso em que o livro digital cai como uma luva, pois oferece acesso econômico, com livros mais baratos, e acesso geográfico, com o potencial de uma variedade infinita de produtos em qualquer lugar.

Concluindo, as necessidades de estímulo à leitura me parecem ser as mesmas tanto para a leitura em suporte digital como para a leitura de suporte em papel. A simples existência de e-books não criará leitores, por mais sedutores que sejam os dispositivos de leitura. Como bem mostra a pesquisa Retratos da Leitura, os maiores influenciadores da leitura são a mãe (11%), os professores (7%) e o pai (4%). Ou seja, é em casa e na escola que se formam leitores, e não será um livro com cara de videogame que desenvolverá o amor pela leitura em nenhum cidadão. No entanto, uma vez que este amor surja, as barreiras econômicas, geográficas ou fisiológicas para sua concretização podem ser diminuídas ou dizimadas pelos livros digitais.

Os livros digitais podem não germinar leitores, mas oferecem acesso às melhores condições de desenvolvimento da leitura para aqueles ávidos por conteúdo de qualidade e de entretenimento. Mais do que qualquer coisa, o livro digital é acesso.

\* É o fundador do PublishNews. Formado em economia (FEA-USP) e especializado em editoração pelo Radcliffe Publishing Course (Radcliffe College, Boston), Carlo também atua como *advisor* de empresas da cadeia do livro e tem como foco o mundo digital e os novos modelos de negócio. É ainda embaixador da Bookshare no Brasil.

## Números e letras no mundo dos livros

Marisa Lajolo\*

*Carlos Magno continua*

*Vivo na literatura*

*(...)*

*Cantado pelo sertão*

*Na peleja dilatada*

*Divulgado na cidade*

*Pelo verso de bancada*

*Mais conhecido que ele*

*Só tem a Bíblia sagrada.*<sup>1</sup>

**G**eraldo Amâncio e Zé Fernandes – no texto acima – têm razão: a Bíblia continua sendo o livro mais lido por aqui, como registra pesquisa recente.

Viva o cancionista popular nordestino que sabe das coisas!

**1.** O lançamento dos resultados da 4ª edição de *Retratos da Leitura no Brasil* é um bom pretexto para uma viagem no tempo. Um longo tempo, mas uma viagem curta, prometo...

Em 9 de setembro de 1870, na hoje divertida linguagem da burocracia imperial, D. Pedro II assina a lei 1829 que institucionaliza o recenseamento:

---

1. Geraldo Amâncio e Zé Fernandes. *Carlos Magno em cantoria*. Faixa 1.

Dom Pedro Segundo, por graça de Deus e Unânime Aclamação dos Povos, Imperador Constitucional e defensor Perpétuo do Brasil: Fazemos saber a todos os Nossos Subditos que a Assembleia Geral Legislativa decretou, e Nós queremos a lei seguinte: Artigo 1 – De dez em dez anos proceder-se-há ao recenseamento da população do Império.<sup>2</sup>

Em cumprimento à lei, realiza-se o censo dois anos depois (ao longo de 1872), sendo seus resultados divulgados em 1876.

QUADRO 1

<b>RESULTADOS DO CENSO DO IMPÉRIO BRASILEIRO REALIZADO EM 1872</b>		
	<b>HOMENS</b>	<b>MULHERES</b>
<b>POPULAÇÃO LIVRE</b>	<b>4.318.699</b>	<b>4.100.976</b>
	<b>8.419.675</b>	
<b>POPULAÇÃO ESCRAVA</b>	<b>1.510.806</b>	
<b>POPULAÇÃO TOTAL</b>	<b>9.930.481</b>	
Tabela organizada a partir de dados disponibilizados em <a href="http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49656.pdf">http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49656.pdf</a>		

QUADRO 2

<b>RESULTADOS DO CENSO DO IMPÉRIO BRASILEIRO REALIZADO EM 1872</b>		
<b>POPULAÇÃO LIVRE</b>	<b>8.419.672</b>	
	<b>SABEM LER</b>	<b>NÃO SABEM LER</b>
	<b>1.563.078</b>	<b>6.856.594</b>
Tabela organizada a partir de dados disponibilizados em <a href="http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49656.pdf">http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49656.pdf</a>		

2. Cf. <http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/censos/1872.pdf>. Consulta em 08/04/2016.

Os números da tabela anterior são desalentadores?

Se forem, desalentam mais ainda quando distribuídos pelas diversas províncias, o que merece comentário do próprio relator do censo:

(...) só no município da Corte pouco mais da metade da população livre sabe ler e escrever: 50,16 pessoas em 100. Nas províncias o número dos analfabetos é superior ao do que não o são.

Quando divulgados, os resultados são comentados por diferentes vozes. Entre elas, a de Machado de Assis, então responsável pela coluna História de Quinze Dias, da revista quinzenal *Ilustração brasileira*.<sup>3</sup> Com 37 anos, ainda sem obras-primas publicadas, assinando-se *Manassés*, em 15 de agosto de 1876, ele registra – espantado – que:

(...) publicou-se há dias o recenseamento do Império, do qual se colige que 70% de nossa população não sabem ler. (...) A nação não sabe ler. Há só 30% dos indivíduos residentes neste país que podem ler, desses uns 9% não leem letra de mão. 70% jazem em profunda ignorância.<sup>4</sup>

Três anos depois, em 29 de junho de 1879, *A Gazeta de Campinas*, noticiando e aplaudindo o lançamento da *Revista Brasileira*, pôde sugerir a um leitor mais desconfiado entrelinhas para o artigo de Machado. A partir do resultado do censo, o artigo do jornal campineiro se estende à enumeração das consequências, para a profissionalização de escritores e editores, do desalentador diagnóstico da situação da leitura no Brasil:

---

3. <http://machadodeassis.net/download/numero02/num02artigo10.pdf>. Consulta em 08/04/2016.

4. Cf. LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1996, p. 246 e ss.

Todos os que amam as boas letras reconhecem e lamentam a esterilidade atual de nossos homens de talento e perguntam a si mesmos qual o motivo que os leva a esse silêncio desanimador em que têm permanecido.

O motivo é, sem dúvida alguma, a cruel indiferença com que o povo brasileiro em sua maior parte recebe os produtos das vocações literárias da sua terra, fato este que, sobre ser de funesta consequência para a atividade do escritor, é também um aviso a editores que abrem mão dos cometimentos de publicações e voltam as costas a toda e qualquer proposta naquele sentido.

De tudo isso resulta um retraimento deplorável e o constante empobrecimento da literatura nacional.<sup>5,6</sup>

Com uma certa malícia, talvez se possa articular o que diz o jornal ao espanto de Machado de Assis. O olhar malicioso pode identificar um Machado de Assis atento às reduzidas chances de um escritor brasileiro de seu tempo pagar as contas no fim do mês com os livros que escreve.

Será?

A sugestão se reforça quando se põem, ao lado dos números do censo (que indicava apenas 1.563.078 brasileiros capazes de ler), as tiragens de alguns títulos contratados e editados nos arredores daquela data.

Contratos mais antigos – a partir dos quais foi montado o quadro anterior – sugerem a longevidade do privilégio do gênero didático, bem como a pequena tiragem de romances.

Situação bem parecida com a de hoje, correto?

---

5. <http://200.144.6.120/uploads/acervo/periodicos/jornais/GC18790629.pdf>. Consulta em 08/04/2016.

6. Este artigo do jornal campineiro reproduz trecho muito interessante da apresentação da *Revista Brasileira*: “O povo brasileiro (...) não está ainda preparado para consumir o livro, substancial alimento das organizações viris e fortemente caracterizadas. Faltam-lhe as condições de gosto, instrução, meios, saudável direção de espírito, sem as quais não se pode cumprir a livre obrigação que equipara o artesão ao capitalista, o operário ao literato, o pobre ao milionário – a de comprar, ler e entender verdades ou ideias coligidas em um volume, cuja leitura demanda largo fôlego e cujo estudo requer tempo.”

QUADRO 3

ANO	ESCRITOR	EDITOR	OBRA	EXEMPLARES
1862	JOAQUIM NORBERTO DE SOUZA E SILVA	LAEMMERT	A NOVA DOCEIRA DO BRASIL	2.000
1873	JOAQUIM MANUEL DE MACEDO	GARNIER	LIÇÕES DE COROGRAFIA BRASILEIRA	3.000
1896	MACHADO DE ASSIS	GARNIER	QUINCAS BORBA (2ª ED.)	1.100
	MACHADO DE ASSIS	GARNIER	MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS	1.100
1901	EUCLIDES DA CUNHA	LAEMMERT	OS SERTÕES	1.200

**2.** Dando um salto, acaba nossa viagem no tempo. Chegamos ao nosso século.

A população brasileira multiplicou-se mais de vinte vezes e, hoje, pesquisas dispõem de profissionais, métodos e instrumentos bem mais sofisticados do que os disponíveis em 1872, tempo do recenseamento que tanto espantou Machado de Assis.

Uma dessas pesquisas recentes e sofisticadas é a intitulada *Retratos da Leitura no Brasil*. Levantando dados por meio de entrevistas pessoais e domiciliares, a última versão dela (desenvolvida entre 23 de novembro de 2015 e 14 de dezembro de 2015) foi resultante de 5.012 entrevistas, número estatisticamente representativo da população brasileira com mais de 5 anos de idade.<sup>7</sup>

Trata-se de uma pesquisa na qual quem declara ter lido *um livro inteiro ou em partes* nos três meses anteriores à investigação é considerado LEITOR, sendo considerado NÃO LEITOR quem não leu *um livro inteiro ou em partes* no mesmo período.

Os resultados desta última versão da pesquisa tornam-se mais

---

7. O PNAD de 2013 registra uma população total de 201.020.101 habitantes, sendo 187.803.031 maiores de 5 anos e, portanto, integrantes do segmento objeto da pesquisa. Cf. página 174 [População Representada na Amostra] da pesquisa.

significativos quando vistos à luz de versões anteriores, comparação ilustrada pelo quadro abaixo:

QUADRO 4

	CONSIDERAM-SE LEITORES	CONSIDERAM-SE NÃO LEITORES
2007	55% dos entrevistados 95,6 milhões	45%
2011	50% dos entrevistados 88,2 milhões	50%
2015	57% dos entrevistados 107 milhões	43%

Visão comparativa e otimista, parece resgatar a esperança...

Sim, aumentou o número de brasileiros que se identificam como leitores!

Outro quesito da pesquisa solicita que os entrevistados se distribuam numa tabela que oferece quatro *intensidades* de relacionamento com a leitura: a) *não sabe*; b) *não gosta*; c) *gosta um pouco* e d) *gosta muito*.

QUADRO 5

	NÃO SABE	NÃO GOSTA	GOSTA UM POUCO	GOSTA MUITO
2007	9%	23%	39%	28%
2011	9%	30%	37%	25%
2015	3%	22%	44%	31%

O otimismo anteriormente sugerido pode intensificar-se quando se somam os entrevistados que declaram *gostar MUITO* com aqueles que dizem *gostar UM POUCO* de ler: afinal, ambos os grupos *gostam* de ler. Menos ou mais, mas dizem que gostam.

QUADRO 6

	NÃO SABE	NÃO GOSTA	GOSTA UM POUCO	GOSTA MUITO
2007	9%	23%	39%	28%
			67%	
2011	9%	30%	37%	25%
			62%	
2015	3%	22%	44%	31%
			75%	

Mesmo não tendo lido nem um livro inteiro nem trechos de livros nos meses anteriores à pesquisa, 75% dos entrevistados – isto é, por volta de 150 milhões de brasileiros maiores de 5 anos – dizem gostar de ler.

Ótimo, não é mesmo?

Mas... se gostam, por que não leem? Isto é: por que apenas 57% se consideram leitores? Por que ainda há 18% de brasileiros que se consideram NÃO LEITORES embora digam gostar de ler?

Mas, vamos lá: comparando resultados de 1872 com resultados de um século e meio depois, vemos que temos, sim, razão para otimismo: os resultados indicam que a leitura passou a fazer parte de um contingente bem maior de brasileiros.

**3.** O número de *brasileiros leitores* apurado pela recente pesquisa do Instituto Pró-Livro (IPL) ganha nuances quando posto lado a lado com a pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro, que tem como base o ano de 2014. Desenvolvida pelo SNEL, pela CBL e pela Fipe, ela identifica o número de títulos e de exemplares produzidos e vendidos de cada uma das 24 áreas temáticas<sup>8</sup> ao longo das quais se distribui o universo de livros com que trabalha.

O número total é de 60.829 títulos e 501.371.513 exemplares,<sup>9</sup>

---

8. Didáticos, Religião, Literatura Adulta, Literatura Infantil, Autoajuda, Literatura Juvenil, Direito, Economia-Administração—Negócios-Administração Pública, Ciências Humanas e Sociais, Línguas e Linguística, Medicina-Farmácia-Saúde Pública-Higiene, Biografias, Turismo-Lazer-Gastronomia, Educação e Pedagogia, Engenharia e Tecnologia, Matemática-Estatística-Lógica e Ciências Naturais, Psicologia e Filosofia, Educação Física e Esportes, Dicionários e Atlas escolares, Informática-Computação e Programação, Artes, Agropecuária-Veterinária e Animais de Estimação, Arquitetura e Urbanismo, outros.

9. A participação de cada categoria neste total é a seguinte, respectivamente para títulos e exemplares: Didáticos (14,47% e 42,19%), Religião (12,66% e 16,24%), Literatura adulta (10,79% e 9,67%), Literatura infantil (12,83% e 7,43%), Autoajuda (2,81% e 4,32%), Literatura Juvenil (7,53% e 4,01%), Direito (7,35% e 2,85%), Economia-Administração—Negócios-Administração Pública (3,73% e 2,17%), Ciências Humanas e Sociais (4,63% e 1,82%), Línguas e Linguística (0,23% e 1,71%), Medicina-Farmácia-Saúde Pública-Higiene (0,38% e 1,28%), Biografias (5,39% e 1,05%), Turismo-Lazer-Gastronomia (5,87% e 0,85%), Educação e Pedagogia (0,28% e 0,77%), Engenharia e Tecnologia (3,54% e 0,53%), Matemática-Estatística-Lógica e Ciências Naturais (0,04% e 0,42%), Psicologia e Filosofia (0,83% e 0,40%), Educação Física e Esportes (0,20% e 0,35%), Dicionários e Atlas escolares (0,03% e 0,33%), Informática-Computação e Programa-

como se vê.<sup>10</sup> O quadro a seguir foi montado a partir de dados da pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro relativa ao ano de 2014 .

QUADRO 7

<b>PRODUÇÃO E VENDAS DO SETOR EDITORIAL BRASILEIRO</b>		
<b>ANO BASE: 2014</b>		
	<b>TÍTULOS</b>	<b>EXEMPLARES</b>
<b>LIT. ADULTA</b>	<b>6.563</b>	<b>48.491.769</b>
<b>LIT. INFANTIL</b>	<b>7.802</b>	<b>37.529.612</b>
<b>LIT. JUVENIL</b>	<b>4.578</b>	<b>20.085.348</b>
<b>BIOGRAFIA</b>	<b>3.281</b>	<b>05.265.245</b>
<b>DIDÁTICO</b>	<b>8.801</b>	<b>211.518.868</b>
<b>TOTAL</b>	<b>31.025</b>	<b>322.890.842</b>

Algumas das categorias com que a pesquisa opera têm especificidades que talvez mereçam consideração especial: por exemplo, a categoria *Livros Didáticos*.

Livros didáticos são de consumo – digamos – compulsório e tutelado, modo de consumo muito específico que, no entanto, não é exclusivo desta categoria. *Livros Infantis e Juvenis* podem, em alguns casos, transformar-se em objeto do mesmo tipo de consumo: adotados pelas escolas, comprados pelo governo. Esse tipo de livro nem sempre é escolhido por quem vai lê-lo, o que talvez não aconteça com outras categorias.

Além disso, ao contrário do que ocorre com os livros didáticos, livros para crianças e jovens *também* são consumidos espontaneamente, tornando-se, assim, parceiros de categorias como Contos, Crônicas, Romance e Poesia, incluídos – no quadro acima – na denominação *Literatura Adulta*.

ção (0,07% e 0,12%), Artes (0,39% e 0,10%), Agropecuária-Veterinária e Animais de Estimação (0,35% e 0,08%), Arquitetura e Urbanismo (0,11% e 0,08%), outros (5,49% e 1,29%).

10. Só para efeitos de comparação: duas renomadas editoras universitárias inglesas – Cambridge University Press e Oxford University Press – lançam anualmente cerca de 11 mil títulos.

O quadro abaixo tenta dar conta da especificidade de certas categorias:

QUADRO 8

<b>PRODUÇÃO E VENDAS DO SETOR EDITORIAL BRASILEIRO</b>		
<b>ANO BASE: 2014</b>		
	<b>TÍTULOS</b>	<b>EXEMPLARES</b>
LIT. ADULTA	6.563	48.491.769
BIOGRAFIA	3.281	05.265.245
<b>LIT. AD + BIOGR.</b>	<b>9.844</b>	<b>53.757.014</b>
LIT. INFANTIL	7.802	37.529.612
LIT. JUVENIL	4.578	20.085.348
<b>LIT. INF. + LIT. JUV.</b>	<b>12.380</b>	<b>57.614.960</b>
DIDÁTICO	8.801	211.518.868
<b>LIT. AD. + INF. + JUV. + BIOGR. + DID.</b>	<b>31.025</b>	<b>322.890.842</b>

Como se vê, somando-se os exemplares das categorias acima discriminadas – relativas ao ano de 2014 –, temos um total de 322.890.842 exemplares produzidos a partir dos 31.025 títulos.

O panorama, à primeira vista, não é ruim: dá mais do que um livro por habitante.

Se, no entanto, excluirmos destes números astronômicos os relativos a *Livros Didáticos*, o panorama muda bastante: teremos 111.371.974 exemplares produzidos a partir de 22.224 títulos.

QUADRO 9

<b>PRODUÇÃO E VENDAS DO SETOR EDITORIAL BRASILEIRO</b>		
<b>ANO BASE: 2014</b>		
	<b>TÍTULOS</b>	<b>EXEMPLARES</b>
<b>TOTAL</b>	<b>31.025</b>	<b>322.890.842</b>
<b>DIDÁTICO</b>	<b>8.801</b>	<b>211.518.868</b>
	<b>22.224</b>	<b>111.371.974</b>

A questão ganha relevo quando vista à luz dos resultados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, que registram média de 2,59 livros lidos nos últimos três meses entre leitores e não leitores, e 4,55 livros lidos entre leitores. A mesma pesquisa registra média de 5 livros lidos por ano entre leitores e não leitores e média de 8,49 livros lidos por leitores nos últimos 12 meses.

Ou seja: de onde vieram os livros que brasileiros e brasileiras, leitores e não leitores declararam ter lido? Vale a pena pensar no assunto.

**4.** Deixando de lado os números e chegando às letras pelas mãos de Antonio Candido, em seu *Formação da literatura brasileira* (livro de 1959), encontramos a proposta de que se conceba a literatura como parte do mundo social, onde ela se constitui como um sistema articulado, pelo qual *obras* circulam entre *autores* e *leitores*.

Nas palavras do professor, trata-se de:

(...) um conjunto de produtores literários mais ou menos conscientes de seu papel, um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público (...), um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem traduzida em estilos) que liga uns a outros.<sup>11</sup>

(...) suponhamos que, para se configurar plenamente como sistema articulado, ela [a literatura] dependa da existência do triângulo “autor-obra-público”, em interação dinâmica, e de uma certa continuidade da tradição...<sup>12</sup>

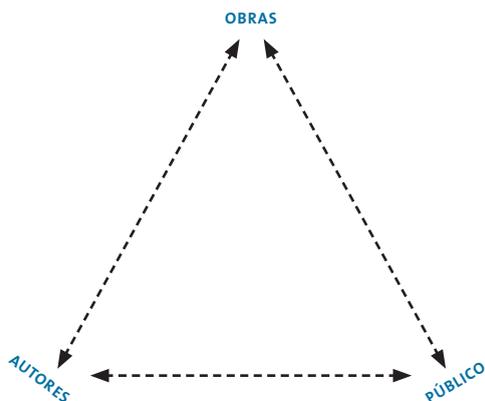
Concentrando-nos nesta bela imagem de uma comunidade de *peessoas* entre as quais circulam objetos chamados *livros* – circulação esta que transforma em *escritores* e *leitores*, em *autores* e em *públicos* as pessoas acima mencionadas – talvez seja possível estender esta noção de sistema para além da *literatura*: podemos pensar num *sistema*

---

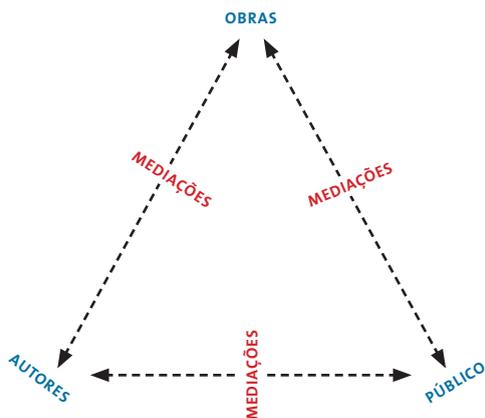
11. CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Momentos decisivos (1750-1880) Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, p. 25

12. *Ibidem*.

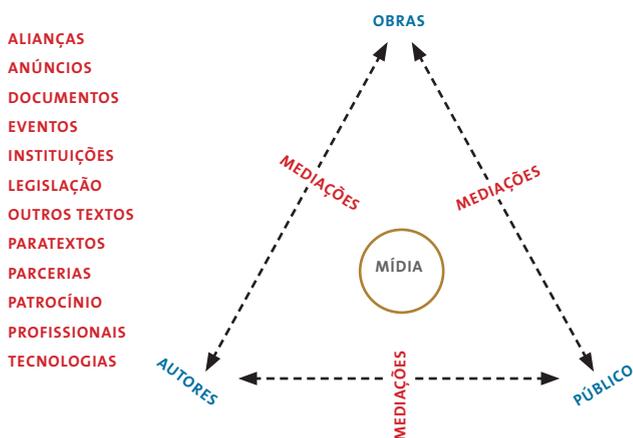
*livresco*, ou num *sistema letrado*, visualmente representado por um triângulo, como sugere Antonio Candido.



Levando adiante o modelo, podemos postular que entre cada um dos vértices do triângulo inscrevem-se inúmeros intermediários.



O *editor* que seleciona originais para editar, o *revisor* do texto e o *programador* (no caso de um *e-book*) podem ser alguns dos intermediários no eixo autores-obras; *amigos*, *professores* e *anúncios na mídia* podem ser alguns dos intermediários no eixo obras-públicos; *livros*, *entrevistas na mídia* e *feiras literárias* podem ser alguns dos intermediários no eixo autores-públicos:



Numa discussão sobre *leitura*, ganha relevo um dos lados do triângulo: o que representa a inter-relação entre públicos e obras. É neste eixo de interação que se incluem como *intermediários* os hoje tão mencionados *mediadores de leitura*.

5. A imagem acima nos leva de volta aos números: por meio deles, há uma última observação relativa à pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, inspirada nas respostas à questão “*Quem mais influenciou o hábito de leitura?*”

As respostas se traduzem num quadro muito interessante:

QUADRO 10

	LEITOR	NÃO LEITOR
mãe / figura feminina	15%	6%
professor / professora	10%	4%
pai / figura masculina	6%	2%
ninguém	55%	84%

Esta figura do *mediador*, fazendo-se presente na pesquisa do IPL, é muito sugestiva, sobretudo pela sua *ausência* na história de leitura de considerável contingente de leitores: 55% dizem que se formaram leitores sozinhos, sem que ninguém influenciasse sua prática leitora.

Será?

Quinze por cento – porcentagem mais modesta e menos autosuficiente – atribui à figura materna (feminina) o incentivo à leitura; 10% atribui a professores e 6% à figura paterna (masculina). Outras figuras mencionadas incluem parentes, líderes religiosos, companheiro/a, etc.

O dado que a pesquisa registra – um grande coeficiente de leitores formados sem mediadores, sem intermediários – é pouco convincente. Muito pouco. Vai na contramão do que registram biografias, romances, depoimentos e documentos que povoam histórias de leitura.

E como é que ficamos?

6. O problema que aponto acima de forma alguma diminui a importância da pesquisa, e tampouco põe sob suspeita a veracidade dos macrodados que ela levanta. Mas, como lembra Bernardo Jaramillo,<sup>13</sup> está na hora de refletirmos sobre os microdados, sugestão reforçada

---

13. Diretor do Centro Regional para el Fomento del Libro en América Latina y el Caribe (CERLALC/Unesco).

por passagens de dois textos inspirados na versão anterior de Retratos da Leitura no Brasil:<sup>14</sup>

...Ainda existe muito a fazer para finalmente compatibilizar as distintas fontes estatísticas e permitir que os dados de cada pesquisa sejam articulados com os das demais fontes de informação. Nesse sentido, consideramos como de grande valia a realização de um debate prévio sobre a metodologia a ser adotada (...)<sup>15</sup>

(...) resultados da pesquisa (...) talvez valha a pena submetê-los a discussões de uma equipe multidisciplinar capaz de ler na pesquisa tudo o que ela pode ensinar relativamente a: políticas de leitura e de educação, políticas editoriais e formatações possíveis para novas pesquisas que, refinando seus procedimentos, refinem igualmente seus produtos.<sup>16</sup>

Mangas arregaçadas e mãos à obra.

Muitas mãos, combinado?

\* cursou Letras, área em que desenvolveu seu mestrado, doutorado e pós-doutorado. É professora titular (aposentada) da Unicamp e professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Em ambas desenvolve atividades de pesquisa e de docência, na graduação e na pós-graduação. É curadora do Prêmio Jabuti pela Câmara Brasileira do Livro. Autora de várias obras sobre leitura, ensino e literatura, alegria grande foi seu livro *O poeta do exílio* (FTD) ter ganho prêmio da Academia Brasileira de Letras.

---

14. Failla, Z. (org.). *Retratos da leitura no Brasil 3*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Instituto Pró-Livro, 2012.

15. EARP, Fábio S. e KORNIS, G. *A cadeia produtiva do livro e a leitura*. Apud Failla, Z. (org.). *Retratos da leitura no Brasil 3*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Instituto Pró-Livro, 2012, p. 151

16. LAJOLO, M. *Livros, leitura e literatura em oito anotações*. Apud Failla, Z. (org.). *Retratos da leitura no Brasil 3*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Instituto Pró-Livro, 2012, p.180.

## Leitura e mercado de livros no Brasil: os resultados de duas diferentes pesquisas

Leda Maria Paulani\*

**E**m matéria publicada há uma década, a icônica revista *The Economist* classificava sem meias palavras o índice de leitura do Brasil como vergonhoso. Nas páginas encimadas pelo título “Um país de não leitores” e pelo sugestivo subtítulo “uma estranha e custosa desatenção com os livros”, o vetusto semanário inglês apontava o baixo nível de leitura dos brasileiros como motivo de vergonha nacional (ao lado da elevada criminalidade e do nível abusivo das taxas de juros).

O artigo chamava a atenção para vários aspectos do problema, por exemplo, o fato de muitos brasileiros sequer saberem ler (20% de analfabetismo funcional)<sup>1</sup> ou simplesmente não desejarem fazê-lo (num ranking de hábitos de leitura envolvendo 30 países citado pela

---

1. É considerado analfabeto funcional aquele que não consegue entender e interpretar a mensagem de um texto de até 10 linhas com até três parágrafos. Isso significa que, apesar de reconhecer as palavras, um analfabeto funcional não é capaz de deduzir informações dos textos e/ou estabelecer relações entre suas diferentes partes, muito menos compreender nuances de linguagem. O dado fornecido pela revista, contudo, mostra uma realidade melhor do que a então existente. Segundo o Instituto Paulo Montenegro, que calcula o Índice Nacional de Analfabetismo Funcional no Brasil – INAF, a parcela de analfabetos funcionais em 2005 era de 37%, não de 20%, percentual que teria diminuído hoje para 27%. O principal problema, no entanto, é que o analfabetismo funcional se espalha por todas as faixas de escolaridade, não ficando restrito ao nível fundamental. Em outra pesquisa do mesmo instituto, divulgada em 2012, revelou-se um assustador índice de 38% de analfabetismo funcional dentre os estudantes universitários do país.

revista, os brasileiros haviam ficado em 27º lugar em termos de tempo despendido por semana com leitura de livros, enquanto a Argentina, por exemplo, ficara em 18º).

Dentre as várias informações trazidas pela referida matéria, uma nos diz respeito mais de perto: o número de livros que o brasileiro então lia, qual seja, 1,8 livro não acadêmico por ano, índice extremamente baixo quando comparado àqueles de países desenvolvidos, e menor até que o de alguns vizinhos latino-americanos com nível de desenvolvimento igual ou inferior ao do Brasil. A matéria não esclarece qual a fonte dessa informação, mas tudo leva a crer que se trata da primeira edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, do ano de 2000 (daqui em diante referida como pesquisa Retratos).

Guardadas as possíveis ressalvas quanto às diferenças de metodologia existentes, se observarmos agora a mesma informação tal como aparece na última edição dessa pesquisa, realizada em 2015, ou seja, uma década e meia depois, veremos que houve um sensível progresso. Considerados todos os entrevistados, o número anual de livros lidos por vontade própria (ou seja, não acadêmicos)<sup>2</sup> alcança 2,9, um crescimento de cerca de 60% frente ao 1,8 verificado em 2000. Essa marca, no entanto, mostra-se ainda bastante ruim, quando comparada com a de outros países. Em meados da primeira década deste século, esse índice era de 7,0 na França, 5,1 nos Estados Unidos e 4,9 na Inglaterra.<sup>3</sup>

De qualquer forma, os dados referentes ao comportamento do mercado livreiro no país não parecem refletir o salto de 1,8 para 2,9 verificado na média anual de livros lidos fora da escola pelos brasileiros. O Gráfico 1, elaborado a partir de dados retirados da pesquisa

---

2. Entende-se aqui por “acadêmicos” aqueles livros que são lidos por obrigação, vale dizer, por força de indicação escolar, qualquer que seja o nível de ensino em questão.

3. Dados internacionais retirados da página do Plano Nacional de Cultura na internet: <http://pnc.culturadigital.br/metad/meda-de-quatro-livros-lidos-fora-do-20-aprendizado-formal-por-ano-por-cada-brasileiro/>, acesso em 3/6/2016.

anual sobre produção e vendas do setor editorial livreiro brasileiro, realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) em parceria com a Câmara Brasileira do Livro (CBL) e o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) – daqui por diante referida como pesquisa Produção e Vendas –, mostra praticamente uma estagnação nos indicadores de *exemplares vendidos per capita*<sup>4</sup> entre os mesmos dois momentos (2000 e 2015). Vale lembrar que se consideram aí apenas as vendas feitas pelas editoras ao segmento *Mercado*, não se incluindo, portanto, as vendas feitas pelas editoras ao *Governo*, que, no Brasil, é um comprador de peso, fazendo diferença significativa principalmente no subsetor de *Didáticos*, mas com grande importância também no subsetor de *Obras Gerais*.<sup>5</sup>

Os indicadores foram construídos de modo a se distinguir entre os livros adquiridos “por obrigação” (*grosso modo*, o somatório dos exemplares vendidos pelos subsetores de *Didáticos* e de *Científicos, Técnicos e Profissionais – CTP*) e aqueles adquiridos “por vontade própria” (*grosso modo*, o somatório dos exemplares vendidos pelos subsectores de *Obras Gerais* e de *Religiosos*).

Como se percebe, o Indicador de Leitura Geral (LG) oscila ao longo do período entre 0,8 e 1,4, mas termina exatamente como começou, ou seja, em torno de 1,2 livro *per capita*/ano. Mais estável, o Indicador de Leitura por Obrigação (LO) flutua entre 0,3 e 0,4 ao longo de praticamente todo o período, tendo alcançado, apenas no ano de 2011, uma marca próxima a 0,5. Por fim, o Indicador de Leitura por Vontade Própria (LVP) – o mais emblemático quando se

---

4. A base da pesquisa é constituída pelas editoras, de modo que as informações sobre vendas aqui utilizadas se referem às vendas das editoras para os diversos canais de distribuição: livrarias, distribuidores, porta a porta, supermercados, igrejas, etc. Apesar de se tratar de vendas que não são feitas diretamente ao consumidor, é evidente que quando há elevação (queda) de demanda na ponta do varejo, essa pressão é transmitida aos canais e destes às editoras, que, então, vendem mais (menos).

5. São quatro os subsectores em que se divide o setor livreiro: além dos subsectores de *Didáticos* e de *Obras Gerais*, temos ainda o subsetor de livros *Científicos, Técnicos e Profissionais – CTP*, e o subsetor de *Religiosos*.

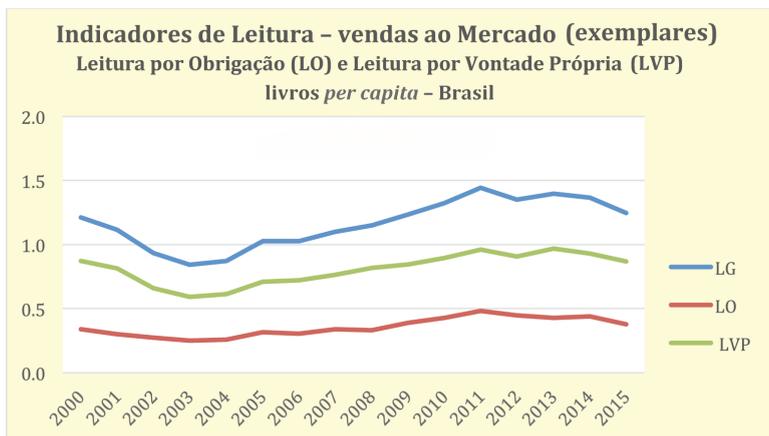
trata de hábitos de leitura – também sofre grande oscilação, variando entre 0,6 e 1,0 ao longo do mesmo período.

GRÁFICO 1

### INDICADORES DE LEITURA

derivados de *exemplares vendidos ao MERCADO*

Leitura Geral (LG), Leitura por Obrigação (LO) e Leitura por Vontade Própria (LVP)



Fonte: IBGE (dados de população) e Pesquisa CBL/SNEL – Fipe Produção e Vendas do Setor Editorial (várias edições). Os dados do período 2000 a 2009 foram ajustados para refletir os resultados do Censo do Livro, realizado pela Fipe em 2010. Elaboração própria.

O Gráfico 1 deixa claro que a oscilação do indicador LG está totalmente vinculada à oscilação apresentada pelo indicador LVP, valendo destacar que também este último termina o período como começou, ou seja, na marca de 0,9. O gráfico mostra também que os três indicadores crescem de maneira praticamente ininterrupta no período entre 2003 e 2010, decaindo, a partir daí, para voltar às marcas exibidas no ano de 2000.

Esse comportamento parece indicar alguma correlação dessas variáveis com as variáveis macroeconômicas usuais, em particular com

o comportamento do PIB (como se sabe, o período 2004-2010 é o de maior crescimento da economia brasileira desde o início dos anos 1990, e é a partir de 2011 que os parâmetros macroeconômicos começam a piorar, anunciando a crise econômica que ora experimentamos). Assim, poder-se-ia creditar, ao menos em parte, a estagnação do indicador LVP à desaceleração e agora retração do PIB, supondo-se que esse índice teria continuado a subir e a influenciar positivamente o LG, não fosse o advento da crise econômica.

Contudo, quando se verifica o comportamento da variável *faturamento*, a mais adequada para efeitos de averiguar o grau de correlação entre o mercado de livros e o comportamento geral da economia, essa hipótese não se confirma. O Gráfico 2, a seguir, também elaborado com dados retirados da pesquisa anual Produção e Vendas, reconstrói os mesmos tipos de indicadores *per capita* apresentados no Gráfico 1, porém utilizando agora, em vez da variável *exemplares vendidos*, a variável *faturamento*. Como se trata de variável determinada em termos monetários, a apuração de seu efetivo comportamento demanda seu deflacionamento, o que foi efetuado trazendo-se os valores em *reais* correntes de cada série para *reais de 2004*, constituindo-se, assim, as séries em termos constantes. O deflator utilizado foi o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), calculado pelo IBGE.

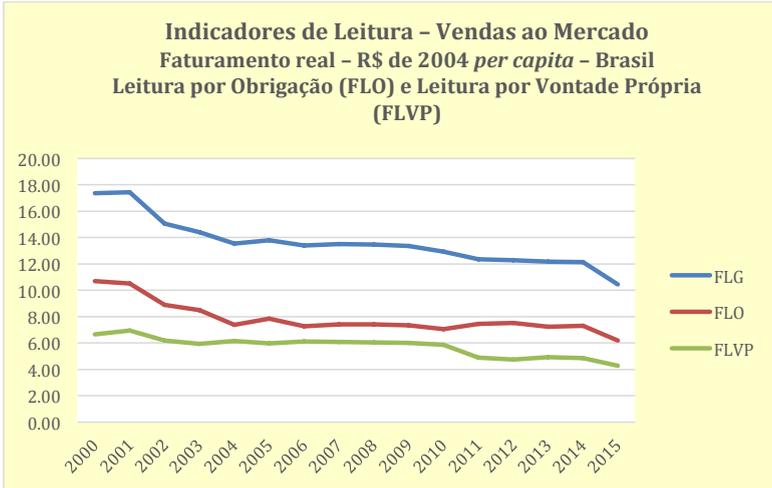
Assim, o Gráfico 2 mostra a evolução do faturamento real *per capita* do setor como um todo (indicador FLG), além da evolução dos indicadores FLO – faturamento com leitura por obrigação (resultado da divisão *per capita* do faturamento real conjunto dos subsetores *Didáticos* e *CTP*) – e FLVP – faturamento com leitura por vontade própria (resultado da divisão *per capita* do faturamento real conjunto dos subsetores *Obras Gerais* e *Religiosos*). Tal como no Gráfico 1, também aqui foram consideradas apenas as vendas feitas pelas editoras ao *Mercado*, não se incluindo, portanto, em seu cálculo, as vendas efetuadas ao *Governo*.

## GRÁFICO 2

### INDICADORES DE LEITURA

derivados de *faturamento* junto ao MERCADO

Faturamento com Leitura Geral (FLG), Faturamento com Leitura por Obrigação (LO) e Faturamento com Leitura por Vontade Própria (LVP)



Fonte: IBGE (dados de população e IPCA) e Pesquisa CBL/SNEL – Fipe Produção e Vendas do Setor Editorial (várias edições). Os dados do período 2000 a 2009 foram ajustados para refletir os resultados do Censo do Livro, realizado pela Fipe em 2010. Elaboração própria.

Como se percebe, entre 2003 e 2010 os indicadores não acusam crescimento expressivo de qualquer dos três indicadores. Não se verifica nesse índice, portanto, o movimento de crescimento observado no período em tela quando se analisa a variável *exemplares vendidos per capita*. Mais que isso, se excetuarmos o ano de 2015, quando a forte retração do PIB faz despencar em conjunto os três indicadores, seu comportamento ao longo de todo o período é bastante estável e, tal como no caso dos indicadores construídos a partir da variável *exemplares vendidos*, com a estabilidade maior ficando por conta da leitura por obrigação (o FLO flutua entre R\$7,1 e R\$8,0, variação de 12,7%), enquanto o

indicador de leitura por vontade própria oscila um pouco mais (o FLVP flutua entre R\$4,7 e R\$6,2, variação de 31,9%).

Retomando os indicadores construídos a partir da variável *exemplares vendidos* e nos restringindo aqui à leitura por vontade própria – a mais adequada quando se trata de mensurar o *hábito* de leitura<sup>6</sup> –, poder-se-ia pensar que, dada a importância do segmento *Governo* para o subsetor de *Obras Gerais*, a incongruência entre o crescimento do índice de leitura de livros não acadêmicos apurado pela pesquisa *Retratos* e o indicador LVP, aqui construído, baseado na pesquisa anual *Produção e Vendas*, decorreria de uma espécie de efeito substituição, no sentido de que as compras do governo junto a esse subsetor (normalmente para as bibliotecas) estariam substituindo as compras feitas pelos consumidores.

Trata-se de uma hipótese razoável, considerando o ainda baixo nível de nossa renda *per capita* e, principalmente, a enorme desigualdade de sua distribuição, o que torna o livro para ler por vontade própria, na maior parte dos casos, um item supérfluo. Outro dado que poderia indicar que essa seria uma boa hipótese foi apresentado ao final de 2015 pelo *Suplemento de Cultura do perfil de Estados e Municípios* elaborado pelo IBGE.<sup>7</sup> Segundo o que foi apurado por essa pesquisa, em 2014, 97,1% dos municípios do país afirmaram possuir ao menos uma biblioteca, contra 76,3% em 1999.<sup>8</sup>

Contudo, quando se verificam os dados totais, ou seja, quando se inclui no cômputo dos indicadores de venda de livros derivados

---

6. Evidentemente, não é por acaso que, seja em termos de exemplares vendidos, seja em termos de faturamento, os indicadores vinculados à leitura por vontade própria sempre oscilam mais do que aqueles vinculados à leitura por obrigação, os quais apresentam um comportamento sempre mais estável.

7. <http://www.valor.com.br/brasil/4356218/em-15-anos-numero-de-livrarias-cai-e-o-de-bibliotecas-sobe-no-brasil>

8. Vale a pena registrar outro dado trazido pela mesma pesquisa e que se mostra congruente com a estagnação, queda em 2011 e novamente estagnação da variável *faturamento real* per capita conjunto dos subsetores de *Obras Gerais* e de *Religiosos* a que nos referimos logo acima: em 1999, 35,5% dos municípios do país informaram possuir pelo menos uma livraria; em 2014, esse percentual caiu para 27,4.

de leitura por vontade própria também os exemplares vendidos pelas editoras do subsetor de *Obras Gerais* ao *Governo*, o resultado não se altera significativamente. Observa-se aí um movimento similar ao que se verifica sem essa inclusão, com o LVP começando o período em 0,9 e terminando em 0,9, depois de ter caído a 0,6 em 2003 e de ter atingido 1,1 em 2010.

Talvez valha a pena então, na busca de uma explicação para essa incongruência, retornar à pesquisa Retratos de 2015. A primeira informação importante e, a princípio, alvissareira, que essa pesquisa nos traz para a questão aqui investigada é que, considerando como leitor aquele que leu um livro inteiro ou em partes nos últimos três meses, temos uma elevação do número de leitores no Brasil de 50% para 56% da população entre 2011 e 2015. O surpreendente é que essa elevação acontece não nas faixas etárias naturalmente vinculadas à escola, mas sim dentre os “adultos”, isto é, aqueles com 18 anos ou mais. Com exceção da última faixa etária (70 anos ou mais), na qual a taxa de crescimento do número de leitores fica em 12,5%, em todas as demais acima dos 18 anos essa taxa gira em torno dos 20%.

Outra informação importante, mas não surpreendente, trazida pela pesquisa é que a Bíblia é o gênero de leitura mais citado pelos entrevistados em todas as faixas etárias acima dos 18 anos. No total, 42% deles afirmaram ler a Bíblia, sendo os livros religiosos (exceto a Bíblia) o segundo gênero mais citado (com índice de 22%), aparecendo igualmente como o segundo mais citado em todas as faixas etárias acima dos 18 anos.

Além disso, pelo menos desde a edição de 2007, a Bíblia aparece disparada no primeiro lugar como resposta à pergunta “qual foi o último livro que você leu ou está lendo”. O mesmo se repete igualmente nas três últimas edições da pesquisa (2007, 2011 e 2015) com a resposta à pergunta “qual o livro mais marcante que você leu” (ou seja, a Bíblia aparece disparada em primeiríssimo

lugar, muito à frente do segundo livro mais citado). Finalmente, do ponto de vista da penetração, a Bíblia aparece citada como tendo sido lida nos últimos três meses por 26% da população,<sup>9</sup> um crescimento de 62,5% frente ao dado apurado em 2011 (esse crescimento é de 31% para os livros lidos por vontade própria e de 12% para os livros em geral, ou seja, incluindo-se aí também aqueles lidos por obrigação).

O conjunto de todos esses dados faz supor que boa parte da elevação do índice de leitura de livros não acadêmicos de 1,8 para 2,9 entre 2000 e 2015 deve-se à crescente importância das religiões pentecostais e/ou evangélicas no país nas últimas décadas. Além disso, é preciso também considerar que a Bíblia é seguramente o tipo de livro sobre o qual mais tranquilamente se pode dizer que pode ser lido simultaneamente por várias pessoas, o que possibilita a elevação do índice de leitura por vontade própria, sem que isso implique uma elevação dos gastos com compras de livros e/ou do número de exemplares adquiridos a cada período. Uma família evangélica, mesmo relativamente numerosa, não precisa ter um exemplar do texto sagrado para cada um de seus integrantes.

De qualquer forma, vale a pena verificar, voltando à pesquisa Produção e Vendas, como se comportam os indicadores anteriormente analisados quando se separam as informações de leitura por vontade própria em seus dois segmentos constitutivos, a saber, o subsetor de *Religiosos* e o subsetor de *Obras Gerais*. O Gráfico 3, a seguir, desdobra o indicador LVP, construído a partir da variável *exemplares vendidos*, em LVP-REL (leitura por vontade própria de religiosos) e LVP-OG (leitura por vontade própria de obras gerais).

---

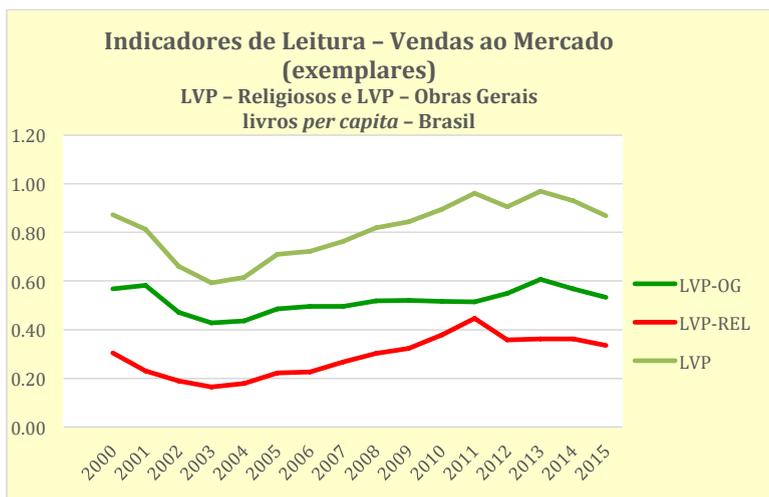
9. É interessante notar que, considerando-se a composição da amostra dessa pesquisa do ponto de vista da religião, 25% dos entrevistados declararam-se adeptos de religiões pentecostais ou evangélicas, justamente aquelas para as quais a leitura frequente da Bíblia coloca-se como obrigação. Não por acaso, o número de livros religiosos, incluindo a Bíblia, lidos nos últimos três meses gira em torno de 1,0 para os adeptos dessas religiões, sendo de 0,5 para os católicos, que constituem quase 60% da amostra.

### GRÁFICO 3

#### INDICADORES DE LEITURA

derivados de *exemplares vendidos* ao MERCADO

Leitura por Vontade Própria de Religiosos (LVP-REL) e Leitura por Vontade Própria de Obras Gerais (LVP-OG)



Fonte: IBGE (dados de população) e Pesquisa CBL/SNEL - Fipe Produção e Vendas do Setor Editorial (várias edições). Os dados do período 2000 a 2009 foram ajustados para refletir os resultados do Censo do Livro, realizado pela Fipe em 2010. Elaboração própria.

O gráfico demonstra que o comportamento do indicador LVP – queda até 2003, crescimento desse ponto até 2011 e nova queda a partir de então – deve-se basicamente ao comportamento do sub-setor de *Religiosos*. São suas variações que o indicador LVP acaba por expressar, mais do que o comportamento do sub-setor de *Obras Gerais*, que apresenta um movimento menos oscilante ao longo do período. Em outras palavras, é o número *per capita* de exemplares vendidos do sub-setor de *Religiosos* que cresce no período 2003-2011, puxando o indicador LVP, o qual, por sua vez, acaba por afetar o indicador LG, tal como demonstrado pelo Gráfico 1.

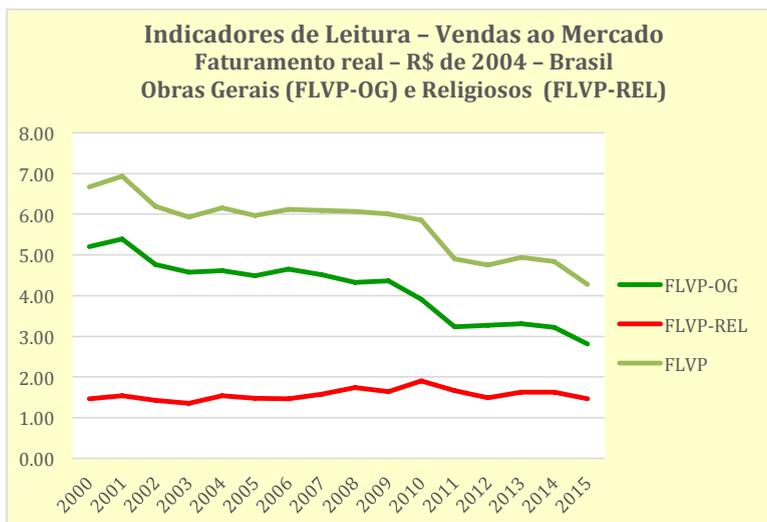
Mas é quando trabalhamos a variável *faturamento*, desdobrando o indicador FLVP em seus dois elementos constituintes (FLVP-Religiosos e FLVP-Obras Gerais), que a importância do subsetor *Religiosos* fica mais evidente. O gráfico 4 a seguir mostra esse desdobramento (tal como no gráfico 2, os dados que forneceram a base para a construção deste último gráfico referem-se apenas às vendas feitas pelas editoras ao *Mercado* e foram deflacionados e trazidos a preços de 2004 por meio da utilização do IPCA).

GRÁFICO 4

**INDICADORES DE LEITURA**

derivados de *faturamento* junto ao MERCADO

Faturamento com Leitura por Vontade Própria de Religiosos (FLVP-REL) e Faturamento com Leitura por Vontade Própria de Obras Gerais (FLVP-OG)



Fonte: IBGE (dados de população e IPCA) e Pesquisa CBL/SNEL - Fipe Produção e Vendas do Setor Editorial (várias edições). Os dados do período 2000 a 2009 foram ajustados para refletir os resultados do Censo do Livro, realizado pela Fipe em 2010. Elaboração própria.

Como o Gráfico 4 deixa claro, os dois subsetores que compõem o que se pode chamar de *leitura por vontade própria* apresentam comportamento assimétrico ao longo do período de crescimento (2004-2010): enquanto o subsetor de *Religiosos* apresenta um relativo crescimento (o indicador começa em 1,54 e termina em 1,90), o subsetor de *Obras Gerais* apresenta queda (começa em 4,61 e termina em 3,91), ou seja, enquanto o primeiro cresce 24%, o segundo cai 15%.

O resultado conjunto desses dois movimentos vai produzir a estagnação, nesse mesmo período, do indicador de faturamento *per capita* decorrente das vendas derivadas de leitura por vontade própria (FLVP), já anteriormente comentada. Como o subsetor de *Religiosos* é relativamente pequeno do ponto de vista de seu faturamento quando comparado ao subsetor de *Obras Gerais*, o comportamento mais positivo do indicador FLVP-REL não chega a afetar substancialmente o resultado do indicador FLVP.

No entanto, no que diz respeito aos *exemplares vendidos* (Gráfico 3), a situação é distinta. Em primeiro lugar, no caso dessa variável, a distância entre os subsetores de *Religiosos* e de *Obras Gerais* é menor do que aquela existente quando se observa a variável *faturamento* (o preço médio do livro religioso é geralmente menor do que o preço médio do exemplar de obras gerais). Além disso, o crescimento apresentado pelo indicador LVP-REL no período em questão foi bem mais acentuado do que o crescimento apresentado pelo indicador FLVP-REL, fazendo com que, do ponto de vista dos *exemplares vendidos per capita*, seja o subsetor de religiosos a dar o tom do comportamento do indicador total de leitura por vontade própria (LVP).

Como se percebe, os resultados das duas pesquisas parecem ficar menos incongruentes quando se desdobram os indicadores relativos à leitura por vontade própria construídos a partir da pesquisa Produção e Vendas em seus dois elementos constitutivos (obras gerais e religiosos). Ainda que de forma suave e com impacto bem reduzido no

indicador de faturamento com leitura por vontade própria (FLVP) e, por consequência, também no indicador geral (FLG), o indicador de faturamento relativo ao subsetor de *Religiosos* (FLVP-REL) apresenta crescimento ao longo do período 2004-2010, contrariamente ao indicador FLVP-OG, que apresenta queda.<sup>10</sup>

Esse resultado parece confirmar que o crescimento do índice de leitura de livros não acadêmicos apurado na pesquisa Retratos encontra parte substantiva de sua explicação no crescimento da importância das religiões pentecostais e/ou evangélicas na população brasileira, com sua obrigatoriedade de leitura da Bíblia. Daí o crescimento do número de leitores apurado na última pesquisa se concentrar na população adulta (faixas etárias a partir de 18 anos) e de o crescimento do índice de penetração da Bíblia (62,5%) ser substancialmente maior do que o crescimento do índice dos livros lidos por vontade própria (31%).

De outro lado, é também verdade que essa leitura maior de livros religiosos e da Bíblia poderia ter tido um impacto mais expressivo no crescimento do valor *per capita* faturado por esse subsetor, ao menos no período de maior crescimento da economia recentemente experimentado (2004-2010). Contudo, é preciso lembrar, de um lado, que o número de exemplares *per capita* cresce bem mais que o faturamento, o que explica em parte um crescimento menor do valor das vendas e, de outro, como já mencionamos, o fato de normalmente a Bíblia ter um único exemplar utilizado por várias pessoas. De qualquer forma, vale registrar que, em meio aos desalentadores resultados apresentados

---

10. EARP, F. de S. e PAULANI, L. M. buscam razões para essa queda em artigo publicado na revista *Nova Economia*, editada pela FACE-UFMG (“Mudanças no consumo de bens culturais no Brasil após a estabilização monetária”, *Nova Economia*, vol. 24, nº 3, 2014). Enfocando, além do livro, a música e o filme (que apresentam movimentos semelhantes), as conclusões apontam no sentido de uma combinação de três elementos para explicá-la: uma mudança no padrão de consumo de bens duráveis em paralelo com o crescimento e a melhora distributiva, a mudança no tipo de sociabilidade que o novo padrão implicou e fenômenos específicos desses três mercados, que elevaram o número de bens substitutos.

pela pesquisa Produção e Vendas referentes ao ano de 2015, o subsetor de *Religiosos* é o único que apresentou crescimento nominal das vendas ao *Mercado*. Apesar de muito pequeno (0,14%), esse pareceu ser um excelente resultado frente à queda de 4,2% em *Didáticos*, 2,5% em *Obras Gerais* e 7,5% em *CTP*.

A pesquisa Retratos de 2015 apurou um crescimento de cerca de 17% no número de leitores no Brasil nesse ano relativamente a 2011 (cerca de 15 milhões de leitores a mais). Tudo parece indicar, porém, que boa parte desse crescimento se deve a questões religiosas, o que não é propriamente emblemático do hábito de ler, como o seria se a situação apurada para os livros religiosos (Bíblia incluída) estivesse ocorrendo com os títulos do subsetor de *Obras Gerais*. Segue-se que, se a análise aqui empreendida tiver alguma razão de ser, parece haver ainda um longo caminho a percorrer até que se possa alterar os duros termos da matéria da *The Economist* e dizer que o Brasil passou a ser um “país de leitores”.

\* Formada em economia pela FEA-USP e em comunicação social pela ECA-USP, tem doutorado em teoria econômica pelo IPE/USP. É professora titular do Departamento de Economia da FEA-USP e da pós-graduação em Economia do IPE-USP. É pesquisadora do CNPq e publica regularmente em periódicos nacionais e internacionais da área de economia e demais áreas das ciências humanas. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP) e secretária municipal de Planejamento, Orçamento e Gestão da Prefeitura de São Paulo. É coordenadora, desde fevereiro de 2008, da pesquisa CBL/SNEL-Fipe Produção e Vendas do Setor Editorial.

## Comportamento leitor e acesso ao livro no Brasil em comparação com outros países da América Latina

Bernardo Jaramillo H.\* e Lenin Monak Salinas\*\*

**N**ão são muitos os países da região que fazem medições sistemáticas do comportamento leitor, ferramenta fundamental para avaliar o impacto das políticas públicas relacionadas com a promoção da leitura, o livro e as bibliotecas, assim como para evidenciar as mudanças nas formas de ler e as tendências com relação a materiais, formatos, conteúdos, os propósitos pelos quais se lê e os meios escolhidos para fazê-lo, entre outros aspectos.

Desde 2001, é realizada periodicamente no Brasil a medição Retratos da Leitura, que, em 2016, chega à sua 4ª edição. De maneira similar, outros países da região têm empreendido medições regulares que examinam em que estado se encontram os comportamentos e hábitos de leitura. Se os momentos de realização das pesquisas não coincidem, os resultados permitem extrair comparações válidas entre os diferentes países. Exercícios desse tipo tendem a se realizar por meio de comparações de alguns indicadores-chave (percentagem de população leitora, número de livros lidos, etc.), sem aprofundar-se na abundante riqueza de informação existente nos resultados e, fundamentalmente, sem explicitar claramente as diferenças no desenho metodológico das pesquisas e os grupos populacionais selecionados no desenho amostral.

A presente análise pretende aproximar esses aspectos em vários países da América Latina que realizaram medições de leitura nos últimos três anos. Tomam-se como referência as pesquisas do Brasil, da Colômbia, do Chile e do México.<sup>1</sup> O procedimento metodológico utilizado para a comparação foi o de reunir os microdados obtidos nas medições de leitura desses países, definindo indicadores comuns em materiais de leitura, tipos de suporte, faixas etárias, faixas educativas, estratificação da população leitora, não leitora e analfabeta. Dado que os grupos populacionais que são objeto da pesquisa variam entre os diferentes países, processou-se a informação para grupos de idade comparáveis. Com exceção do México, tomou-se como marco populacional as pessoas de 12 anos ou mais, o que impõe diferenças nas cifras publicadas em algumas das medições mencionadas, que tomaram como parâmetro marcos populacionais diferentes: a Colômbia toma a população de 12 anos ou mais; o Brasil, a de 5 ou mais; o Chile, a de 9 ou mais, e o México, a de 18 ou mais.

O procedimento utilizado obedece à intenção de conseguir a melhor comparação possível entre os resultados, sem desconhecer que existem elementos de importância que afetam as relações e similitudes, como a formulação da pergunta, a enunciação das opções de resposta, o número de opções de resposta, a sucessão de perguntas, os filtros definidos, etc.<sup>2</sup> Essas observações metodológicas

---

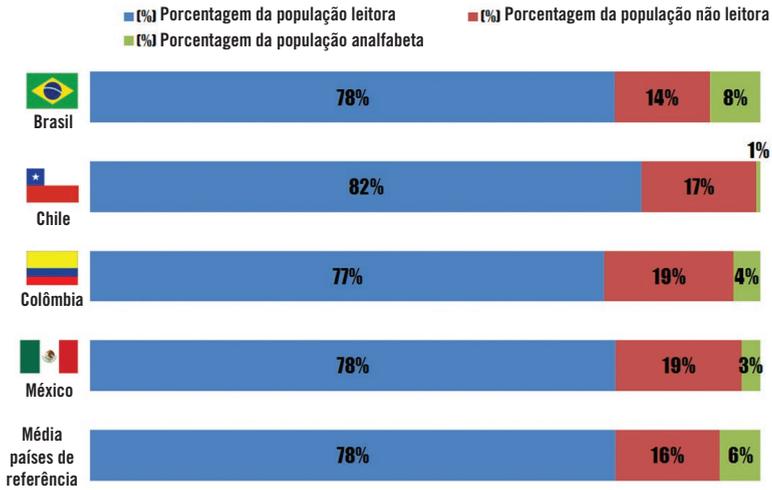
1. As fontes de informação utilizadas neste artigo são Retratos da Leitura no Brasil 2015 do Instituto Pró-Livro (Brasil); Pesquisa de Comportamento Leitor 2014 do Conselho Nacional da Cultura e das Artes (Chile); Pesquisa de Consumo Cultural 2014 do DANE (Colômbia); Módulo sobre Leitura 2016 do Inegi (México).

2. Conhecedor das dificuldades para fazer comparações precisas, o CERLALC promove há anos a realização de uma medição sincrônica, com uma metodologia que permita a obtenção de indicadores comuns mínimos na região. Justamente, em 2014, o CERLALC publicou a atualização da *Metodologia comum para medir e explorar o comportamento leitor*, surgida em 2011, com o subtítulo *O encontro com o digital*. Essa metodologia, que tem sido material de referência para as mais recentes medições do Brasil, da Colômbia e do México, contribui de maneira significativa para o objetivo de contar com indicadores comuns; além disso, contribui com elementos de fundo para a identificação do leitor híbrido e o reconhecimento não só das modalidades de leitura amarradas ao impresso, mas também das realizadas em suportes digitais.

são importantes para qualquer um que se aproxime das análises da pesquisa Retratos da Leitura 2016 contidas neste livro. Por exemplo, a porcentagem total de população leitora no Brasil – considerando o período de referência para esse estudo, que é o de livro lido inteiro ou em parte nos três meses anteriores à aplicação da pesquisa – é de 56%. Dado que, para efeitos comparativos com os outros países, na presente análise se contempla somente a população maior de 12 anos (e o livro lido nos 12 meses prévios à pesquisa), a proporção de população que se declara leitora é de 78%. Nos resultados gerais da pesquisa, o número médio de livros lidos (nos 12 meses prévios à pesquisa), por habitante com respeito à população total é de 4,96. Neste artigo, o indicador que serve de comparação com os outros países é o número de livros lidos pela população maior de 12 anos, que é de 5,1 livros por habitante.

### **Mais leitores**

À luz das medições realizadas, evidencia-se um efeito positivo no interesse da população pela leitura. As ações conjuntas de entidades públicas e privadas que visam a promover e fomentar a leitura desde etapas precoces na formação das pessoas parecem estar dando frutos. Esses esforços, acompanhados de programas de produção, dotação e acesso a materiais de leitura, junto com o reconhecimento e a proteção das obras, dão como resultado o fortalecimento do *sistema leitor*, entendido como um conjunto de unidades relacionadas entre si em função de criar sociedades leitoras.

**GRÁFICO 1****DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO LEITORA, NÃO LEITORA  
E NÃO ALFABETIZADA**

Para o conjunto dos quatro países, a porcentagem da população que se declara leitora (nos 12 meses prévios à pesquisa) é de 78% (um total de 191 milhões de leitores). As diferenças entre os países não são significativas. Dezesseis por cento dos pesquisados declararam não ler e 6% são analfabetos. A proporção de leitores aumentou no Brasil e no México, enquanto no Chile e na Colômbia diminuiu ligeiramente com relação às medições prévias. O Chile tem a maior proporção de leitores (82%), seguido pelo Brasil e pelo México (ambos com 78%) e logo aparece a Colômbia (77%). O número de pessoas que afirma não ler<sup>3</sup> ainda é alto e existe uma margem importante para ações focadas, destinadas a incorporar esses cidadãos à sociedade leitora. As pessoas

3. A distinção entre leitor e não leitor varia em cada medição, embora mantenha em comum como unidade de tempo os últimos 12 meses.

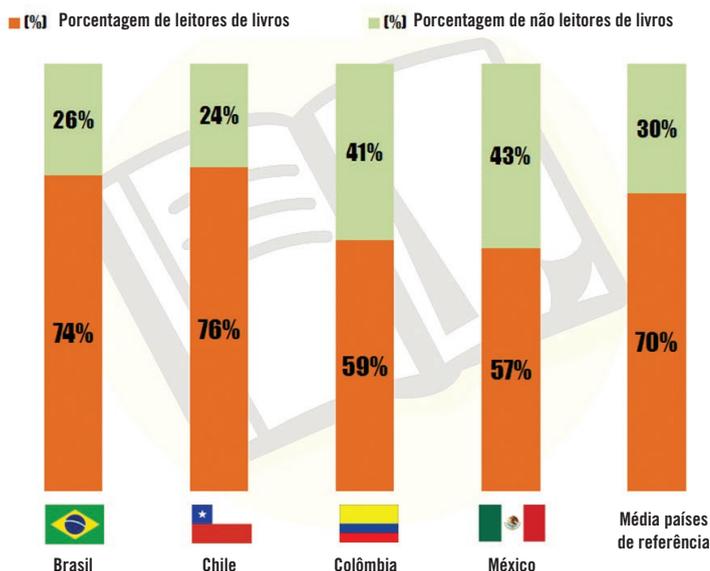
que não sabem ler e escrever somam 15 milhões nos quatro países, uma quantidade considerável se levarmos em conta a convergência de políticas públicas educativas dirigidas há várias décadas a diminuir o analfabetismo. O Brasil registra a maior taxa de analfabetismo (8%), seguido pela Colômbia (4,0%) e, em menor proporção, o México (3%) e o Chile (1%).

À pergunta que se costuma circunscrever nas pesquisas aos materiais tradicionais de leitura – livros, jornais e publicações periódicas em geral – cada vez mais se incorpora a distinção entre a leitura de materiais impressos e a leitura de materiais em formato digital. Essa é uma mudança recente nas propostas metodológicas de medição do comportamento leitor, que começa a se refletir nas indagações nacionais. A incorporação de uma noção multidimensional da leitura, que consiste, em parte, mas não só, em indagar acerca das leituras realizadas no entorno digital (blogs, páginas da web, correios eletrônicos, redes sociais, entre outros), contribui para a compreensão de fenômenos relacionados com as leituras fragmentárias, descontínuas, incompletas, assim como a cada vez mais comum alternância entre a prática da leitura e da escrita propiciada pela chamada web 2.0.

## **Os leitores de livros**

Setenta por cento da população leitora nas diferentes pesquisas nacionais se declara leitora de livros (por volta de 133 milhões de pessoas). A maior proporção de leitores de livros, em qualquer formato, se encontra no Chile e no Brasil, onde perto de três quartos da população leitora (76% e 74%, respectivamente) manifestaram ter lido livros no último ano. Nos casos da Colômbia e do México, as proporções são significativamente mais baixas: 59% e 57%.

**GRÁFICO 2**  
 DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO LEITORA DE LIVROS  
 (NOS ÚLTIMOS 12 MESES)

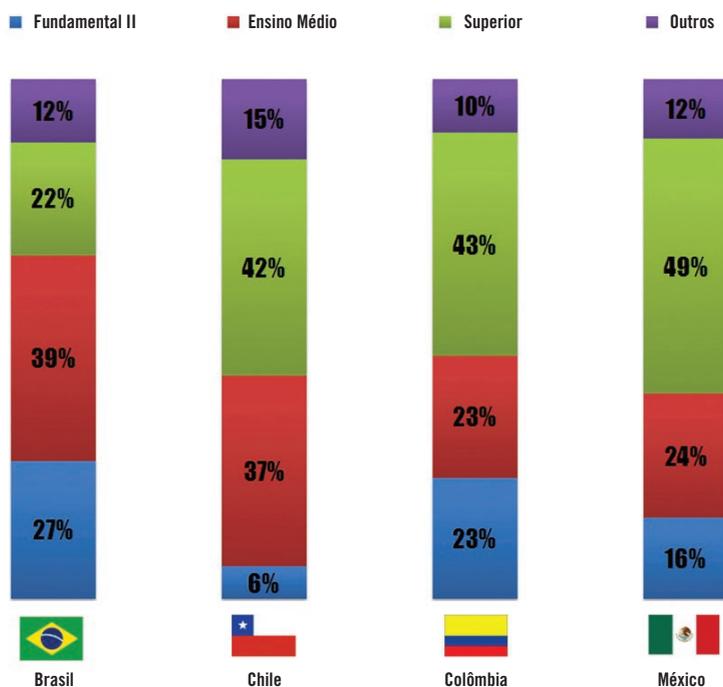


Nos quatro países, as mulheres são mais leitoras de livros que os homens, representando em média 55% do total. Por faixas etárias, a maior porcentagem de leitores de livros se encontra no grupo de idade entre 22 e 30 anos (40%), segmento populacional no qual estão os estudantes de educação terciária. Chama a atenção a ampla diferença entre o Brasil e os outros três países na proporção de leitores de livros na população com educação de nível superior. Enquanto no México, na Colômbia e no Chile a proporção é superior a 40%, no Brasil é de apenas 22%. Na média para os quatro países, o resultado é de 45%. No Brasil, a maior proporção de leitores de livros se encontra no grupo com educação de nível médio (39%). Além de fatores demográficos relacionados com o peso relativo da população mais jovem,

este resultado do Brasil poderia ser visto como o reflexo de uma política pública que, nas últimas décadas, tem privilegiado entregar textos educativos aos alunos e equipar bibliotecas escolares.

GRÁFICO 3

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO LEITORA DE LIVROS POR ESCOLARIDADE



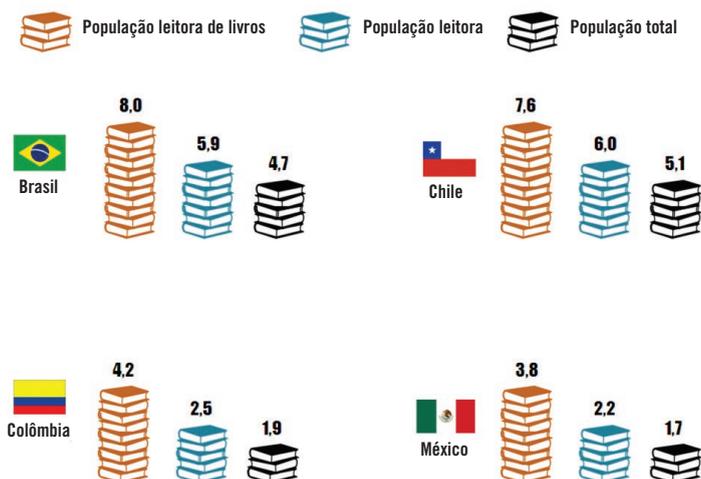
A média de livros lidos no último ano foi calculada em três dimensões com o propósito de oferecer maior clareza neste indicador, pois ele tende a ser medido indistintamente com grupos populacionais diferentes. No primeiro caso, toma-se como referência a população leitora de livros; no segundo, a população leitora de qualquer material (livros, jornais, revistas, blogs, fóruns, páginas da web, etc.)

e, por último, calcula-se com base no total da população contemplada nas pesquisas.

É necessário um esclarecimento prévio com relação à construção e utilização deste indicador. Dado que a formulação das perguntas com respeito ao número de livros lidos é diferente nos quatro países, não é possível fazer uma linha comparativa muito precisa, além do indicador final. A pesquisa brasileira indaga o número de livros lidos (inteiros ou em partes), e o indicador aqui utilizado é o da soma de ambos os resultados. Na Colômbia, no Chile e no México as pesquisas não fazem distinção entre a leitura de livros inteiros ou em partes. Na Colômbia e no México se encontra informação desagregada da leitura de livros escolares ou de estudo, ao passo que no Chile se agrupa a leitura de livros de estudo com os de trabalho.

#### GRÁFICO 4

MÉDIA DE LIVROS LIDOS NOS ÚLTIMOS 12 MESES



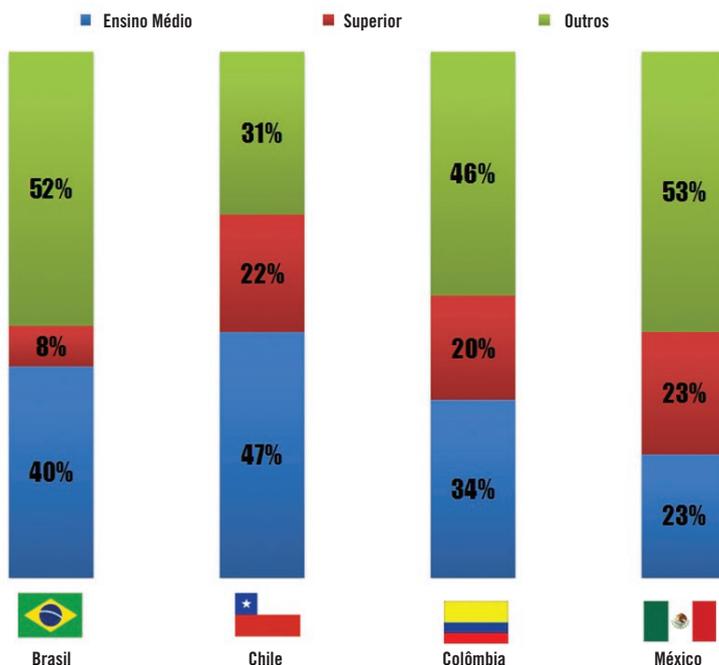
Dado que a maior proporção de leitores de livros se registra no Brasil e no Chile (em média, 75% dos leitores), é lógico que a média de livros lidos por habitante nesses dois países seja significativamente mais alta. No Brasil, o indicador para a população leitora de livros é de 8,0 livros ao ano e no Chile de 7,6 livros. Em menor média estão a Colômbia, com 4,2 livros em média, e o México, com 3,8 livros.

O mesmo indicador, mas tomando como referência a população leitora de qualquer material de leitura, coloca o Chile à frente, com 6,0 livros em média ao ano; seguido pelo Brasil, com 5,9 livros; pela Colômbia, com 2,5 livros; e pelo México, com 2,2 livros. O indicador médio calculado com base em toda a população contemplada nas pesquisas indica que no Chile se leem 5,1 livros em média ao ano; no Brasil, 4,7 livros; na Colômbia, 1,9 livro; e no México, 1,7 livro.

Tão importante quanto a caracterização dos leitores de livros é a dos leitores que não utilizam o livro em suas práticas de leitura. Uma melhor caracterização permitiria dar os primeiros passos para o desenho de planos e/ou políticas públicas focadas. A magnitude populacional dos não leitores de livros é mais alta no México (43,1%) e na Colômbia (41,3%) do que no Chile (24,1%) e no Brasil (26%). O perfil por faixas etárias os coloca em etapa de formação acadêmica terciária ou nos primeiros anos de trabalho (22-30 anos) na Colômbia e no Chile, e na etapa produtiva (31-40 anos) no Brasil e no México.

**GRÁFICO 5**

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO LEITORA, NÃO LEITORA DE LIVROS, POR ESCOLARIDADE



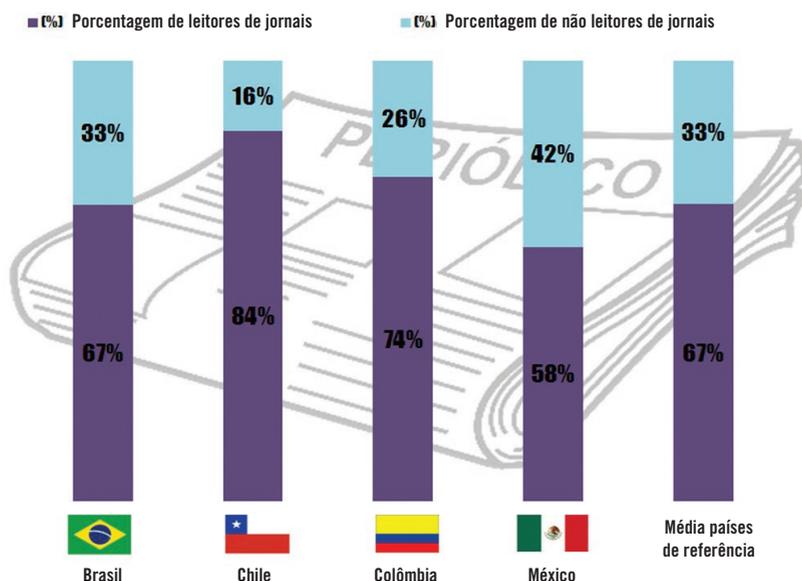
Outro aspecto relevante é o fato de 13,5% das pessoas com educação de nível superior manifestarem que não leem livros, depois de terem feito isso ao longo de seu processo de formação acadêmica. Os maiores índices de não leitura de livros em população com altos estudos se encontram no México (23%), no Chile (22%) e na Colômbia (20%). A proporção é muito menor no Brasil: 8%. No Brasil, no Chile e na Colômbia, a maior proporção de não leitores de livros está no grupo com educação de nível médio, ao passo que no México se localiza entre os que têm educação fundamental I e II.

## Leitura de outros materiais

Dos três materiais tradicionais (livros, revistas, jornais ou diários), os diários são os que desfrutam de menor preferência entre a população leitora. Em média, 67% dos leitores leem os diários. Chile (84%) e Colômbia (74%) são os países onde existem maiores adeptos, no entanto no Brasil (67%) e no México (58%), a proporção é menor. O interesse pela leitura de jornais é similar entre os homens e as mulheres no Chile, na Colômbia e no Brasil. No México, porém, é significativamente maior a proporção dos homens (62,2%) frente às mulheres (37,8%).

GRÁFICO 6

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO LEITORA DE JORNAIS

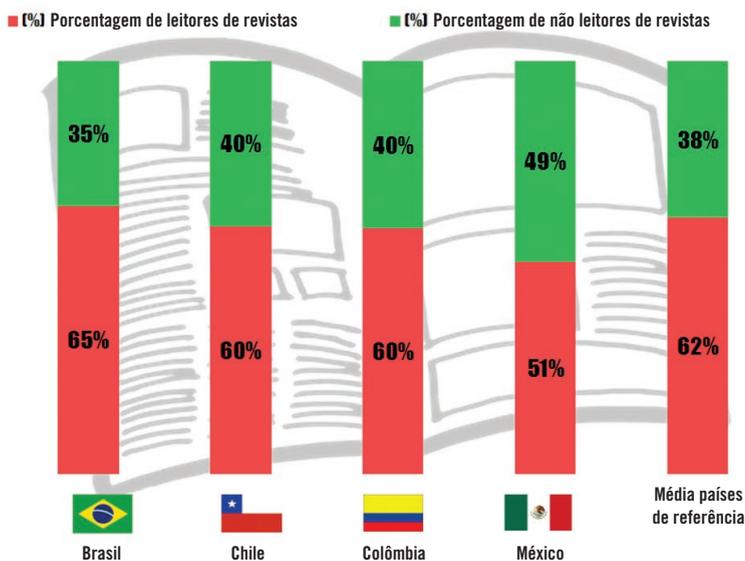


Quarenta e um por cento dos leitores de jornais são pessoas com idades entre 22 e 40 anos, com educação de nível superior (Colômbia e México) e educação de nível médio (Chile e Brasil). A leitura digital de periódicos é mais forte no Chile: cerca de metade dos leitores os leem pela internet. Na Colômbia, este registro é muito menor: 19,25%.

Nos países de referência, as revistas são o material tradicional mais lido pelos leitores: 91%. As mulheres são as principais leitoras de revistas (56%). No Chile, na Colômbia e no México, o nível de escolaridade dos leitores de revistas é principalmente o superior, enquanto no Brasil 42,3% têm educação média.

**GRÁFICO 7**

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO LEITORA DE REVISTAS



A utilização da internet como meio de acesso a outros materiais de leitura é uma prática cada vez mais usual entre a população leitora. No Brasil, 74% dos leitores afirmaram utilizar a internet para ler notícias ou se informar (27%), realizar atividades acadêmicas (24,9%), ler livros (15,8%) e ler jornais (6,8%). A prática da escrita tem lugar mediante a participação em blogs, fóruns e redes sociais relacionados com temas de literatura, autores, livros (8,2%). Dos leitores que utilizam a internet, 14% indicaram ter lido livros digitais. Destes, 49,4% leram utilizando o computador e 39,6%, o telefone celular. No Chile, os leitores que utilizam a internet (80,2%) realizam atividades como ler e-mails (87,0%), participar de chats (83%), ler notícias on-line (73%), procurar informação sobre um tema específico (87%) e participar de fóruns (25,5%). Dos 80,2% de leitores usuários da internet, 38,5% afirmaram ter baixado livros nos últimos 12 meses, à razão de 3,7 livros com fins de estudo e trabalho e 2,5 livros por motivo de entretenimento e/ou lazer.

Na Colômbia, registra-se que 70,5% dos leitores leram na internet, utilizando para isso o computador (84,5%), o telefone celular (57,7%), o tablet (19,0%) e, em menor proporção, o leitor de livros digitais (2,4%). Este conjunto de dispositivos é utilizado para acessar redes sociais (89,2%), correios eletrônicos (85,1%), blogs, fóruns e páginas da web (74,1%), jornais (20,9%), livros (18%) e revistas (17%).

No México, 45,3% dos leitores leram páginas da internet, fóruns e blogs. O principal motivo das leituras realizadas na internet foi por gosto e/ou entretenimento (39,1%), por cultura geral (33,3%), por trabalho (14,6%) e por estudo (10,8%).

## **Uma reflexão final**

As pesquisas recentes, umas com maior sucesso que outras, têm conseguido não só caracterizar os leitores segundo os materiais tradicionais

de leitura, como também ampliar o foco para dar conta das práticas de leitura realizadas em dispositivos eletrônicos. Resta, no entanto, um longo caminho a percorrer para se compreender plenamente as práticas de leitura, o *como se lê*, com o objetivo de traçar ações efetivas a fim de se conseguir uma sociedade leitora. A leitura em profundidade das pesquisas, procurando transcender os típicos titulares com respeito ao número médio de livros lidos, é a melhor estratégia para identificar as áreas-chave de ação das políticas públicas neste campo. Uma judiciosa análise dos dados levantados, além de retratar a evolução do comportamento leitor, servirá para observar o impacto de políticas públicas específicas. Nesse sentido, os organismos responsáveis pelas pesquisas deveriam adotar como prática generalizada a disponibilização dos microdados. É aí onde se encontra a informação de interesse para que os atores do mundo da leitura, seja no setor público ou no setor privado, encontrem ferramentas para tornar mais eficiente a disponibilização de conteúdos editoriais para a população.

As pesquisas na região apenas começam a se aproximar de uma medição mais detalhada das novas práticas de leitura: a leitura de novos tipos de conteúdos editoriais e a leitura por meio de dispositivos digitais. Uma aproximação mais precisa a essas novas práticas é o que se demanda de modo mais generalizado aos processos e instrumentos de medição. A metodologia proposta pelo CERLALC em 2014 é um aporte nessa direção. No entanto, se faz necessário se aproximar de outros instrumentos metodológicos que tendem a ganhar cada vez mais espaço e que permitam compreender os fenômenos emergentes no campo da leitura. A proposta do CERLALC, além de fortalecer e atualizar a metodologia comum de medição do comportamento leitor, é a de gerar instrumentos de aproximação qualitativa (ou etnográfica) para compreender as novas formas de comportamento e hábitos leitores de uma população que em todas as faixas etárias vem sendo permeada pelas tecnologias da informação e da comunicação.

\* Bernardo Jaramillo Hoyos – Colombiano. Subdiretor do Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e Caribe (CERLALC-Unesco), desde 2011. Formado em economia, durante muitos anos foi consultor especializado em temas relacionados à indústria editorial e ao comércio do livro. Consultor do CERLALC desde o início dos anos 1990 em assuntos relacionados ao setor do livro e leitura na América Latina. Tem larga experiência como pesquisador social e econômico em negociações internacionais de comércio.

\*\*Lenin Monak Salinas – Economista da Universidade Nacional da Colômbia e pós-graduado em estatística aplicada. Foi diretor do Departamento de Estudos e Investigações Econômicas de Andigraf; colunista da revista *Artes Gráficas* e outras; analista econômico do Departamento Nacional de Estatísticas da Colômbia, DANE; catedrático da Universidade Jorge Tadeo Lozano de Bogotá – Colômbia. Assessor em estudos e pesquisas econômicas. Atualmente é coordenador de estatísticas do CERLALC. Coautor de publicações como: *A metodologia comum para explorar e medir o comportamento leitor – O encontro com o digital*; *O espaço ibero-americano do livro* (2014); e *Diagnóstico nacional da rede nacional de bibliotecas públicas da Colômbia*.



## PARTE II



# A. A 4ª Edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil – 2015/2016

## 1. APRESENTAÇÃO E HISTÓRICO

### Apresentação

*Chegamos à 4ª edição!*

Desde seu lançamento, em 2001, a Retratos da Leitura no Brasil é a única pesquisa, em âmbito nacional, que tem por objetivo avaliar o comportamento leitor do brasileiro. Seus resultados são amplamente divulgados e a pesquisa tornou-se referência quando se trata de índices e hábitos de leitura dos brasileiros.

É uma contribuição do mercado editorial para, a partir desse amplo diagnóstico, estimular novas reflexões, estudos e decisões em torno de possíveis novas intervenções – do governo e da sociedade civil – para melhorar a qualidade e os atuais indicadores de leitura e de acesso ao livro pelos brasileiros.

Com a realização da 4ª edição da Pesquisa, o IPL confirma seu compromisso de promover estudos sobre o comportamento leitor do brasileiro e também de viabilizar a construção de séries históricas sobre indicadores de leitura.

### Objetivos

Ao realizar periodicamente a Retratos da Leitura no Brasil e promover a ampla divulgação e comparação dos seus resultados, o Instituto Pró-Livro tem como principais objetivos:



Avaliar impactos e orientar **políticas públicas do livro e da leitura**, tendo por objetivo melhorar os indicadores de leitura do brasileiro.



Promover a reflexão e **estudos** sobre os hábitos de leitura do brasileiro para **identificar ações** mais efetivas voltadas ao fomento à leitura e ao acesso ao livro.



Promover **ampla divulgação** sobre os resultados da pesquisa para informar e mobilizar toda a sociedade sobre a importância da leitura e sobre a necessidade de melhorar o “retrato” da leitura no Brasil.

## **Público-alvo**

Dirigentes de ministérios e órgãos estaduais e municipais de Educação e Cultura; gestores e técnicos de órgãos públicos e não governamentais responsáveis por programas e projetos de leitura; dirigentes e técnicos da cadeia produtiva do livro e suas entidades; pesquisadores, educadores, bibliotecários, voluntários e agentes da cadeia mediadora da leitura e mídia especializada.

## **Instituto Pró-Livro**

O Instituto Pró-Livro (IPL) foi criado no final de 2006 pelas entidades do livro – Abrelivros, CBL e SNEL – com o objetivo principal de fomento à leitura e à difusão do livro. Iniciou suas atividades em 2007.

Atualmente é mantido pelas entidades fundadoras – Abrelivros, CBL e SNEL – e contribuições voluntárias de editoras. A diretoria do Instituto é composta por representantes das três entidades fundadoras.

Sua criação foi uma resposta do mercado editorial à preocupação de especialistas de diferentes segmentos – das áreas de educação, cultura e produção e distribuição do livro – com os níveis de leitura da população em geral, e, em particular, dos jovens, significativamente inferiores à média dos países industrializados e em desenvolvimento. Foi motivada também pela crença no poder da leitura como condição para o desenvolvimento social e humano de uma sociedade.

As entidades do livro, representando a cadeia produtiva, fundaram o Instituto Pró-Livro assumindo o compromisso de responsabilidade social junto a representantes do governo e sociedade civil, para a promoção de ações de fomento à leitura. Propôs-se uma missão ambiciosa e essencial: transformar o Brasil em um país de leitores. O Instituto atua desenvolvendo suas atividades por meio da execução direta de projetos ou do apoio a programas e projetos selecionados, desenvolvidos por outras organizações sem fins lucrativos ou órgãos públicos. Para melhor atender a essa missão foi constituída como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – OSCIP.

Definiu seus eixos estratégicos norteados pela sua missão, objetivos e eixos do PNLL. São eles:

**Eixo 1 – PESQUISAS NA ÁREA DO LIVRO E DA LEITURA**

**Eixo 2 – PROMOÇÃO DA LEITURA E DO ACESSO AO LIVRO**

**Eixo 3 – VALORIZAÇÃO SIMBÓLICA DA LEITURA E DO LIVRO**

**Eixo 4 – RESPONSABILIDADE SOCIAL E DESENVOLVIMENTO DA CADEIA PRODUTIVA**

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil é hoje seu principal e mais reconhecido projeto. Conheça outros projetos do IPL, em detalhes, acessando [www.prolivro.org.br](http://www.prolivro.org.br).

## **Histórico – Retratos da Leitura**

A Retratos da Leitura completa quinze anos. A 1ª edição foi lançada em 2001. A partir de 2007, já na 2ª edição, passou a ser realizada pelo Instituto Pró-Livro (IPL) adotando metodologia de padrão internacional (CERLALC-Unesco). A metodologia desenvolvida pelo CERLALC busca a padronização no critério de escolha de amostragem e formulação do instrumento de pesquisa em campo para possibilitar a comparação com os resultados de outros países da Ibero-América que usam o mesmo padrão internacional.

Desde a 2ª edição houve importante ampliação nos objetivos deste estudo: o de conhecer o perfil leitor e os hábitos de leitura também das crianças (com 5 anos ou mais) e jovens, enquanto estudantes do ensino fundamental. Essa informação é indispensável para se avaliar os resultados de políticas públicas, investimentos e programas voltados à formação leitora e ao acesso ao livro.

## Séries históricas

**Realização:** Abrelivros, CBL e SNEL. Realizada em 2000, a pesquisa foi lançada em 2001.

**Aplicação:** Instituto A. Franceschini Análise de Mercado.

**Público-alvo:** População brasileira com 14 anos ou mais, com pelo menos três anos de escolaridade.

**Amostra:** 5.200 entrevistas em 44 municípios de 19 Unidades da Federação.

**Realização:** Instituto Pró-Livro (IPL), com o apoio de Abrelivros, CBL e SNEL. Realizada em 2007, a pesquisa foi lançada em 2008.

**Aplicação:** IBOPE Inteligência.

**Coordenação:** IPL e Galeno Amorim

**Metodologia:** desenvolvida pelo CERLALC-Unesco seguindo padrões internacionais de medição, viabilizando a comparação com países da América Latina e do Caribe.

**Inovações:** Âmbito nacional e inclusão da população com 5 anos ou mais (**público-alvo**), sem requisito de escolaridade mínima.

**Amostra:** 5.012 entrevistas em 315 municípios de todas as Unidades da Federação.

**Realização:** Instituto Pró-Livro (IPL), com o apoio de Abrelivros, CBL e SNEL. Realizada em 2011, a pesquisa foi lançada em 2012.

**Aplicação:** IBOPE Inteligência

**Coordenação:** Instituto Pró-Livro (Zoara Failla)

**Metodologia:** CERLALC-Unesco, com aperfeiçoamentos em relação a 2007.

**Amostra:** 5.012 entrevistas em 315 municípios brasileiros.

Além de estabelecer comparações e estimular o aprofundamento das investigações sobre a situação da leitura no país no período 2000-2015, a 2ª e a 4ª edições da Retratos da Leitura no Brasil, apesar de pequenos ajustes para seu aperfeiçoamento, mantêm a mesma metodologia com o propósito de possibilitar análises comparativas e séries históricas sobre o comportamento leitor da população.

## Patrocínio e coordenação

A 4ª edição da Pesquisa promovida pelo IPL contou com o patrocínio da Abrelivros, CBL e SNEL. O IPL contratou o IBOPE Inteligência para sua aplicação e preparação dos resultados em 2015/2016.

A coordenação da pesquisa coube a Zoara Failla, do Pró-Livro, e comissão formada por representantes das quatro entidades: IPL e Abrelivros, CBL e SNEL, além de consultores especialistas.

## 2. OBJETIVOS, METODOLOGIA E INOVAÇÕES

### Objetivos

#### Principal objetivo da Pesquisa

*Conhecer o comportamento leitor medindo a intensidade, a forma, as limitações, a motivação, as representações e as condições de leitura e de acesso ao livro – impresso e digital – pela população brasileira.*

#### Objetivos específicos

- Conhecer o comportamento *leitor* do brasileiro e compará-lo ao *não leitor*, por:
  - Gênero, idade, escolaridade, classe social, se estudante etc.
  - Regiões e estados brasileiros
  - Hábitos e preferências, barreiras, influências e representações sobre a leitura (no imaginário coletivo)
  - Leitura de livros digitais, leitura em meio digital e uso de diferentes materiais, suportes e dispositivos para a leitura.
- Identificar os indicadores de leitura e construir séries históricas.
- Identificar formas de acesso e avaliar uso das bibliotecas – públicas e escolares.

#### Principais orientações

- Comparar e avaliar resultados das quatro edições da Pesquisa e construir séries históricas (2000, 2007, 2011 e 2015).
- Comparar indicadores de leitura dos brasileiros com resultados de outros países que usam a mesma metodologia (CERLALC).
- Comparar com outras pesquisas sobre leitura, educação e economia do livro.
- Avaliar impacto de políticas públicas e programas de governo para orientar investimentos e ações.
  - Identificar ações mais efetivas na formação de leitores.

## Metodologia – Informações relevantes

- **Padrão internacional:** A metodologia foi desenvolvida pelo CERLALC-Unesco com a finalidade de ter parâmetros internacionais de comparação entre os países da Ibero-América e também de possibilitar a produção de séries históricas sobre o comportamento leitor.
- **Pesquisa em campo – coleta de dados:** Pesquisa quantitativa de opinião com aplicação de questionário e entrevistas presenciais face a face (com duração média de 60 minutos) realizadas nos domicílios.
- **Universo da pesquisa:** Brasileiros, residentes, com 5 anos ou mais, alfabetizados ou não.
- **Abrangência (Amostra):** Nacional. São 5.012 entrevistas domiciliares em 317 municípios.

## Principais inovações

Visando o constante aperfeiçoamento da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, nesta edição foram incorporadas contribuições analíticas de especialistas e novas orientações do Centro Regional para el Fomento del Libro en América Latina y el Caribe (CERLALC) – alinhadas às profundas mudanças ocorridas no que diz respeito à prática leitora em diferentes materiais, suportes e ambientes.

Nesse sentido, as principais novidades desta edição são:

- **Perguntas que geram os Indicadores de Leitura:** De forma a viabilizar as séries históricas, foram mantidos os principais conceitos de “livro”, “leitor” e “não leitor”; porém, foram modificados enunciados e filtros das perguntas referentes à leitura de livros indicados pela escola ou lidos por iniciativa própria, incluindo a Bíblia.
- **Ampliação do escopo do estudo:** Para intensificar a avaliação acerca de bibliotecas (incluindo as escolares), do uso da internet e de leituras e livros digitais.

- **Introdução do conceito de usuário de internet:** Aquele que utilizou a internet pelo menos uma vez nos três meses anteriores à pesquisa.
- **Adequação do questionário ao novo referencial internacional:** Para possibilitar a comparação e construção da série histórica, alguns ajustes tiveram como referência a nova orientação do CERLALC.

### **Conceitos**

Foram mantidos os mesmos conceitos da edição de 2007 e 2011, com melhor definição para clarear a questão para os entrevistados e garantir respostas mais objetivas.

## **3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A METODOLOGIA SEGUNDO O IBOPE INTELIGÊNCIA**

### **Relatório metodológico – Retratos da Leitura no Brasil – 2015**

#### **Coleta de dados**

A coleta de dados foi realizada entre os dias 23 de novembro e 14 de dezembro de 2015 em todo o território nacional. Foram realizadas entrevistas domiciliares pessoais face a face. As entrevistas foram realizadas por uma equipe de entrevistadores devidamente treinada, supervisionada e com identificação do IBOPE Inteligência.

Na edição de 2015, pela primeira vez, a coleta dos dados foi realizada com o questionário programado em um software para tablets, usando a metodologia conhecida como CAPI (ou *Computer Assisted Personal Interviewing*), por meio de questionário estruturado com perguntas fechadas, semiabertas e de citação. O questionário da pesquisa teve como referência o aplicado em 2011 – de forma a possibilitar a comparação com as edições anteriores – porém, sofreu

alguns ajustes necessários, segundo avaliação e nova orientação do CERLALC.

### **Principais conceitos e definições**

- **Livros:** Consideram-se livros em papel, livros digitais ou eletrônicos e audiolivros digitais, livros em braile e apostilas escolares, excluindo-se manuais, catálogos, folhetos, revistas, gibis e jornais. Este conceito é o mesmo adotado na edição de 2011 da pesquisa.
- **Livros lidos em partes:** Considera-se como livros lidos em partes aqueles dos quais os entrevistados leram apenas algumas partes, trechos ou capítulos. Este conceito foi alterado em 2015.
- **Leitor:** Considera-se leitor aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos três meses anteriores à pesquisa. A definição é a mesma utilizada nas edições anteriores da pesquisa.
- **Não leitor:** Assim como nas edições anteriores da pesquisa, não leitor é aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos três meses anteriores à pesquisa, mesmo que tenha lido nos 12 meses anteriores à pesquisa.
- **Comprador de livros:** Considera-se comprador o respondente que declarou ter comprado algum livro,<sup>1</sup> em papel ou formato digital, nos três meses anteriores à pesquisa.
- **Escolaridade:** Refere-se à finalização, com sucesso, de uma etapa formal de estudos. Assim, pode-se dizer que, quando um indivíduo completa todos os anos de uma etapa com aprovação, ele obteve o grau de instrução equivalente. Para se coletar a escolaridade, primeiro, é questionado se o indivíduo sabe ler e escrever um bilhete simples. Se a resposta for sim, pergunta-se até qual ano da escola o indivíduo estudou e se o completou ou não. As opções de resposta se dividem em

---

1. Considera-se a compra de livros didáticos (indicados pela escola ou faculdade), livros de literatura, como contos, romances ou poesias (indicados pela escola ou faculdade ou comprados por vontade própria), outros livros em geral (comprados por vontade própria) ou apostilas, xerox de livros ou partes de livros.

11 subcategorias, variando de Analfabeto ou Não frequentou escola formal até Ensino Superior completo ou além.

- Renda familiar: É a soma da renda individual de todos os moradores do mesmo domicílio, incluindo o respondente. Para divulgação dos resultados da pesquisa, foram estabelecidas cinco faixas de renda, iniciando-se pelo salário mínimo definido pelo Ministério do Trabalho e do Emprego, cujo valor para 2015 era de R\$ 788,00.
- Classe: O critério utilizado na pesquisa para definição da classe dos respondentes é o Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB), da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP). O CCEB levanta a posse e quantidade de itens domiciliares de conforto e consumo doméstico, além do grau de instrução do chefe da família declarado e características do domicílio, como a presença de água encanada e rua pavimentada. É estabelecido um sistema de pontuação, no qual, para cada atributo, são atribuídos pontos, que são somados ao final das perguntas, resultando na classificação em classes econômicas A, B1, B2, C1, C2, D e E.

### **Categorias de interesse para análise e divulgação**

Os resultados da pesquisa, além de divulgados para a população alvo, são analisados e, alguns deles, publicados em categorias definidas com base nas variáveis descritas a seguir:

- Sexo: feminino ou masculino.
- Faixa etária: divisão em faixas de 5 a 10 anos, 11 a 13, 14 a 17, 18 a 24, 25 a 29, 30 a 39, 40 a 49, 50 a 69 e 70 anos e mais.
- Escolaridade: divisão em Analfabeto ou Não frequentou escola formal, Ensino Fundamental I (1ª a 4ª série ou 1º ao 5º ano), Ensino Fundamental II (5ª a 8ª série ou 6º ao 9º ano), Ensino Médio (1º ao 3º ano) e Ensino Superior.
- Renda familiar: divisão em faixas de até 1 SM, mais de 1 SM até 2 SM, mais de 2 SM até 5 SM, mais de 5 SM até 10 SM e mais de 10 SM.

- Classe social: segmentação em classes A, B, C, D e E;
- Condição de ocupação: categorização em Ocupados (que trabalham, ou seja, exercem alguma atividade remunerada, dentro ou fora de casa, incluindo trabalho formal, com carteira assinada ou não, e autônomos) e Não ocupados.
- Condição de atividade: segmentação em Empregado, Patrão e Conta Própria (dentro os considerados Ocupados).
- Região: divisão regional do país, segundo definições do IBGE, nas macrorregiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul.

Além das variáveis descritas, os resultados também são analisados para as categorias leitor X não leitor, estudante X não estudante, comprador de livros X não comprador de livros e gosto pela leitura (gosta muito, gosta pouco ou não gosta de ler).

### **Dimensionamento amostral**

Foram realizadas 5.012 entrevistas em 317 municípios brasileiros, que permitem a leitura para o Brasil inteiro e para cada região do país.

### **Desenho da amostra**

Para o desenho amostral da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, foram utilizados os dados do Censo Demográfico 2010 e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2013 (PNAD). A amostra é representativa da população acima de 5 anos de idade (universo), estratificada com alocação proporcional à população de cada estrato (UFs).

A amostra foi selecionada em três estágios: seleção aleatória de municípios no interior das UFs, seleção aleatória de setores censitários nos municípios selecionados e seleção dos respondentes considerando cotas de sexo, idade, escolaridade e condição na ocupação definidas com base nos dados mais atualizados do IBGE (PNAD 2013).

Assim, garantiu-se a leitura consistente e segura dos resultados em todas as segmentações necessárias e exigidas pelo estudo. A amostra foi ponderada para a recomposição das proporções do universo.

## **Margem de erro**

Com um intervalo de confiança estimado de 95%, a margem de erro máxima estimada é de 1,4 p.p. para mais ou para menos sobre os resultados encontrados no total da amostra. Para o público leitor, a margem de erro máximo é de 1,8 p.p. para mais ou para menos, considerando um intervalo de confiança de 95%.

## **Alterações no instrumento de coleta**

Na 4ª edição da pesquisa, de modo a aprimorar a qualidade das respostas coletadas sem, no entanto, eliminar a possibilidade de construção da série histórica, foram realizadas diversas adequações no instrumento de coleta de dados, que tiveram como referência as orientações do Centro Regional para el Fomento del Libro en América Latina y el Caribe (CERLALC).

As alterações no questionário em relação à edição anterior da pesquisa, realizada em 2011, foram as seguintes:

- Reformulação de perguntas e de itens de repostas. De modo a facilitar a compreensão do entrevistado, bem como para a adequação aos objetivos da pesquisa, houve reformulação de perguntas e de alguns itens de respostas pré-codificadas.
- Mudança nas perguntas que geram os Indicadores de Leitura. Embora continue sendo perguntado ao entrevistado quantos livros inteiros e quantos livros em partes ele leu nos últimos três meses e nos últimos 12 meses, nesta edição foi descontinuada a coleta dessas informações no período de referência do último mês. Entre os indicadores de leitura no período de três meses e de 12 meses, foram modificados os enunciados e filtros das perguntas referentes à leitura de livros indicados pela escola ou lidos por iniciativa própria, incluindo a Bíblia.
- Introdução de perguntas em alguns blocos. Foram introduzidas questões com o objetivo de intensificar a avaliação acerca de bibliotecas, do uso de internet e de livros digitais.

- Introdução do conceito de usuário de internet. Foram introduzidas perguntas relativas ao conceito de usuário de internet (aquele que utilizou a internet pelo menos uma vez nos três meses anteriores à pesquisa).

Com o objetivo de testar o questionário e identificar na prática do trabalho de campo possíveis problemas em relação à abordagem e à aplicação do questionário em si, foram realizados pré-testes do questionário.

### **Disseminação dos resultados do estudo**

Os resultados divulgados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil se referem ao total da amostra, sendo que, para alguns deles, são apresentadas aberturas como sexo, faixa etária, renda familiar, dentre outras variáveis.

Para a interpretação adequada dos dados, porém, é fundamental se levar em conta as seguintes considerações:

- As questões com uma baixa base de respondentes devem ser analisadas com cuidado, não sendo adequado realizar projeções ou inferências a partir delas em relação ao universo.
- Os arredondamentos podem fazer com que, em alguns resultados, a soma das categorias parciais não totalize 100% em questões onde só é possível escolher uma opção de resposta. Por outro lado, em questões múltiplas, nas quais é possível escolher mais de uma opção de resposta, o somatório de frequências pode ultrapassar 100%.
- É necessário, além disso, atentar para as comparações entre os resultados das diferentes edições da pesquisa. Em função de mudanças metodológicas, no fluxo do questionário, nos enunciados ou opções de respostas, alguns dados disponibilizados podem não ser comparáveis entre si.

Por fim, ao se comparar indicadores ao longo do tempo, a comparação deve ser realizada levando-se em consideração fontes de dados que utilizaram a mesma metodologia amostral e sejam da mesma natureza.

## B. Principais resultados da pesquisa

### Tabelas e gráficos

#### APRESENTAÇÃO

Nesta parte são apresentados os principais resultados da 4ª edição, por meio de tabelas, quadros e gráficos, com comparativos e cruzamentos entre indicadores e diferentes perfis da população estudada. Sempre que possível, respeitando a confiabilidade por conta da metodologia, do questionário aplicado e da amostra, os dados serão comparados com os das edições de 2007 e 2011, construindo a série histórica.

Esta ampla apresentação dos indicadores de leitura e dos resultados desse estudo, segundo os temas investigados, para se conhecer o comportamento leitor, tem por objetivo disponibilizar os dados para que estudiosos e interessados possam aprofundar essa análise a fim de orientar suas ações ou seus estudos.

Esta edição traz inúmeras outras informações coletadas em campo (questionário com cerca de oitenta questões), desdobradas segundo as variáveis da amostra por perfil e de categorias definidas para essa investigação. Essas informações serão objeto de estudos mais aprofundados que serão promovidos, oportunamente, pelo Instituto Pró-Livro e divulgados junto a especialistas da área do livro e da leitura.



## 1. PERFIL DA AMOSTRA

## Evolução da população brasileira

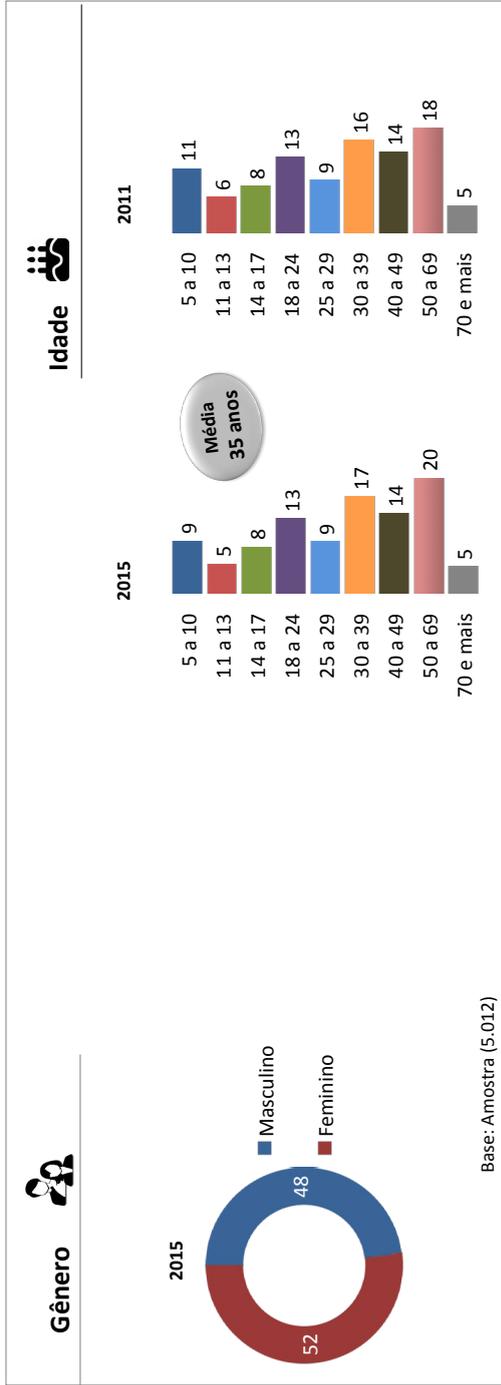
	<b>PNAD 2006*</b>	<b>PNAD 2009**</b>	<b>PNAD 2013***</b>
• População total (0 ano ou mais)	186.921.612	191.435.389	201.020.101
• População estudada (5 anos ou mais)	172.733.817	178.082.033	187.803.031
• % da população representada pela pesquisa	92%	93%	93%

\* 2ª edição da pesquisa (2007).

\*\* 3ª edição da pesquisa (2011).

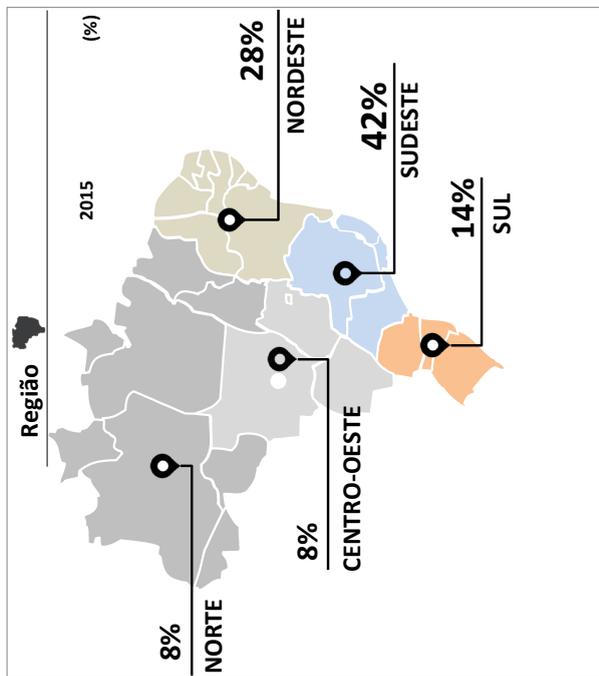
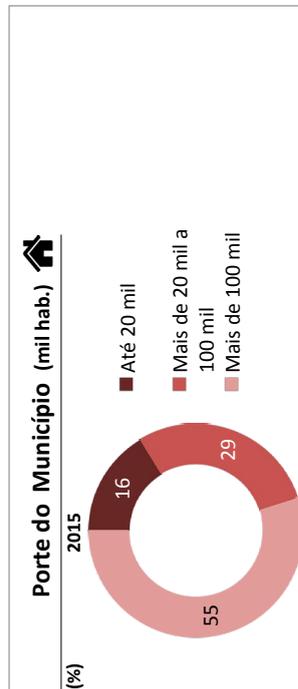
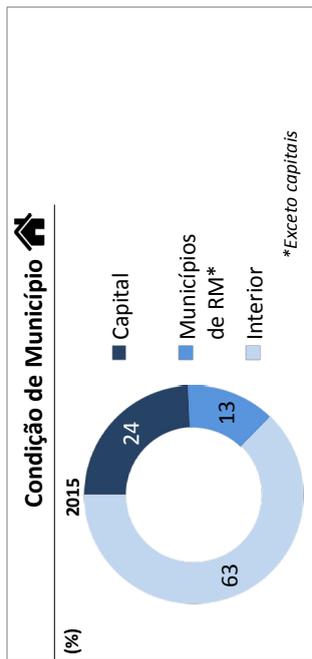
\*\*\* 4ª edição da pesquisa (2015).

# Gênero e idade (%)



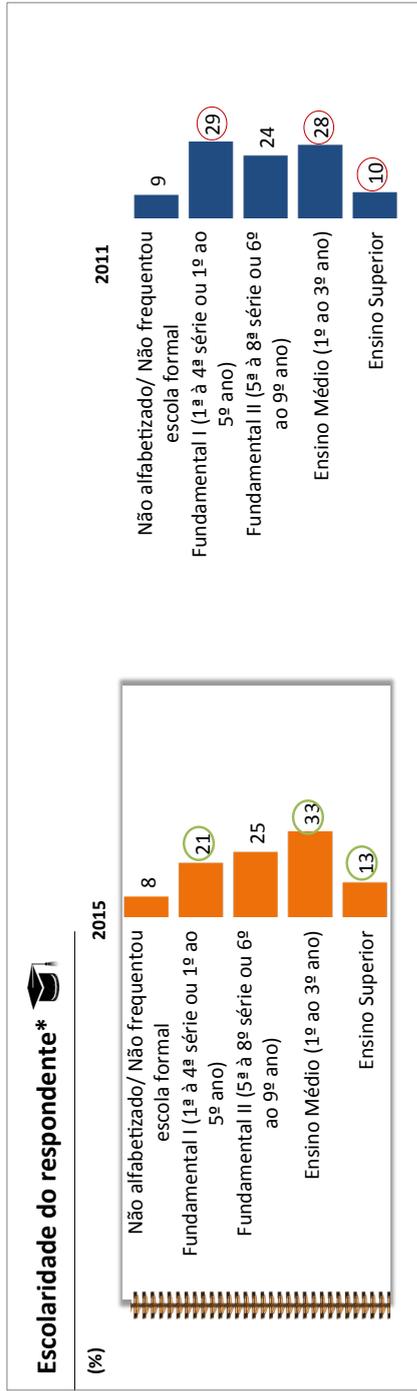
A amostra de 2015 foi desenhada tendo como base a PNAD 2013, enquanto a amostra de 2011 foi desenhada tendo como base a PNAD de 2009.

# Regiões e municípios



Base: Amostra (5012)

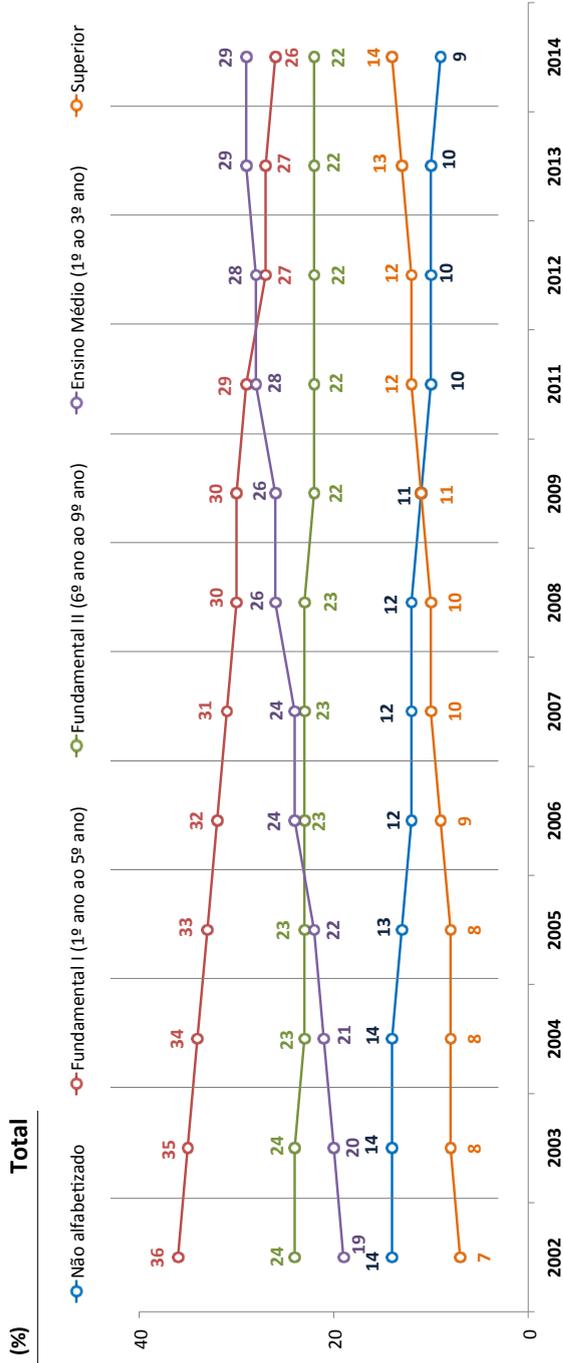
# Escolaridade



\*O dado usado para a cota de escolaridade da amostra foi da população com 18 anos e mais. Os dados deste slide são referentes à amostra do estudo, população com 5 anos e mais.

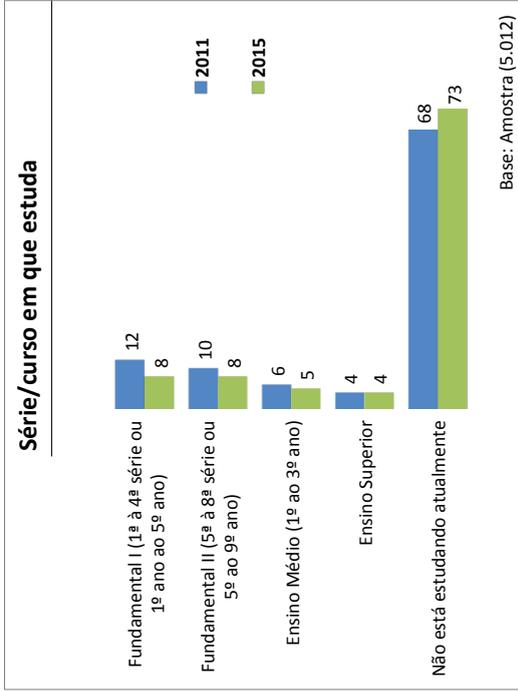
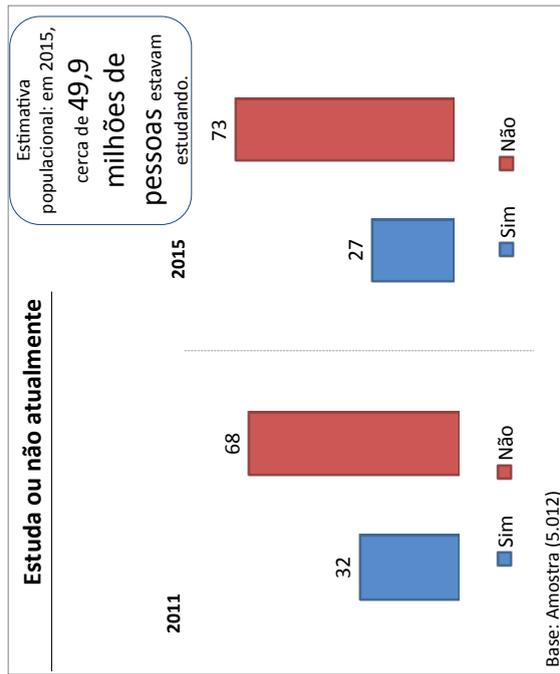
Base: Amostra (5.012)

## Evolução da escolaridade da população brasileira (5 anos ou mais) – PNAD



# Condição atual de estudo (2011 x 2015)

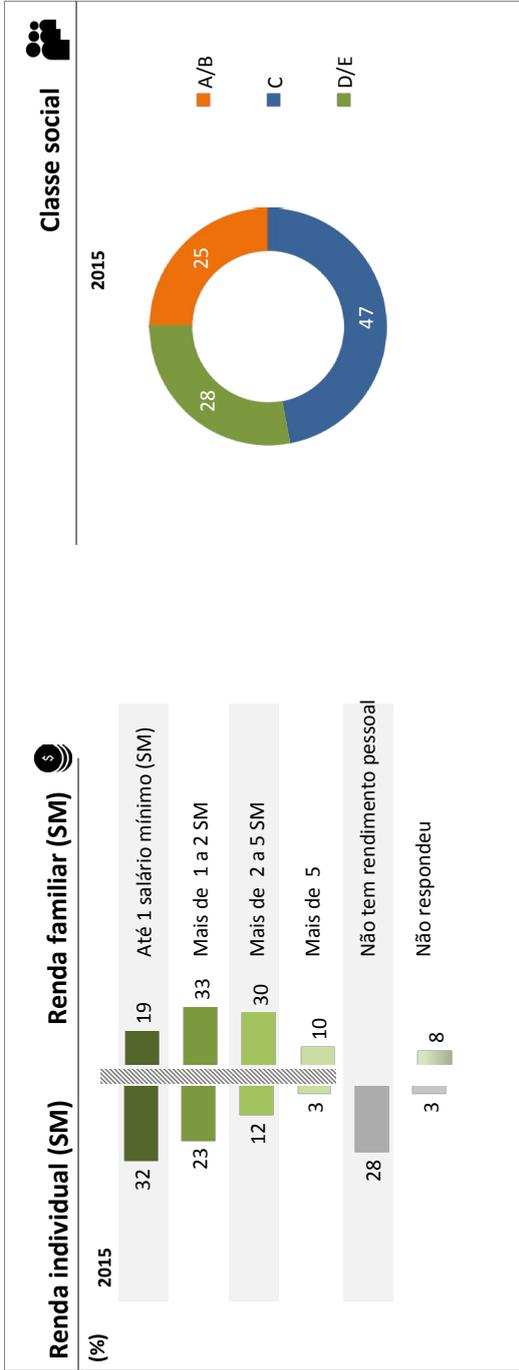
(%)



P.02) O(a) sr(a), ainda está estudando?

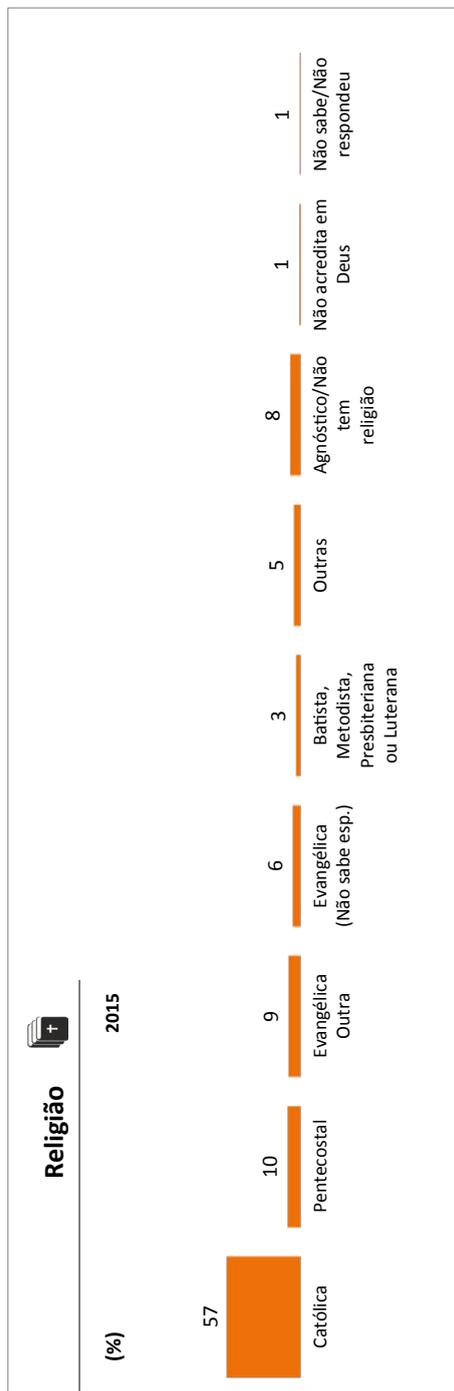
P.03) (SE SIM) Em que ano ou série o(a) sr(a) está estudando atualmente?

# Renda individual e familiar e classe



Base: Amostra (5.012)

# Religião



Base: Amostra (5.012)



## 2. PERFIL DO LEITOR DE LIVROS

## Definição de leitor e não leitor

### Leitor

é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses.

### Não leitor

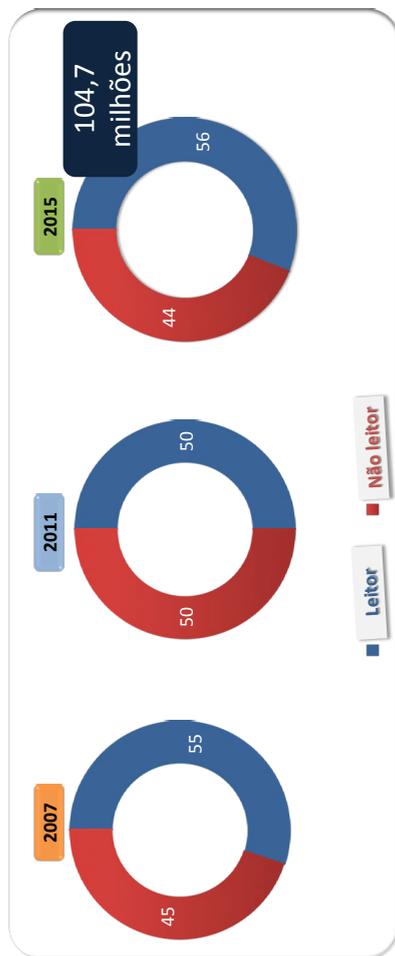
é aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses.

→ Para os índices de leitura, a referência são os **3 meses anteriores à pesquisa**

→ A definição de leitor/não leitor se mantém **desde a edição de 2007**

# Estimativa populacional

(%) Estimativa



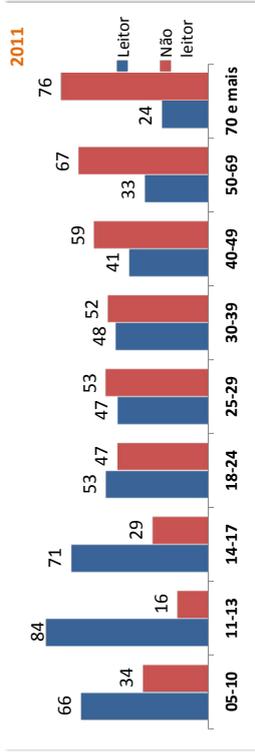
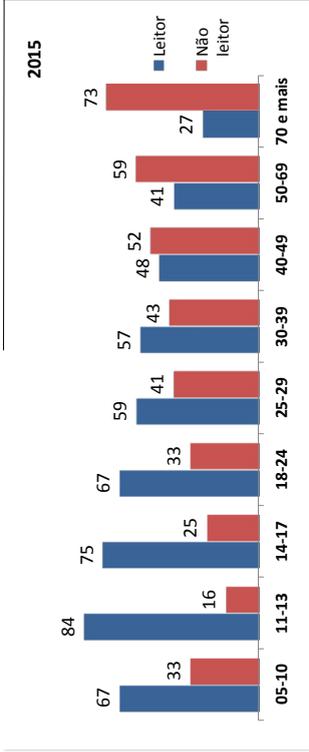
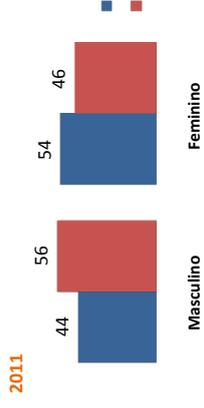
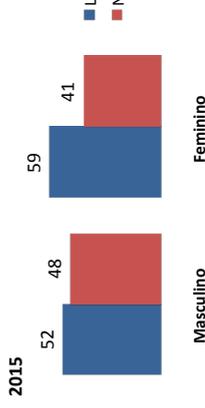
População brasileira com 5 anos ou mais – 2007 (173 milhões) / 2011 (178 milhões) / 2015 (188 milhões)

# Perfil do leitor e não leitor – Gênero e idade

(%)



## Gênero



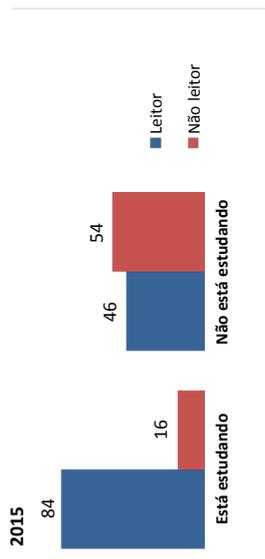
Base: Amostra (5012)

# Perfil do leitor e não leitor – Estudante e escolaridade

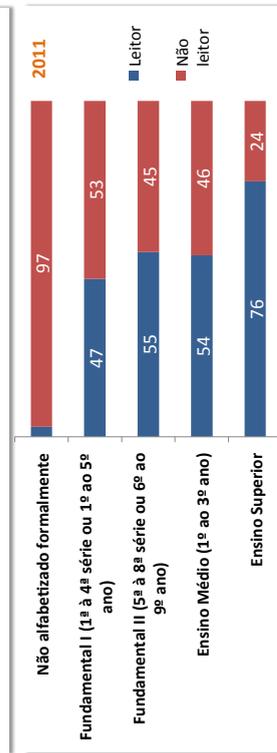
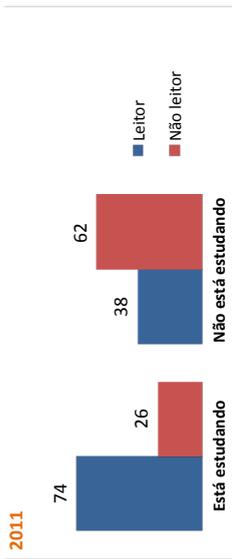
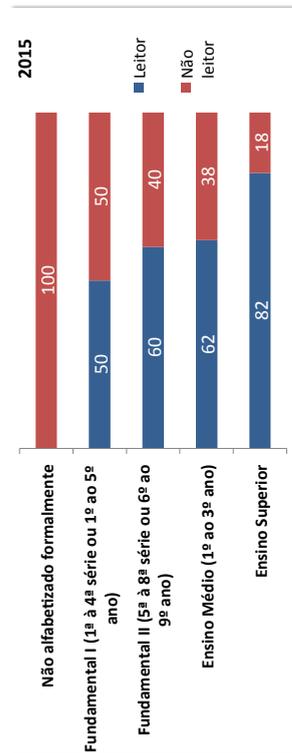
(%)



**Estudante**



**Escolaridade**



Base: Amostra (5.012)

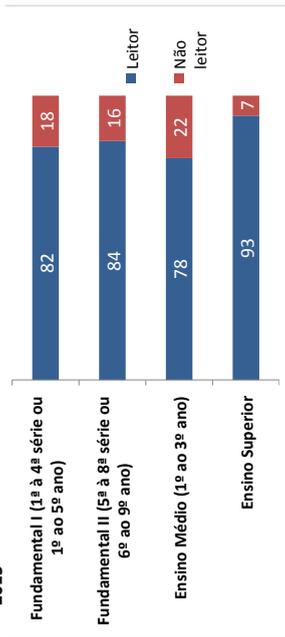
# Perfil do leitor e não leitor – Nível de ensino

(%)

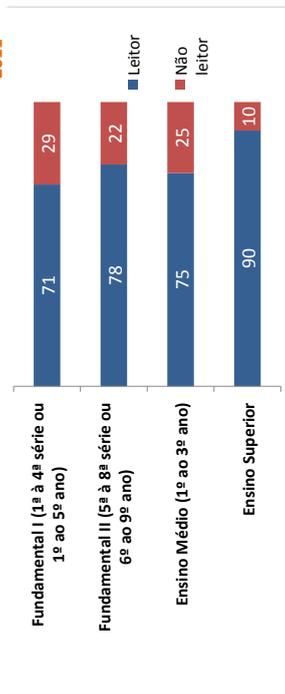


## Nível de ensino que estuda atualmente (apenas estudantes)

2015



2011



Base: Estudantes 2015 (1337) / 2011 (1604)

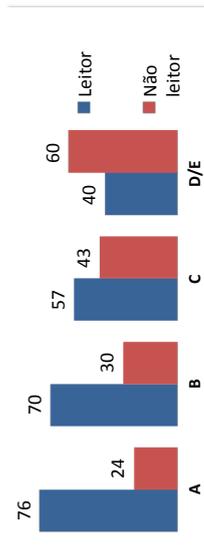
# Perfil do leitor e não leitor – Classe e renda familiar

(%)

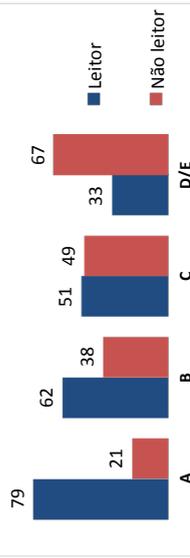


Classe

2015



2011

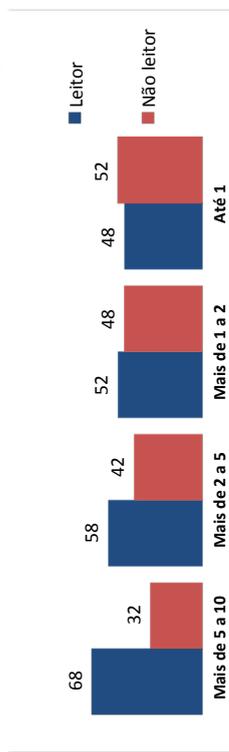


Base: Amostra (5.012)

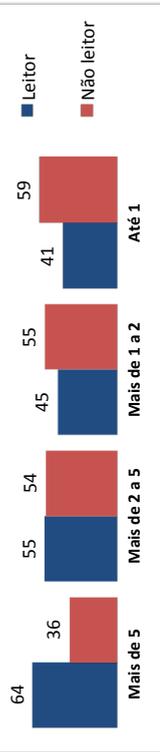
R\$

Renda familiar  
(em salários mínimos)

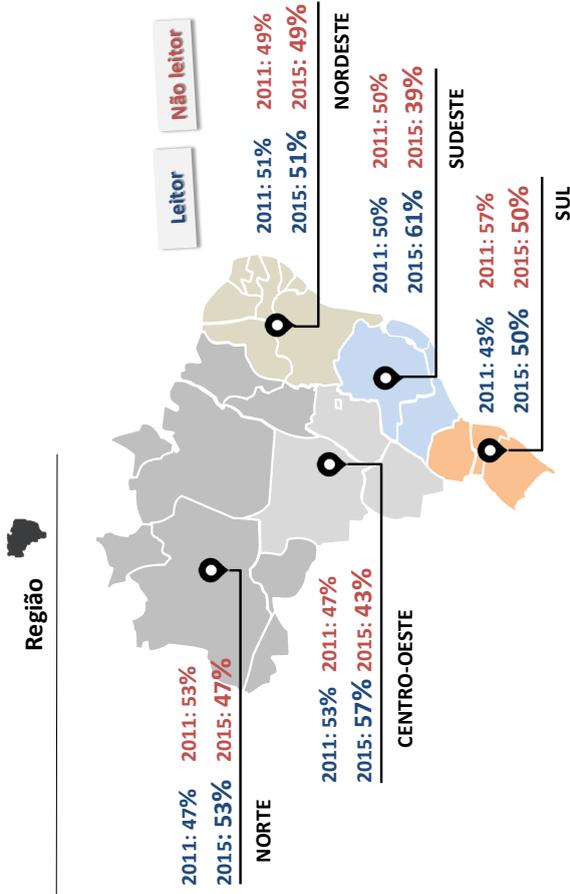
2015



2011



# Perfil do leitor e não leitor – Região (%)

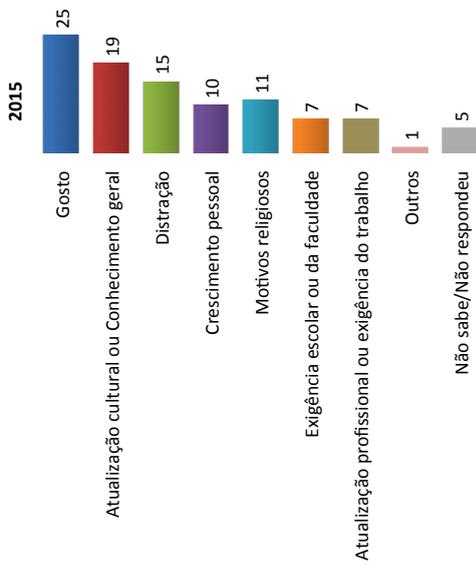


Base: Amostra (5.012)

### 3. MOTIVAÇÕES E HÁBITOS DE LEITURA

## Principal motivação para ler um livro

(%)



Quanto maior o nível de escolaridade do respondente, maiores são as menções a “atualização cultural ou conhecimento geral”. Por outro lado, menores são as menções a motivações para leitura ligadas a “motivos religiosos” entre os respondentes com maior nível de escolaridade.

“Gosto” e “exigência escolar” são mais citados pelos mais jovens, enquanto “motivos religiosos” e “crescimento pessoal” são mais mencionados pelos adultos.

Base: Leitores (2.798)

P.35) Qual é a principal razão para o(a) sr(a) ler?

# Principal motivação para ler um livro: por faixa etária

2015	FAIXA ETÁRIA									
	5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 69	70 e mais	
<b>TOTAL</b>	307	204	321	403	254	474	332	439	66	
Base: Leitores	2798									
<b>Gosto</b>	40	42	29	21	20	16	21	23	25	
Atualização cultural ou Conhecimento geral	9	12	15	20	23	28	22	19	23	
<b>Distração</b>	15	10	16	17	17	13	13	12	19	
Crescimento pessoal	10	4	7	9	14	10	13	10	3	
<b>Motivos religiosos</b>	11	3	3	1	4	9	13	16	25	
Exigência escolar ou faculdade	7	22	12	8	3	3	2	0	0	
<b>Atualização profissional ou exigência do trabalho</b>	7	1	3	9	13	9	8	6	0	
Não sabe/Não respondeu	5	11	4	9	6	5	4	5	4	Base baixa

P.35) Qual é a principal razão para o(a) sr(a) ler?

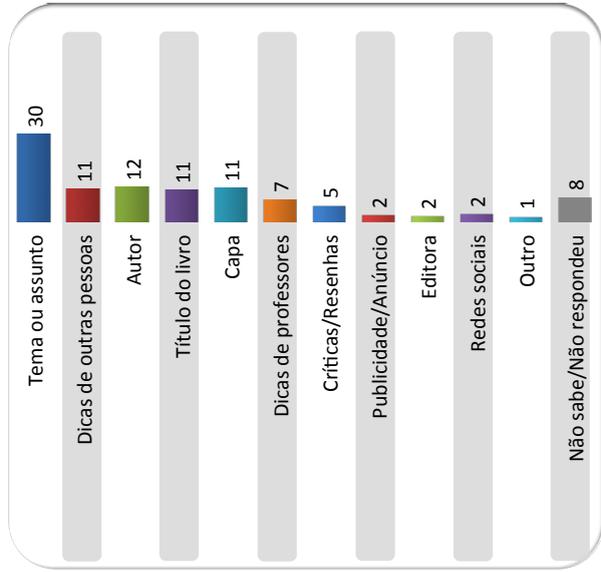
## Principal motivação para ler um livro: por escolaridade

2015	ESCOLARIDADE			
	Fundamental I (1ª à 4ª série ou 1º ao 5º ano)	Fundamental II (5ª à 8ª série ou 6º ao 9º ano)	Ensino Médio (1º ao 3º ano)	Ensino Superior
<b>TOTAL</b>				
Base: Leitores	591	734	938	535
Gosto	25	30	21	20
Atualização cultural ou Conhecimento geral	19	14	24	28
Distração	15	19	17	9
Crescimento pessoal	10	8	14	14
Motivos religiosos	11	10	8	3
Exigência escolar ou faculdade	7	9	3	7
Atualização profissional ou exigência do trabalho	7	4	6	15
Não sabe/Não respondeu	5	6	6	3

P.35) Qual é a principal razão para o(a) sr(a) ler?

# Fatores que influenciam na escolha de um livro

(%)



O “tema ou assunto” influencia mais a escolha dos adultos e daqueles com escolaridade mais alta, atingindo 45% das menções entre os que têm ensino superior.

Já a “capa” de um livro é o principal motivo de escolha na faixa etária entre 5 e 13 anos.

Nas faixas etárias correspondentes aos ciclos da escolarização básica (Ensino Fundamental e Médio) as “dicas de professores” são mais influentes para aqueles que estão entre 5 e 10 anos de idade.

O item “Blogs”, explorado em 2015, obteve menos de 1% das menções.

Base: Leitores (2.798)

P.36 Qual destes fatores mais influencia o(a) sr(a) na hora de escolher um livro ou autor para ler?

## Fatores que influenciam na escolha de um livro: por faixa etária

	2015	FAIXA ETÁRIA											
		5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 69	70 e mais			
<b>(%)</b>													
Base: Leitores	2.798	307	204	321	403	254	474	332	439	66			
Tema ou assunto	30	16	19	23	34	37	39	37	32	20			
Autor	12	8	12	9	8	11	11	16	15	20			
Dicas de outras pessoas	11	3	8	10	10	13	14	14	12	14			
Título do livro	11	13	13	10	9	9	10	10	12	9			
Capa	11	27	23	15	11	10	4	5	4	6			
Dica do professor	7	18	11	12	7	4	4	5	3	2			
Críticas/Resenhas	5	1	3	7	7	7	5	4	4	11			
Publicidade/Anúncio	2	0	0	2	3	2	2	1	3	3			
Editora	2	1	2	3	0	1	1	2	2	2			
Redes sociais	2	0	2	0	3	1	3	2	2	1			
Outro	1	1	0	0	1	1	1	2	3	3			
Não sabe/Não respondeu	8	13	5	9	5	5	6	4	10	9			

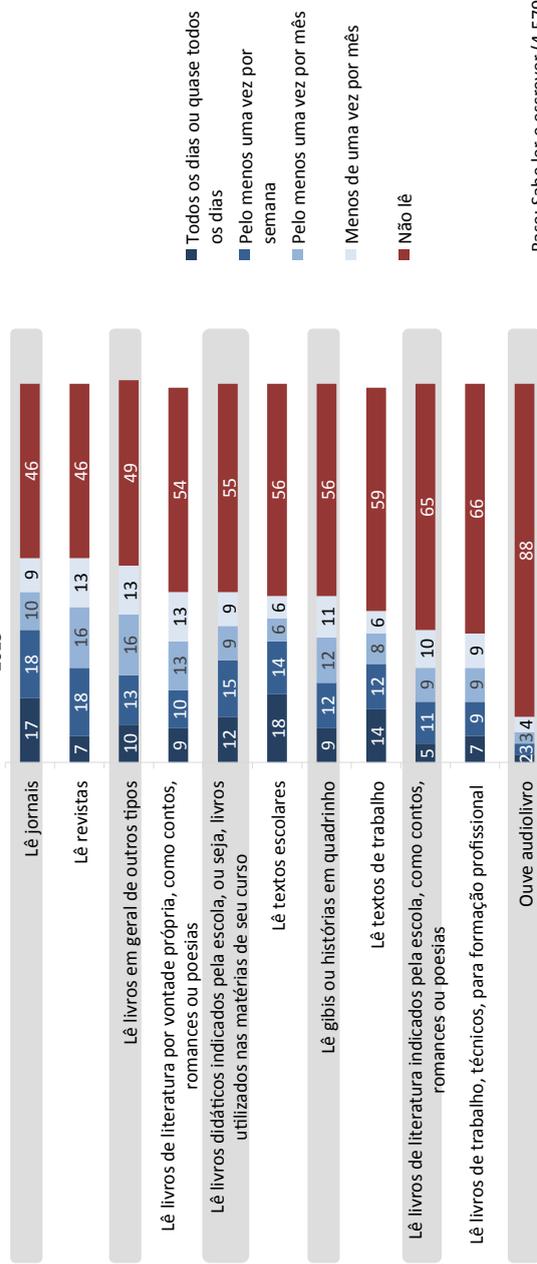
Base baixa

P.36) Qual destes fatores mais influencia o(a) sr(a) na hora de escolher um livro ou autor para ler?

# Frequência de leitura por tipo de material, independentemente do suporte

(%)

2015

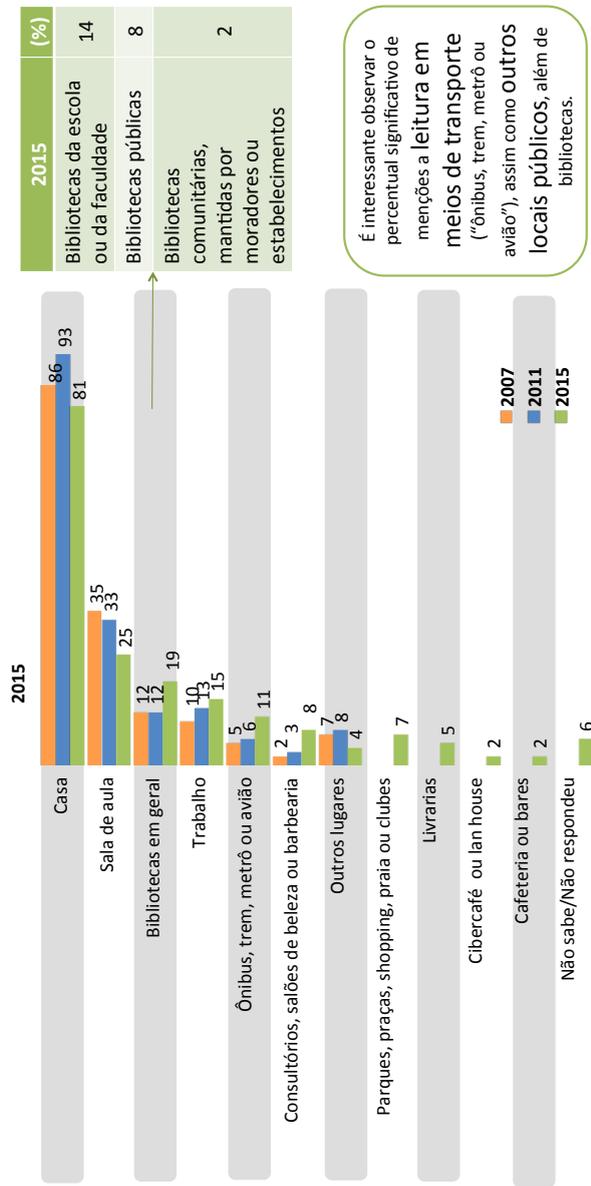


Base: Sabe ler e escrever (4.579)

P.32) O(a) sr(a) \_\_\_\_\_ todos os dias ou quase todos os dias, pelo menos uma vez por semana, pelo menos uma vez por mês ou menos de uma vez por mês? Por favor considere a leitura que o(a) sr(a) realiza em papel ou em formato digital.

## Lugares em que costuma ler livros

(%)

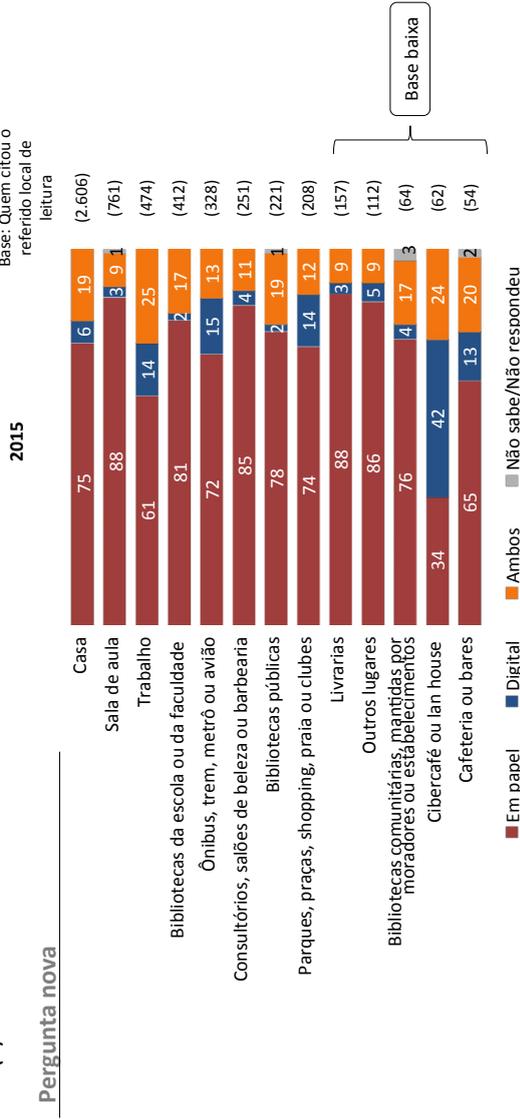


Base: Leitores 2007 (2.745) / 2011 (2.506) / 2015 (2.798)

P.33A) Em qual destes lugares o(a) sr(a) costuma ler livros, sejam eles em papel ou digital?

# Local de leitura de livro por suporte

(%)



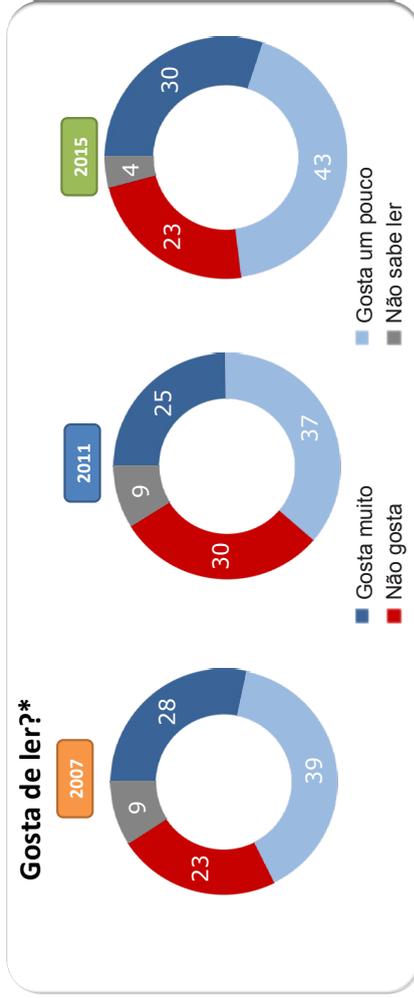
P.338) E no(a) \_\_\_\_\_ o(a) sr(a) costuma ler livros em papel, digital ou ambos?



## 4. GOSTO PELA LEITURA

## Gosto pela leitura – Gosta de ler?

(%)



\*Até 2011, os respondentes “analfabetos” não respondiam a essa pergunta, e eram incluídos na opção de resposta “Não sabe ler”. Na edição de 2015, todos responderam à pergunta (incluindo os analfabetos). Assim, a opção de resposta “Não sabe ler” foi declarada espontaneamente pelos entrevistados.

Base: Amostra 2007 (5.012) / 2011 (5.012) / 2015 (5.012)

P.27) De maneira geral, o(a) sr(a) gosta muito, gosta um pouco ou não gosta de ler?

# Gosto pela leitura por perfil: escolaridade/estudante (%)



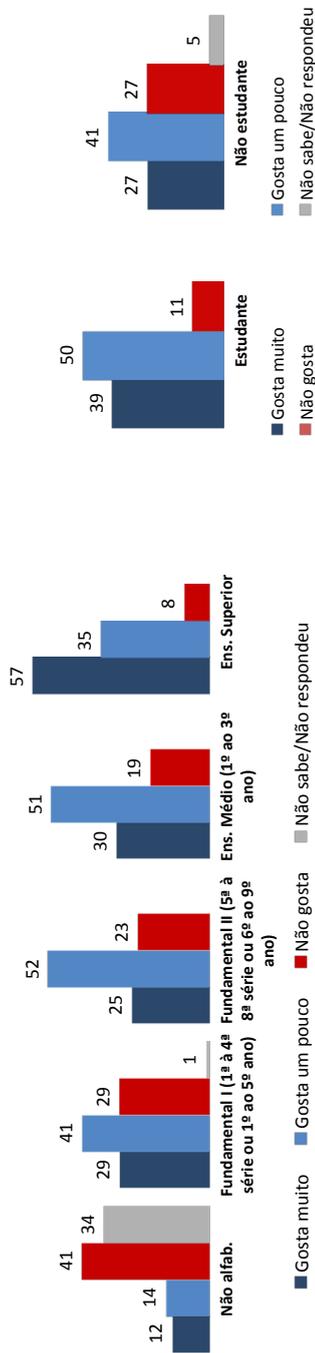
## Escolaridade



## Estudante

2015

2015



Base: Amostra (5.012)

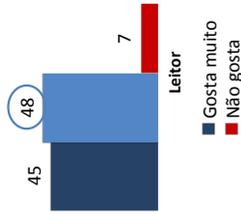
# Gosto pela leitura por perfil: leitor/comprador de livro

(%)



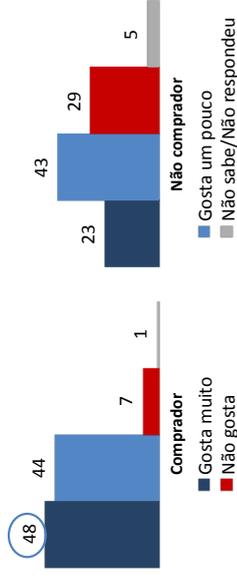
Leitor

2015



Comprador de livro

2015



Base: Amostra (5.012)

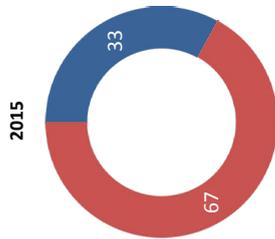
## 5. PRINCIPAIS INFLUENCIADORES (FORMAÇÃO LEITORA)

# Pessoas que influenciaram o gosto pela leitura

(%)

Houve influência de alguém para o(a) sr(a). gostar de ler?

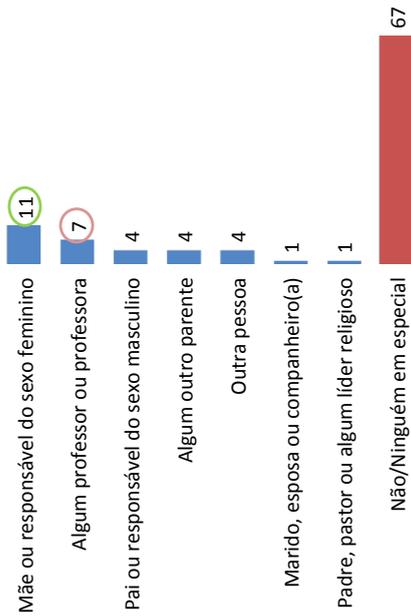
(Pergunta nova)



A figura da mãe é bastante importante na influência do gosto pela leitura, especialmente quando comparada à influência do pai ou de algum parente.

Quem, principalmente?\*

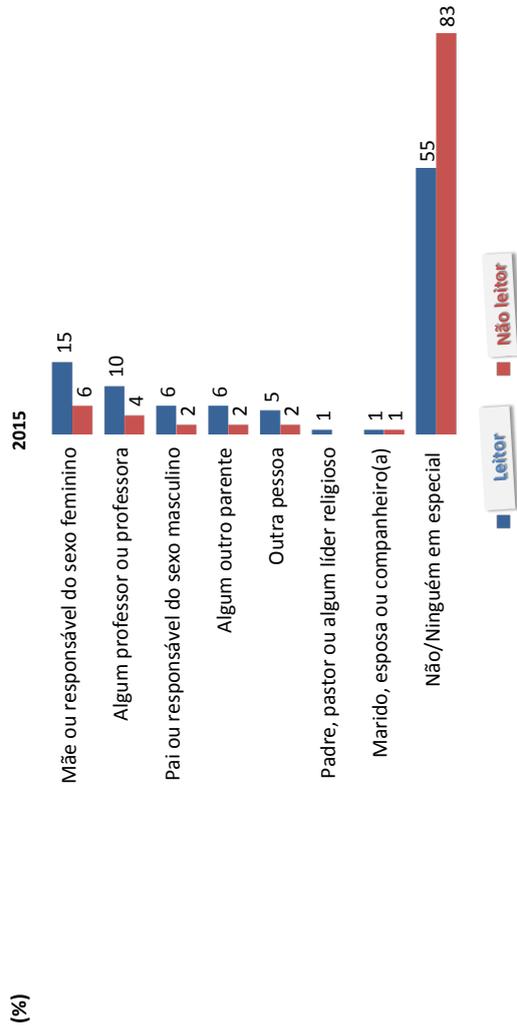
2015



Base: Amostra (5.012)

P.28A) Alguém influenciou ou incentivou o(a) sr(a) a gostar de ler livros?  
P.28B) (SE SIM) Qual foi a pessoa que mais o(a) influenciou ou incentivou?

## Quem mais influenciou o hábito de leitura: por perfil leitor x não leitor



Base: Amostra (5.012)

P.288) Qual foi a pessoa que mais o(a) influenciou ou incentivou?

## Pessoas que influenciaram o gosto pela leitura: por escolaridade

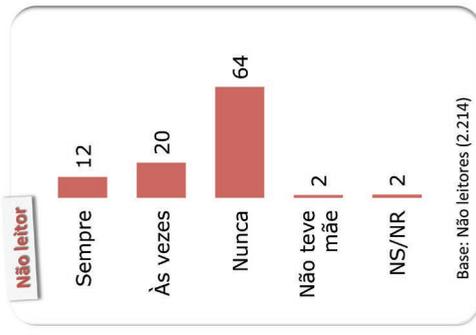
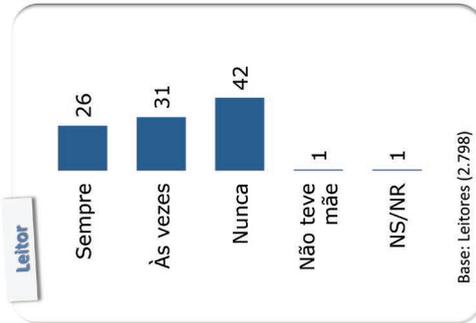
2015 (%)	TOTAL	ESCOLARIDADE				
		Não alfabetizado	Fundamental I (1ª à 4ª série ou 1º ao 5º ano)	Fundamental II (5ª à 8ª série ou 6º ao 9º ano)	Ensino Médio (1º ao 3º ano)	Ensino Superior
Base: Amostra	5.012	433	1.179	1.231	1.521	649
Mãe ou responsável do sexo feminino	11	5	10	12	10	13
Algum professor ou professora	7	2	6	7	9	8
Pai ou responsável do sexo masculino	4	1	3	4	5	8
Algum outro parente	4	2	4	5	4	5
Outra pessoa	4	2	2	4	5	6
Marido, esposa ou companheiro(a)	1	0	0	1	1	1
Padre, pastor ou algum líder religioso	1	0	2	1	1	1
Não/Ninguém em especial	67	86	71	66	65	56

P.288) Qual foi a pessoa que mais o(a) influenciou ou incentivou?

# Percepção sobre hábito de leitura dos pais: por perfil

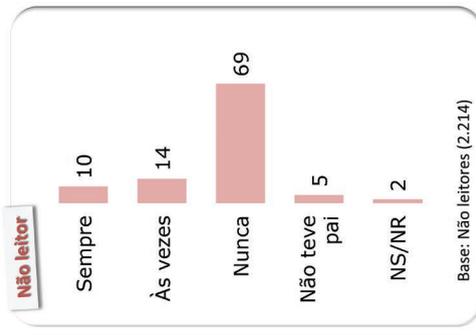
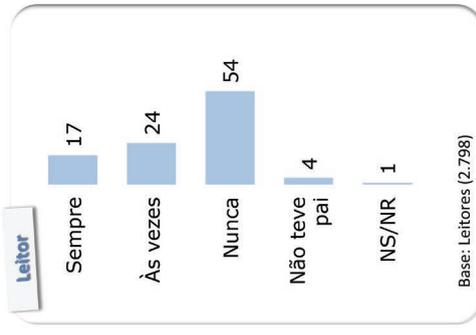
(%) 2015

HÁBITO DE LEITURA DA MÃE



(%) 2015

HÁBITO DE LEITURA DO PAI

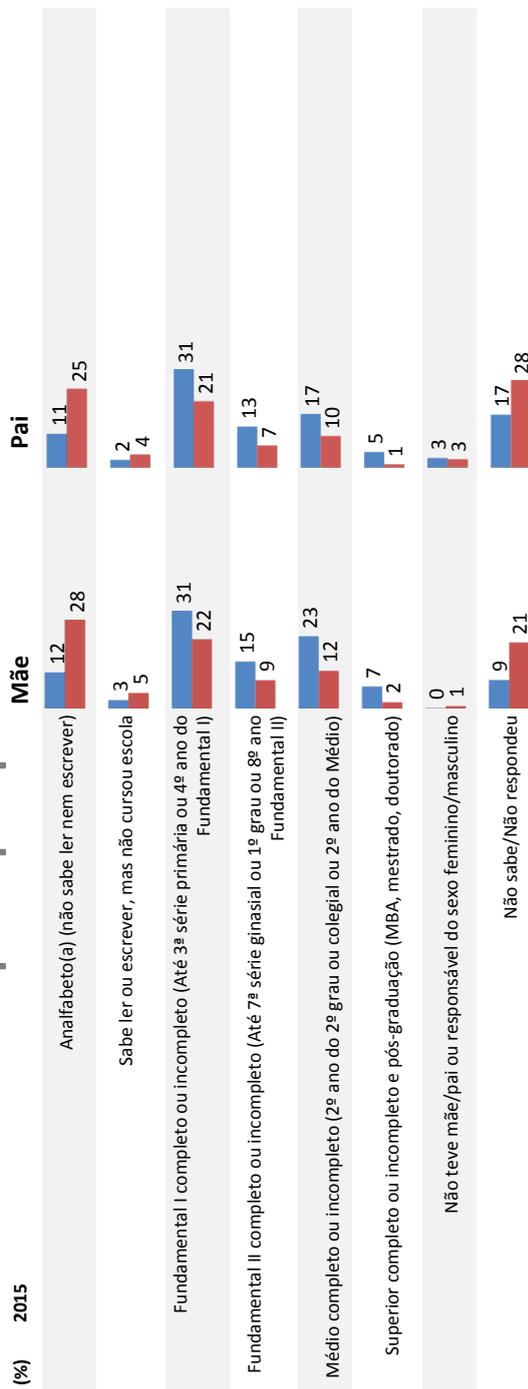


O hábito de leitura dos pais tem forte influência na construção do hábito de leitura dos filhos. Além disso, o mesmo se observa em relação à escolaridade dos pais; Os leitores têm pais relativamente mais escolarizados do que os não leitores.

P.23A) O(a) sr(a) diria que costuma/costumava ver seu pai ou responsável do sexo masculino lendo?  
 P.23B) E o(a) sr(a) diria que costuma/costumava ver sua mãe ou responsável do sexo feminino lendo?

## Escolaridade dos pais: por perfil

(%) 2015



Base: Leitores (2.798) / Não leitores (2.214)

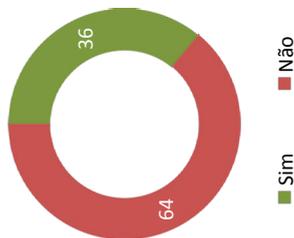
Os resultados de 2015 também demonstram, como em 2011, a relação entre a maior escolaridade dos pais de leitores quando comparada à escolaridade dos pais de não leitores.

P.06) Até qual ano da escola o seu pai ou responsável do sexo masculino estudou?  
 P.07) E até qual ano da escola a sua mãe ou responsável do sexo feminino estudou?

# Percepção sobre ser presenteado com livros

## Hábito de ganhar livros de presente

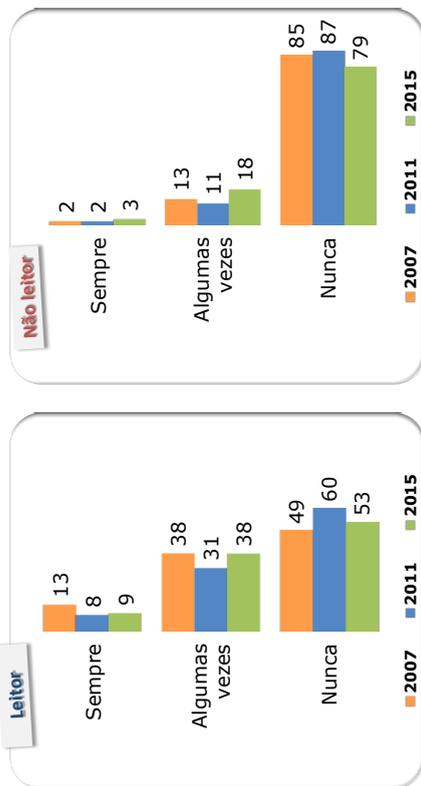
2015



Entre os leitores, 48% afirmam receber livros como presentes da família. Entre os que compraram livros nos últimos 3 meses, esse percentual cresce para 56%.

Base: Amostra 2015 (5.012)

## Frequência em que ganhava livros



Base: Leitores: 2007 (2.757) / 2011 (2.506) / 2015 (2.798)

Base: Não leitores: 2007 (2.256) / 2011 (2.506) / 2015 (2.214)

P.24A) Seus pais ou alguém da família já lhe deram livros de presente ?  
P.24B) Eles lhe davam livros sempre ou algumas vezes?



## 6. O QUE LÊ

# Gêneros que costuma ler

(%)

	2011	2015
Bíblia	42	42
Religiosos	30	22
Contos	23	22
Romance	31	22
Didáticos, ou seja, livros utilizados nas matérias do seu curso	32	16
Infantis	22	15
História em quadrinhos, gibis ou RPG	19	13
Poesia	20	12
História, Economia, Política, Filosofia ou Ciências Sociais	11	11
Ciências	-	10
Culinária, Artesanato, "Como Fazer"	7	10
Técnicos ou universitários, para formação profissional	-	10
Saúde e dietas	-	8
Biografias	11	8
Autoajuda	12	8
Artes	6	7
Juvenis	11	7
Educação ou pedagogia	-	6
Viagens e esportes	-	5
Línguas (como inglês, espanhol, etc.)	-	5
Enciclopédias e dicionários	9	4
Direito	-	3
Esoterismo ou ocultismo	2	2
Outros	1	2
Não sabe/Não respondeu	-	5
<b>MÉDIA DE GÊNEROS POR ENTREVISTADO</b>	-	<b>2,8</b>

A Bíblia é o livro mais citado em quase todos os perfis socioeconômicos da pesquisa. No entanto, ela é mais citada entre os **não estudantes**, os de **menor escolaridade** e entre os **mais velhos**.

Por outro lado, na faixa **entre 5 e 10 anos**, infantis e contos são mais citados que a Bíblia.

Contos e didáticos são os gêneros que se destacam entre os **estudantes**. Já entre aqueles com **nível superior**, livros técnicos, romances e didáticos aparecem com percentuais próximos ao da Bíblia.

A média não pôde ser comparada entre as edições devido ao número de itens ser diferente.

Base: Leitores 2011 (2.506) / 2015 (2.798)

P.37) Quais destes tipos de livros, seja em papel ou em formato digital, o(a) sr(a) leu no último ano?

# Gêneros que costuma ler: estudante x não estudante

2015 (%)	2015		TOTAL	Está estudando	Não está estudando
	2798	1119			
Base: Leitores	2798	1119			1679
Bíblia	42	31	50	50	29
Religiosos	22	13	29	15	15
Contos	22	31	22	22	22
Romance	22	22	22	9	9
Didáticos, ou seja, livros utilizados nas matérias do seu curso	16	28	21	11	11
Infantis	15	21	11	9	9
História em quadrinhos, gibis ou RPG	13	18	17	9	9
Poesia	12	17	13	9	9
História, Economia, Política, Filosofia ou Ciências Sociais	11	13	18	5	5
Ciências	10	18	13	13	13
Culinária, Artesanato, "Como Fazer"	10	5	9	9	9
Técnicos ou universitários, para formação profissional	10	11	10	10	10
Saúde e dietas	8	6	10	7	7
Biografias	8	10	10	10	10
Autoajuda	8	5	11	4	4
Artes	7	11	4	4	4
Juvenis	7	12	4	4	4
Educação ou pedagogia	6	8	4	4	4
Viagens e esportes	5	6	4	4	4
Línguas (como inglês, espanhol, etc.)	5	8	3	3	3
Enciclopédias e dicionários	4	5	3	3	3
Direito	3	4	3	2	2
Esoterismo ou ocultismo	2	1	2	2	2
Não sabe/Não respondeu	5	8	4	4	4
<b>MÉDIA DE GÊNEROS POR ENTREVISTADO</b>	<b>2,8</b>	<b>3,2</b>	<b>2,6</b>		

P.37) Quais destes tipos de livros, seja em papel ou em formato digital, o(a) sr(a) leu no último ano?

## Gêneros que costuma ler: por escolaridade

(%)	2015	TOTAL	ESCOLARIDADE			
			Fundamental I (1º ao 5º ano)	Fundamental II (6º ao 9º ano)	Ensino Médio	Ensino Superior
Base: Leitores		2.798	591	734	938	535
Bíblia		42	48	40	43	36
Religiosos		22	23	17	26	22
Contos		22	22	25	20	21
Romance		22	8	19	29	29
Didáticos, ou seja, livros utilizados nas matérias do seu curso		16	13	14	14	28
Infantis		15	24	14	11	15
História em quadrinhos, gibis ou RPG		13	15	14	12	11
Poesia		12	9	14	13	11
História, Economia, Política, Filosofia ou Ciências Sociais		11	4	6	12	23
Ciências		10	13	12	7	12
Culinária, Artesanato, "Como Fazer"		10	7	6	13	13
Técnicos ou universitários, para formação profissional		10	0	2	9	32
Saúde e dietas		8	5	6	10	13
Biografias		8	3	6	11	12
Autoajuda		8	2	3	9	17
Artes		7	10	7	5	6
Juvenis		7	4	10	6	7
Educação ou pedagogia		6	3	4	4	15
Viagens e esportes		5	2	4	6	8
Línguas (como inglês, espanhol, etc.)		5	3	4	5	10
Enciclopédias e dicionários		4	2	3	4	6
Direito		3	0	1	3	10
Esoterismo ou ocultismo		2	0	1	2	4
Não sabe/Não respondeu		5	8	5	5	3
<b>MÉDIA DE GÊNEROS POR ENTREVISTADO</b>		<b>2,8</b>	<b>2,4</b>	<b>2,4</b>	<b>2,9</b>	<b>3,7</b>

P.37) Quais destes tipos de livros, seja em papel ou em formato digital, o(a) sr(a) leu no último ano?

# Gêneros que costuma ler: por faixa etária

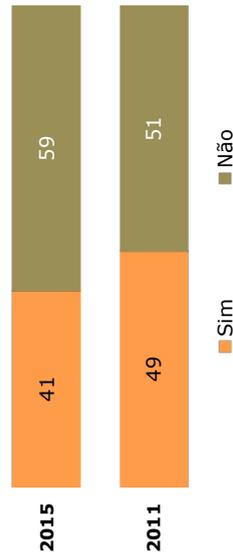
2015	FAIXA ETÁRIA									
	5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 69	70 e mais	TOTAL
Base: Leitores	307	204	321	403	254	474	332	439	66	2798
Bíblia	42	31	24	39	39	49	56	52	63	42
Religiosos	22	6	12	17	25	27	30	35	34	22
Contos	22	37	31	23	21	12	14	13	11	22
Romance	22	20	33	33	25	20	18	19	16	16
Didáticos, ou seja, livros utilizados nas matérias do seu curso	16	23	27	23	18	15	10	6	0	16
Infantis	15	41	22	8	18	15	11	6	4	15
História em quadrinhos, gibis ou RPG	13	29	21	11	12	10	9	6	3	13
Poesia	12	14	27	14	10	8	7	8	7	12
História, Economia, Política, Filosofia ou Ciências Sociais	11	6	8	11	14	11	12	11	6	11
Ciências	10	22	15	8	9	6	8	5	3	10
Culinária, Artesanato, "Como Fazer"	10	6	3	9	12	12	13	17	3	10
Técnicos ou universitários, para formação profissional	10	0	3	19	17	16	10	7	0	10
Saúde e dietas	8	3	5	8	10	11	10	13	5	8
Biografias	8	5	6	12	10	7	8	7	3	8
Autoajuda	8	1	3	6	12	12	13	10	3	8
Artes	7	16	11	8	6	3	5	5	0	7
Juvenis	7	20	14	9	3	4	5	2	2	7
Educação ou pedagogia	6	5	4	9	5	9	7	2	0	6
Viagens e esportes	5	3	5	7	4	5	6	4	1	5
Linguas (como inglês, espanhol, etc.)	5	6	6	7	7	5	2	3	4	4
Enciclopédias e dicionários	4	4	3	4	6	2	4	5	1	4
Direito	3	1	2	6	5	4	2	3	1	3
Esoterismo ou ocultismo	2	0	0	1	1	1	4	4	0	2
Não sabe/Não respondeu	5	10	4	5	4	5	4	4	4	5
<b>MÉDIA DE GÊNEROS POR ENTREVISTADO</b>	<b>2,8</b>	<b>3,1</b>	<b>2,8</b>	<b>3,1</b>	<b>2,9</b>	<b>2,8</b>	<b>2,8</b>	<b>2,5</b>	<b>1,8</b>	

Base baixa

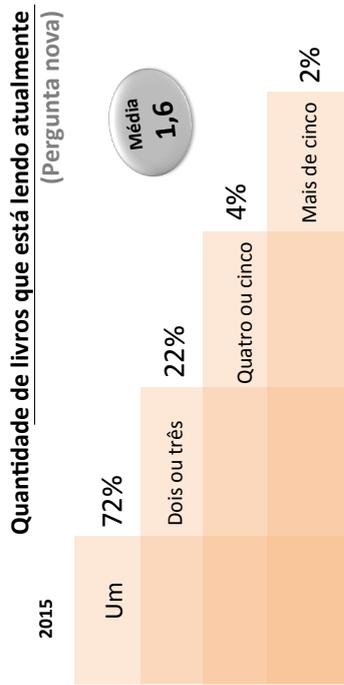
P.37) Quais destes tipos de livros, seja em papel ou em formato digital, o(a) sr(a) leu no último ano?

## Está lendo algum livro atualmente?

(%)



Base: Leitores: 2011 (2.506) / 2015 (2.798)



Base: Está lendo atualmente (1.147)

P.15) Atualmente, o(a) sr(a) está lendo algum livro?

P.16) (SE SIM) Quantos livros o(a) sr(a) está lendo atualmente?

# Último livro lido ou que está lendo

	2007		2011		2015	
	Classificação		Classificação		Números absolutos	
	1º	2º	1º	2º	225	
Bíblia	-	-	-	-	11	
Diário de um banana	-	-	-	-	11	
Casamento blindado	-	-	-	-	10	
A culpa é das estrelas	-	-	-	-	7	
Cinquenta tons de cinza	-	-	-	-	6	
Ágape	-	-	2º	-	5	
Esperança	-	-	-	-	5	
O monge e o executivo	-	-	-	-	5	
Ninguém é de ninguém	-	-	-	-	4	
Cidades de papel	-	-	-	-	4	
O código da inteligência	-	-	-	-	4	
Livro de culinária	-	-	-	-	4	
Livro dos espíritos	-	-	-	-	4	
A maldição do titã	-	-	-	-	4	
A menina que roubava livros	-	-	19º	-	4	
Muito mais que cinco minutos	-	-	-	-	4	
Phyllis	-	-	-	-	4	
A única esperança	-	-	-	-	4	

Com exceção da Bíblia, poucos são os títulos apresentados nas edições anteriores que permaneceram na lista dos mais citados em 2015. Esse fenômeno, além da própria distância de tempo entre as edições, sofre o impacto de variados aspectos, como a presença dos lançamentos mais recentes e dos livros indicados para vestibulares no país que diferem a cada ano.

Base: Amostra 2007 (5.012) / 2011 (5.012) / 2015 (5.012)

P.19) E qual é o último livro que o(a) sr(a) leu ou está lendo?

## Autor do último livro lido ou que está lendo

2015	
Os mais citados	Números absolutos
Augusto Cury	21
João Ferreira de Almeida	15
Zíbia Gasparetto	11
Marcelo Rossi, padre	10
Cristiane Cardoso/Cristiane e Renato Cardoso	9
Paulo Coelho	9
Allan Kardec	8
John Green	8
Chico Xavier	7
Ellen G. White	5
Machado de Assis	5
Fábio de Melo, padre	5
Maurício de Souza	5
Edir Macedo, Bispo	5
Kéfera Buchmann	5

Base: Amostra (5.012)

A citação do autor aqui não necessariamente corresponde ao autor do último livro lido citado na pergunta anterior, uma vez que nem todos lembram, no momento da entrevista, o nome do livro que está lendo atualmente, mesmo lembrando o nome do autor, ou vice-versa.

2015 (%)

Citou entidade religiosa 1 →

Geralmente referindo-se à Bíblia (Jesus, Moisés, etc.)

Não lembra 8

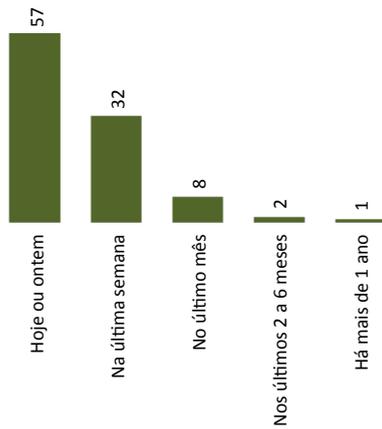
Não sabe/Não respondeu 6

P.20) E quem é o autor deste último livro que o(a) sr(a) leu ou está lendo?

# Frequência de leitura e motivação para ler o livro atual (%)

Última vez que leu o livro atual  
(Pergunta nova)

2015

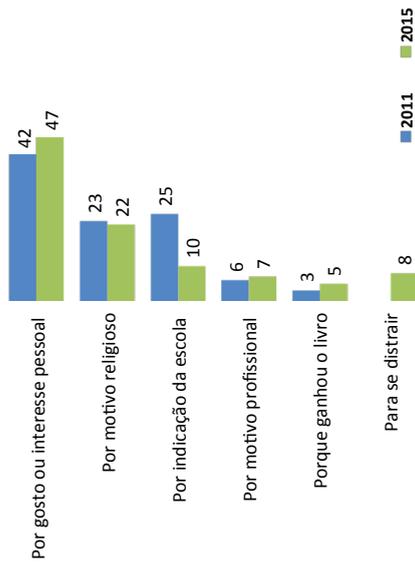


Base: Está lendo algum livro atualmente (1.147)

P.17) Quando foi a última vez que o(a) sr(a) leu esse livro?

P.18) Por que o(a) sr(a) está lendo este livro? Escolha somente uma opção.

Motivo para ler o livro atual



Base: Está lendo algum livro atualmente: 2011 (1.227) / 2015 (1.147)

## Motivação para ler o livro atual: por faixa etária

(%)	2015	FAIXA ETÁRIA								
		5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 69	70 e mais
	<b>TOTAL</b>	1.147	78	102	158	106	202	130	186	34
	Base: Está lendo algum livro atualmente	47	45	47	55	43	46	43	48	37
	Por gosto ou interesse pessoal	22	4	11	10	15	31	36	38	57
	Por motivo religioso	10	29	21	11	12	1	3	2	0
	Por indicação da escola	8	19	16	9	6	6	2	4	3
	Para se distrair	7	1	0	6	9	17	12	9	5
	Por motivo profissional	5	9	6	8	5	3	6	3	0
	Porque ganhou o livro									

Base baixa

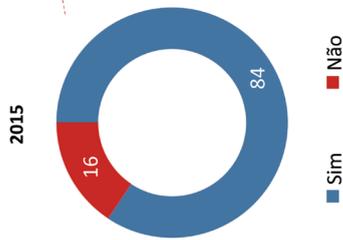
Base baixa

P.18) Por que c(a) sr(a) está lendo este livro?

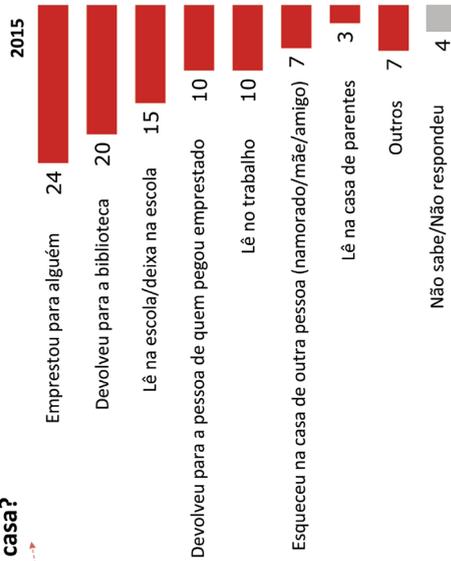
# Presença do livro lido em casa

(%)

O livro que está lendo está na sua casa?



Por que o livro que está lendo não está na sua casa?



Base: Está lendo atualmente (1.147)

Base: Está lendo atualmente, mas não está com o livro em casa (180)

P.21) Este último livro que o(a) sr(a) leu ou está lendo está aqui na sua casa?  
 P.22) (SE NÃO) Por que o livro não está aqui?

Base baixa

# Livro mais marcante: os mais citados

Os mais citados	2007		2011		2015	
	Classificação	1°	Classificação	1°	Classificação	1°
Bíblia	1°	482	-	-	-	482
A culpa é das estrelas	-	56	-	-	-	56
A cabana	-	44	-	2°	-	44
O pequeno príncipe	5°	41	-	5°	-	41
Cinquenta tons de cinza	-	32	-	-	-	32
Diário de um banana	-	30	-	-	-	30
Turma da Mônica	-	26	-	-	-	26
Violetas na janela	9ª	25	9ª	9ª	-	25
O Sítio do Pica-pau Amarelo	2°	23	4°	4°	-	23
Crepúsculo	-	19	-	7°	-	19
Agape	-	18	-	3°	-	18
Dom Casmurro	7°	15	-	6°	-	15
O Alquimista	10°	14	-	16°	-	14
Harry Potter	4°	14	-	8°	-	14
Meu pé de laranja lima	-	14	-	-	-	14
Casamento blindado	-	13	-	-	-	13
Vidas secas	-	13	-	22°	-	13

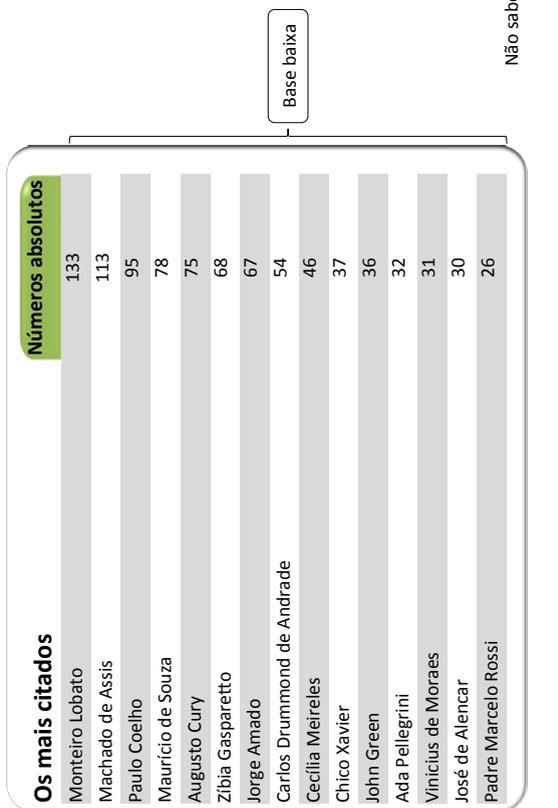
Base baixa

28% dos entrevistados pertencem a religiões em que a leitura da Bíblia é central para o fiel, já que nessas denominações o principal meio de mediação com o sagrado não é via sacerdote, como por exemplo na religião católica, mas via palavra sagrada, acessada através da leitura cotidiana da Bíblia.

Base: Quem estudou/sabe ler/escrever 2007 (4.210) / 2011 (4.560) / 2015 (4.579)

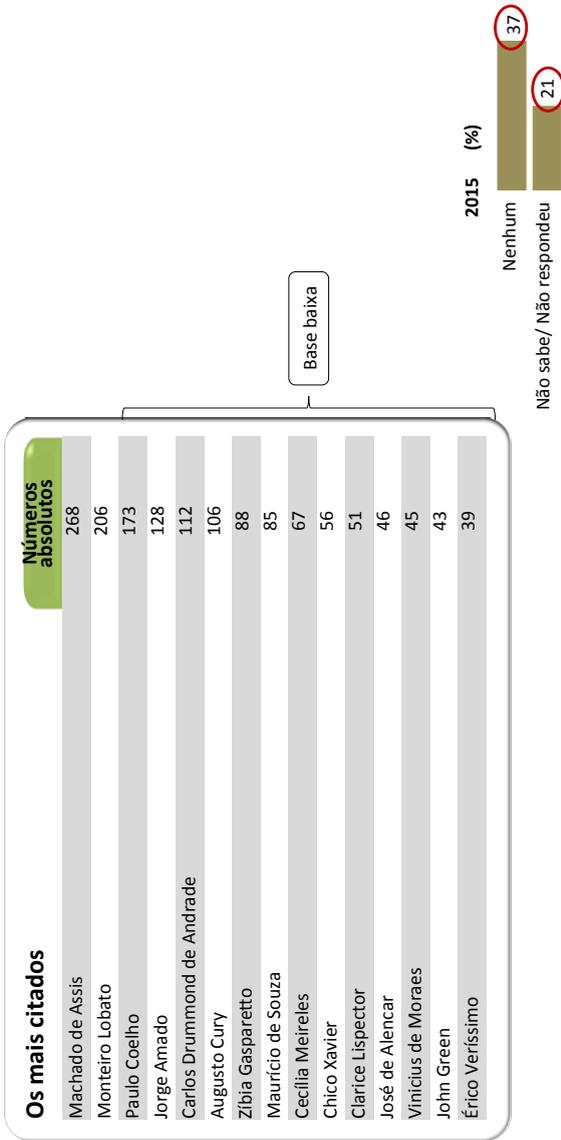
P.42) Qual é o livro que mais marcou o(a) sr(a) ou que o(a) sr(a) mais gostou de ler?

# Escritores de que mais gostam – Pergunta nova em 2015



Base: Amostra (5.012)  
P.41) Quais são os escritores que o(a) sr(a) mais gosta ou gostou de ler?

## Escritores mais conhecidos – Pergunta nova em 2015



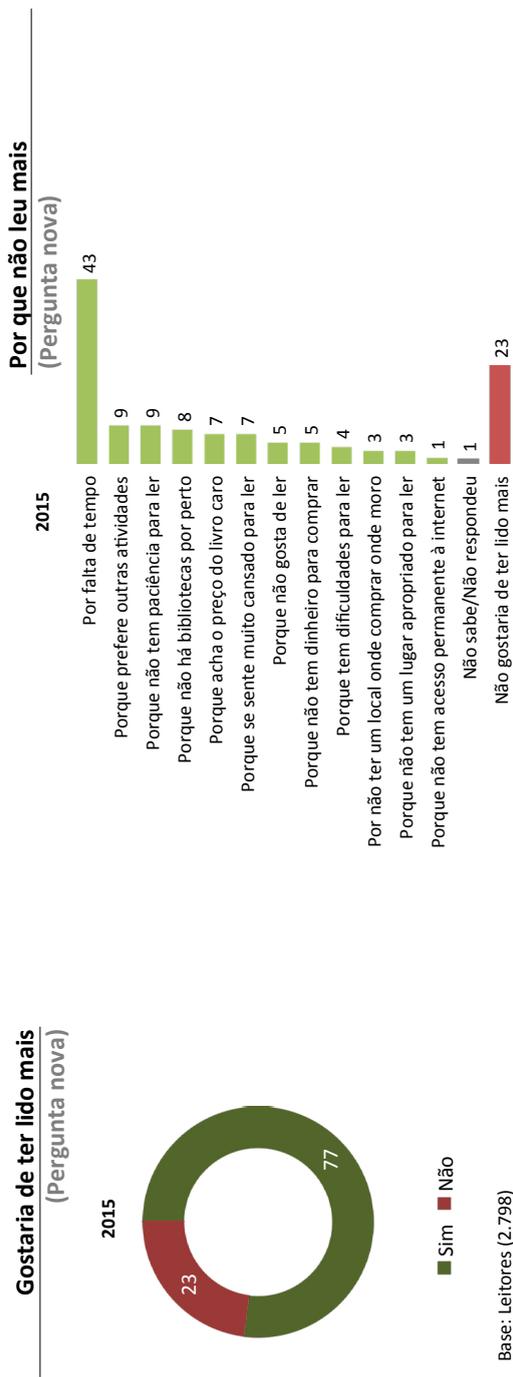
Base: Amostra (5.012)

P.40) Quais são os escritores que o(a) sr(a) conhece?

## 7. BARREIRAS PARA A LEITURA

# Razão para não ter lido mais: entre os leitores

(%)

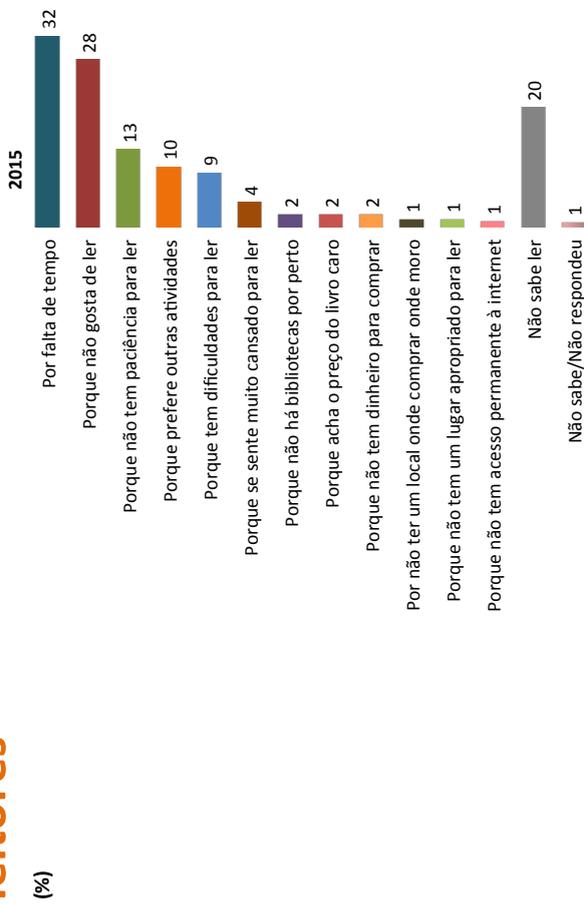


Base: Leitores (2.798)

P.13) O(a) sr(a) gostaria de ter lido mais livros do que o(a) sr(a) leu nos últimos 3 meses?

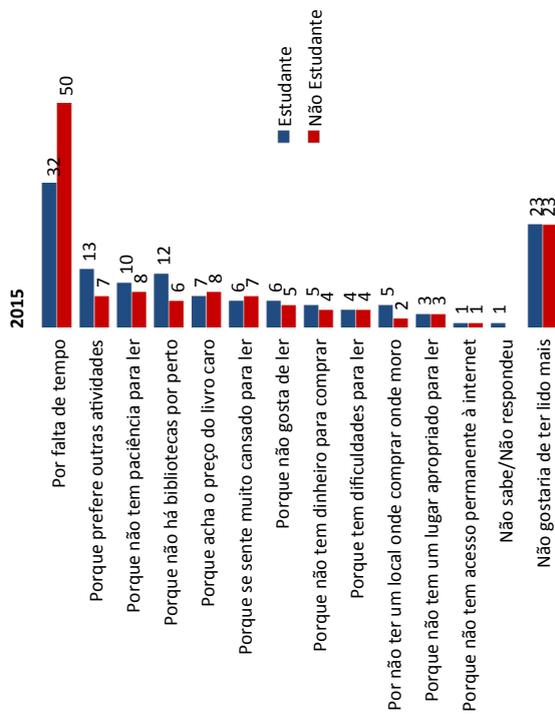
P.14) (SE SIM) Qual destas razões é a principal para o(a) sr(a) não ter lido mais livros nos últimos 3 meses?

# Razão para não ter lido nos últimos 3 meses: entre os não leitores



Base: Não leitores - não leu nenhum livro, inteiro ou em partes, nos últimos 3 meses (2.214)  
 P.11) Qual destas razões é a principal para o(a) sr(a) não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses?

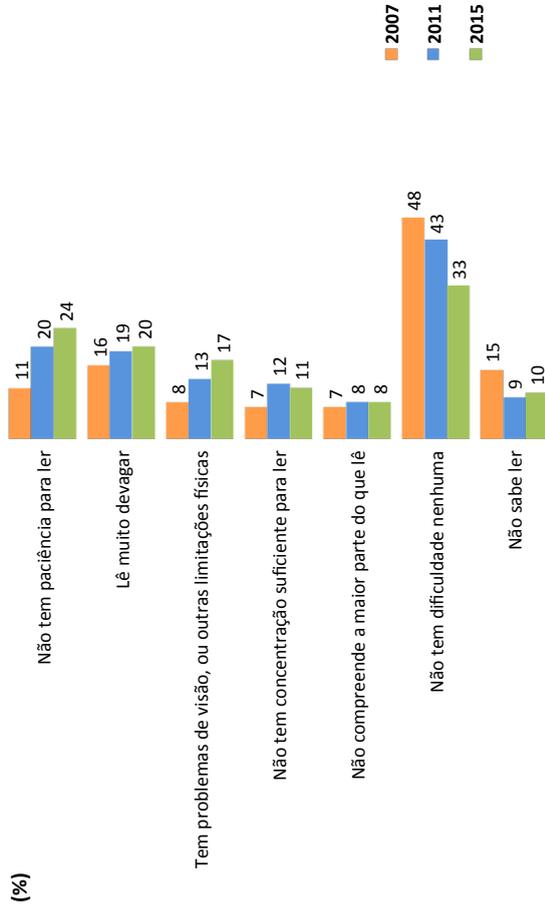
## Razão para não ter lido mais: estudantes x não estudantes (%)



Base: Leitores (2.798)

P.14) Qual destas razões é a principal para o(a) sr(a) não ter lido mais livros nos últimos 3 meses?

# Dificuldades para ler



A cada edição da pesquisa diminuiu a proporção dos que afirmam não ter nenhuma dificuldade para ler.

As menções às dificuldades para ler, com exceção daquelas referentes a problemas físicos, coadunam com o INAF (Indicador de Alfabetismo Funcional). Os resultados deste estudo apontam que, apesar de ter aumentado o percentual da população alfabetizada funcionalmente entre 2001 e 2011, apenas 1 em cada 4 brasileiros domina plenamente as habilidades de leitura, escrita e matemática.

Base: Amostra 2007 (5.012) / 2011 (5.012) / 2.015 (5.012)  
 P.39) O(A) sr(a) tem algumas das seguintes dificuldades para ler?



**8. O QUE GOSTA DE FAZER EM SEU  
TEMPO LIVRE (QUAIS ATIVIDADES  
CONCORREM COM A LEITURA)**

## O que gosta de fazer em seu tempo livre (% de sempre)

(%)	2007	2011	2015
Assiste televisão	77	85	73 ↓
Escuta música ou rádio	54	52	60 ↑
Usa a internet	18	24	47 ↑
Reúne-se com amigos ou família ou sai com amigos	-	-	45
Assiste a vídeos ou filmes em casa	29	38	44
Usa WhatsApp	-	-	43
Escreve	21	18	40 ↑
Usa Facebook, Twitter ou Instagram	-	18	35 ↑
Lê jornais, revistas ou notícias	36	28	24
Lê livros em papel ou livros digitais	-	-	24
Pratica esportes	24	23	24
Passeia em parques e praças	19	19	23
Desenha, pinta, faz artesanato ou trabalhos manuais	-	-	15
Vai a bares, restaurantes ou shows	15	18	14
Joga games ou videogames	10	13	12
Vai ao cinema, teatro, concertos, museus ou exposições	9	10	6
Descansa	50	51	-
Faz compras	24	23	-
Viaja (campo/praias/cidade)	18	15	-
Faz artesanato e trabalhos manuais	12	6	-
Desenha, pinta	-	-	10
Não faz nada, descansa ou dorme	-	-	19
<b>MÉDIA DE ATIVIDADES POR ENTREVISTADO</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>5,5</b>

Base: Amostra: 2015 (5.012) / 2007 (5.012) / 2011 (5.012)

P.08) Quais das atividades que eu vou ler o(a) sr(a) realiza no seu tempo livre? O(a) sr(a) \_\_\_\_\_ sempre, às vezes ou nunca?

# O que gosta de fazer em seu tempo livre (% de sempre): leitor x não leitor

(%)	2015	Leitor	Não Leitor
Assiste televisão		73	73
Escuta música ou rádio		66	53
Usa a internet		60	32
Reúne-se com amigos ou família ou sai com amigos		52	37
Assiste a vídeos ou filmes em casa		52	33
Usa WhatsApp		53	30
Escreve		54	23
Usa Facebook, Twitter ou Instagram		44	24
Lê jornais, revistas ou notícias		32	14
Lê livros em papel ou livros digitais		37	7
Pratica esportes		30	16
Passa em parques e praças		28	17
Desenha, pinta, faz artesanato ou trabalhos manuais		19	11
Vai a bares, restaurantes ou shows		15	12
Joga games ou videogames		15	9
Vai ao cinema, teatro, concertos, museus ou exposições		9	3
Não faz nada, descansa ou dorme		17	20
<b>MÉDIA DE ATIVIDADES POR ENTREVISTADO</b>		<b>6,6</b>	<b>4,1</b>

Leitores, mais escolarizados e estudantes utilizam o tempo livre de maneira mais diversificada.

Base: Amostra (5.012)

P.08) Quais das atividades que eu vou ler o(a) sr(a) realiza no seu tempo livre? O(a) sr(a) \_\_\_\_\_ sempre, às vezes ou nunca?

## O que gosta de fazer em seu tempo livre (% de sempre): por escolaridade

2015	ESCOLARIDADE	Não alfabetizado	ESCOLARIDADE			
			Fundamental I (1ª à 4ª série ou 1º ao 5º ano)	Fundamental II (5ª à 8ª série ou 6º ao 9º ano)	Ensino Médio (1º ao 3º ano)	Ensino Superior
	<b>TOTAL</b>	433	1.179	1.231	1.521	649
Base: Amostra		5.012				
Assiste televisão		73	75	78	71	68
Escuta música ou rádio		60	50	63	68	68
Usa a internet		47	19	46	67	84
Reúne-se com amigos ou família ou sai com amigos		45	35	45	51	59
Assiste a vídeos ou filmes em casa		44	35	46	49	58
Usa WhatsApp		43	13	42	63	76
Escreve		40	34	42	45	56
Usa Facebook, Twitter ou Instagram		35	10	38	51	61
Lê jornais, revistas ou notícias		24	15	18	31	51
Lê livros em papel ou livros digitais		24	20	20	25	48

P.08) Quais das atividades que eu vou ler o(a) sr(a) realiza no seu tempo livre? O(a) sr(a) \_\_\_\_\_ sempre, às vezes ou nunca?

# O que gosta de fazer em seu tempo livre (% de sempre): estudante x não estudante

(%)	2015		
	TOTAL	Está estudando	Não está estudando
Base: Amostra	5.012	1.337	3.675
Assiste televisão	73	75	72
Escuta música ou rádio	60	63	59
Usa a internet	47	67	41
Reúne-se com amigos ou família ou sai com amigos	45	52	43
Assiste a vídeos ou filmes em casa	44	59	38
Usa WhatsApp	43	55	39
Escreve	40	66	31
Usa Facebook, Twitter ou Instagram	35	47	31
Lê jornais, revistas ou notícias	24	18	26
Lê livros em papel ou livros digitais	24	33	21

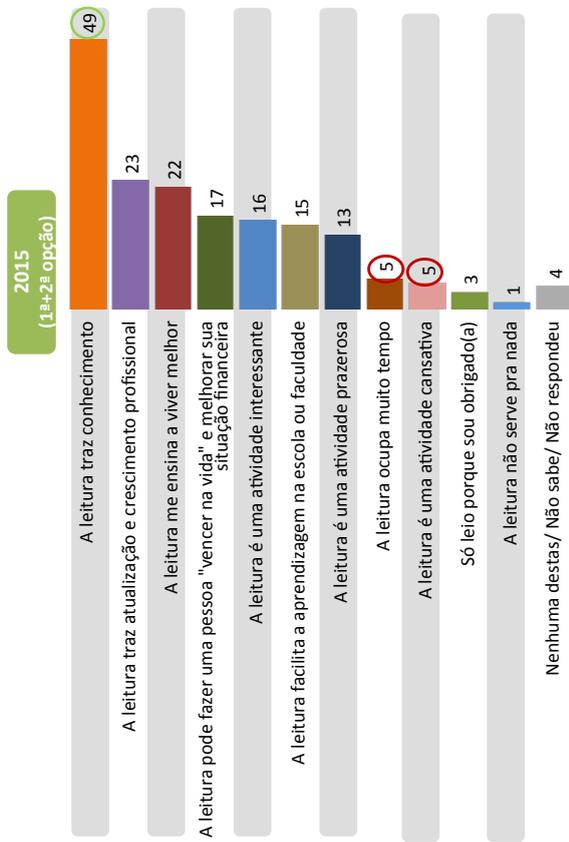
P.08) Quais das atividades que eu vou ler o(a) sr(a) realiza no seu tempo livre? O(a) sr(a) \_\_\_\_\_ sempre, às vezes ou nunca?



## 9. REPRESENTAÇÕES SOBRE A LEITURA

# O que a leitura significa

(%)



Base: Amostra (5.012)

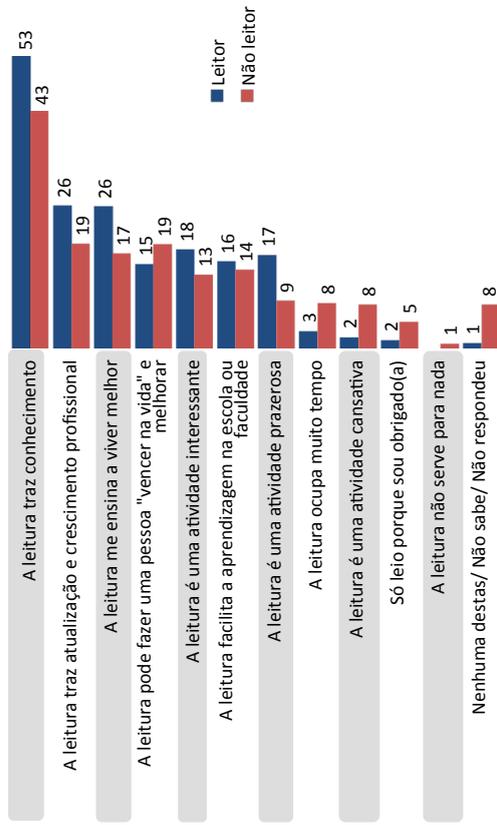
P.46) Qual das seguintes frases que eu vou ler mais se aproxima do que significa a leitura para você? E em segundo lugar?

# O que a leitura significa: por perfil leitor x não leitor

(%)

Leitor x Não leitor

2015  
(1.ª+2.ª opção)



Base: Amostra (5.012)

P.46) Qual das seguintes frases que eu vou ler mais se aproxima do que significa a leitura para você? E em segundo lugar?

## O que a leitura significa: por escolaridade

(%)	2015	ESCOLARIDADE					
		TOTAL	Fundamental I (1ª à 4ª série ou 1º ao 5º ano)		Fundamental II (5ª à 8ª série ou 6º ao 9º ano)		Ensino Superior
			433	1.179	1.231	1.521	
Base: Amostra	5.012	433	1.179	1.231	1.521	649	
A leitura traz conhecimento	49	34	39	49	56	58	
A leitura traz atualização e crescimento profissional	23	14	16	20	28	34	
A leitura me ensina a viver melhor	22	15	25	26	20	20	
A leitura pode fazer uma pessoa "vencer na vida" e melhorar	17	26	20	17	15	11	
A leitura é uma atividade interessante	16	16	17	18	15	15	
A leitura facilita a aprendizagem na escola ou facilidade	15	14	13	15	16	16	
A leitura é uma atividade prazerosa	13	8	13	10	13	22	
A leitura ocupa muito tempo	5	2	5	7	6	2	
A leitura é uma atividade cansativa	5	3	6	6	4	1	
Só leio porque sou obrigado(a)	3	2	3	4	3	2	
A leitura não serve pra nada	1	0	1	1	1	0	
Nenhuma destas/Não sabe/Não respondeu	4	22	7	2	1	1	

P.46) Qual das seguintes frases que eu vou ler mais se aproxima do que significa a leitura para você? E em segundo lugar?

## O que a leitura significa: por classe social

(%)	2015	CLASSE				
		Classe A	Classe B	Classe C	Classes D/E	
	<b>TOTAL</b>	148	1.093	2.584	1.387	
	Base: Amostra	5.012	49	56	53	50
	A leitura traz conhecimento	23	34	27	24	17
	A leitura traz atualização e crescimento profissional	22	18	22	22	23
	A leitura me ensina a viver melhor	17	10	12	16	23
	A leitura pode fazer uma pessoa "vencer na vida" e melhorar	16	11	18	16	15
	A leitura é uma atividade interessante	15	17	15	16	14
	A leitura facilita a aprendizagem na escola ou faculdade	13	21	18	12	10
	A leitura é uma atividade prazerosa	5	5	5	6	4
	A leitura ocupa muito tempo	5	4	4	5	5
	A leitura é uma atividade cansativa	3	3	2	3	3
	Só leio porque sou obrigado(a)	1	1	0	0	1
	A leitura não serve pra nada	4	↓	1	3	9
	Nenhuma destas/Não sabe/ Não respondeu					

Base baixa

P.46) Qual das seguintes frases que eu vou ler mais se aproxima do que significa a leitura para você? E em segundo lugar?

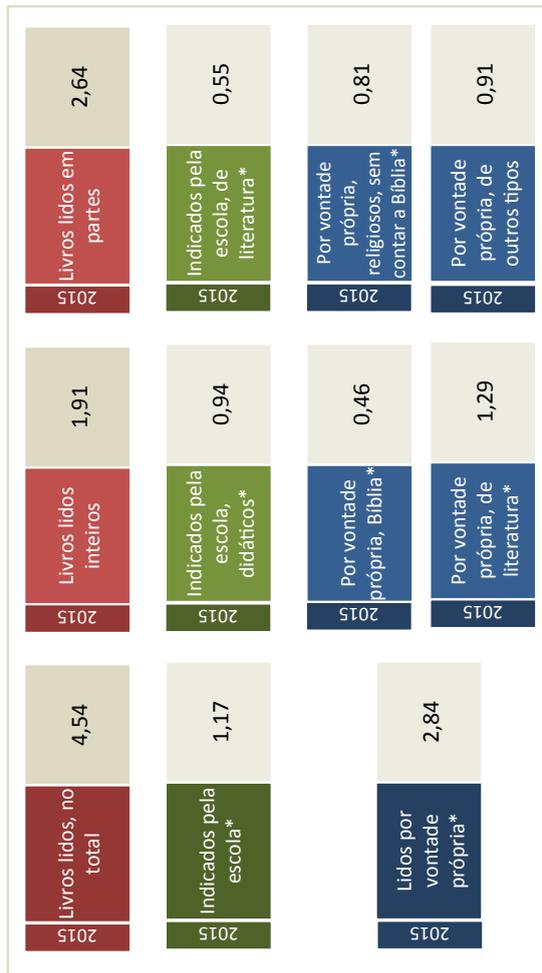


## 10. INDICADORES DE LEITURA



# Média de livros lidos nos últimos 3 meses

(Entre leitores)



\*Considerando tanto os livros inteiros quanto em partes.



## Penetração e média de livros nos últimos 3 meses: por escolaridade

Penetração de Leitura	Unidade	TOTAL		Fundamental I (1ª à 4ª série ou 1º ao 5º ano)		Fundamental II (5ª à 8ª série ou 6º ao 9º ano)		Ensino Médio (1º ao 3º ano)		Ensino Superior	
		2011	2015	2011	2015	2011	2015	2011	2015	2011	2015
Leitura em geral*	%	50	56	47	50	55	60	54	62	76	82
Livros inteiros	%	26	33	21	24	26	34	28	36	57	63
Livros em partes	%	39	48	39	44	45	53	43	52	54	65
Leitura de livros indicados pela escola*	%	21	16	26	20	28	23	14	9	31	25
Leitura de livros por vontade própria*	%	38	50	30	44	39	52	47	57	65	76
Leitura por vontade própria – Bíblia*	%	16	26	15	29	17	28	20	28	20	29

Média de livros lidos nos últimos 3 meses	TOTAL		Fundamental I (1ª à 4ª série ou 1º ao 5º ano)		Fundamental II (5ª à 8ª série ou 6º ao 9º ano)		Médio (1º ao 3º ano)		Ensino Superior	
	2011	2015	2011	2015	2011	2015	2011	2015	2011	2015
Livros em geral*	1,85	2,54	1,71	2,03	1,84	2,75	1,91	2,49	3,77	4,85
Livros inteiros	0,82	1,06	0,76	0,89	0,71	1,08	0,88	1,02	1,84	2,15
Livros em partes	1,03	1,47	0,95	1,14	1,12	1,66	1,03	1,47	1,93	2,70
Livros indicados pela escola*	0,81	0,66	0,99	0,90	1,01	0,88	0,53	0,28	1,31	1,11
Livros lidos por vontade própria*	1,05	1,59	0,72	1,27	0,83	1,47	1,38	1,67	2,46	3,27

\*Considerando tanto os livros inteiros quanto em partes.

## Penetração e média de livros nos últimos 3 meses: estudante x não estudante

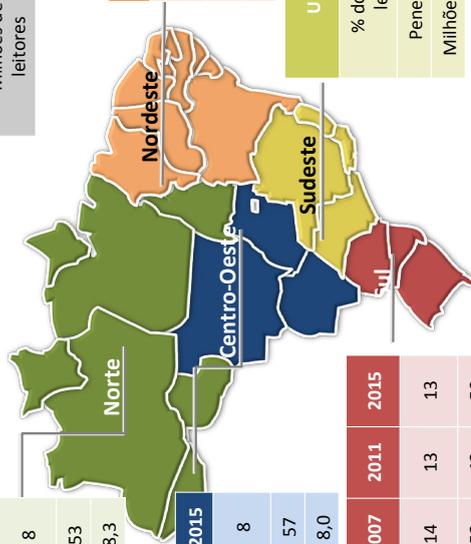
Penetração de Leitura	Unidade	TOTAL		Está estudando		Não está estudando	
		2011	2015	2011	2015	2011	2015
Leitura em geral*	%	50	56	74	84	38	46
Livros inteiros*	%	26	33	42	61	18	23
Livros em partes*	%	39	48	60	72	30	39
Leitura de livros indicados pela escola*	%	21	16	59	61	4	0
Leitura de livros por vontade própria*	%	38	50	41	70	37	43
Leitura por vontade própria – Bíblia*	%	16	26	14	28	17	25

Média de livros lidos nos últimos 3 meses	TOTAL		Está estudando		Não está estudando	
	2011	2015	2011	2015	2011	2015
Livros em geral*	1,85	2,54	3,41	4,91	1,13	1,67
Livros inteiros	0,82	1,06	1,47	2,28	0,53	0,62
Livros em partes	1,03	1,47	1,94	2,63	0,60	1,05
Livros indicados pela escola*	0,81	0,66	2,21	2,46	0,15	0,00
Livros lidos por vontade própria*	1,05	1,59	1,20	2,48	0,98	1,26

\*Considerando tanto os livros inteiros quanto em partes.

# Penetração de leitores 2007-2015: por região

Unidade	2007	2011	2015
% do total de leitores	8	8	8
Penetração (%)	55	47	53
Milhões de leitores	7,5	6,7	8,3



Unidade	2007	2011	2015
% do total de leitores	7	8	8
Penetração (%)	59	53	57
Milhões de leitores	7,1	6,8	8,0

Unidade	2007	2011	2015
% do total de leitores	14	13	13
Penetração (%)	53	43	50
Milhões de leitores	13,2	11,3	13,7

Total Brasil			
Unidade	2007	2011	2015
Penetração (%)	55	50	56
Milhões de leitores	95,6	88,2	104,7

Unidade	2007	2011	2015
% do total de leitores	25	29	25
Penetração (%)	50	51	51
Milhões de leitores	24,4	25,4	26,2

Unidade	2007	2011	2015
% do total de leitores	45	43	46
Penetração (%)	59	50	61
Milhões de leitores	43,4	38,0	48,3

## Número de livros lidos por ano\*

(Entre todos os entrevistados)

2007

- 4,7 livros por habitante/ano

2011

- 4,0 livros por habitante/ano
- 2,1 inteiros
- 2,0 em partes

2015

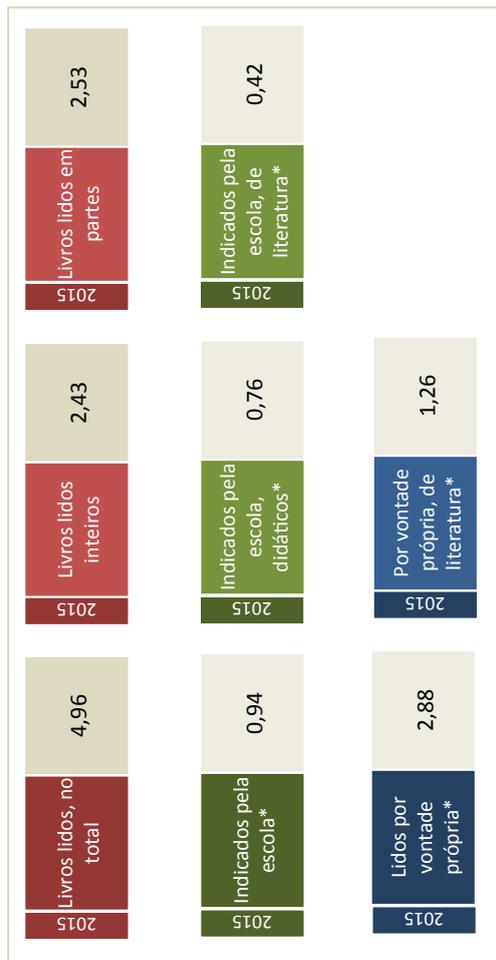
- 4,96 livros por habitante/ano
- 2,43 inteiros
- 2,53 em partes

ESTUDANTE			
Livros habitante/ano	2007	2011	2015
Estudante	7,2	6,2	9,38
Não estudante	3,4	2,3	3,35

\*Considerando tanto os livros inteiros quanto em partes.

## Média de livros lidos nos últimos 12 meses

(Entre todos os entrevistados)



\*Considerando tanto os livros inteiros quanto em partes.



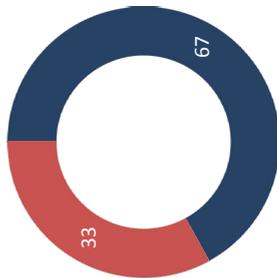
## 11. LEITURAS EM MEIO DIGITAL

# Uso de internet

(%)

## Já usou internet?

2015



■ Sim ■ Não

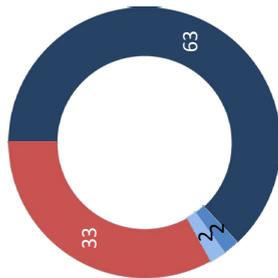
Base: Amostra (5.012)

P.67A) O(a) sr(a) já usou a Internet?

P.67B) Quando o(e) senhor(a) usou a Internet pela última vez?

## Quando usou internet pela última vez?

2015



■ Há menos de 3 meses  
 ■ Entre 3 meses e 12 meses  
 ■ Mais de 12 meses atrás  
 ■ Nunca usou internet

2011 - 54% afirmaram não acessar Internet.

2015 - 33% disseram que nunca usaram Internet.

Estimativa populacional para pessoas que já usaram Internet (cerca de)

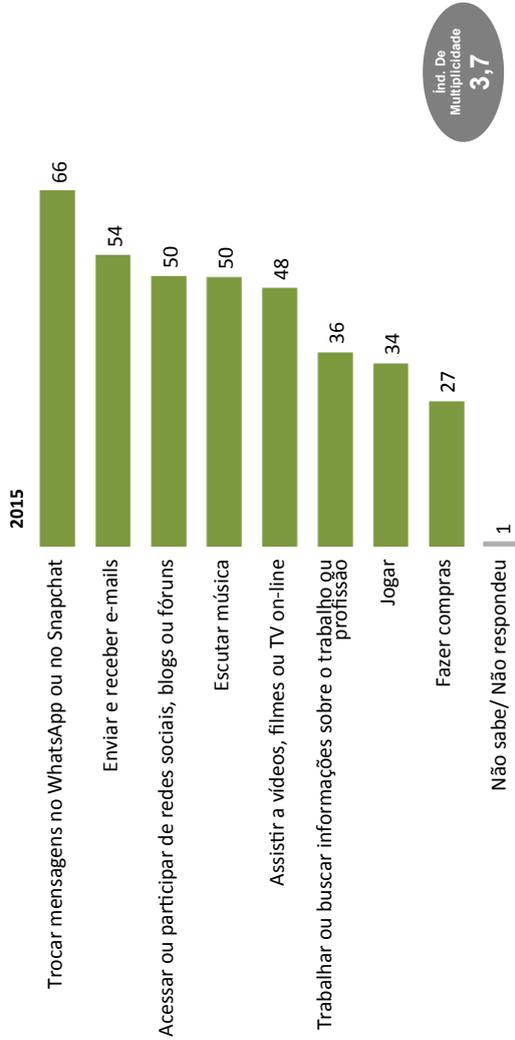
2011 - 81 milhões  
 2015 - 127 milhões.

Entre leitores, 81% são usuários de Internet. Já entre quem está estudando, 88% são usuários.

# Atividades em geral que realiza na internet

Respostas estimuladas

(%)



Base: Usou a Internet nos últimos 3 meses (3.165)

P.69B) E para quais seguintes atividades o(a) sr(a) usa a Internet?

\*A estimativa populacional é que, no total, 122 milhões de indivíduos usaram a Internet nos últimos 3 meses.

# Atividades em geral que realiza na internet: por faixa etária

Respostas estimuladas

(%)	2015	FAIXA ETÁRIA									
		5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 69	70 e mais	
<b>TOTAL</b>	3.165	273	198	383	561	372	629	405	330	14	
Base: Usou a Internet nos últimos 3 meses											
Trocar mensagens no WhatsApp ou no Snapchat	66	43	57	75	77	73	68	63	57	49	
Enviar ou receber e-mails	54	24	33	51	64	66	61	53	51	42	
Acessar ou participar de redes sociais, blogs ou fóruns	50	23	39	55	59	54	56	48	46	49	
Escutar música	50	48	51	63	61	52	46	39	32	35	
Assistir a vídeos, filmes ou TV on-line	48	58	55	60	59	47	43	35	28	44	
Trabalhar ou buscar informações sobre trabalho ou profissão	36	17	17	23	38	44	47	42	40	0	
Jogar	34	69	59	48	38	27	22	17	15	15	
Fazer compras	27	8	12	17	35	38	35	27	25	14	

Base baixa

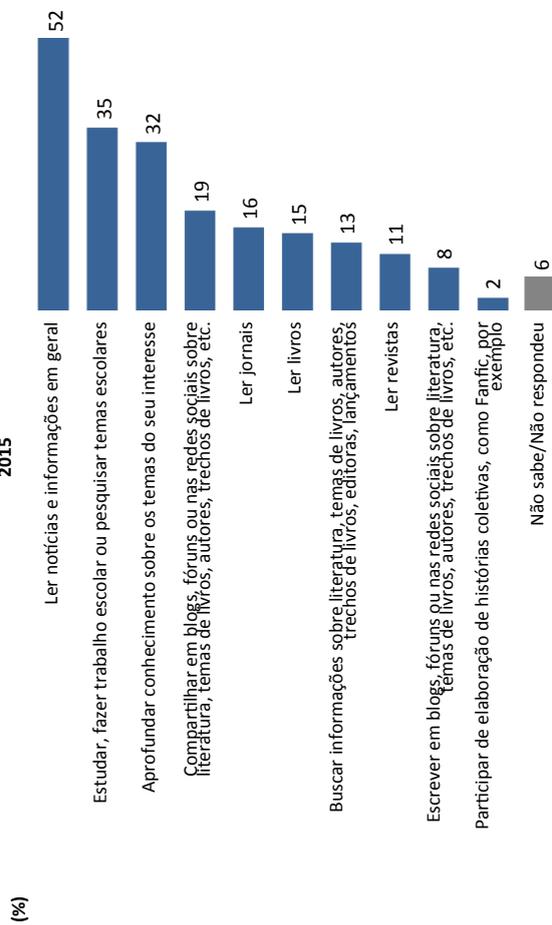
Base baixa

P. 69B) E para quais seguintes atividades o(a) sr(a) usa a Internet?

# Atividades relacionadas à leitura que realiza na internet

## Respostas estimuladas

2015



Base: Usou a internet nos últimos 3 meses (3.165)

P.69A O(A) sr(a) usa a internet para\_\_\_\_\_:

# Atividades relacionadas à leitura que realiza na internet: por faixa etária

## Respostas estimuladas

	2015	FAIXA ETÁRIA									
		5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 69	70 e mais	
<b>TOTAL</b>		273	198	383	561	372	629	405	330	14	
Base: Usou a Internet nos últimos 3 meses	3.165										
Ler notícias e informações em geral	52	21	25	37	59	56	64	60	59	71	
Estudar, fazer trabalho escolar ou pesquisar temas escolares	35	44	57	52	40	29	27	24	19	0	
Aprofundar conhecimento sobre os temas do seu interesse	32	13	24	20	35	33	39	39	37	21	
Compartilhar em blogs, fóruns ou nas redes sociais sobre literatura, temas de livros, autores, trechos de livros, etc.	19	12	19	20	22	22	19	18	15	19	
Ler jornais	16	4	5	5	16	21	21	22	20	23	
Ler livros	15	15	19	12	21	18	13	11	11	7	
Buscar informações sobre literatura, temas de livros, autores, trechos de livros, editoras, lançamentos	13	7	9	12	16	15	13	13	13	0	
Ler revistas	11	4	7	8	12	14	13	11	12	14	
Participar de elaboração de histórias coletivas, como Fanfic, por exemplo	2	1	5	1	2	2	3	3	2	0	
Não sabe/Não respondeu	6	11	2	8	7	7	4	5	6	6	

P.69A) E para quais seguintes atividades o(a) sr(a) usa a Internet?

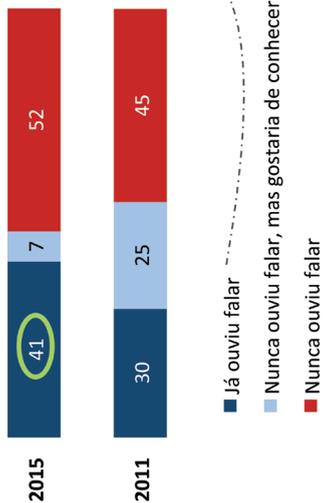
Base baixa

Base baixa

# Livros digitais

(%)

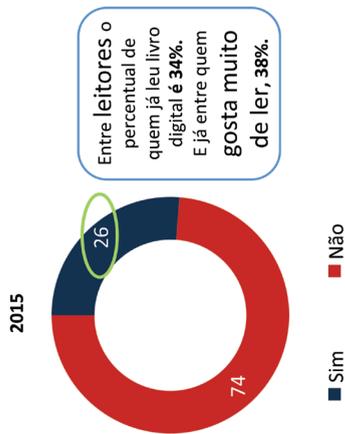
## Já ouviu falar?



Base: Amostra 2011 (5.012) / 2015 (5.012)

P.70) O(a) sr(a) já ouviu falar de livros digitais, os chamados e-books?  
P.71) E o(a) sr(a) já leu algum livro digital?

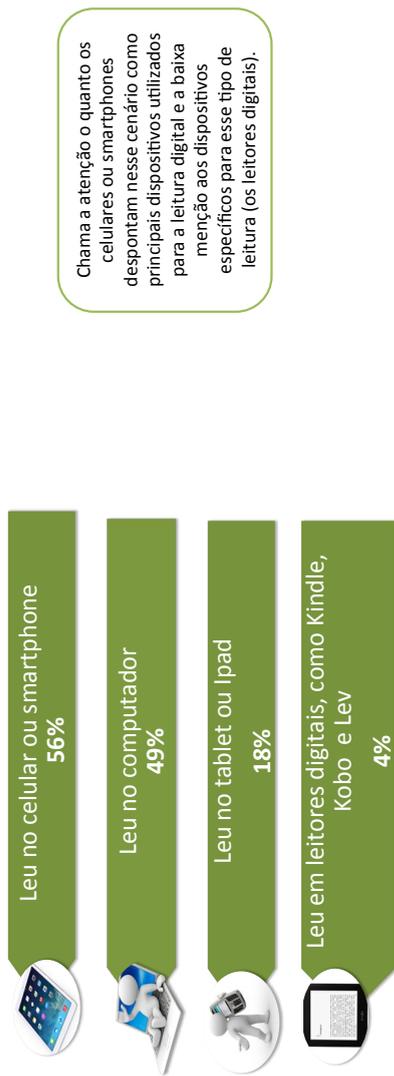
## Já leu?



Base: Já ouviu falar em livros digitais (2.063)

# Dispositivos de leitura digital: para quem já leu livro digital

2015



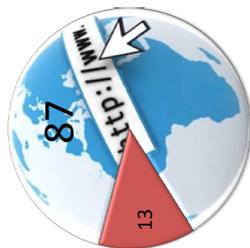
Base: Já leu livro digital (539)

P.72) E o(a) sr(a) leu o livro digital?

# Formas de acesso a livros digitais

(%)

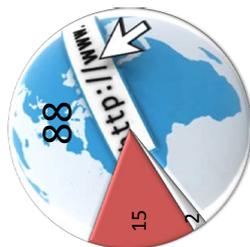
2011



- Pagou pelo download
- Baixou gratuitamente da internet

Base: Já leu livro digital 2011 (270)

2015



- Pagou pelo download
- Baixou gratuitamente da internet
- NS/ NR

Base: Já leu livro digital 2015 (539)

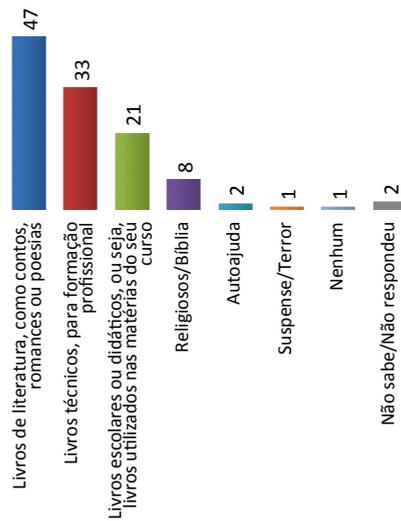
P.73) E c(a) sr(a) teve acesso a esses livros de que forma?

# Tipos de livros digitais lidos

(%)

## 2015 Livro digital que mais lê

(Pergunta nova)

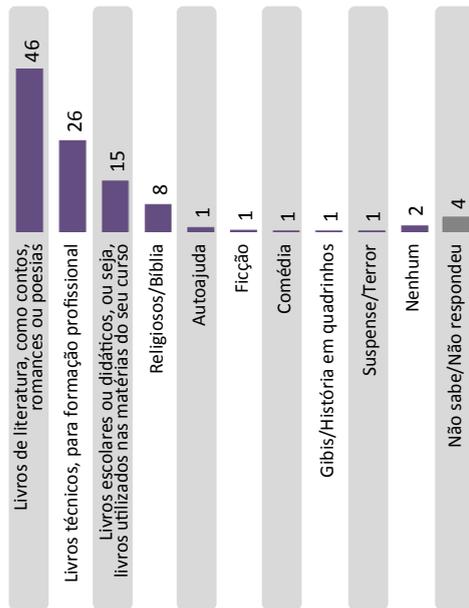


Base: Já leu livro digital (539)

P.75) Que tipo de livro digital o(a) sr(a) mais lê?

P.76) E que tipo de livro digital o(a) sr(a) mais gosta de ler?

## 2015 Livros digitais que mais gosta de ler

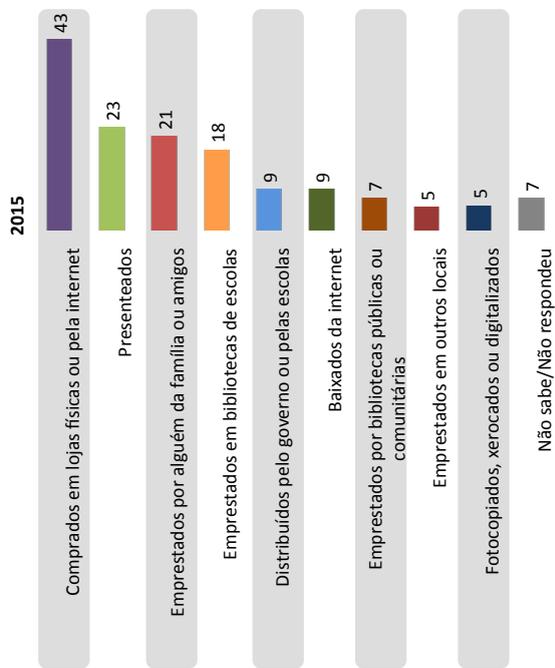


Base: Já leu livro digital (539)

## 12. ACESSO E CONSUMO

## Principais formas de acesso aos livros

(%)



Devido a mudanças nas opções de resposta desta pergunta, os únicos itens comparáveis com a última edição da pesquisa são: “Presenteados” (21% em 2011) e “Distribuídos pelo governo ou pelas escolas” (15% em 2011).

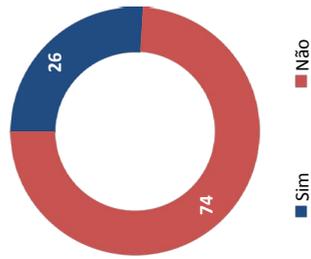
Base: Leitores (2.798)

P.38) Os livros que o(a) sr(a) costuma ler são \_\_\_\_\_?

# Compra de livros nos últimos 3 meses(\*):

Comprou algum livro nos últimos 3 meses?

(%) 2015



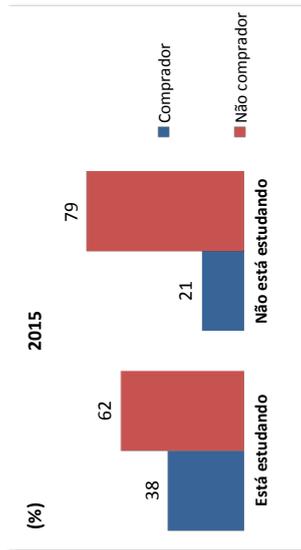
Base: Amostra (5.012)

P.47A) Nos últimos três meses, o(a) sr(a) comprou \_\_\_\_ em papel, em formato digital ou não comprou?  
(\*): Os respondentes que compraram somente cópias reprográficas ou apostilas foram considerados como "não compradores".

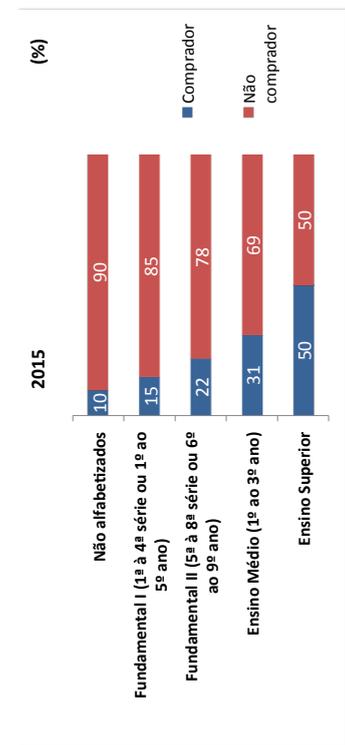
## Perfil dos compradores de livros (comprou algum livro nos últimos 3 meses) (\*)



Estudante



Escolaridade

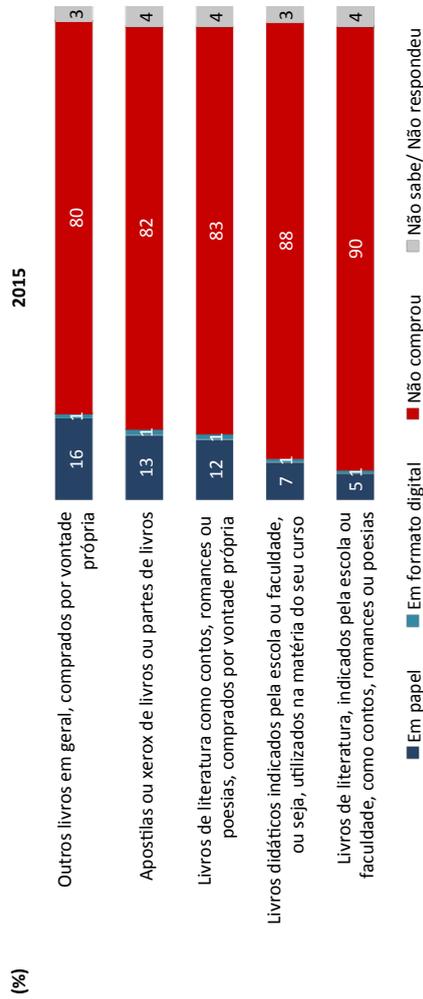


Base: Amostra (5.012)

(\*) Os respondentes que compraram somente cópias reprográficas ou apostilas foram considerados como "não compradores".

# Compra de livros nos últimos 3 meses

## Tipos de livros comprados



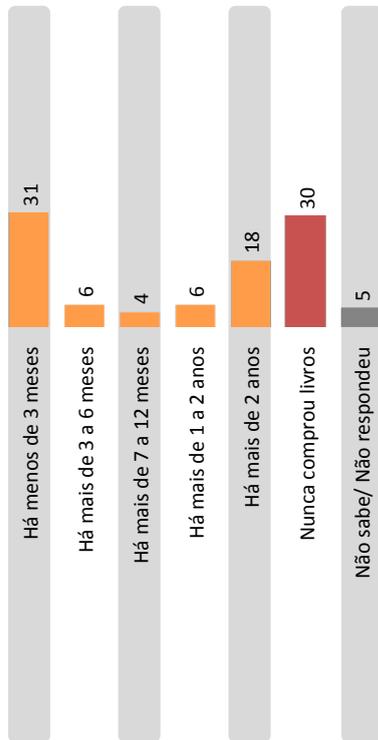
Base: Amostra (5.012)

P. 47A) Nos últimos três meses, o(a) sr(a) comprou \_\_\_\_\_ em papel, em formato digital ou não comprou? (PARA CADA ITEM) P. 47B) E quantos \_\_\_\_\_ em papel ou em formato digital o(a) sr(a) comprou, nos últimos 3 meses?

## Há quanto tempo comprou o último livro

(%)

2015

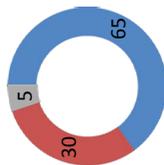


**65% dos entrevistados (3.237\*) já compraram algum livro, independentemente do período.**

Ao projetar esse resultado para a população, cerca de **121 milhões de pessoas** já compraram algum livro.

**Já comprou livros, independentemente do período?**

2015



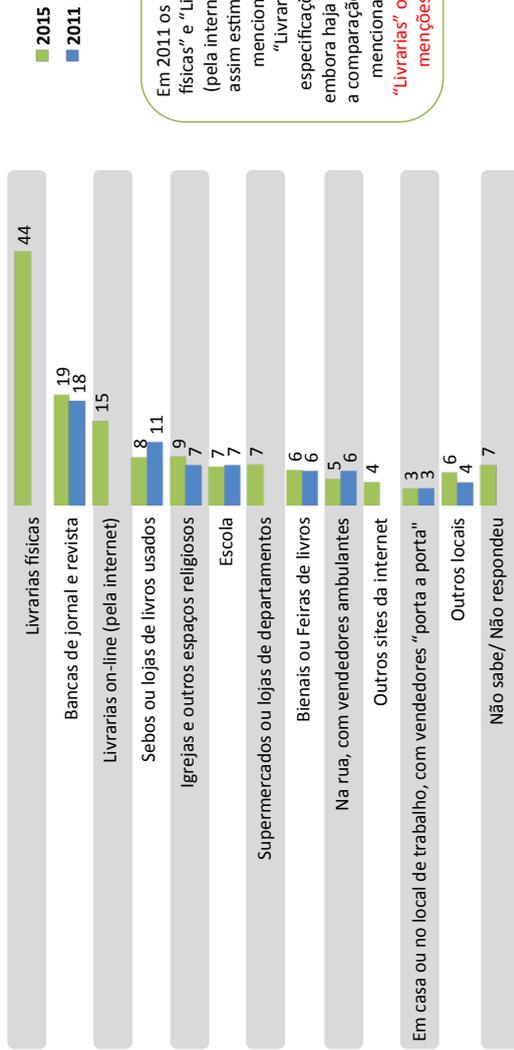
■ Sim ■ Não ■ NS/NR

Base: Amostra (5.012)  
 \* Para o restante do bloco, serão considerados como base os respondentes que já compraram algum livro, independentemente do período.

P.48) E há quanto tempo o(a) sr(a) comprou o seu último livro?

# Onde compra livros

(%)

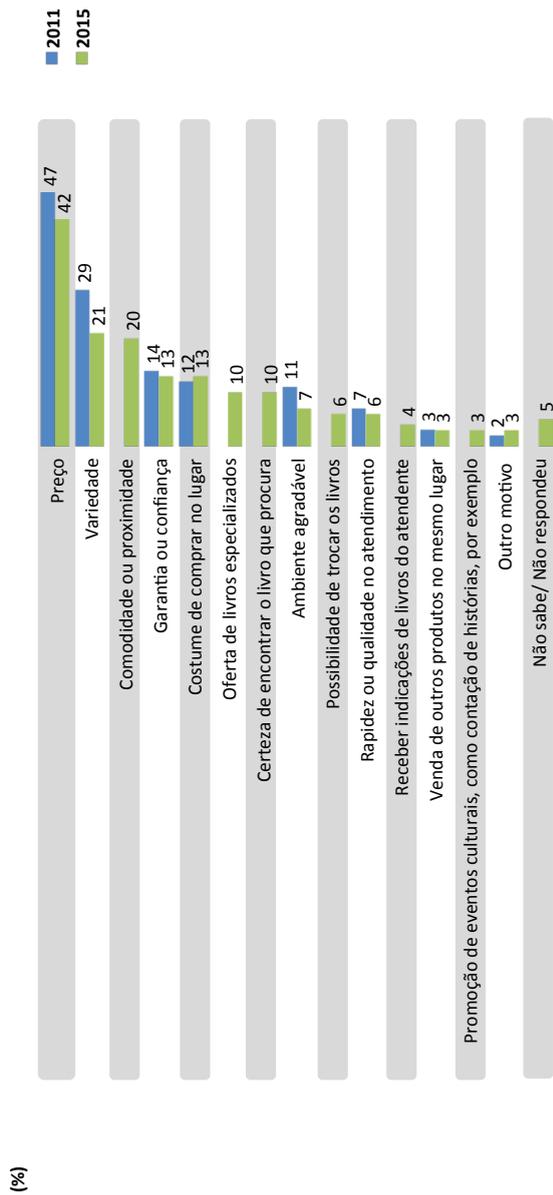


Em 2011 os itens "Livrarias físicas" e "Livrarias on-line (pela internet)" não eram assim estimulados, sendo mencionado o item "Livrarias", sem especificações. Com isso, embora haja limitações para a comparação, é importante mencionar que o item "Livrarias" obteve 65% das menções em 2011.

Base: Já comprou livros 2011 (2.205) / 2015 (3.237)

P.49) Em geral, sem contar livros didáticos, ou seja, livros utilizados nas matérias do seu curso, o(a) sr(a) compra livros em qual destes lugares?

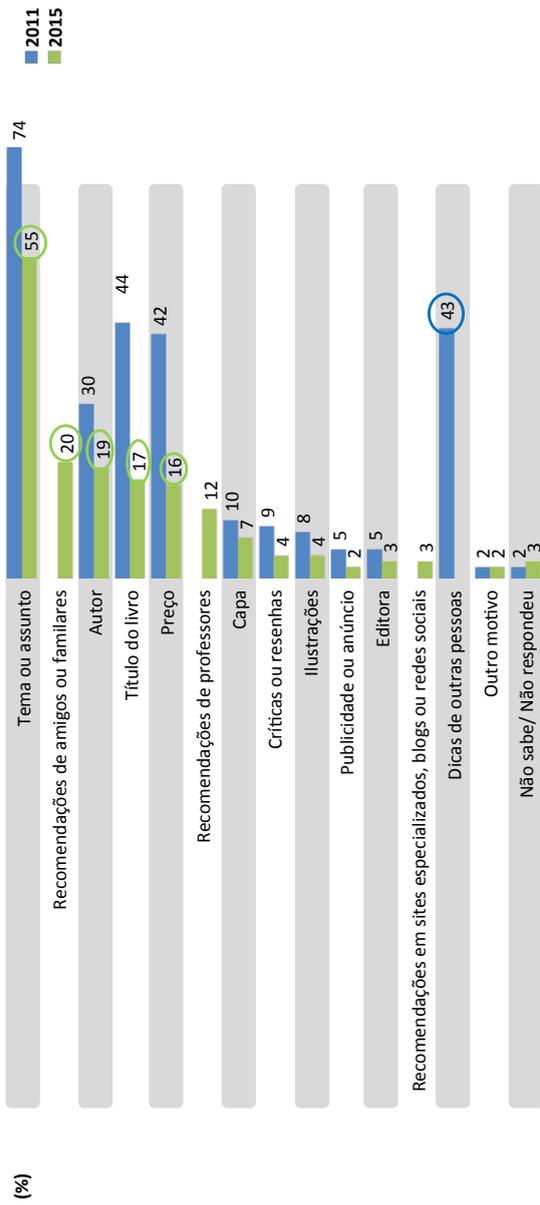
## Motivações para escolher o local onde compra livros



Base: Já comprou livros 2011 (2.205) / 2015 (3.237)

P.50) Dentre estes fatores que eu vou ler, quais o(a) sr(a) leva em conta ao escolher um lugar para comprar livros?

# Principais fatores que influenciam a escolha de um livro para compra



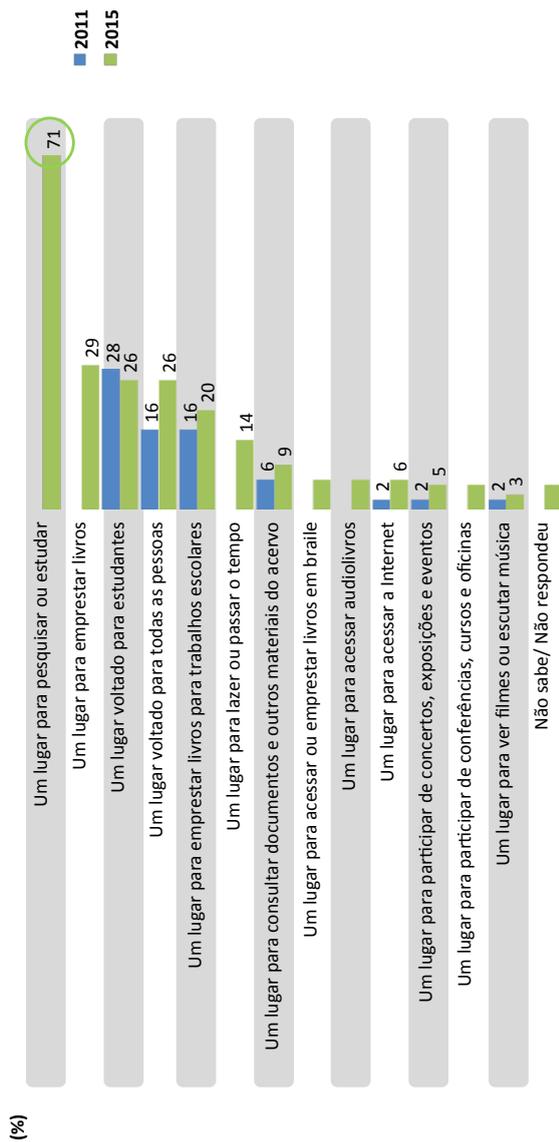
Base: Já comprou livros: 2011 (2.205) / 2015 (3.237)

P.51) Qual destes fatores mais influencia o(a) sr(a) na hora de escolher um livro para comprar?



## 13. PERCEPÇÕES E USO DE BIBLIOTECAS

## O que a biblioteca representa



Base: Amostra 2011 (5.012) / 2015 (5.012)

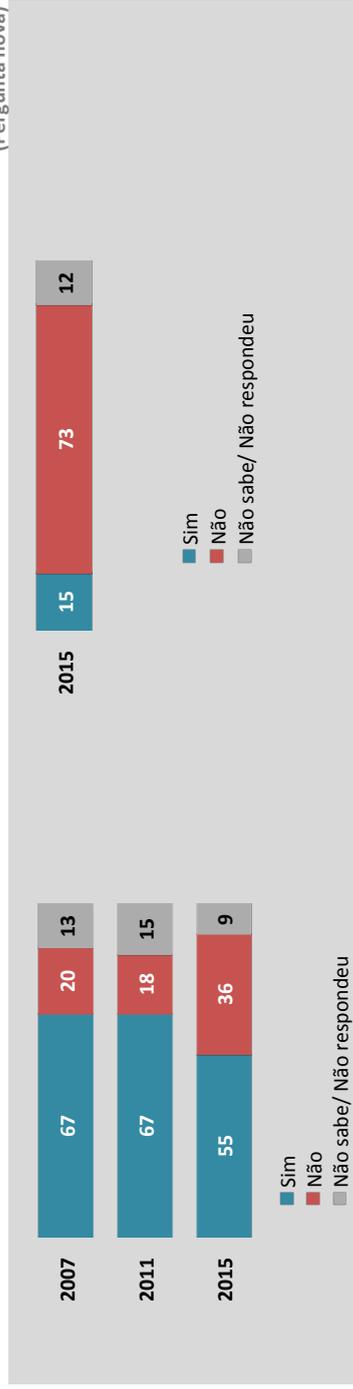
P.66) Dentre as frases que eu vou ler, o que representa para o(a) sr(a) a biblioteca?

# Existência de biblioteca

(%)

Existe na sua cidade ou bairro uma biblioteca pública?  
(Pergunta nova)

Existe na sua cidade ou bairro biblioteca comunitária, mantida por moradores ou estabelecimentos?  
(Pergunta nova)

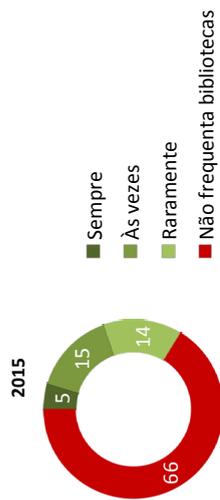


Base: Amostra 2007 (5.012) / 2011 (5.012) / 2015 (5.012)

P.58) Pelo que o(a) sr(a) sabe ou ouviu falar, existe na sua cidade ou bairro \_\_\_\_\_ onde o(a) sr(a) poderia pegar livros emprestados?

# Frequência em bibliotecas e tipo de biblioteca que frequenta (%)

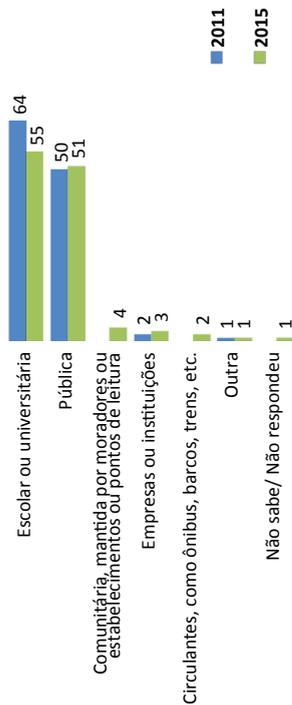
## Frequência com que costuma ir a bibliotecas



Base: Amostra (5.012)

Entre **estudantes**, 35% não frequentam biblioteca.  
Entre **leitores** esse percentual é de 51%.

## Que tipo de biblioteca você frequenta?



Base: Quem frequenta biblioteca sempre ou às vezes 2011 (1.203) / 2015 (1.001)

P.52) O(a) sr(a) diria que costuma ir a bibliotecas \_\_\_\_\_?  
P.52A) Quais desses tipos de biblioteca o(a) sr(a) frequenta?

## Frequência com que vai à biblioteca x Tipo de biblioteca que frequenta

(%) 2015

Tipo de biblioteca que frequenta	Frequência com que vai à biblioteca	
	Sempre	Às vezes
<b>TOTAL</b>	229	772
Base: Quem frequenta biblioteca sempre ou às vezes		
Pública	48	52
Escolar ou universitária	64	53
Comunitária, mantida por moradores ou estabelecimentos ou pontos de leitura	4	4
Empresas ou instituições	4	3
Circulantes, como ônibus, barcos, trens, etc.	2	2
Outra	1	1
Não sabe/ Não respondeu	0	2

P.52) O(a) sr(a) diria que costuma ir a bibliotecas \_\_\_\_\_?

P.52A) (SE SIM) Quais desses tipos de biblioteca o(a) sr(a) frequenta?

## Frequência com que vai à biblioteca: estudante x não estudante

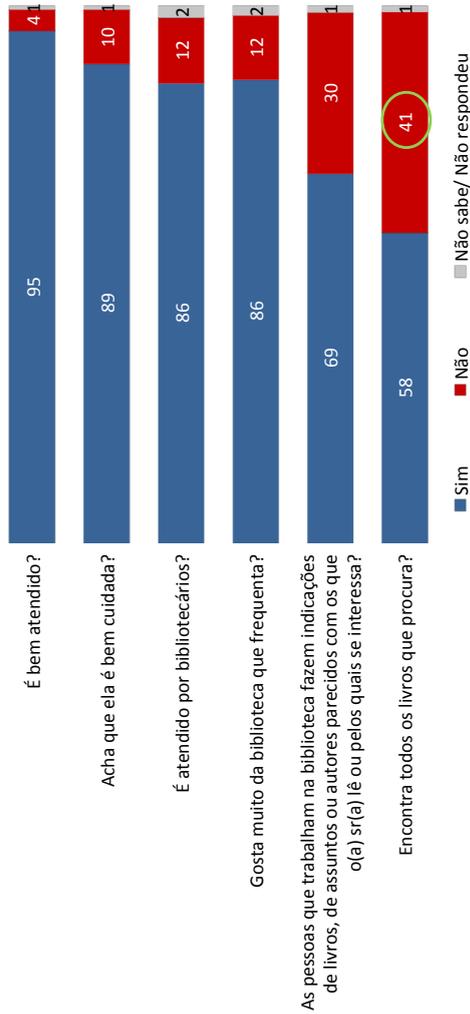
	2015		
(%)	TOTAL	Está estudando	Não está estudando
Base: Amostra	5.012	1.337	3.675
Sempre	5	12	2
Às vezes	15	35	8
Raramente	14	18	12
Não frequenta biblioteca	66	35	78

P.52) O(a) sr(a) diria que costuma ir a bibliotecas \_\_\_\_\_?

# Avaliação da biblioteca que frequenta

(%)

2015



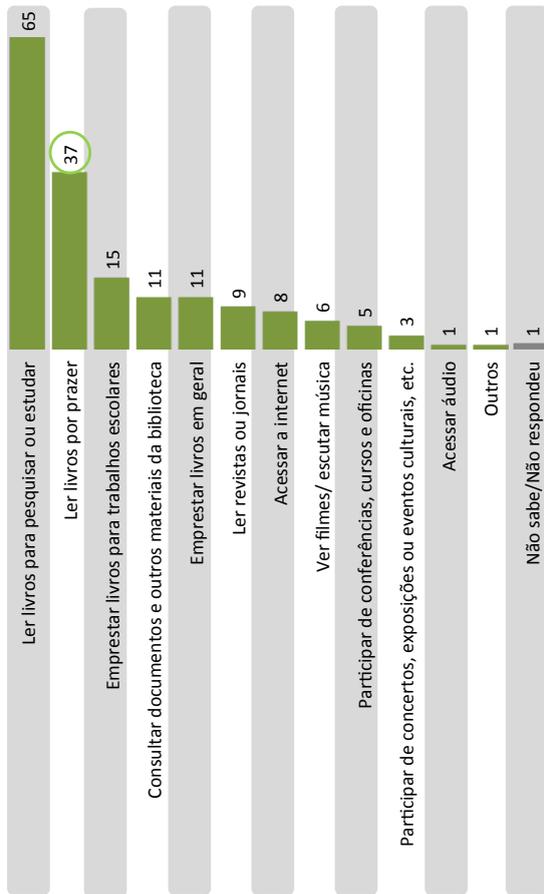
Base: Quem frequenta biblioteca sempre ou às vezes (1.001)

P.54) Na biblioteca que o(a) sr(a) frequenta, o(a) sr(a) diria que \_\_\_\_\_:

# Motivos para ir a bibliotecas

2015

(%)



Ler livros para pesquisar ou estudar é o principal motivo para ir a bibliotecas tanto para estudantes quanto para não estudantes.

No entanto, **34% dos estudantes** citou ler livros por prazer, percentual menor do que entre não estudantes, **42%**.

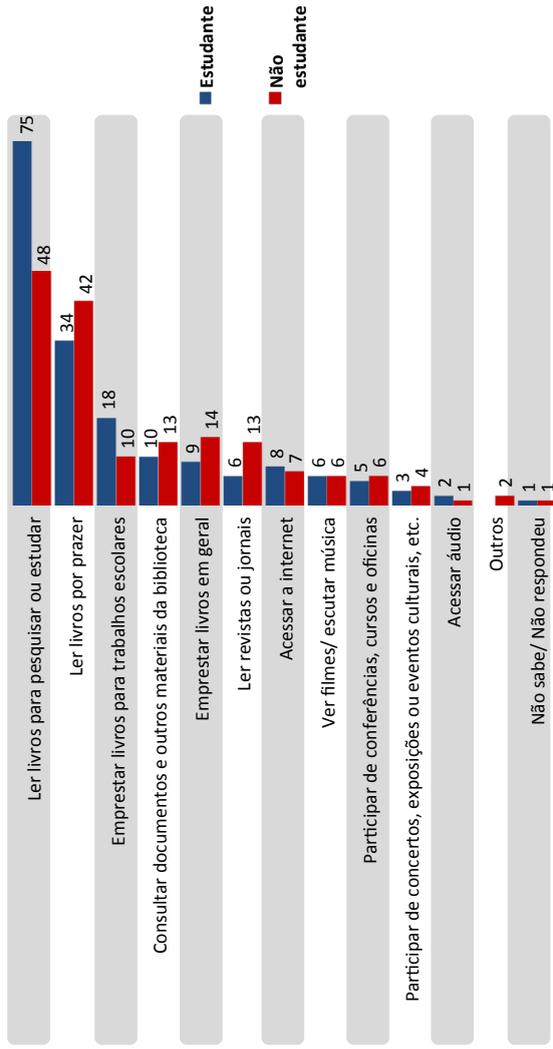
Base: Quem frequenta biblioteca sempre ou às vezes (1.001)

P.55) Por qual destes motivos o(a) sr(a) vai à biblioteca? Mais algum? Algum outro?

# Motivos para **ir** a bibliotecas: por perfil

(%)

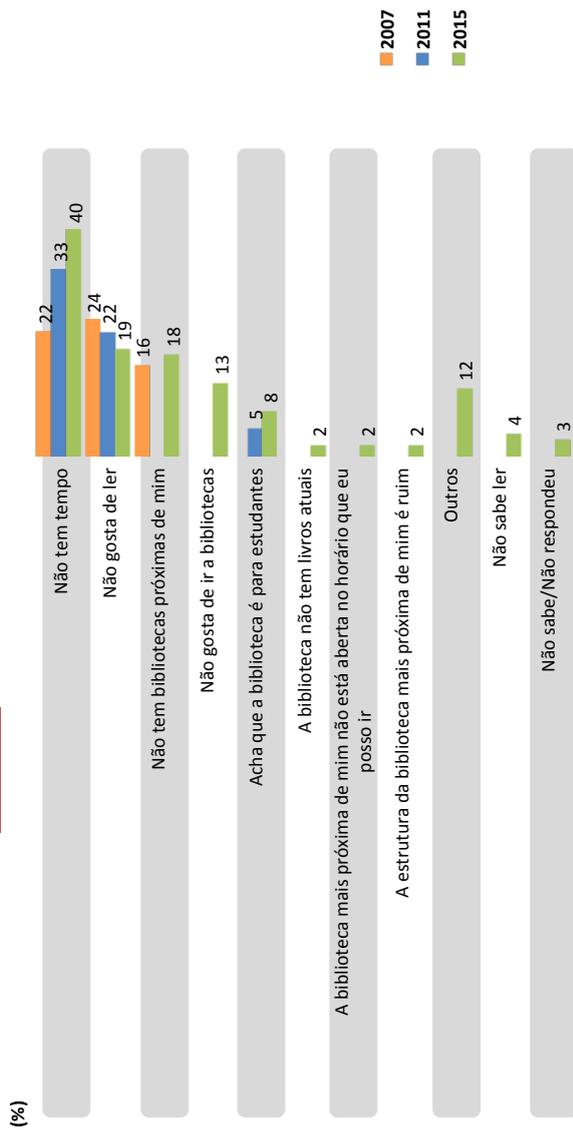
2015



Base: Quem frequenta biblioteca sempre ou às vezes (1.001)

P.55) Por qual destes motivos o(a) sr(a) vai à biblioteca? Mais algum? Algum outro?

## Motivos para não ir a bibliotecas

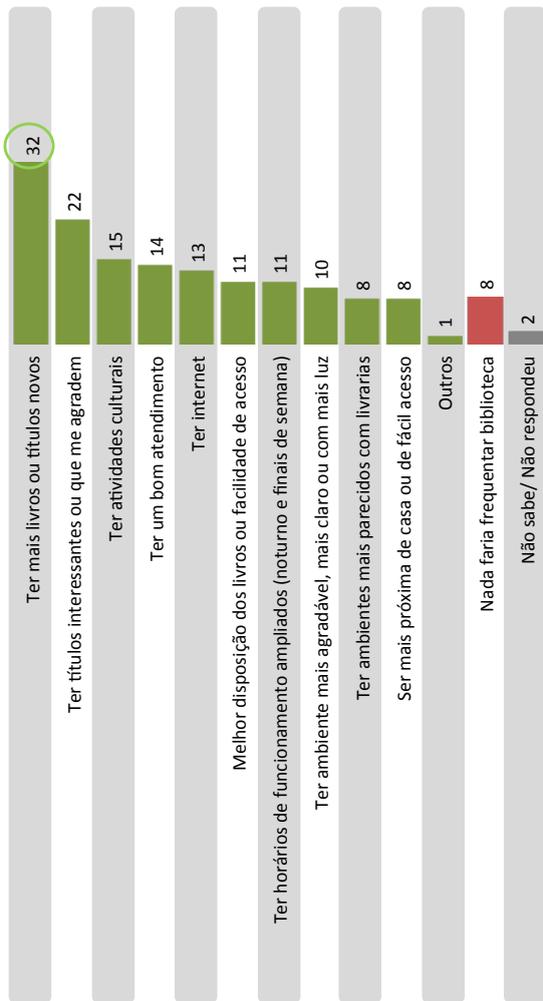


Base: Quem não frequenta bibliotecas 2007 (3.658) / 2011 (3.759) / 2015 (3.297)  
 P.56) Qual a principal razão para o(a) sr(a) não ter costume de ir a bibliotecas? Mais alguma?

# O que o faria frequentar mais a biblioteca

(%)

2015



O percentual de menções a **“Ter mais livros ou títulos novos”** corrobora o percentual de **41% dos que apontaram não encontrar os livros** que procuram nas bibliotecas que frequentam.

Base: Quem costuma ir a bibliotecas às vezes ou raramente (1.455)

P.57) Alguma coisa faria o(a) sr(a) frequentar bibliotecas ou frequentá-las mais vezes? Mais alguma?

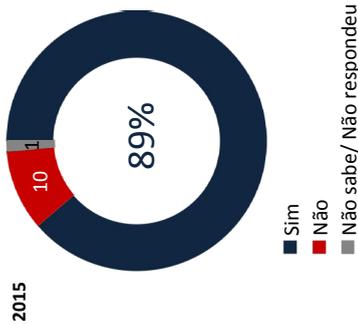


## 14. PERCEÇÕES SOBRE BIBLIOTECAS ESCOLARES E UNIVERSITÁRIAS

## Avaliação de bibliotecas escolares e universitárias

(%)

Há biblioteca na sua escola ou faculdade?  
(Pergunta nova)

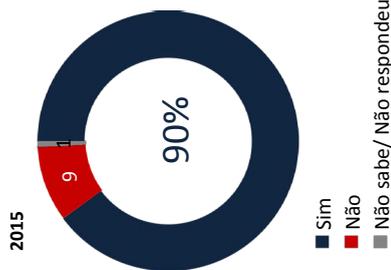


Base: Quem está estudando atualmente (1.337)

P.59) Na sua escola ou faculdade existe uma biblioteca ou sala de leitura com livros?

P.60) Essa biblioteca ou sala de leitura pode ser frequentada por todos os alunos nos dias em que têm aulas?

Os alunos podem frequentar quando querem?  
(Pergunta nova)



Base: Quem está estudando atualmente e há biblioteca na escola (1.178)

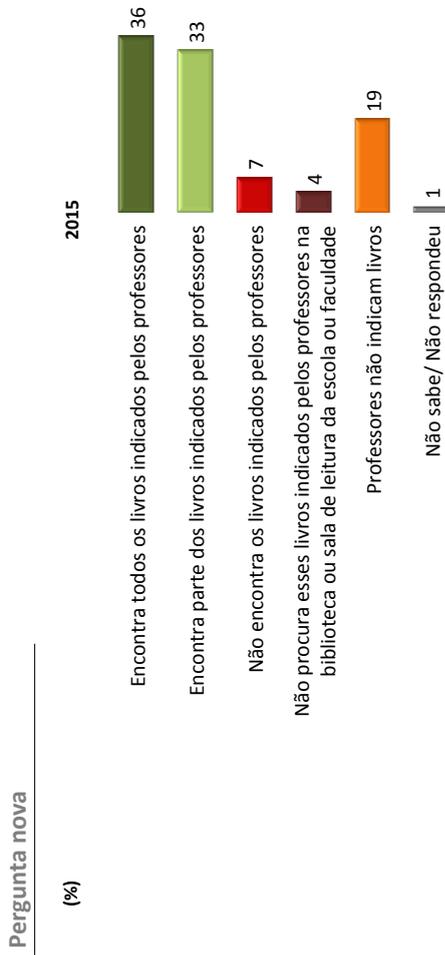
## Existência de bibliotecas escolares e universitárias: por nível de ensino

2015	NÍVEL DE ENSINO*			
	Fundamental I (1ª à 4ª série ou 1º ao 5º ano)	Fundamental II (5ª à 8ª série ou 6º ao 9º ano)	Ensino Médio (1º ao 3º ano)	Ensino Superior
<b>TOTAL</b>	357	455	296	229
Base: Quem está estudando atualmente	1.337			
Sim	84	89	88	94
Não	10	10	11	5
Não sabe/ Não respondeu	1	1	1	1

\*Considerando o nível de ensino atual frequentado.

P.59) Na sua escola ou faculdade existe uma biblioteca ou sala de leitura com livros?

## Avaliação de bibliotecas escolares e universitárias



Base: Estuda atualmente e tem na escola onde estuda uma biblioteca ou sala de leitura com livros (1.178)

P.65] E nessa biblioteca ou sala de leitura o(a) sr(a) \_\_\_\_\_

## Avaliação de bibliotecas escolares e universitárias: por nível de ensino

2015	NÍVEL DE ENSINO *			
	Fundamental I (1ª à 4ª série ou 1º ao 5º ano)	Fundamental II (5ª à 8ª série ou 6º ao 9º ano)	Ensino Médio (1º ao 3º ano)	Ensino Superior
<b>(%)</b>				
Base: Estuda atualmente e tem na escola onde estuda uma biblioteca ou sala de leitura com livros	299	403	260	215
<b>TOTAL</b>	1.178			
Encontra todos os livros indicados pelos professores	36	30	35	42
Encontra parte dos livros indicados pelos professores	33	31	34	44
Não encontra os livros indicados pelos professores	7	9	6	5
Não procura esses livros indicados pelos professores na biblioteca ou sala de estudo da escola ou faculdade	4	5	4	4
Professor não indica livros	19	23	20	4
Não sabe/ Não respondeu	1	1	1	1

\* Considerando o nível de ensino que frequenta atualmente.

P. 65) E nessa biblioteca ou sala de leitura o(a) sr(a) \_\_\_\_\_



## Ficha técnica

### COORDENAÇÃO

Instituto Pró-Livro – IPL

#### Comissão Consultiva da 4ª Edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil

(Representando o Instituto Pró-Livro e suas entidades fundadoras)

Marcos da Veiga Pereira – *Presidente do Instituto Pró-Livro*

Zoara Failla – *Coordenação da pesquisa Instituto Pró-Livro*

Maria Lúcia Kerr – *Representante da ABRELIVROS*

Alfredo Weiszflog – *Representante da CBL*

Sergio Windholz – *Representante do SNEL*

#### Consultores

José Castilho Marques Neto

Leda Maria Paulani

Marisa Lajolo

#### IBOPE Inteligência

Helio Gastaldi – *Diretor de negócios da área de opinião pública, política e comunicação*

Rosi Rosendo – *Diretora de contas*

Rachel Baptista – *Coordenadora de atendimento e planejamento*

Ana Clara Cavalcanti – *Analista de atendimento e planejamento*

Rildo Bicalho – *Analista de atendimento e planejamento*

### INSTITUTO PRÓ-LIVRO

#### Diretoria

Biênio: maio/2015-abril/2017

*Presidente* – Marcos da Veiga Pereira (SNEL)

*Vice-Presidente Administrativo* – Luís Antonio Torelli (CBL)

*Vice-Presidente Técnico* – Antonio Luiz Rios da Silva (ABRELIVROS)

*Primeiro Secretário* – Mauro Ribeiro Palermo (SNEL)

*Segundo Secretário* – Karine Gonçalves Pansa (CBL)

*Primeiro Tesoureiro* – Maria Lúcia Kerr C. de Queiroz (ABRELIVROS)

*Segundo Tesoureiro* – Amarylis Manole (SNEL)

#### Conselho Fiscal

##### Titulares

Jorge Yunes (ABRELIVROS)

Daniela Manole (CBL)

Dante José Alexandre Cid (SNEL)

##### Suplentes

Nelson Rubino de Azevedo Neto (ABRELIVROS)

Alfredo Weiszflog (CBL)

Sergio Windholz (SNEL)



O INSTITUTO PRÓ-LIVRO ACREDITA QUE:

A LEITURA seja a principal ferramenta para melhorar a qualidade da educação e para construir um país que ocupe os primeiros lugares quando se avaliam educação e desenvolvimento humano.

“Um público comprometido com a leitura é crítico, rebelde, inquieto, pouco manipulável e não crê em lemas que alguns fazem passar por ideias.”

(Vargas Llosa)



Rua Funchal, 263 cj. 61-62  
Vila Olímpia – São Paulo – SP  
Cep: 04551-060  
(11) 3846-6475

[www.prolivro.org.br](http://www.prolivro.org.br)  
[instituto@institutoprolivro.org.br](mailto:instituto@institutoprolivro.org.br)

/institutoprolivro

## Por que ler a Retratos da Leitura no Brasil 4?

Esta obra apresenta diferentes perspectivas sobre os resultados da 4ª edição da pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro e aplicada pelo IBOPE Inteligência no final de 2015. Seu intuito é trazer subsídios para reflexão a respeito do atual comportamento leitor do brasileiro e acompanhar a evolução desse panorama desde 2007.

Na primeira parte, estão reunidos artigos de alguns autores e especialistas que atuam no governo, em universidades, em organizações sociais ou no CERLALC/Unesco. Eles foram orientados principalmente a avaliar o impacto das políticas públicas sobre a leitura na última década e promover discussões sobre os caminhos a percorrer para que o percentual de população leitora no país possa crescer.

Apesar de possuírem diferentes percepções sobre avanços e impasses revelados por esta edição da pesquisa, os autores que fazem parte deste trabalho analisam os resultados sob a mesma ótica: a de que a leitura é uma *ferramenta de acesso ao conhecimento humano, à ciência, à cultura, ao desenvolvimento de pensamento crítico e de inserção no mundo do trabalho e na sociedade*. Todos os estudiosos concordam que o aumento da população leitora é questão estratégica e fundamental para qualquer nação que almeja alcançar o progresso em níveis sociais e humanos.

Já na segunda parte, podemos conferir os gráficos e tabelas que mostram os dados da Retratos da Leitura. Separados entre os tópicos Perfil da amostra, Perfil do leitor, O comportamento leitor do brasileiro, Indicadores de leitura, Leituras em meio digital e Acesso, eles permitem que a pesquisa seja visualizada de forma clara e didática.

Além de promover reflexões e análises, esta obra revela algumas trajetórias pessoais na descoberta do prazer de ler. Junte-se a nós nessa jornada!

